

Especulações

foucaultianas

sobre

a imaginação **ubu**esca e

a 'Patafísica

Isabel Cristina Dalmoro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

Isabel Cristina Dalmoro

ESPECULAÇÕES FOUCAULTIANAS SOBRE
A IMAGINAÇÃO UBUESCA E A 'PATAFÍSICA

Porto Alegre

2023

Isabel Cristina Dalmoro

**ESPECULAÇÕES FOUCAULTIANAS SOBRE
A IMAGINAÇÃO UBUESCA E A ‘PATAFÍSICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora em Educação em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Suelen Assunção Santos

Linha de Pesquisa: Implicações das Práticas Científicas na Constituição de Sujeitos e de Currículos

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Dalmero, Isabel Cristina
Especulações foucaultianas sobre a imaginação
ubuesca e a 'Patafísica / Isabel Cristina Dalmero. --
2023.
312 f.
Orientador: Suelen Assunção Santos.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Poder ubuesco. 2. Michel Foucault. 3. Ciência.
4. Discurso. 5. Arquivo. I. Santos, Suelen Assunção,
orient. II. Título.

Isabel Cristina Dalmoro

**ESPECULAÇÕES FOUCAULTIANAS SOBRE
A IMAGINAÇÃO UBUESCA E A 'PATAFÍSICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora em Educação em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Suelen Assunção Santos

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rochele de Quadros Loguercio – UFRGS

Profa. Dra. Paula Corrêa Henning – FURG

Profa. Dra. Maira Ferreira – UFPEL

Profa. Dra. Josaine de Moura – CMPA

Aprovada em 17 de maio de 2023

*[...] porque eu não sou da informática:
Eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.*

(Barros, 2018, p. 25)

*Para **Ronaldo e Débora** por amor*



Obrigada ...

Ronaldo

Débora

Daiane

Profa. Dra. Suelen

Profa. Dra. Rochele

Profa. Dra. Paula

Profa. Dra. Maira

Profa. Dra. Josaine

PPgECi – UFRGS

UFRGS

GEEMCo

Foucault

Jarry

“[...] Agradecer tanta coisa que a gente não pode acreditar que esteja acontecendo.”

(BARROS, 2010, p. 63)

Resumo

Essa Tese tem como problema de pesquisa analisar práticas discursivas que lidam com humor grotesco e com a imaginação em região de cientificidade que possam mostrar possibilidades para especulação de uma neociência. Para tanto, ela se vincula à perspectiva filosófica foucaultiana e suas considerações sobre o poder ubuesco, considerado como uma das engrenagens que fazem parte dos mecanismos do poder. O poder ubuesco é tratado indiretamente por Michel Foucault nas duas primeiras aulas que integram a obra *Os Anormais* (1974-1975). De acordo com o autor, tal poder integra um discurso que abarca ao mesmo tempo três propriedades: poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir. Riso oriundo do humor grotesco, sarcástico. O poder ubuesco é capaz de movimentar discursos com valor de cientificidade, produzindo efeitos de verdade. Ademais, promove a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz. O adjetivo ubuesco, utilizado por Foucault, deriva da peça *Ubu-Rei* (1896) de autoria do poeta e romancista Alfred Jarry. Por essa via, a presente escrita promove outra articulação entre os escritos dos dois autores. O conceito escolhido para essa nova aproximação é o da 'Patafísica, a ciência de soluções imaginárias inventada por Pai Ubu, protagonista da peça mencionada. O estudo tem como estratégia de pesquisa a arquivização, abeirando-se a uma pesquisa de cunho arque-biblio-mental. Arquivização é um termo inventado sob inspiração de arquivo foucaultiano e da imaginação recriadora, segundo a proposta de Groppa Aquino. Imaginação que logra força de escrita e aposta conceitual da Tese. Desse modo, o material para estudo dessa escrita consiste num arquivo que compreende tanto os estudos de e sobre Foucault como materiais pertencentes à obra jarryniana e suas ramificações. Além disso, as tais práticas discursivas emergem como *corpus* de apreciação para especular sobre uma neociência num cenário que ainda se encontra em situação de Pandemia – o ambiente de pesquisa para análise envolve, portanto, discursos circulantes no Brasil durante o período pandêmico, em torno da vida. Assim, utilizo um campo heterogêneo para a investigação. Do exercício realizado sobre o arquivo alguns aspectos podem ser apresentados: i) a arquivização se mostra como vetor potente de um elo patafísico para tratar de uma investigação acerca da possibilidade de uma neociência que tem como base de construção a ciência de soluções imaginárias, ii) as descrições mencionadas ao longo das aulas que compõem a obra *Os Anormais* (1974-1975) são compatíveis a uma imaginação que lida com o ubuesco, possibilitando pensar numa imaginação ubuesca, uma imaginação que se multiplica num vocabulário irônico que perambula nos limiares da cientificidade, e iii) a 'Patafísica, enquanto uma ciência que se volta para o interior do discurso científico buscando suas exceções e anomalias, se mostra como ferramenta analítica potente para examinar soluções imaginárias ubuescas nas práticas discursivas em região de cientificidade, possibilitando a especulação de uma neociência.

Palavras-chave: Poder ubuesco. Michel Foucault. Ciência. Discurso. Arquivo.

Abstract

*This Dissertation has as a research problem to analyse discursive practices that deal with grotesque humour and with imagination in science regions that may show possibilities for speculations of a neoscience. To do so, the Dissertation is attached to the Foucauldian philosophic perspective and its considerations on the ubuesque power, considered as one of the gears that take part of the mechanisms of power. The ubuesque power is briefly stated by Michel Foucault (1926-1984) in the first two classes of his work *Abnormal* (1974-1975). According to the author, such power integrates a discourse which covers at the same time three properties: the power of life and death, the power of truth, and the power of making one laugh. A laughter that comes from the grotesque and sarcastic humour. The ubuesque power is able to move discourses with scientific value, producing effects of truth. Furthermore, it promotes the maximization of the effects of power by disqualifying the ones who produce them. The adjective “ubuesque”, used by Foucault, derivates from the play *King Ubu* (1896) written by the poet and novelist Alfred Jarry (1873-1907). In this way, the present writing promotes another articulation between the two authors. The concept chosen for this new approach is the ‘Pataphysics, the science of imaginary solutions invented by Pa Ubu, the main character of the play mentioned above. The study has as research strategy the archivization, bordering an “arche-biblio-mental” research. Archivization is an invented word inspired by Foucauldian archive and by recreating imagination, according to Groppa Aquino’s proposition. An imagination that achieves writing strength and that is the conceptual bet of the Dissertation. Thus, the study material of this research consists of an archive that comprises both studies of and about Foucault, and materials that belong to Jarry’s works and their ramifications. Furthermore, the discourse practices emerge as an appreciation corpus to speculate on a neoscience in a scenario that is still under the pandemic influence – the research environment under analysis involves, therefore, circulating discourses in Brazil during the pandemic, around life. Thus, I use an heterogenous field of investigation. From the exercise made about this archive, some aspects may be presented: i) archivization is shown as a potent vector of a pataphysic link to deal of an investigation about the possibility of a neoscience based on a science of imaginary solutions; ii) the mentioned descriptions throughout the classes from *Abnormal* (1974-1975) are compatible to a imagination that deals with the ubuesque, allowing to think of a ubuesque imagination, an imagination that multiplies in an ironic vocabulary that wanders on the thresholds of scientificity; and iii) ‘Pataphysics, as a science that looks at the inside of the scientific discourse looking for its exceptions and anomalies, shows itself as a potent analytical tool to analyse ubuesque imaginary solutions in discursive practices in scientific regions, allowing the speculation of a neoscience.*

Keywords: *Ubuesque power. Michel Foucault. Science. Discourse. Archive.*

Epígrafe
de uma
Solução
Imaginária

Tocar o céu com a ponta do pé

Quando menina era apaixonada por filmes com apresentações de ballet. Tinha até um bailarino favorito: Mikhail Baryshnikov, o melhor do mundo. Certo dia, acordou com a ideia ^{fixa} de que queria ser bailarina. Entusiasmada, contou à mãe. “Tu já tá muito velha pra isso”, disse a progenitora. “Teu pai não vai te deixar dançar de bunda de fora”, completou. Sentiu-se velha aos seis anos ^{de idade}. Quando adulta se tornou professora de filosofia e pesquisadora ^{ensaísta} da ciência de soluções imaginárias. Ama ^{muito} o que faz. E o sonho de menina em ser bailarina? Hoje ^{ela} dança nas nuvens. A alegria tarda, ^{mas} não falha. (arquivamento de pensação ^{zero})

Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tende ainda caos dentro de vós¹.

¹ Assim falou Zarathustra (NIETZSCHE, 2011, p. 5)

Figuras lista

Figura Zero. 'Patafísica' etimologia	12
Figura 1. Foucault o pensador	23
Figura 2. Ubu: Pai, Rei e Doutor em 'Patafísica'	24
Figura 3. Doutor Faustroll Aubrey Beardsley	25
Figura 4. Jarry o Dramaturgo	26
Figura 5. Ubu de Picasso.....	44
Figura 6. Barriga espiralada centrífuga de Ubu	65
Figura 7. Ubu na Bicicleta	66
Figuras 8 + 9. <i>Merdre</i> ¹	68
Figura 10. Ubu de Miró ¹	70
Figura 11. Ubu de Miró ²	71
Figura 12. Cartaz da <i>Première Ubu-Roi</i> (1896)	86
Figura 13. Tuíte de Donald Trump.....	87
Figura 14. Ubu Trump Contemporâneo	90
Figura 15. Transbordamento de Ubu _s	91
Figura 16. Ubu de Miró ³	99
Figura 17. Ubu em autorretrato	115
Figura 18. Doutor Faustroll Aubrey Beardsley	116
Figura 19. Alfred-Henri Jarry [+ - 3x4]	123
Figura 20. Jarry na bicicleta	124
Figura 21. Mario netes	125
Figura 22. Ubu de Miró ⁴	129
Figura 23. 50 cc de <i>Paris Air</i>	129
Figura 24. <i>Voyelles ubusianas</i>	129
Figura 25. Mapa da Vacinação	162

Figuras 26+27. “*Não. Não quero!* *Vocês pretendem arruinar-me com estas extravagâncias!*” (Ubu-Rei, Ato 2, cena VI)163

Figura 28. “*Sim. O meu medo já passou, mas ainda sinto vontade de fugir*” (Ubu-Rei, Ato 4, cena V) 166

Figura 29. “*E o que quer que eu faça? Não fui que provoquei*” (Ubu-Rei, Ato 4, cena IV) 169

Figura 30. “Ubu Trump” de Mr. Fish172

Figuras 31+32. “*Como? Se eu estou falando há uma hora. Achas que venho aqui para pregar no deserto?*” (Ubu-Rei, Ato 3, cena IV)175

Figura 33. “*Pra mim dá no mesmo. Gosto de comer carne crua. Vocês é que estão logrados.*” (Ubu-Rei, Ato 4, cena VI)177

Figura 34. Isa Dalmoro. ‘patafísica aspirante’ 198

Figura Zero: ‘Patafísica’ etimologia



Fonte: Autora

Quadro 1

“São os Ubus que estão chegando.”

(Ubu-Rei, Ato 5, cena II)

Páginas 94-95

Quadro 2

“Pois podem gabar-se de estar vivos.”

(Ubu-Rei, Ato 4, cena VI)

Página 160

Quadro 3

Terceiro e meio

Páginas 181-182

1

[des]FaziMentoS das palaVras acosTumadaS

[notas de arquivo]

[des]

F

A

Z

I

M

E

N

T

O

S

Quequeéisso, mãe?
Semente de “especula”, guria.
Frustrada, sem a resposta ^{esperada}, suspirei.
É que eu sempre quis saber das coisas.
Talvez tenha nascido *pra* ser especulenta.

*

vez em quando, me pego imaginando como seria a tal semente ...

*

*“Pessoalmente, prefiro, uma vez atravessada a decepção, acolher essas experiências:
guardo minha curiosidade atenta, à espera”.*

Julia Kristeva, *Sentido e contra-senso da revolta* (1996)

[KRISTEVA, 2000, p. 29]

Arquivamento de *pensação* ¹

[pensado e escrito em 15/10/2020]

Dia da professora

Dia de aniversariar Foucault e Nietzsche

especulação (lat. *speculatio*):

1.

Emprego desinteressado da razão em questões de ordem abstrata e distantes da experiência concreta, sem preocupação prática.
No sentido clássico, sinônimo de teoria, contemplação.

2.

Segundo Kant, a especulação é o uso da razão visando objetos inacessíveis à experiência humana, portanto incapaz de produzir um conhecimento legítimo, resultado da combinação da sensibilidade e do entendimento².

especuladora

1.

Antônimo de especialista.
Toda aquela que pensa com a própria cabeça³.

² *Dicionário Básico de Filosofia* (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006, p. 91)

³ *Dicionário das Ideias feitas em educação* (CORAZZA, AQUINO, 2011, p. 52). Adaptação ao feminino por minha conta.

imaginação (lat. *imaginatio*):

1.

Faculdade criativa do pensamento pela qual este produz representações (imagens) de objetos inexistentes, não tendo, portanto, função cognitiva.

2.

Em Kant, a imaginação (*Einbildungskraft*) é uma faculdade da consciência que unifica e sintetiza a diversidade dos dados da intuição, constituindo assim a condição de possibilidade do conhecimento⁴.

3.

Para Bachelard a imaginação, ou melhor, o imaginário – entendendo esse termo não como a faculdade ou função da imaginação, mas o mundo dos seus produtos concretos (mitos, sonhos, criações poéticas etc.) – representa algo de distinto, e, ao mesmo tempo, de complementar em relação ao “logos conceitual” da ciência, testemunhando que o homem, antes de ser cientista, é poeta, ou seja, atividade onírica e mitopoética⁵.

4.

Imaginação [...]
Depreciá-la nos outros.
Dar asas à nossa⁶.

5.

Imaginación, s.

Depósito de mercaderías que poseen en común los poetas y los mentirosos⁷.

⁴ *Dicionário Básico de Filosofia* (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006, p. 143)

⁵ *Dicionário de Filosofia* (ABBAGNANO, 2007, p. 622)

⁶ *Dicionário das Ideias feitas em educação* (CORAZZA, AQUINO, 2011, p. 76)

⁷ *Diccionario del Diablo* (BIERCE, 1999, p. 72)

“[...] é por encontrar-me e reconhecer-me por toda a parte que, nessa imaginação, posso decifrar a lei do meu coração e ler meu destino; esses sentimentos, esse desejo, essa obstinação em mimar as coisas mais simples, que designam necessariamente minha solidão, no exato momento em que tento, na imaginação rompê-la.

Assim, imaginar não é tanto uma conduta que concerne ao outro e que o visa como uma quase presença sobre um fundo essencial de ausência. É antes visar-se a si mesmo como um sentido absoluto de seu mundo, visar-se como movimento de uma liberdade que se faz mundo e, finalmente, se ancora nesse mundo como em seu destino.

Através do que imagina, a consciência visa, então, ao movimento originário que se desvela no sonho. Sonhar não é, portanto, um modo singularmente forte e vivo de imaginar.

Imaginar, pelo contrário, é visar a si mesmo no momento do sonho;
é sonhar-se sonhando”.

Michel Foucault, *Introdução – in Binswanger (1954)*

[FOUCAULT, 2104b, p. 124]

*na citação acima abriço essa escrita em primeira pessoa,
pois imaginando, movimento. Arquivamento de pensação *

ciência

1.

Nunca resolve um problema sem criar outros.
Ciência sem entranhas.
Ou entranhas sem ciência? (*a gente se confunde*)⁸

2.

A ciência é essencialmente discurso,
um conjunto de proposições articuladas sistematicamente.
Mas, além disso,
é um tipo específico de discurso:
um discurso que tem pretensão de verdade⁹.

neociência

...¹⁰

⁸ *Dicionário das Ideias feitas em educação* (CORAZZA, AQUINO, 2011, p. 36)

⁹ *Foucault, a ciência e o saber* (MACHADO, 2007, p. 18)

¹⁰ Pensada como movida pela imaginação tendo o poder ubuesco como laço. Arquivamento de
pensação ³

poder ubuesco

1.

A maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte do mecanismo do poder¹¹.

2.

O poder ubuesco pode ser descrito como um mecanismo de poder que diagonaliza as demais categorias [pastoral, soberano e disciplinar] utilizado sempre que se quer maximizar seus efeitos de poder¹².

¹¹ *Os Anormais* (FOUCAULT, 2010a, p. 11)

¹² *O poder ubuesco e suas ressonâncias para as categorias de poder pastoral, soberano e disciplinar* (DALMORO, SANTOS, 2019, p. 186)

‘patafísica

1.

É a ciência de soluções imaginárias,
que atribui simbolicamente às propriedades dos objetos,
descritos por sua virtualidade, os seus contornos¹³.

2.

*La ‘Patafísica no es más ni menos peligrosa que cualquier otra actividad.
Por ejemplo, la horticultura.
Hay horticultores que se dedican a cultivar plantas venenosas.
Seguramente tienen sus razones¹⁴ [...]*

¹³ *Artimanhas e Opiniões do Doutor Faustroll, patafísico* (JARRY, 1996, p. 22)

¹⁴ *‘Patafísica: Epítomes, recetas, instrumentos & lecciones de aparato* (CIPPOLINI, 2016, p. 13)

filosofia

1.

Vagueia entre¹⁵.

2.

É necessário chegar ao fim da vida para defini-la.

Entre outras coisas, componente curricular¹⁶.

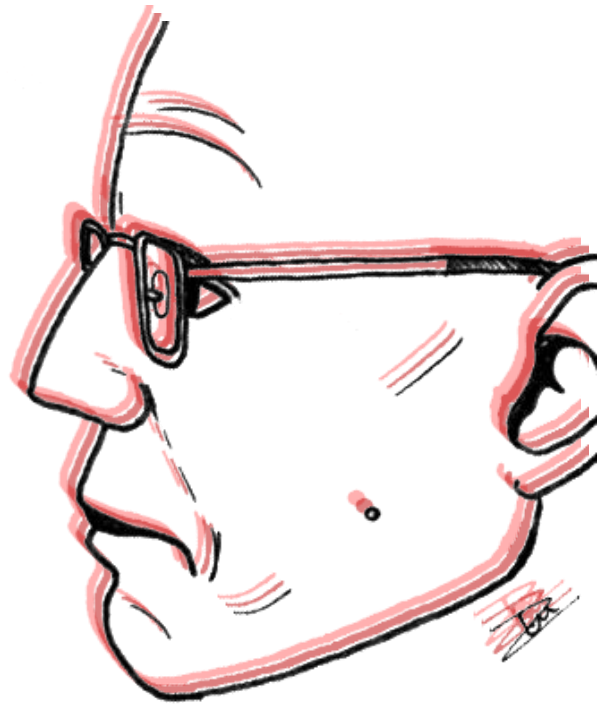
3.

*Camino de muchos ramales
que conduce de ninguna parte a la nada*¹⁷.

¹⁵ No sentido de que ela, a filosofia, vagueia ao longo da escrita, subvertendo-a, quem sabe.
Arquivamento de pensação ⁴

¹⁶ *Dicionário das Ideias feitas em educação* (CORAZZA, AQUINO, 2011, p. 56)

¹⁷ *Diccionario del Diablo* (BIERCE, 1999, p. 59)



Foucault¹⁸

[o pensador]

¹⁸ *Michel Foucault*, por Débora Cristina Marini.



Ubu¹⁹

[pai, rei e doutor em 'Patafísica']

¹⁹ *Ubu-Rei*, por Débora Cristina Marini. Sob inspiração do *Verdadeiro retrato do Senhor Ubu* criado por Alfred Jarry. Disponível em: [Verdadeiro retrato do Senhor Ubu - Alfred Jarry \(1896\)](#)



Doutor

Faustroll²⁰

[o patafísico]

²⁰ *Le Docteur Faustroll*, por Aubrey Beardsley



Jarry²¹

[o dramaturgo]

*Suggérer au lieu de dire,
faire dans la route des phrases un carrefour de tous les mots.*

[...]

association d'idées animalement passive

[...]

*Tous les sens qu'y trouvera le lecteur sont prévus,
et jamais il ne les trouvera tous;
et l'auteur lui en peut indiquer,
colin-maillard cérébral,
d'inattendus,
postérieurs
et
contradictaires²².*

²¹ Alfred Jarry, por Débora Cristina Marini.

²² Les *Minutes de sable*, *Mémorial* (JARRY [1894], 2016, p. 7-8). “Sugerir no lugar de dizer, fazer na estrada das frases um cruzamento de todas as palavras. [...] um poliedro de ideias [...] Todos os sentidos que o leitor ali encontrar estão previstos, e nunca ele encontrará todos; e o autor pode indicá-los ao leitor, cabra-cega temporal, inesperados, posteriores e contraditórios”. (cf. tradução de COURA, 2020, p. 10).

“A ciência pode classificar e
nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos
cavalos de força existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação
perde o condão de adivinhar: *divinare**.

Os sabiás *divinam*.”

Manoel de Barros, *Livro sobre nada* (1996)

[BARROS, 1996, p. 53]

**divinare* no sentido de *imaginar*

Sumário de uma escrita especulativa [itinerário]

[des]fazimentos [parte 1]

Apresentação [29]

I. Composição do Caminho da escrita [45]

Arquivo em Michel Foucault: aberturas à imaginação [47]

Arquivização: Arquivo e Imaginação [51]

A respeito do Inventário das especulações imaginárias [56]

Inventário [58]

espeCulação [parte 2]

II. Imaginação *ubuesca* e a Constituição da ^{tal} anormalidade [76]

Arquivo disparador: entre notas 1 [77] entre notas 2 [85]

Os Anormais e a ciência ^{Psi.} especulações sobre a imaginação *ubuesca* [92]

III. Historização da 'Patafísica a partir do imaginário [do]: [101]

Rei Ubu [108]

Pai Ubu [111]

Doutor Faustroll [116]

Dramaturgo Alfred Jarry [123]

reInvençãO [parte 3]

IV. Ideias feitas em regiões de Cientificidade [137]

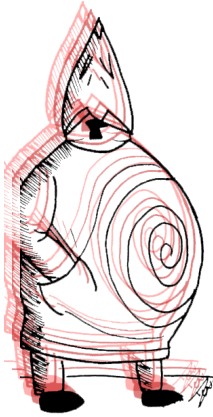
Práticas Discursivas na/da Ciência [142]

Especulações Imaginárias para ^{uma} *neociência ubuesca* [159]

Conclusão [192]

Referências [199]

Anexos [215]



A apresentação

“São sempre **Começos** relativos que procuro”²³

O que pode, numa sociedade como a nossa, um discurso que guarda em si, ao mesmo tempo, as características de se mostrar como potência com poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir? Riso assinalado pelo humor grotesco, *irônico*, *ubuesco*. Sob quais condições ganha força? Como descrever seus possíveis efeitos? E quando tal discurso se volta para a ciência em geral, o que pode? Há possibilidades de resistência? Ou de respostas racionais ao que produz, quando traz simultaneamente soluções imaginárias para problemas *inexistentes* que se fazem notar em práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade? Como resistir ao seu modo de interpelação? De que maneira se manifesta: como um desarrazoado científico ou como uma *neociência*?



Dos questionamentos acima pode ser dito que me acompanham desde a apresentação da Dissertação (DALMORO, 2019) para uma Banca singular. Das perguntas e provocações: inquietação. Da inquietação, o disparo. No disparo, o movimento. Outra experimentação de pensamento. Um convite a movimentar novamente minha filosofia. De novo o deslocamento para ser diferente do que sou. Outra vez a reinvenção de um conceito *e de mim mesma*. Nesses deslocamentos, presença de vida como potência para marcar resistência e existência em tempos sombrios.

Eu poderia introduzir essa escrita comentando que ela é a continuação do estudo realizado na Dissertação. Não excludo tal possibilidade. Ela *também* é

²³ FOUCAULT (2015b, p. 152)

continuação. Mas vai além do continuar. Trata-se de um dos efeitos daquilo que foi realizado. Para além das descrições feitas, dos cruzamentos elaborados, reinventou-se um conceito e com isso engendrou-se o problema de pesquisa que ora apresento. Do problema engendrado, outro conceito se reinventa, ou se forja, e com isso ganha novo sentido. Nesse novo sentido, a produção de um território fabricado para sua apreciação. Sob aparência de soluções imaginárias, especulo um território que possibilite pensar na *re*invenção de uma suposta ciência. Uma neociência. Em vista disso, investigo sobre uma ciência que se ocupa com uma imaginação ubuesca *grotesca*. Ao mesmo tempo em que se ocupa com a ironia absurda, com o humor *levado a sério*, com vida *e com a morte* e que inventa *retrata* verdades simbólicas. Eis o problema de pesquisa que produz essa escrita.

O poder ubuesco se configura como ferramenta analítica foucaultiana examinada nos artigos que compõem a Dissertação (DALMORO, 2019) e foi esboçado *indiretamente* na obra *Os Anormais* (1974-1975). Nas aulas que compõem o curso, Foucault examina a emergência *da noção* de anormalidade, partindo das *ditas* anomalias citadas de maneira *grotesca* *ridícula* nos relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal. Para o autor, o poder ubuesco integra a engrenagem *grotesca* na mecânica do poder e está presente no funcionamento político desde muito tempo na história das sociedades pelo qual decorre a “maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz” (FOUCAULT, 2010a, p. 11), a despeito do estilo *grotesco* e *cômico* de quem o exerce. Esse efeito de desqualificação ocorre pela manifestação voluntária do poder como algo odioso, infame ou ridículo tanto no discurso *como no indivíduo* que detém estatuto de poder. Os efeitos produzidos por esse discurso que se mostra como estatutário e desqualificado constituem um dos elementos do estudo presente na obra acima mencionada. Um exemplo, o funcionamento da máquina administrativa que expõe a figura de um *Ubu burocrata* no funcionário medíocre, nulo, imbecil, ridículo ... (FOUCAULT, 2010a).

Além disso, o poder ubuesco se manifesta no discurso do perito psiquiatra em matéria penal e resume um discurso que tem – ao mesmo tempo – três



propriedades, a saber: i) poder de verdade, uma vez que oriundo da instituição judiciária possui estatuto científico formulado por pessoas ditas qualificadas, ii) poder de vida e de morte, pois pode determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo – em alguns casos, de acordo com a decisão de justiça, pode levá-lo à morte, e iii) poder de fazer rir. Riso irônico, vindo de um humor sarcástico, por conta das expressões grotescas utilizadas nos relatórios dos tais peritos. A desqualificação da persona desse profissional e a convergência das características de tais propriedades em seu relatório fazem lembrar o discurso ridículo de Ubu. Nesse ajuntamento dos saberes médico ou científico em geral e do tribunal, efeitos de verdade nos discursos formulados. Na ridicularização do saber médico psiquiátrico a desqualificação da psiquiatria enquanto ciência. Uma psiquiatria ubuesca que funciona como verdade.



Ubuesco deriva de Ubu. Protagonista das peças teatrais criadas por Alfred Jarry (1873-1907) que juntas formam o ciclo de Ubu. A mais conhecida delas *Ubu-Rei* (1896) conta em cinco atos as peripécias grotescas do Pai Ubu que ao tomar o governo da Polônia, assassinando o rei que ocupava o trono, se autoproclama Rei Ubu. Ao assumir o cargo expõe seu lado déspota ridículo, pelo qual em seus mandos e desmandos passam a tirania e a presença acentuada da própria covardia. Ainda, nas cenas apresentadas, por conta do tom sarcástico e grosseiro, suas falas ameaças carregam um humor caricato humor às avessas, dotado de uma ironia que faz rir ao mesmo tempo que incomoda, agride e ofende. Humor que mata e manda matar. Nisso, Ubu se desqualifica enquanto rei e, por conta dessa desqualificação, demora-se no poder. Até o momento em que começa a insurreição de seus súditos. Poder nas mãos de alguém efetivamente desqualificado para tanto, como Nero ou Hitler (FOUCAULT, 2010a).

A aproximação da obra de Jarry (1986) com a perspectiva filosófica de Foucault (2010a) acontece pelo uso do adjetivo *ubuesco* para um modo de dizer o poder. Ubu instala o que Foucault nomeou de terror ubuesco, princípio essencial à soberania grotesca infame/arbitrária, pela qual o governante não esconde o que realiza, pois sabe que o governado não ignora a circunstância. Na medida em que esse último não ignora a ocorrência assinalada pelo princípio do terror, “as coisas não se

mexem [...] a verdade [...] imobiliza” (FOUCAULT, 2014d, p. 16). Imobilização que não possibilita uma resposta racional a qualquer situação com as características ubuescas mencionadas. Para além dessa imobilização, nos deparamos com o desafio principal do exame do discurso que se vale do poder ubuesco: como combatê-lo? Segundo Leme (2018), tanto o ubuesco como o grotesco, sua variante, são mecanismos do poder, engrenagens que servem à despolitização e à exasperação. Uma vez que por tais mecanismos transitam a autodesqualificação do governante e o desespero dos governados. Nesses casos, “O que fazer? Foucault sugere-nos um meio riso”, destaca Leme (2018, p. 185).

Além de Pai e Rei, Ubu também se apresenta como Doutor em ‘Patafísica. Mais que isso, em duas das peças que contam de Ubu, ele atribui a si a invenção por conta da necessidade da ciência de soluções imaginárias – a ‘Patafísica. Descrita como



uma ciência que examina as exceções no próprio interior da ciência, fazendo com que essa pense sobre si mesma não para completá-la, mas para desequilibrá-la. Examinar exceções também é examinar anormalidades anomalias. Outro elo de aproximação que possibilita pensações entre as escritas de Foucault e Jarry.

Prestar atenção nos detalhes, nas singularidades das realidades fabricadas de “forma livre, incrivelmente conceitual e engraçada” (TRUCCO, 2016, p. 5), e servir para explicar soluções imaginárias são também características da ‘Patafísica. O termo *patafísica* é patafísico oriundo do grego ἐπι (τὰ μετὰ τὰ φυσικά) - epi tà metà tà phusiká (Figura Zero) explora as coisas que vão além da física e da metafísica. De modo sarcástico sério, estuda pergunta as coisas que essas duas ciências não dão conta de explicar. No limite entre ficção e realidade, a experiência patafísica se vale da imaginação para perguntar e da imaginação para responder, soluções imaginárias num ciclo infinito espiral. Sem ela imaginação não há perguntas, nem respostas. *Ciência de soluções imaginárias ...*

Ciência das ciências, de acordo com Shattuck (2016), a ‘Patafísica sempre existiu. E sempre existirá. Existe desde que o ser humano coçou pela primeira vez a cabeça para acalmar a coceira do pensamento reflexivo. Ou quando Sócrates que

provava qualquer coisa por meio de perguntas demonstrou a Mênon que seu jovem escravo conhecia o teorema de Pitágoras. Feitos que descrevem que a *ciência de soluções imaginárias* existe desde sempre desde os tempos das cavernas (Shattuck, 2016).

Dito isso, elenco como objetivo geral desse estudo investigar práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitam pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a imaginação ubuesca. Ao mesmo tempo em que lida com o humor grotesco, com vida e com a morte e que retrata verdades simbólicas nesse campo do saber. Uma neociência? Uma *ciência das soluções imaginárias ubuescas*, pensada a partir da 'Patafísica e do poder ubuesco? Somo a esses elementos, buscar em tais práticas caracterizações da 'Patafísica, como as soluções imaginárias e variantes, em modelos da ciência. Nesse entrelaçamento e possíveis implicações especular inventar uma neociência.

Já os objetivos específicos da Tese consistem em:

- (x) apresentar o procedimento metodológico escolhido para a pesquisa, descrevendo e alicerçando no referencial teórico procedente da perspectiva filosófica de Michel Foucault e da literatura de Alfred Jarry;
- (x) descrever o arquivo disparador do estudo – e suas potencialidades – derivado da pesquisa que resultou em uma Dissertação na qual se reinventou a noção de poder ubuesco pelo mapeamento dos seus sentidos;
- (x) retratar a *ciência de soluções imaginárias*, buscando na caracterização da 'Patafísica elementos que sustentem a Tese;
- (x) examinar o *corpus* discursivo heterogêneo e inventar a *neociência* ubuesca.

Tomo como significação para as *regiões de cientificidade* as regiões heterogêneas pertinentes às práticas discursivas em suas variantes que respondam a critérios formais de cientificidade. Ou seja, relaciono com conjuntos discursivos reconhecidos pela/como pretensão científica que se articulam como sistemas de formação com objetos, linguagem e conceitos, se delineiam no âmbito científico e, de algum modo, produzem efeitos de verdade. De acordo com Machado (2007), tanto Bachelard como Canguilhem, mencionados por Foucault n'*Arqueologia do saber* (1969) – obra que impulsiona a utilização da expressão –

concentram suas pesquisas em regiões distintas de cientificidade. Na obra mencionada, o pensador centra sua análise sobre a constituição histórica das “ciências do homem” na modernidade, compondo assim “uma nova região” (MACHADO, 2007). Nesse estudo, o modelo de região de cientificidade averiguado é a própria *vida*. Desse modo, examino práticas discursivas em suas relações de poder e verdade com o campo da cientificidade que, em conjunto, buscam assegurar a vida. Práticas que visam ancorar o direito à vida, tornando-a resistente diante de um contexto de aproximação com a morte. Vida essa absorvida pela política, ^{tomada como um elemento político}. Nesse cenário, no qual lido com a gestão e controle sobre a vida – e sobre a morte –, entra em jogo a noção foucaultiana da biopolítica.

Segundo Foucault (2010b, p. 206), “[...] a biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder [...]”. Encontro, assim, outro instrumento de apoio para uma análise que se volta para a invenção da vida sociopolítica contemporânea, num ambiente em que a vida e a morte são tratadas como ferramentas políticas no jogo que rege relações de poder no campo da governança das populações. É diante da pandemia do novo coronavírus, o da COVID-19, ainda acompanhada de incertezas, que lanço luz para enunciações, publicações e pesquisas em torno de uma vacina com validação ^{eficiente}, para campanhas para vacinação da população ^{brasileira} e discursos acerca de outras possibilidades para controle e ^{quicá} erradicação da doença que assusta o mundo desde dezembro de 2019 – elementos desafiantes para a ciência. Elementos esses que se configuram como exemplo da noção foucaultiana da biopolítica.

Além disso, tais práticas discursivas emergem como *corpus* de apreciação para especular sobre uma neociência num cenário que ^{ainda} se encontra em situação de pandemia – o ambiente de pesquisa para análise envolve, portanto, discursos circulantes no Brasil durante esse período. Lido com um *corpus* heterogêneo para a investigação. Nessa lógica, me ocupo com estudos diversos e territórios como sites de notícias, revistas e livros ^{referenciados e arquivados}. Lugares híbridos que incluem artigos elaborados a partir de pesquisas no campo da

ciência e da educação em ciências, bem como pesquisas científicas que problematizam discursos sobre a ciência e anticiência envolvendo mídias sociais. Pesquisas, sob forma de artigos, que tratam de temas considerados pseudocientíficos ^{ou não}, e por vezes discutem os seus possíveis efeitos nos campos mencionados. Desses materiais, após o exame realizado, especulo sobre uma neociência. Um *corpus* assim pretendido, num certo sentido indefinido, encontra abrigo nos modos de pesquisa foucaultiano. Eis:

“A constituição de um *corpus* coloca um problema para minhas pesquisas, mas um problema diferente do da pesquisa linguística, por exemplo. Quando queremos fazer um estudo linguístico, ou um estudo de mito, vemo-nos obrigados a escolher um *corpus*, a defini-lo e a estabelecer seus critérios de constituição. No domínio muito mais vago que estudo, o *corpus* é num certo sentido indefinido: não se chegará jamais a constituir o conjunto de discursos formulados sobre a loucura, mesmo delimitando-nos a uma época e a um país determinados. No caso da prisão, não haverá sentido em limitarmo-nos aos discursos formulados sobre a prisão: as decisões, os regulamentos que são elementos constituintes da prisão, o funcionamento mesmo da prisão, que possui estratégias, seus discursos não formulados, suas astúcias que finalmente são de ninguém, mas que são, no entanto, vividas, assegurando o funcionamento e a permanência da instituição. É tudo isso que é preciso ao mesmo tempo recolher e fazer aparecer. E o trabalho, em minha maneira de entender, consiste antes em fazer aparecer esses discursos em suas conexões estratégicas do que constituí-los excluindo outros discursos.” (FOUCAULT, 2018, p. 214-215).

Examinar as *práticas discursivas* em regiões de cientificidade envolve, num modo geral, investigar o “conjunto das maneiras de fazer mais ou menos regradas, mais ou menos pensadas, mais ou menos acabadas através das quais se delinea simultaneamente o real”, segundo Foucault (2017, p. 232). Compreende-se, nessas condições, estudar as práticas concebidas como modo de agir e pensar que proporcionam a inteligibilidade do sujeito e do objeto. Ou seja, o modo como o indivíduo se manifesta e age como sujeito do conhecimento. Práticas discursivas que são múltiplas, porque movidas pelas variações, multiplicadas, a partir das suas descrições e multiplicantes, por conta da potencialidade de seus efeitos. Estudá-las a partir do:

[...] conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2020, p. 143).

Trata-se de ^{me} ocupar com as práticas ^{discursivas} que envolvem “o que se diz e o que não se diz, ou que se marca por gestos, atitudes, maneiras de ser, esquemas de comportamentos, manejos espaciais”, conforme Foucault (2011, p. 220). Práticas ^{discursivas} que moldam nossa maneira de compreender o mundo e falar dele. Nesse caso, investigar práticas discursivas que viabilizam um saber, naquilo que cria condições para tal saber assumir *status* e papel de ciência, de acordo com suas regularidades, articulação de processos, relações, desvios e figuras ... que possibilitam-no atingir ^{certo grau} de cientificidade. Em vista disso, repito Candido e Loguercio (2020, p. 245), quando afirmam que a ciência não se faz somente em bancadas de laboratórios, mas, sobretudo “nas relações de saber/poder que possibilitam dizer o verdadeiro em determinadas formações históricas”. Ciência que inventa um mundo e os modos de ocupá-lo.



Por *verdade* adoto a caracterização foucaultiana compreendida como um conjunto de procedimentos sobre um campo de coisas que possibilitam a cada um ^{a cada instante} o pronunciamento de enunciados considerados como verdadeiros. Sem instâncias supremas ^{de/para} a verdade. Somente efeitos de verdade que emergem dos jogos de verdade, oriundos dos tipos de discursos que uma sociedade adota e faz funcionar como verdadeiros. Ou dos discursos sobre os quais podem ser ditos como verdadeiros ou falsos. Para Foucault, há uma região na qual esses efeitos de verdade são codificados, são previamente regulados, “em geral, os domínios científicos” (FOUCAULT, 2015a, p. 227-228). Além disso:

[...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder [...] Em nossas sociedades, a verdade tem cinco características históricas importantes: a “verdade” é centrada na forma do discurso científico nas instituições que o produzem²⁴. (FOUCAULT, 2018, p. 52 ^{grifo do autor})

²⁴ As demais características podem ser assim resumidas: 2) está submetida a uma constante incitação econômica e política; 3) é objeto de uma imensa difusão e de um imenso consumo; 4) é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, de grandes aparelhos políticos ou econômicos e 5) é objeto de debate político e de confronto social. (FOUCAULT, 2018, p. 52).

Pensar com Foucault, segundo Henning (2019, p. 372), é “tensionar seus estudos para o mundo atual que vivemos”. Nesse sentido, recordando que inventamos nossas realidades a partir das invenções científicas, como nos constituímos diante das práticas discursivas desse campo quando permeadas por soluções imaginárias ubuescas? Como resistimos ou reagimos aos discursos dos domínios científicos que apelam ao ridículo, grotesco?

A ideia de *poder* é descrita não somente em termos negativos, como algo que exclui ^{expulsa}, marginaliza ^{reprime}. Poder é considerado ^{também} como algo inventivo, que fabrica, observa e se multiplica a partir de seus próprios efeitos. Tomado como uma força eficaz que afiança “[...] a formação, o investimento, a acumulação, o crescimento do saber”, segundo Foucault (2010a, p. 41). Força que “produz realidades e rituais de verdade” (FOUCAULT, 2014c, p. 189). Envolve igualmente um jogo em que estão em campo relações ^{de poder}. Relações de poder consideradas como relações de força reversíveis e de pequenos enfrentamentos, como modos de ação entre uns e outros. Não é, portanto, somente repressivo. O poder se exerce e, na sua mecânica, se insere nos nossos discursos:



O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2018, p. 45).

A Tese está dividida em três **Partes** que não devem ser tomadas como estáticas. Tramam a construção de um ^{quase} todo. **Partes** que enlaçam as subpartes e capítulos que têm como tarefa descrever as apostas conceituais desse estudo. **Partes** assim denominadas ^{compostas}:

Parte 1: [Des]fazimentos

Os *[des]fazimentos das palavras acostumadas* têm seu título sob inspiração da poesia de Manoel de Barros. Constitui-se, inicialmente, por notas ^{de arquivo}

contendo descrições extraídas de Dicionários heterogêneos das palavras que compõem a Tese. Um jogo de palavras acostumadas representadas tanto por um conjunto de letras separadas por dois espaços ou vazios com significações, como por ilustrações de outros conjuntos de letras com representação em imagens. Imagens que “são palavras que nos [me] faltaram”, de acordo com Barros (2010, p. 263). A opção em apresentar tais notas cabe na provocação de dupla intencionalidade: i) a amarração do sentido da palavra conforme uma descrição qualquer em literatura atestada, e ii) a liberação do sentido da palavra conforme uma descrição qualquer em literatura atestada.

Por que o uso de notas de Dicionários heterogêneos? Para dar às palavras elasticidade. Segundo Bierce (2019), o verbete usual *Dicionário* é descrito como “um artifício literário que paralisa o crescimento de uma língua, além de tirar-lhe a facilidade [felicidade] e a elasticidade”, com exceção da obra do autor,



que é uma obra útil El presente diccionario, sin embargo, es una obra util. (BIERCE, 2019, p. 44, grifo meu). Útil para esse estudo, em que estão presentes obras de

autores que fazem uso da imaginação sobre palavras, ou fazem nas palavras uso da imaginação, e pelo qual se pretende reinventar conceitos. Notas que se estendem antecedem aos capítulos das Partes 2 e 3, subsequentemente, de acordo com a temática a ser analisada

nesses naqueles espaços.

Seguindo pelos [des]fazimentos ... esboço essa Apresentação, indicando a composição da Tese, sua divisão e a justificação de tal divisão, como também antecipo algumas instigações conceituais preferidas para a escrita. Logo após, na *Composição do caminho da Escrita*, título do **capítulo I**, discorro sobre o procedimento metodológico desse estudo, que tem sua investigação baseada na *arquivização* arquivo + imaginação, descrevendo o referencial teórico que o sustenta. Nas subpartes desse capítulo, exponho caracterizações sobre arquivo em/para Foucault, a partir das descrições de *A Arqueologia do Saber* (1969) e textos do autor que tratam da respectiva noção. No tocante à arqueologia – e análise sobre arquivo incluída no cenário foucaultiano –, sua função como “método” pode ser vista como um exercício pelo qual se pode “aprender os discursos que se encontram

na superfície de inscrição de um dado objeto de investigação”, de acordo Silva e Ferreira (2019, p. 209). Por esse “método”, busca-se a investigação de conceitos pela via das descontinuidades históricas. A partir disso, tenta-se compreender o engendramento dos discursos na contemporaneidade e os processos de construção de um saber, por exemplo. Nesse caso, examinar arquivos aos modos da arqueologia pensada por Foucault, cria condições para compreensão de discursos que se pretendem com certo grau de cientificidade e se legitimam como verdadeiros. Por conta da inspiração na arqueologia para o procedimento metodológico no trabalho realizado sobre arquivo, somando ser essa uma pesquisa que envolve uma imersão em obras bibliográficas e como pretendo lançar meu olhar para documentos – no sentido foucaultiano de examinar unidades, conjuntos, relações – que lidam com práticas discursivas em regiões de cientificidade, essa escrita abeira-se a um estudo de cunho *arque-biblio-mental*. Mental, forçando uma insinuação, também remete àquilo que se realiza no pensamento. Imaginação. Especulação. Por fim, inventario o arquivo disparador das especulações imaginárias, listando obras *de* e *sobre* Jarry e Foucault, como também exponho uma revisão de literatura realizada no Repositório Digital da UFRGS, o Lume. **Limiar da Parte 1.**

Parte 2: espEculAção

Essa é uma escrita que tem como um de seus traçados trabalhar com arquivo, aos moldes de Foucault. Assim, na **Parte 2**, conto sobre os arquivos disparadores da Tese. Isso envolve discorrer sobre a obra *Os Anormais* (1974-1975), sobre os artigos que compõem a Dissertação (DALMORO, 2019) e apresentar a ‘Patafísica.

Nessa direção, o **capítulo II** está sob o título *Imaginação ubuesca e a construção da tal anormalidade*. Na primeira subparte refaço o roteiro das ^{onze} aulas do curso sobre a emergência da anormalidade procurando nas notas do arquivo do professor Foucault tanto os materiais investigados como as possíveis

relações com a imaginação. Depois, numa imersão à Dissertação, reapresento a reinvenção do poder ubuesco trazendo notas do arquivo pesquisado para tanto. Arquivo que, por conta das problematizações realizadas, dispara essa escrita, corroborando a ideia de que o arquivo é dinâmico. Nessa movimentação dinâmica, inspirações podem acontecer tornando-o diferente do que era. Em torno de tais problematizações, especulo sobre uma *imaginação ubuesca*. Imaginação essa que é uma das apostas conceituais dessa escrita e que ganha força na subparte intitulada *Os Anormais e a ciência Psi: especulações sobre imaginação ubuesca*.

Ainda dentro da **Parte 2**, encontra-se o **capítulo III** que tem como objetivo apresentar a *ciência de soluções imaginárias*, a ‘Patafísica. Isso acontece a partir da *Historização da ‘Patafísica a partir do imaginário [do]: Pai Ubu, Rei Ubu, Doutor Faustroll e Dramaturgo Alfred Jarry*, sendo esse o título do capítulo. Para cada personagem acima descrito, conto coisas sobre eles, como também abro espaço para que narrem de si, por meio de recortes das obras de/sobre Jarry. ‘Patafísica que sustenta a proposta de investigar práticas discursivas singulares que, de algum modo, se relacionam ao poder ubuesco como também às soluções imaginárias em regiões de cientificidade. Investigação especulativa que pode levar a invenção de uma neociência. Limiar da **Parte 2**.

Parte 3: reInvenção

Ideias feitas em regiões de cientificidade é o título do **capítulo IV** que abre a **Parte 3** desta Tese. Por ser um estudo que trata da ciência e de Educação em ciências, esse trecho da escrita levanta alguns aspectos sobre filosofia e ciência, dois dos campos de saber que a impulsionam junto com a arte. Os autores escolhidos descrevem a ciência com ideias provocadoras. Ceticismo e relativismo, são exemplos dessas provocações.

Provocações que se mostram também na seção *Práticas Discursiva na/da Ciência*, na qual a ciência como “essencialmente discurso” é abordada sob estudos

de Nietzsche, Foucault e Deleuze. Nela, ^{inspirada por esses pensadores}, apresento algumas considerações sobre a função da verdade, do riso, ironia e biopolítica ^{dentre outras} noções na região de cientificidade escolhida para o estudo: a vida. Em seguida, entro no outro lado do meu arquivo. O que considero seu lado avesso, pois ainda que seja uma escrita na qual sigo meus afetos, lido com materiais que se acomodam de maneira inquieta.

Sob o título *Especulações imaginárias para uma neociência ubuesca*, na inserção propriamente dita no *corpus* ^{heterogêneo} da pesquisa, examino práticas discursivas sobre a *vida*, oriundas do período da Pandemia – entre 2020 e 2022, no Brasil. Opto por examinar as práticas descritas por pesquisadores em publicações como artigos em revistas qualificadas oriundas do campo das mídias sociais, territórios nos quais as práticas mais circularam no recorte de tempo escolhido. Como também analiso as publicações de pesquisadores da **h**istória, da **ci**ência e da **e**ducação em **ci**ências, também em revistas qualificadas. Nessa apreciação, busco atravessamentos com artigos em livros, reportagens em sites e charges ^{ou} memes visando apoiar as publicações e potencializar a invenção da neociência. Limiar da Parte 3.

Pré-coisas ^{arranjadas} **da escrita especulativa**

Imaginação. Me ocupo com a imaginação num cenário de ^{via} dupla ^{via}. Ora a tenho como noção estudada, ora como parte da trama que compõe o procedimento metodológico adotado para essa pesquisa. Às vezes mais d’uma, às vezes mais d’outra. ^{Em síntese}, acolho a imaginação como força de escrita. Conforme mencionado, o referido procedimento de investigação e escrita baseia-se na *arquivização*. Juntura de arquivo inspirado na perspectiva filosófica foucaultiana com imaginação ^{recriadora}, sob indicação de Groppa Aquino.

Notas de escrita em caixas pretas e contornos vermelho-bordô. São fragmentos que me afetam. Permanecem. Fazem pensar. Nas palavras dessas tais caixas, me demoro. São recortes de/para leitura muda, vagarosa, lenta. Guardo-as para que não escapem. Por vezes, abrem uma das Partes dessa escrita, outras vezes, um capítulo. Algumas são criações poéticas. Outras filosóficas. Outras ainda, inspirações que arrisco compartilhar. Miúdas. Denomino-as de arquivamento de pensações zero, 1, 2, 3, 4, 5 ...

Pensações no sentido de uma prosa imaginária com inspiração nos pensamentos e escritos de Foucault e Jarry.

Palavras sob/nos recursos x_2 e x^2 [xis dois e x dois]. São palavras vivas, sílaba por sílaba, assim como todas as outras. Complementam e aproximam nas insistências das outras palavras que fazem parte do vocabulário racional, sem abandonar de vez seus sentidos. Simbolizam pensações sussurradas. Murmúrios tagarelados. Esse modo de apresentação das palavras também visa demonstrar uma característica dos escritos patafísicos que consiste, em linhas gerais, na exploração de uma escrita mostrando suas possibilidades e elasticidade, “equivalentes e excepcionais ao seu modo”, tal como *pataexperientiam* Eira e Brandallise (2019, p. 20-21).

Efeito de afetos. Elos ecos patafísicos do encontro tardio com a poesia Manoel de Barros, com a filosofia poética metafórica de Gaston Bachelard e com os Ubus de Joan Miró, de Pablo Picasso e de Pierre Bonnard. Afetos que me ensinam. Efeitos que deixam essa escrita mais enfeitada. Sem deixar de ser filosofia. Falando em encontros, sobre Miró versa Barros (2010, p. 385), “Para atingir sua expressão fontana, Miró precisava de esquecer os traços e as doutrinas que aprendera nos livros. Desejava atingir a pureza de não saber mais nada. [...]”. Sobre Bachelard, comenta Foucault:

“Muito me impressiona, em Bachelard, o fato de ele, de algum modo, jogar contra sua própria cultura, com sua própria cultura. No ensino tradicional – não apenas no ensino tradicional, mas na cultura que recebemos –, há certo número de valores estabelecidos, coisas que se deve dizer e outras que não devem ser ditas, obras estimáveis e outras insignificantes, há os grandes e os pequenos, a hierarquia, enfim, todo um mundo celeste com Tronos, as Dominações, os Anjos e os Arcanjos! ... Tudo isso é muito hierarquizado. Pois bem, Bachelard se faz desprender de todo esse conjunto de valores e o faz lendo tudo e fazendo tudo jogar contra tudo. Ele faz pensar, se quiserem, nos hábeis jogadores de xadrez que conseguem apoderar-se das peças importantes valendo-se de pequenos peões. Bachelard não hesita em opor a Descartes um filósofo menor ou um erudito ... um erudito, diria eu, um tanto imperfeito ou fantasista do século XVIII. Ele não hesita em inserir na mesma análise os maiores poetas e outro de valor secundário que ele terá descoberto, assim, por acaso, em um sebo ... E, para ele, não se trata de modo algum de reconstituir a grande cultura global do Ocidente, ou da Europa,

ou da França. Não se trata de mostrar ser sempre o mesmo grande espírito que vive, fervilha por toda parte e que vem a ser o mesmo. Pelo contrário, tenho a impressão de que ele tenta armadilhar sua própria cultura com seus interstícios, seus desvios, seus fenômenos menores, suas pequenas dissonâncias, suas notas falsas”. (FOUCAULT, 2012a, p. 1).

Bachelard, ^{outro} patafísico (?)(.)

Segundo Loguercio (2009), para Bachelard o progresso da ciência não está nos métodos ou nos objetos, nos “descobrimientos” ou na melhoria das representações, está no progresso filosófico do conhecimento científico. Desse modo, Bachelard rompe com o estabelecido em campos distintos do saber em busca de uma filosofia da ciência que não ignora a imaginação. Nessa ruptura, repetindo Foucault, Bachelard rompe com a cultura científica dentro da própria cultura científica. Portanto, respondendo à questão, suspeito que sim. Bachelard, também um patafísico.

... sobre a *epígrafe* de uma *solução imaginária* ...

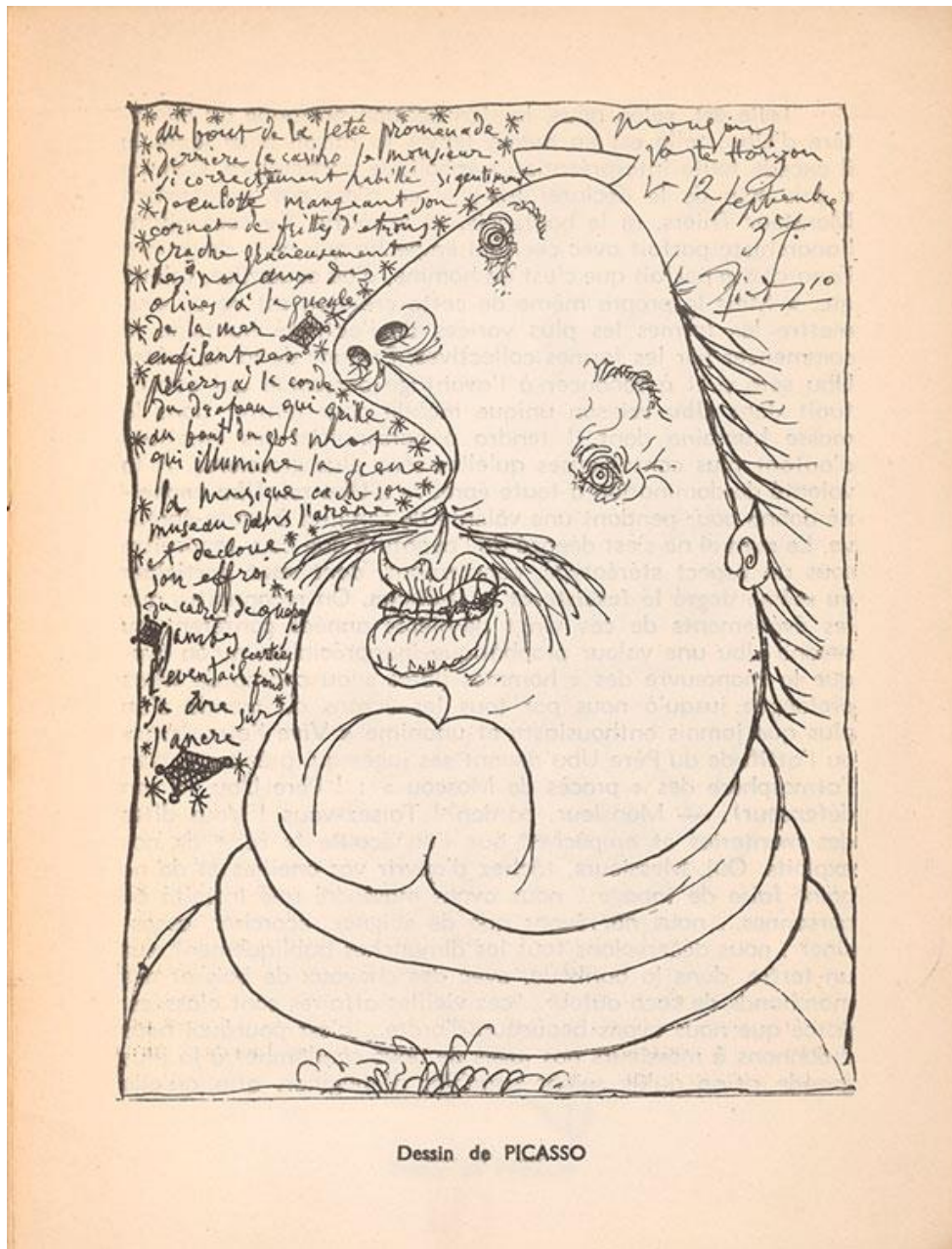
[...] *Sonho de infância, sonho que nos leva de volta à infância. Foi dito frequentemente que a criança reunia todas as possibilidades. Crianças, éramos pintor, modelador, botânico, escultor, arquiteto, caçador, explorador. E o que aconteceu com tudo isso?* (BACHELARD, 2019, p. 76).

assim,

“[...] me calo, escuto. ^{Atentamente}. Pois é minha curiosidade que alimenta minha rebeldia.” (KRISTEVA, 2017, p. 10).

Numa espécie de vagueio imaginário pela ‘Patafísica desenrolo nesse ensaio-tese um meio de ^{re}encontrar *tudo isso*. Arquivamento de ^{pensação}5.

Figura 5: Ubu de Picasso [1937]



Dessin de PICASSO

Fonte: [The Morgan Library & Museum](#)

A lenda conta que Picasso usou Ubu como um símbolo de injustiça e opressão durante as convulsões políticas da década de 1930, especialmente aquelas provocadas pelo general espanhol Francisco Franco. À medida que Picasso se tornou mais proficiente em francês, ele aprendeu passagens das peças de Jarry de cor e colecionou seus manuscritos e outros artefatos, até mesmo alegando que suas corujas de estimação eram ancestrais dos pássaros de Jarry.

Fonte: [The Morgan Library & Museum](#)

I

Composição do Caminho da Escrita

“A **E**scolha que nele se encontrará não seguiu outra **R**egra mais importante do que meu **g**osto²⁵”

O caminho dessa escrita teve um começo que não esse que ora apresento. Foi pesquisando o poder ubuesco, mencionado indiretamente por Foucault (2010a) na obra *Os Anormais* (1974-175), que encontrei sobre as imaginações patafísicas de Jarry, criador do *Rei Ubu* e do *Dr. Faustroll*, em dois textos de Deleuze (2004; 1997), a saber, *Ao criar a Patafísica, Jarry abriu caminho para a Fenomenologia* (1964) e *Um precursor desconhecido de Heidegger, Alfred Jarry* (1993²⁶). Guardei-os para estudá-los mais tarde. Com esse arquivamento, a composição do procedimento metodológico para realização desse estudo teve seu disparador. Composição pretendida a partir da descrição foucaultiana de arquivo na qual busco rastros para alicerçar a escrita. Composição *ainda/sempr*e em construção, deixando o modo de pesquisar em especulação. Especulação no sentido de experimentar outros pensamentos e multiplicar sentidos.

Assim, escolho como estratégias de pesquisa e escrita potencialidades nas caracterizações de *arquivo* e *arquivização*, com a proposta de catalogar narrativas com inspiração nos procedimentos investigativos de Foucault e nos estudos de Aquino, aliada ao feitiço de [...] “escarafunchar os arquivos, suas fulgurações, seus acidentes, seus pontos de virada: eis a gana de Foucault” (AQUINO, 2019, p. 109). Busco com esses pensadores, a partir do modo como lidam com arquivo,

²⁵ FOUCAULT (2015a, p. 199)

²⁶ Sem ainda ter encontrado a data da escrita desse texto, utilizo o ano da publicação da coletânea de textos de Deleuze, no original.

examinar a composição de narrativas entre dizeres e imagens, com o intuito de pensar janelas que se abrem para especulações imaginárias de uma neociência.

Na primeira seção desse texto, examino excertos foucaultianos sobre arquivo apresentados em algumas de suas obras, excertos que apresentam condições de ensaiar uma proximidade com a imaginação possibilitando às inquietações um espaço para transitar. Nesse transitar, conceder à imaginação a possibilidade de transbordamento de pensamentos. Espelho ainda nos fragmentos selecionados uma contribuição para justificação do caminho metodológico escolhido para a presente escrita.

A análise dos excertos se dá pelas trilhas sinalizadas por Castro (2016) e por Revel (2011), pelas quais os autores mapeiam textos foucaultianos que tratam sobre arquivo. Trilhas também ressaltadas por Aquino (2019), com ênfase no trabalho arquivístico de Foucault percorro não com o intuito de encontrar uma definição única, mas de especular possibilidades imaginativas.

Seguindo a escrita, busco uma aproximação com a descrição de *arquivização* proposta por Aquino (2019), na qual há uma sugestão de deslocamento da caracterização de arquivo daquelas apresentadas por Foucault. Deslocamento impulsionado pela imaginação.

Por fim, e não concluindo, inventario o material de estudo que funda, entre as narrativas e imagens examinadas e em constante revisão, a arquivização das coisas sobre as quais me debruço. Arquivizações que seguem algumas regras: 1) tratam da perspectiva foucaultiana, tanto do autor como de estudos baseados em seus modos de pensar; 2) fazem parte do imaginário de Jarry, abordando as peripécias do imaginário *grotesco* de um soberano e de um doutor patafísico; 3) as ramificações trazidas pelo colegiado patafísico que, dentre artigos, teses e dissertações, provocam outras possibilidades a partir de seus escritos. Nesses atravessamentos outra regra não pode deixar de ser mencionada. Trata-se daquela *regra* que envolve o gosto pela especulação naquilo que foi escolhido. Inventario o que me afeta.

Arquivo em Michel Foucault: Aberturas à Imaginação

Arquivo. Um sentido inicial para arquivo, dentre outros apresentados, é o proposto por Foucault (2020) na obra *A Arqueologia do Saber* (1969), na qual o pensa como um sistema de funcionamento das coisas ditas para que essas “não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa” (FOUCAULT, 2020, p. 158). De modo a evitar uma fixidez dessa massa horrenda, como práticas discursivas mortas e empoeiradas, Foucault propõe um sistema de funcionamento para a examinação delas, ^{das coisas ditas}, de modo que possam se agrupar de tal maneira que, compondo-se umas com as outras, variem de acordo com suas próprias regularidades. Nesse movimento, no que parece um convite a ensaiar a imaginação, sugere arquivo, numa parecença com as estrelas, como aquilo que impulsiona às coisas ditas brilharem umas mais que as outras [outras já pálidas], possibilitando a essas se chegarem a nós. Dessa maneira, no reluzir, tornar visível aquilo que está na invisibilidade meramente por estar na intensidade da superfície. Ao reluzirem, permitir que se atualizem, se transformem, sem esgotarem as próprias possibilidades na ^{numa} linearidade.

De acordo com Leme (2011, p. 100), Foucault afirma, ao descrever arquivo relacionando com as estrelas, que a região privilegiada para tanto é “a orla do tempo que cerca nosso presente”. Ou seja, tal região é ao mesmo tempo a que mais se aproxima e a que mais se diferencia da nossa atualidade. Nesse sentido, abarca os discursos que são nossos ainda e que nos delimitam, mas que começam a perder sua evidência (idem). Região essa onde as estrelas começam a empalidecer.

Em outro texto, intitulado *O Nascimento de um Mundo* (1969), Foucault (2014a) destaca que o jogo de palavras utilizadas para a designação de arquivo n’*Arqueologia do Saber* (1969), não envolve trazer à tona uma massa de textos históricos sobre o passado, envolve a análise daquilo que torna possível o funcionamento e a transformação da prática discursiva. Assim, arquivo pode ser descrito como:

[...] a massa das coisas ditas em uma cultura, conservadas, valorizadas, reutilizadas, repetidas e transformadas. [...] fabricada pelos homens, investida em suas técnicas e suas instituições, e que é tecida com sua existência e história [...] o arquivo aparece, então, como uma espécie de grande prática dos discursos, prática que tem suas regras, suas condições, seu funcionamento e seus efeitos. (FOUCAULT, 2014a, p. 52).

Relaciono “discursos” ou “coisas ditas” com as práticas discursivas que dizem respeito não somente aos atos de falas ou escritos, mas como aquelas coisas que descrevem a nossa relação com o mundo, pelo modo como o compreendemos e como falamos dele, recordando o que afirma Veiga-Neto (2016), sobre discurso em/para Foucault. Assim, lido com práticas discursivas múltiplas, multiplicadas e multiplicantes. Múltiplas porque movidas pelas variações, multiplicadas a partir das descrições de suas in-visibilidades e multiplicantes por conta da potencialidade de seus efeitos. Nessa “multiplicação dos discursos” um lugar para a “multiplicação dos sujeitos” (FISCHER, 2001).

Considero ainda a investigação das tais práticas invisíveis na superfície, invisíveis porque ali estão, como um elemento aproximante da ‘Patafísica por conta de uma de suas características que trata de examinar as leis que governam as exceções corriqueiras. Nesse sentido, tenciono rastrear, arquivar e descrever práticas discursivas em torno da vida que se mostram recorrentes, se configuram como exceções e, de alguma forma, são entrelaçadas pelo poder ubuesco. Nesse andar, partindo do que as coisas são, investigo práticas encadeadas a partir daquilo que se diz e daquilo que se faz, especulo outros contornos para aquilo que se mostram. Patafisicamente pensando.

Outra compreensão para arquivo é dada no texto *Michel Foucault Explica seu Último Livro* (1969), no qual o autor comenta elementos d’A *Arqueologia do Saber* (1969), apresentando uma descrição para o termo. Eis:

Por arquivo, entendo o conjunto de discursos efetivamente pronunciados: e esse conjunto é considerado não somente como um conjunto de acontecimentos que teriam ocorrido uma vez por todas e que permaneceriam em suspenso, nos limbos ou no purgatório da história, mas também um conjunto que continua a funcionar, a se transformar através da história, possibilitando o surgimento de outros discursos. (FOUCAULT, 2015b, p. 151).

Na ideia de continuação dos discursos e a possibilidade de surgimento de outros, encontro oportunidade de abertura para uma ressignificação de arquivo.

Tratando ainda o arquivo como um conjunto em funcionamento, outra significação é proposta por Revel (2011), ao sugerir uma mudança de *status* no sentido do termo, baseada num comentário de Foucault sobre trabalhos realizados com historiadores (com *Pierre Rivière*, em 1973; *L'impossible prison*, sob a direção de Michelle Perrot, em 1978; ou com Arlette Farge em *Le Désordre des Familles*, em 1982). Acerca desse último, Farge comenta sobre o *corpus* do trabalho realizado entre **h**istória e **f**ilosofia, entre a autora e Foucault, possibilitando outro modo de examinar arquivo. Segundo Farge, nessa conjunção, não há a renúncia de uma análise ^{minuciosa} dos arquivos, há sim a possibilidade de inseri-los em um conjunto ^{teórico} e com isso “[...] articular um mundo de arquivos com um mundo de ideias, evitar recortar as práticas sociais em pedacinhos, [...] foi o que me permitiu encontrar Michel Foucault” (FOUCAULT, 2012a, p. 242). Nesse encontro, possibilidades de exame da história dos pensamentos, a partir da investigação de outras formas de pensar. Outros lugares “onde se ancoram relações de poder” (ARTIÈRES, 2014, p. 141), existências, combinações e métodos. Gestos copiados linha por linha.

O interesse de Foucault pelo arquivo que impulsionou *Le Désordre des Familles* (1982), não coloca à parte a dimensão teórica e política da obra. Não há um esvaziamento do trabalho, muito menos uma redução da abordagem de cientificidade que Foucault realizou ao examinar tal arquivo. “Foucault tinha ficado deslumbrado com a beleza dos arquivos, e foi esse encantamento que o levou a fazer uso livre dele, ^{por assim dizer}, literário”, afirma Artières (2014, p. 138). Trata-se de uma investigação que exemplifica o uso foucaultiano do arquivo.

Outra amostra do que defende Revel (2011), envolve o comentário no qual Foucault expressa sua admiração diante do arquivo do caso Rivière, caso envolvendo um parricídio acontecido no século XIX. No texto de apresentação de *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão* (1973), o

pensador lança mão de expressões como “[...] a beleza do manuscrito de Rivière. Tudo partiu de nossa estupefação” (FOUCAULT, 2013, p. 12), “[...] por uma espécie de veneração e talvez também de terror [...] fomos subjugados pelo parricida de olhos avermelhados” (idem, p. 16), “[...] poderíamos ter analisado o maravilhoso documento de etnologia camponesa” (idem). Termos como “beleza”, “estupefação”, “veneração”, “subjugados” e “maravilhoso” passam pelo campo da subjetividade.

A observação a qual Revel faz referência encontra-se no texto *A vida dos homens infames* (1977), no qual Foucault explica sobre a exumação de manuscritos para a composição de uma antologia baseada em poemas escritos por soldados desertores, vendedoras de roupas de segunda mão, tabeliães e monges vagabundos, conforme exemplo ao lado. Tais manuscritos provêm de uma mesma fonte: arquivos de internamento, da polícia, das petições ao rei e das cartas régias com ordem de prisão, com datas entre 1660-1670 (FOUCAULT, 2015a). Nesse comentário, ao discorrer sobre os materiais analisados, Foucault elenca suas escolhas tendo como regra mais importante o seu gosto. Para amparar a escolha pelo gosto, traz outros sentimentos à tona, assinalando suas afetações:

A escolha que nele se encontrará não seguiu outra regra mais importante do que meu gosto, meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou qualquer sentimento, do qual teria dificuldades, talvez, em justificar a intensidade, agora que o primeiro momento da descoberta passou. (FOUCAULT, 2015a, p. 199).

Assim, por conta dessa dimensão subjetiva de Foucault em seus escritos, sinalizando o arquivo “mais

“Abatido sob o peso da mais excessiva dor, Duchesne, funcionário subalterno, ousa, com uma humilde e respeitosa confiança, lançar-se aos pés de Vossa Majestade para implorar sua justiça contra a mais malvada de todas as mulheres ...
Que esperança não deve conceber o desventurado que, encontrando-se em estado miserável, recorre à Vossa Majestade depois de haver esgotado todas as suas vias de doçura, admoestações e deferência para reconduzir a seu dever uma mulher despojada de qualquer sentimento de religião, de honra, de probidade e mesmo de humanidade?
Tal é, *Siré*, o estado infeliz que que ousa fazer ressoar sua queixosa voz nas orelhas de Vossa Majestade”.

(FOUCAULT, 2015a, p. 207).

como marca de existência do que como produção discursiva”, conforme descreve Revel (2011, p. 13), considero relevante pensar essa escrita portando a referida caracterização. Desse modo, o arquivo que me acompanha insinua marcas e afetações da minha existência.

Arquivização, Arquivo e Imaginação

Arquivização. No itinerário que me conduz para pesquisa e escrita, com intuito de operar com arquivo, me aproximo de *Uma ideia de arquivo: contributos de uma pesquisa educacional* (2019), um artigo de Aquino²⁷, no qual ocorre, inicialmente, uma problematização acerca das pesquisas em educação. Ainda em torno do tema, por conta da emergência e da força das pesquisas pós-críticas, a proposta do autor envolve pensar processos investigativos educacionais com teorizações foucaultianas. É sobre a ideia de arquivo *em e para além* daquelas que Foucault descreveu que Aquino apresenta a *arquivização*.

Em torno do Documentário *No Intenso Agora* (2017) do roteirista, produtor e diretor de cinema João Moreira Salles, no qual a composição narrativa se dá por meio do arquivo de imagens, que Aquino volta seu olhar para trazer a arquivização como procedimento de pesquisa educacional. Destaca que é no movimento de *documentarizar*²⁸ os materiais utilizados que entra a ação

O Documentário *No intenso agora* (2007) foi produzido a partir de fotos do arquivo pessoal da mãe do cineasta, Elisa Moreira Salles, captadas por ela durante diferentes eventos de cunho político que aconteceram na década de 1960.

Eventos como a revolta dos estudantes em Paris [1968], a Primavera de Praga [1968] e registros da fase inicial da Revolução Cultural Proletária de Mao Tse-tung, na China de 1966.

Desse último, foram registradas, sob forma de filmes caseiros, cenas que descrevem momentos intensos vividos pela mãe do diretor.

²⁷Em parceria com Gisela Maria do Val, o artigo foi publicado pela primeira vez em **Pedagogía y Saberes**, Bogotá, v. 49, p. 41-53, jul./dez. 2018, de acordo com Aquino (2019, p. 15). Para essa escrita, opto pela versão do artigo publicada no livro referenciado.

²⁸Segundo Aquino (2019, p. 104), esse neologismo tem a função de diferenciar a ação de documentar, como convencionalmente adotada, daquela ação proposta em documentários filmicos.

do documentarista associada ao trabalho do pesquisador. Os resultantes das duas funções são recriações das realidades daquilo que foi documentado. Realidades que tratam de “uma recomposição tradutória, jamais uma transposição automática, de um conjunto de acontecimentos verídicos [...]” (AQUINO, 2019, p. 109). Realidades imaginadas a partir das leituras de seus arquivistas.

Seguindo a perspectiva foucaultiana, o autor descreve arquivo como uma sistematização textual que faz com que as coisas ditas tenham surgido a partir de “um jogo de relações e de regularidades específicas que caracterizam o nível discursivo” (AQUINO, 2019, p. 107). Desse modo, cabe pensar o arquivo a partir de relações específicas articuladas a outras práticas colocando-o numa esteira de recomposição infinita, possibilitando a um mesmo arquivo várias configurações, tomadas ^{de acordo} com os problemas e as grades de leitura do pesquisador (idem).

Nesse sentido, em relação à arquivização, se vale do fazer cinematográfico para atualizar a ideia de arquivo em Foucault, atualização que envolve uma abertura para a imaginação recriadora. Assim, caracteriza a arquivização como um procedimento investigativo que favorece encontros que superam análises de materiais históricos. Pensa nela como dotada de “potências ativas na qualidade de pontos de inflexão que mobilizam e produzem ressonâncias, dada sua capacidade de produzirem desvio” (AQUINO, 2019, p. 113).

Seguindo pelo viés do cinema como um recurso para caracterizar a arquivização, e essa ser acolhida como procedimento investigativo, ela a arquivização é comparada a um *thriller* policial, no qual as evidências, ainda que não se mostrem de imediato, estão postas (AQUINO, 2019). Cabe ao investigador, no caso, a investigadora, em sua tarefa arquivística, manusear seu arquivo, mapear encontros e afastamentos das coisas que comporta, interrogar suas fontes, encontrar brechas que possibilitem o desvio, o imaginário.

Outra significação para arquivo é apresentada por Farge (2017). Na descrição da autora, arquivo é tomado como:

[...] uma brecha temporal no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele tudo se focaliza, em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente vistos pela história, a não ser que um

dia decidam se unir em massa e construir aquilo que mais tarde se chamará história. O arquivo não escreve páginas de história. Descreve com as palavras do dia a dia, e no mesmo tom, o irrisório e o trágico [...] (FARGE, 2017, p. 14).

Tal espaço temporal se qualifica como “um território fundamental das narrativas históricas” (AQUINO, 2019, p. 108), e adentrar por essa brecha pode provocar a desconstrução tanto das certezas garantidas como dos saberes dominantes (idem). Ainda, insinuar-se por ela ^{pela brecha} traz a compreensão de que o arquivo é examinado sob um ponto de vista e o resultante desse estudo emergirá pelo modo como se lida com o entrelaçamento de suas tramas e possíveis relações com a atualidade. Soma-se ao enfoque dado ^{pela pesquisadora}, as afetações e as emoções. Trabalhar com arquivo e se deixar inundar por ele, tal como acontecia com Foucault, é reconhecer que:

[...] o arquivo é excesso de sentido quando aquele que o lê sente a beleza, o assombro e um certo abalo emocional. Esse lugar é secreto, diferente para cada um, porém, em todo o itinerário ocorrem encontros que facilitam o acesso a ele e, sobretudo, à sua expressão. [...] quem tem o sabor do arquivo procura arrancar um sentido adicional dos fragmentos de frases encontradas; a emoção é instrumento a mais para polir a pedra, a do passado, a do silêncio. (FARGE, 2017, p. 37).

Na correnteza das ideias de Aquino e de Farge sobre arquivização e arquivo, destaco por ora alguns elementos que podem ser pensados e relacionados com o caminho metodológico que busco para alicerçar essa escrita.

Ao juntar a imaginação recriadora com arquivo, possibilitando a arquivização, encontro na proposta de Aquino o vetor potente de um elo patafísico por se tratar de uma investigação acerca da possibilidade de uma neociência que tem como base de construção a *ciência de soluções imaginárias* pensada por Jarry. Pois o arquivo em questão não somente fala da imaginação, mas também a faz falar.

Nessa movimentação, junto o papel da imaginação descrita por Bachelard²⁹, para quem o imaginário resultante da imaginação manifestado em mitos, sonhos, criações poéticas e outros produtos são partes complementares da ciência. Além disso, tais feitos do imaginário servem como testemunhos de que “o homem, antes de ser cientista, é poeta, ou seja, atividade onírica e mitopoética” (ABBAGANO, 2007, p. 622). Sobre a força da imaginação, que por vezes pode ser zombeteira, literária, científica, divertida (a imaginação que quer se divertir) e ubuesca, por que não? Bachelard a trata para além do seu significado etimológico, ou seja, pensa a imaginação naquilo que ela não é. Eis:

A imaginação [...] é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. Um homem é um homem na proporção em que é um super-homem. [...] A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão. Verá se tiver "visões". Terá visões se se educar com devaneios antes de educar-se com experiências, se as experiências vierem depois como provas de seus devaneios. (BACHELARD, 1997, p. 17-18 grifos do autor).

Para Foucault (2014b, p. 127), o modo como o “Sr. Bachelard, melhor que ninguém” descreve o imaginário capta a relação de intimidade e dinamicidade entre a imaginação e a percepção, no que envolve a transmutação que ocorre entre o objeto que percebo e aquele que contemplo. Além disso, o imaginário, que não pode ser definido como um modo da irrealidade, como algo falso ou ilusório, possibilita um lugar para a existência da própria presença naquilo que se imagina. Dessa presença, algumas dimensões se potencializam, uma vez que:

No movimento da imaginação, é sempre eu mesmo que eu irrealizo como presença neste mundo; e experimento o mundo (não um outro, mas este mesmo) como inteiramente novo para minha presença, penetrado por ela e me pertencendo como coisa particular e, através desse mundo que não é senão cosmogonia de minha existência, posso encontrar a trajetória total de minha liberdade, dominar todas as suas direções e totalizá-la como curva de meu destino. (FOUCAULT, 2014b, p. 124-125).

²⁹ A descrição da imaginação segundo Bachelard é uma síntese dos escritos do autor em quatro obras: 1) *A psicanálise do fogo* (1938); 2) *A água e os sonhos* (1943); 3) *A poética do espaço* (1957) e 4) *A poética do devaneio* (1960), conforme Abbagnano (2007, p. 622).

Nesse sentido, a percepção, mesmo permanecendo percepção, torna-se imaginário. Como esse imaginário se anuncia? Ele pode se dar nas minhas palavras e nos meus sentimentos, num diálogo ou amizade imaginados. Ou ainda, em toda a parte em que minha obstinação mima as coisas simples, num desejo desejante, num sonhar-me sonhando, num visar a mim mesma como um movimento de liberdade ancorado nesse mundo. Assim, pode se aparentar na escrita daquilo que me afetou, que permaneceu e que me faz pensar. Especular.

Ainda sobre os escritos de Bachelard acerca da imaginação, Dinarte e Corazza (2017) ressaltam a potência dessa para uma investigação no campo educacional. Para Bachelard, a ciência e a poesia juntas impulsionam a imaginação para a possibilidade de criação de outros mundos, por conta do seu poder de crítica e de requalificação do pensamento filosófico, pensamento que produz novas realidades, “[...] entendemos a potência do pensamento bachelardiano, no sentido de fazer da investigação científica uma afirmação do pensamento, do instante e do novo” (DINARTE, CORAZZA, 2017, p. 103-104).

Outros pontos sobre arquivo também encontram ressonâncias nesse estudo. Por exemplo, a caracterização apresentada por Farge (2017), na qual as narrativas sobre as personagens envolvem a vida cotidiana, e que descrevem no mesmo tom tanto o irrisório como o trágico, ecoa no discurso que abarca o poder ubuesco. Por conta do humor às avessas, lembrado pelo tom sarcástico e grosseiro que carrega. Desses encontros, surgem possibilidades para ensaiar uma aproximação entre arquivo, arquivização, imaginação, poder ubuesco e ‘Patafísica. Em vista disso, especular sobre uma neociência, ^{num trabalho de invenção}, pensando com Foucault e Jarry.



A respeito do Inventário das Especulações Imaginárias

[...] não é possível a nós descrever nosso próprio arquivo, já que é no interior de suas regras que falamos, já que é ele que dá ao que podemos dizer - e a ele próprio, objeto de nosso discurso - seus modos de aparecimento, suas formas de existência e de coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de desaparecimento. (FOUCAULT, 2020, p. 159).

Seguindo pelo caminho metodológico como um modo de lidar com o encontro entre a pesquisadora e o objeto de estudo, faço um registro ^{um inventário} das composições que constituem o ^{meu} arquivo. Arquivo que dá vida para ^{minha} pesquisa. Que me caracteriza como uma arquivista, como a “mão que coleciona e classifica”, conforme Farge (2017, p. 11). Arquivista com a função também de ser capaz de remontar tal arquivo, e ^{interrogando-o} mostrar paradoxos, relações de força, ressonâncias. Por conta disso, não se trata de um arquivo fixo, fechado. Na experimentação dos pensamentos, o arquivo é dinâmico com possibilidades para estranhamentos, questionamentos e desconfiças. Dele outros rumos podem surgir. Outros arquivos. Outras inspirações. Pois, está aberto para a imaginação recriadora, para ser diferente do que era antes. Nessa diferença, a qualificação da arquivização.

Inventariar o arquivo que disponho se aproxima dos estudos de Ferraz e Bello (2020), que pensam essa tarefa como ação criadora, como uma prática que se agrega ao procedimento metodológico de pesquisa. Por meio dessa ação, tem-se a produção de um ^{variado} acervo que traz em si conhecimentos de diversas áreas e saberes de ^{diversas} experiências. Muito mais que uma listagem, o inventário pode ser pensado como:

[...] modo de aproximar e produzir documentos, tornando o próprio inventário um documento feito de multiplicidades. No inventário é possível observar as produções do próprio pesquisador ou de outros aos quais o pesquisador se propõe a observar, e assim buscar entender do que se trata e quais as possibilidades apresentadas por esses documentos e/ou pelo inventário em si. É inegável sua importância como documento de registro que reúne tudo aquilo que tantas vezes

nem se lembra que foi criado, experienciado, vivido e/ou produzido por outro alguém e/ou instituição. (FERRAZ, BELLO, 2020, p. 310-311).

Seguem, assim, em dinâmica de arquivização das coisas ditas, breves descrições dos textos, livros *de* e *sobre* os escritos de Foucault e Jarry, na tentativa de uma prosa ^{imaginária} com inspiração em seus pensamentos. Especulações. Além disso, entram no inventário figuras, desenhos, fotografias e outras imagens com as quais busco não somente ilustrar as coisas ditas e escritas, mas com elas também provocar atravessamentos imaginários e afetos patafísicos. Imagens dispostas como recursos à imaginação, para “dar às palavras novas liberdades” (BARROS, 2010, p. 459). Alguns desses itens já foram mencionados. ^{Reforço-os.}

Sobre o modo da disposição ou ordenação dos materiais no inventário, Ferraz e Bello (2020, p. 322-324), consideram que cada um pode organizá-los ^{a seu modo} e que as “escolhas por determinadas estratégias dizem sobre o modo como compreendemos e como produzimos conhecimento acerca do tema que buscamos investigar”. Ou seja, ^{de certo modo}, ao olhar e relacionar meus materiais, emerge a possibilidade de uma realização de um inventário de ^{mim} mesma. Ao mesmo tempo, nessa ação, posso mostrar um pouco do percurso da pesquisa, das linhas de variação e intensidades.

Por isso, a maneira escolhida para o inventário do arquivo não tem a ver com prioridades ou ^{feitio de} aparecimento. O estilo escolhido é somente mais um jeito de organizar, dentre tantos outros que poderiam ser. Nesse instante, faço valer a citação que abre essa seção. Não tenho como descrever completamente o meu próprio arquivo, uma vez que ele é indescritível em sua totalidade e se dá por fragmentos, regiões e possibilidades. Falar dele, por ele e com ele talvez só seja alcançável durante o seu uso, ^{sua análise}. Ou seja, no exercício da função de pesquisadora. Então, pela maneira que o apresento, conto sobre ele, simbolizando os afetos de sua existência.

Inventário

De Foucault, seleciono materiais que abordam as ferramentas analíticas que me auxiliam a pensar essa escrita. Alguns são textos que fazem parte dos seus *Ditos e Escritos*, outros são livros que abordam temas com certas especificidades. Desses materiais, alguns são livros que estão sob a forma de coletânea de suas aulas dos cursos oferecidos no *Collège de France* ou no formato de entrevistas. Outros ainda são resultantes de estudos realizados pelo pensador.

É n'Os *Anormais* (1974-1975) que o autor oferece descrições do poder ubuesco. Por conta disso, as aulas que constituem essa obra fazem parte do meu arquivo desde a escrita da Dissertação (DALMORO, 2019). Especialmente, é sobre as caracterizações do poder ubuesco, a partir das propriedades do discurso que o abarca, tal como mencionadas por Foucault (2010a), que tenho alicerçado meus pensamentos de/para escrita desde o ano de 2017.

Para dar conta de pensar o arquivo e, por conseguinte, a arquivização como procedimento metodológico da pesquisa, elenco dentre as produções foucaultianas a obra *A Arqueologia do Saber* (1969). É dessa obra também que busco elementos iniciantes para analisar práticas discursivas, seus objetos e atravessamentos de saberes localizados em regiões de cientificidade. Na interrogação de seus direitos ou suas legitimidades, imaginar possibilidades para pensar, descrever ou até inventar uma neociência. Para essa função, me ocupo das caracterizações sobre o saber, apresentadas por Foucault (2020), no capítulo denominado *Ciência e Saber*, integrante d'*Arqueologia ...* (1969).

Ainda sobre arquivo, relaciono os textos *A vida dos Homens Infames* (1977), *Michel Foucault explica seu último livro* (1969) e *O Nascimento do Mundo* (1969). Tanto na obra supracitada como nos textos selecionados, há significações variadas para arquivo. Significações que o compreendem desde a perspectiva de um sistema de funcionamento das práticas discursivas como também lidam com a comoção do autor sobre seus materiais de estudo.

De Jarry, o arquivo que me acompanha é:

1) *Ubu-Rei* (1896 – obra que conta as peripécias do Pai Ubu).

2) *The Ubu Plays: Ubu Rex* (1896), *Ubu Cuckolded* (1897), *Ubu Enchained* (1900) – são peças que contam sobre Pai Ubu tomando o governo da Polônia, se autodeclarando Rei Ubu, como também se apresentando como Doutor em ‘Patafísica.

3) *Ubu: Ubu Re, Ubu Cornutto, Ubu Incatenato, Ubu sulla Collina*. Edição em italiano com as quatro peças que compõem o ciclo de comédias sobre Ubu. Dos quatro Ubus, somente *Ubu-Rei* (1896) possui tradução para o português brasileiro.

4) *Ubú en bicicleta*. Edição em espanhol que conta sobre os escritos velocípedes de Jarry. São escritos que descrevem a paixão do autor pela bicicleta que ao girar – quando pedalamos – proporciona impressões visuais que não retemos – por conta da rapidez do giro – e que servem sobretudo para viver e não pensar.

5) *Ubu Roi: suivi de Ubu Enchaîné et Ubu Cocu*. Edição francesa contando sobre as peças *Ubu-Rei* (1896), *Ubu acorrentado* (1900) e *Ubu cornudo* (1897). A obra contém ilustrações de Joan Miró. Contam que Miró, além de admirar Jarry como pessoa, era muito fã de sua obra. Alguns Ubus de Miró enfeitam essa escrita.

6) *Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician: a neo-scientific novel* (1911) – obra póstuma – nela há a descrição da ‘Patafísica e as artimanhas do Dr. Faustroll, patafísico. Obra considerada filosófica.

7) *‘Patafísica junto com Especulaciones* (2016) – especulações jarrynianas e textos de comentadores de sua obra.

8) *‘Patafísica: építones, recetas, instrumentos y lecciones de aparato* (2016) – especulações jarrynianas e textos de alguns membros ilustres do *Collège de la ‘Pataphysique* em Paris.

9) *O Supermacho: romance moderno* (1902) – contém a invenção jarryniana da *máquina do amor*. Obra que inicia com a seguinte provocação: “fazer amor é um ato sem importância, já que se pode repeti-lo indefinidamente” (JARRY, 2016, p. 9). Pois, “fazer amor com frequência toma o tempo de experimentar o amor” (idem, p. 139). Trata-se [*O Supermacho ...*] de uma contraposição ao Super-homem nietzschiano, conforme Tostes (2022).

10) *Antología* (1981) – coletânea de escritos poéticos jarrynianos.

11) *Messalina: romance da Roma antiga* (1901) – segundo romance da trilogia amor e morte, precedido por *O amor absoluto* (1899) e *O Supermacho* (1902) – Messalina, nome que virou adjetivo. Roma, anagrama de amor.

12) *Les minutes de sable: Mémorial* (1894). Livrementemente traduzido por *Minutos de areia: Memorial*. Trata-se de uma série de textos nos quais estão presentes e fazem parte de um jogo: razão, irracionalidade, humor e delírio intencional ou não, controlado ou não. Anunciado³⁰ como um anteprojeto de *Ubu-Rei* (1896).

A partir desse momento inventario estudos guardados que estão sob a forma de artigos, trabalhos resultantes de pesquisas, como Dissertações e Teses que envolvem tanto a perspectiva filosófica foucaultiana como as produções imaginárias jarrynianas. São devaneios arquivados que possibilitam experiências de pensamentos. Experiências que se prolongam a cada nova consulta. Consultas que carecem da leitura lenta. Nesse sentido, operar com arquivo envolve a “paciência de leitura”, como sugere Farge (2017, p. 59).

Para pensar o procedimento metodológico do estudo, enfatizo o artigo de Aquino (2019), intitulado *Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional*, presente na obra *Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar, escrever com Foucault*. Obra que contém textos do autor publicados em segmentos diversos, com suas leituras, estudos e pensamentos. Trata das realizações de um arquivador. Dessa função resulta um livro-arquivo no qual “habitam silêncios e

³⁰ De acordo com a publicação no site da Editora Grasset. Disponível em: <https://www.grasset.fr/livres/les-minutes-de-sable-memorial-9782246172222> Acesso em 01/08/21.

cansaços, pausas e ausências, que vertebram a imaginação daquele que o escreveu [...] um livre pensador”, conforme descreve Corazza (2019, p. 9).

Da perspectiva deleuziana sobre a ‘Patafísica, seu inventor e possíveis implicações filosóficas, relaciono os dois artigos que despertaram minha curiosidade sobre a temática. Repito os títulos: *Ao criar a Patafísica, Jarry abriu caminho para a Fenomenologia* (1964) e *Um precursor desconhecido de Heidegger, Alfred Jarry* (1993). (DELEUZE, 2004; 1997). Somo a esses textos, as obras: *O que é a Filosofia?* (1991) escrita com Felix Guattari – trata das diferenças entre as atividades filosóficas, científicas e artísticas –, e o *Abecedário* (1988-1989), contendo a transcrição integral do vídeo com as entrevistas de Deleuze para Claire Parnet.

Outro texto que integra o arquivo é o artigo de Rosa (2018) sob o título *Cenas e artimanhas de Campos de Carvalho, leitor de Jarry*. Nele o autor busca a aproximação entre a noção de ‘Patafísica, a imaginação do “lugar nenhum” da peça *Ubu-Rei* (1896) e elementos do romance *O púcaro búlgaro* (1964) de Campos de Carvalho, leitor de Jarry tal como Foucault? Interessa, num primeiro momento, saber como Rosa descreve tais aproximações e, com isso, especular achegamentos para pensar uma neociência.

Para compreender a ‘Patafísica, buscando saber mais sobre seu inventor, opto por algumas obras que apresentam um pouco da vida de Jarry e alguns ensaios que podem ser considerados nesse momento como objetos patafísicos. A seleção desses materiais ocorre por conta da abordagem utilizada na escrita pelos respectivos autores. Ou seja, pelo modo como contam sobre a ‘Patafísica, seus feitos e efeitos, compondo novos territórios para a *ciência de soluções imaginárias*.

Assim, agrego ao arquivo da pesquisa uma biografia que reconstrói a vida “ubuesca e patafísica” de Alfred Jarry, conforme a apresentação dos editores da obra, escrita por Brotchie (2015), sob o título *Alfred Jarry, a pataphysical life*.

Incluo nessa listagem um guia sobre a ‘Patafísica, ainda que possa ser considerado um “guia inútil” de acordo com uma tradução livre do título, sob a alcunha de *‘Pataphysics, a useless guide*, escrito por Hugill (2018).

Faz parte também da relação a obra *Pataphysical essays*, contendo ensaios do poeta e filósofo francês Daumal (2012), um dos primeiros a pensar e escrever patafisicamente. Um exemplo dessa escrita patafísica tem a ver com o modo pelo qual, ao longo da vida, Daumal se dedicou a pensar a morte por meio do absurdo, sendo a existência definida a nossa existência como um escândalo. Isso porque quando nos damos conta disso, rimos. Contudo, é um riso terrível diante da evidência de que todas as coisas são arbitrariamente do jeito que são e não de outra forma. Nessa dinâmica, o poeta e filósofo se valeu das lentes da 'Patafísica, de acordo com Vosteen (2012).

Descrevo a seguir estudos selecionados que abordam e se relacionam de algum modo com os elementos em que baseio essa pesquisa. Tais estudos resultam em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Dissertações e Teses e foram selecionados a partir de uma busca no Repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Lume da UFRGS.

Sobre o poder ubuesco, mencionado por Foucault na obra *Os Anormais* (1974-1975), disponho dos artigos que compõem a Dissertação resultante dos meus estudos sobre a temática entre os anos 2017-2019. Esse trabalho está sob o título: *Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana* (DALMORO, 2019). Incluo também o texto presente na obra *(Com)posições pós-estruturalistas em Educação Matemática e Educação em Ciências* (DUARTE, MOURA, SANTOS, 2019), intitulado *O poder ubuesco e suas ressonâncias para as categorias de poder pastoral, soberano e disciplinar* (DALMORO, SANTOS, 2019). Os materiais examinados para a escrita dos referidos trabalhos representam o arquivo do estudo realizado e constituem-se como disparadores da atual pesquisa.

Lançando o termo *patafísica* para busca no Lume, encontro um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma Dissertação e três Teses que de algum modo comentam sobre a *ciência de soluções imaginárias*. Apresento a seguir breve descrição desses estudos.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizado por Finamor (2016). É oriundo da Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança – ESEFID/UFRGS. O Trabalho (TCC) está nomeado *Composição em tempo real e modo operativo and Intuição e Criatividade na Composição Coreográfica* e nele, no que diz respeito a esse estudo, o autor discorre sobre a influência das obras de Jarry para o Surrealismo, o Dadaísmo e o Futurismo. Nessa abordagem, comenta sobre a primeira obra do Teatro do Absurdo, *Ubu-Rei* (1896), como sendo uma das precursoras da *Performance Art*, por conta da produção burlesca da peça. Acerca da 'Patafísica, Finamor (2016) menciona os artigos de Deleuze sobre Jarry ser um “antecedente desconhecido de Heidegger” (DELEUZE apud FINAMOR, 2016, p. 34), pois seria ela a 'Patafísica a superação da metafísica, “a ciência que acrescenta à metafísica, seja em si mesma, seja fora de si [...]” (idem).

A Dissertação relacionada foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Instituto de Artes – IA/UFRGS, sob o título *Piada explicada: Imagem e Humor em uma Pesquisa em Poéticas Visuais*, de autoria de Xavier (2011). O enfoque proposto pela autora, acerca do que é interessante para essa pesquisa, envolve o conceito amplo de humor, com apresentação de duas subcategorias: a ironia e a sátira. Dentro dessas subcategorias é dada ênfase para o absurdo e o nonsense. No tratamento concedido ao conceito de ironia é que a autora comenta sobre a *ciência de soluções imaginárias* e seu inventor:

A Patafísica, bem como a obra de Jarry como um todo, está muito vinculada ao absurdo. Pode-se dizer que o absurdo e o nonsense são derivações extremas da ironia, já que necessariamente [são] compostos por incongruências. (XAVIER, 2011, p.34).

Nesse fluxo, a autora comenta sobre a influência da obra de Jarry para os movimentos artísticos do século XX, tal como o Dadaísmo e o Surrealismo. Tais movimentos emergiram sob um caráter fortemente irônico e manifestado por um tipo de humor absurdo e surreal. Tão absurdo e surreal como o legado jarryniano.

A Tese *O Riso nas Brechas do Siso*, de Lulkin (2007), foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – FACED/UFRGS. Nela são abordados o humor e o riso na Educação sob duas perspectivas. Uma delas envolve tratá-los

como objetos da **h**istória e da **f**ilosofia de acordo com a tradição ocidental. A outra perspectiva é caracterizada pela representação do arquétipo do bufão que se vale do riso e da máscara para dialogar com o professor acompanhando o processo pedagógico. Para tratar sobre o humor, o autor busca em Jarry e na ‘Patafísica elementos para tratar sobre uma neociência do cômico a partir do humor patafísico de Jarry. Humor constante, delirante, paródico. Lulkin defende que a ‘Patafísica, por ser uma ciência que olha o particular de maneira inovadora, desviando-se da noção positivista de ciência, e que autoriza o riso e a sátira como recursos de uma escrita crítica, é apropriada para se tornar uma das possíveis ciências do humor:

[...] Se tivesse que propor uma ciência para compreender os eventos ou incidentes cômicos que surgem nos lugares de educação e espaços escolarizados, eu sugeriria uma atenção à ‘Patafísica [...] A ‘Patafísica, ao trabalhar com as exceções, como bem pode ser o evento cômico ou acidente que provoca o riso, aceita um número infinito de causas. (LULKIN, 2007, p. 93-95).

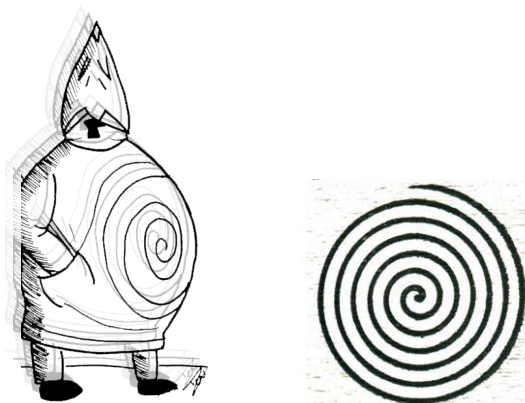
Assim, a partir dos eventos ou incidentes cômicos que se dão nos lugares de educação e espaços escolarizados, para a compreensão de tais eventos, sugere uma ciência do humor. Uma ciência pensada *com* a ‘Patafísica. Uma neociência do cômico.

Outra Tese selecionada foi apresentada por Adó (2013) também para o Programa de Pós-Graduação em Educação – FACED/ UFRGS. Está intitulada *Educação Potencial: autocomédia do intelecto* e vincula-se à Linha de Pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação. Nela o autor lança mão da ‘Patafísica tal como citada e comentada por Deleuze (2004; 1997), para descrever as atividades do Ateliê de Literatura Potencial, o OuLiPo – *Ouvroir de Littérature Potentielle*, fundado sob inspiração jarryniana. Primeiramente chamado de *Seminário de Literatura experimental*, o OuLiPo foi fundado por integrantes do *Collège du Pathaphysique* (Colégio de Patafísica), sociedade formada por admiradores de Alfred Jarry e seus feitos, com o intuito de perpetuar a *ciência* criada pelo dramaturgo francês. Ao modo do OuLiPo o *textotese* de Adó (2013), vale-se de regras inventadas ou reinventadas ao longo do processo de criação para explorar

potencialidades das linguagens para “[...] fazer autocomédia pela descrição de formas informes de um cotidiano em decorrência e hesitante, projeto patafísico, talvez” (ADÓ, 2013, p. 36).

Do Lume também vem a Tese *Uma educação do sentido: poética textuais*, de Cunha (2019). Trata-se de mais um trabalho oriundo do Programa de Pós-Graduação em Educação – FACED/UFRGS e está igualmente vinculado à Linha de Pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação. A escrita traz a problemática da inscrição do sentido na linguagem, com o exame realizado por meio do conceito de hipertextualidade. O autor adota como matéria de estudo as obras *Lógica do sentido*, de Gilles Deleuze, *Experimentos e opiniões do Doutor Faustroll Patafísico*, de Alfred Jarry e *O inominável*, de Samuel Beckett e propõe diferentes perspectivas de acesso às obras estudadas, ora aproximando-as em ressonâncias particulares, ora seguindo caminhos singulares abertos por suas tramas e bifurcações internas. Uma das características da ‘Patafísica listada por Cunha é a ideia de que a ciência do particular não cabe em uma única definição: “[...] a patafísica não é algo que se defina, mas algo que se apodera do próprio exercício da definição para fazê-lo variar” (CUNHA, 2019, p. 66). Assim, o exercício que busca um sentido último para a ‘Patafísica pode ser visto como especulação, como uma espiral interminável que gira sobre si mesma, tal e qual “uma espiral centrípeta (Figura 6) que conclui onde tem que concluir. Nem mais. Nem menos”. (CIPPOLINI, 2016, p. 23). Uma *Gidouille*. A espiral do Ubu.

Figura 6: Barriga espiralada ^{centrífuga} de Ubu



Fonte: [Espirale de la patafísica](#)

Como restante da inserção ao repositório Lume, buscando por Alfred Jarry [ou somente Jarry], encontro onze trabalhos que citam o nome ou sobrenome do autor uma única vez. A menção a Alfred Jarry (Figura 7) ocorre quando se ocupam da sua influência para a emergência tanto do Surrealismo como do Dadaísmo. Além desses, outros dois trabalhos são examinados. Trata-se de trabalhos que contam sobre as atividades de grupos teatrais cujos nomes estão relacionados com o termo *patafísica* e alusivas também a personagem do Rei Ubu.

Figura 7: Ubu na bicicleta



Fonte: Débora Cristina Marini

neociência

...

1. ne.o.ci.ên.ci.a³¹ = do grego *néos*+*ciência* = ciência nova ou moderna.
2. neociência³² = conhecimento novo ou moderno, comumente utilizado para se referir a extraciências³³ e paraciências³⁴.

... um romance neo-científico – seguido de especulações. Esse é o subtítulo da obra na qual a *ciência de soluções imaginárias* é apresentada ao mundo. Ei-lo na íntegra: *Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico – um romance neo-científico – seguido de especulações*³⁵ (1911). Neo-científico, numa espécie de atualização, por conta do lugar que ora ocupa, dá-se na variação *neociência*.

Realizando outra busca no repositório Lume ^{da UFRGS}, dessa vez utilizando o termo *neociência*, encontro somente *O Riso nas Brechas do Siso*, de Lulkin (2007), Tese que aborda o humor e o riso na educação, conforme anteriormente comentado. Recordo que em seu estudo, o autor examina as condições de possibilidade de uma neociência do cômico pensada a partir dos espaços de escolarização. O cômico que se alia ao professor, quando o riso e o humor fazem parte dos processos pedagógicos, sob múltiplas combinações.

Potência ^{e lugar} para esse estudo ...

³¹ Conforme *Michaelis*: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=la98a> Acesso em 30/07/21.

³² Conforme *Dicionário Informal*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/neoci%C3%Aancia/> Acesso em 30/07/21.

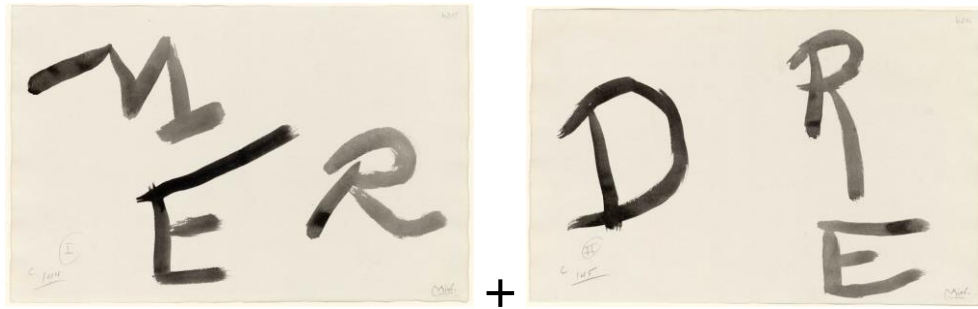
³³ Algo que se resulta da aplicação de métodos extracientíficos. A sobrenaturalidade, a psiquicidade, a sensibilidade e a espiritualidade são extraciências se passarem pelos métodos extracientíficos. Conforme *Dicionário Informal*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/extraci%C3%Aancias/> Acesso em 30/07/21.

³⁴ Termo utilizado para se referir ao estudo de ciências, que não fazem parte das ciências naturais e que não são pseudociências. Filosofia, cultura, religião, espiritualidade, sobrenaturalidade, empatia, sensibilidade, extrafísica e psiquicidade são exemplos de paraciências. *Dicionário Informal*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/paraci%C3%Aancia/> Acesso em 30/07/21.

³⁵ No original, em francês: *Gestes et opinions du Docteur Faustroll, pataphysicien – roman néo-scientifique – suivi de spéculations* (1911)

*Merdre*¹ e representações de Ubu

Figuras 8+ 9: *Merdre*¹



Fonte: [Fundació Joan Miró](#)

*Merdre*¹ Corruptela de *Merde*³⁶. *Merdra* tradução em português para *Merdre* e corruptela de *M*. [...] Expressão escatológica distorcida pronunciada por Ubu na peça *Ubu-Rei* (1896). Trata-se da primeira fala que a personagem pronuncia ao entrar em cena, dia 10 de dezembro de 1896, no Théâtre de l’Ouevre, Paris. “Uma data histórica, a data do grande chute na bunda do teatro tradicional”, de acordo com Rosset (1986, p. 11). Inaugura-se o tempo do teatro de vanguarda. Desde então, *Merdre* = *Merdra* tem sido a saudação utilizada no teatro para desejar sucesso ^{boa sorte} aos atores que entram em cena.

Mer+dre, apresentada nas Figuras 8+9 acima, faz parte da iconografia do Ubu criada por Joan Miró em 1966, e serve como demonstração da maneira que Jarry brincava com palavras e expressões, como transformava “vocábulos comuns em inusitados” (FERNANDES, 2007, p. 17). Nesse brincar, provocava encontros num estilo próprio. Encontros com a imaginação. Em *Les minutes de sable: Mémorial* (1894), descreve um pouco sua escrita: “[...] fazer na estrada das frases um cruzamento de todas as palavras” (JARRY, 2016, p. 7). Palavras cruzadas que se mostram nas falas de suas personagens, como a ‘Patafísica [*Pataphysica*]. Palavras parodiadas por Ubu (Pai, Rei e Doutor em ‘Patafísica) e replicadas por Faustroll (patafísico), por exemplo.

³⁶ *Merde* [mERd] *interj. (vulg.) merda! * *nf.* (vulg.) merda *f.* (LAROUSSE, 2012, p. 204)

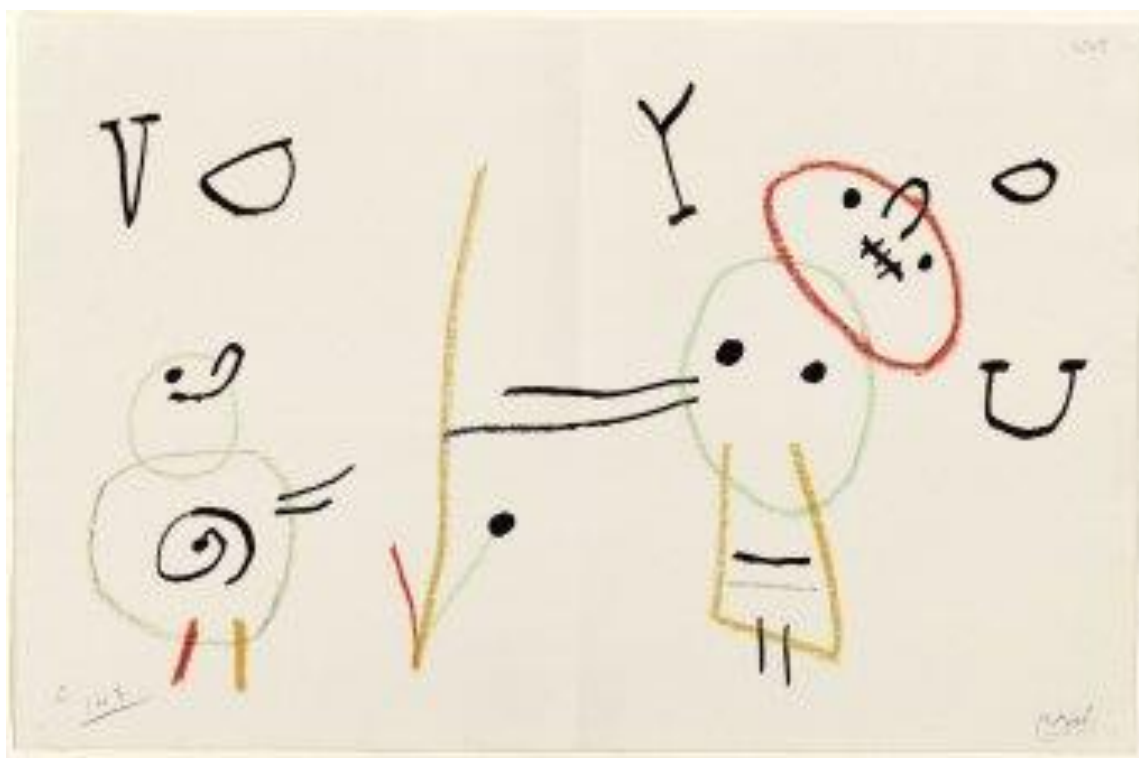
Do percurso do pesquisar, junto a esse arquivo uma Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, situada em Campina Grande (PB). Intitulada *Merdra d'ubulesco: transluciferação do Imago Ubu em Joan Miró*, o estudo de Silva Filho (2015), busca compreender a obra *Ubu-Rei* (1896), a vida e pessoa de seu autor, Alfred Jarry, como também sua personagem-signo Pai Ubu. Além disso, a tese apresenta o *ubulesco*, partindo das imagens de Ubu representadas por Joan Miró. O autor inova ao apresentar o mencionado termo, oriundo do seu correspondente *ubuesco* e recorda o modo como Foucault descreve esse último. Em suas palavras:

Via de regra, é o *ubuesco* usado alhures como sinônimo de poder tirânico e/ou grotesco. Como em Foucault [...] que o relaciona diretamente ao grotesco e à tirania de uma autoridade ridícula; o *ubulesco* para este filósofo, condensa e dá vida a um tipo discursivo “Ubu psiquiátrico penal”, advindo de um “poder-ubu” [...]. Mas sempre unindo no tirano conotações problemáticas advindas da inabilidade ou do “mau” uso do poder. Assim, para Foucault, o *ubuesco* aciona uma “teoria grotesca do poder” [...]. (SILVA FILHO, 2015, p. 16 ^{grifos do autor}).

Na opção pelo novo termo permanecem, segundo o autor, os pontos mencionados por Foucault, e juntam-se elementos que dão condições para a invenção e a replicação do *ubulesco*, elementos como o *farsesco* licencioso, o parodismo satírico e a transluciferação, dentre outros. Ao pesquisar sobre Ubu e suas representações por Miró, defende ainda que “[...] se uma vida é pouco para o artista, uma linguagem é pouco para UBU” (SILVA FILHO, 2015, p. 20). Assim, além da cena teatral, risos e imagens caracterizam Ubu. Outros espaços se abrem para a truculência cômica que segue ao *Merdra*¹

Na correnteza da iconografia de Ubu tal como criadas por Miró que, assim como Marcel Duchamp, era um dos membros do *Collège de 'Pataphysique* criado em 1949 para resguardar a obra e memória de Alfred Jarry, incluo nesse inventário representações da personagem dispostas ao longo da escrita. As duas imagens que seguem são exemplos dessas representações (Figura 10 e Figura 11). Trata-se de dois dos *Ubuses* de Miró.

Figura 10: Ubu de Miró¹



Fonte: [Fundació Joan Miró](#)

Na descrição acima constam criações e estudos que envolvem tanto a perspectiva filosófica foucaultiana como também o imaginário de Jarry. Produções filosóficas e artísticas. Seguindo com a listagem do inventário, uma vez que esse estudo trata sobre especulações de uma neociência – sobre a historização de um saber, seus caminhos e descaminhos –, acresço escritos sobre a ciência oriundos de autores que, de algum modo, confabulam com a Linha de Pesquisa que abriga minha investigação. Além das obras de Foucault e Deleuze mencionadas relaciono a obra de Nietzsche (2017) que analisa a ânsia humana voltada por uma verdadeira ciência, qual seja, *A Gaia Ciência* (1882). O alegre saber. Do autor, utilizo também as obras *Assim falou Zaratustra* (1883), *Além do Bem e do Mal* (1886), *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (1896) e *Humano, demasiado humano* (1878). Uso Nietzsche não somente pela necessidade da pesquisa ^{e da escrita}, uso-o pois sinto a necessidade efetiva ^{e afetiva} da força de suas palavras. Nisso, recordo Foucault:

[...] Quanto a mim, os autores de que gosto, eu os utilizo. O único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o de Nietzsche é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar. Que os comentadores digam se se é fiel ou não, isso não tem o menor interesse". (FOUCAULT, 2018, p. 233).

Opero também com outros autores não menos relevantes para comentar, descrever e problematizar o discurso científico. Ao longo do texto são referenciados. Suas obras e nomes estão na coleção listada em **Arquivo** (Anexos).

Figura 11: Ubu de Miró²



Fonte: [Fundació Joan Miró](#)

A partir do inventário realizado é possível trazer algumas proposições. Uma delas consiste em propor um estudo que analise o papel do humor, da ironia, do grotesco, do ubuesco em práticas ^{discursivas} situadas em região de cientificidade, combinando os elementos apresentados nesse capítulo, elementos sob inspiração foucaultiana-jarryniana. Pensações outras que se aventuram.

Considerando que esses elementos se entrelaçam e que podem produzir efeitos, deriva a possibilidade de uma Tese que pode emergir da especulação dessas implicações e alicerçada nessas especulações, caracterizar uma neociência.

Assim, impulsionada pelo arquivo inventariado, somando aos materiais para verificação de suas potencialidades, passo a operar com a arquivização na escrita inventiva de uma neociência. Inventiva porque, no fim das contas, tudo não passa de uma grande invenção e “tudo que não invento, é falso” (BARROS, 2010, p. 345).



2

DisParaDores

Os Anormais (1974-1975)

escritos da Dissertação

'Patafísica

E
S
P
E
C
U
L
A
Ç
Ã
O

“[...] O homem é um ser a imaginar. Pois, afinal, a função do irreal se dá tanto diante do homem como do cosmos. Que é que conheceríamos do outro se não o imaginássemos? Que requinte de psicologia não experimentamos quando lemos um romancista que inventa o homem e todos os poetas que inventam prestigiosas ampliações do humano! E são todas essas ultrapassagens que vivemos, sem ousar dizê-lo, nos nossos devaneios taciturnos.

Ah, quantos pensamentos indisciplinados e indiscretos no devaneio de um homem sozinho! Que companhia de seres sonhados num devaneio solitário! E o ente mais próximo de nós, o nosso duplo — duplo do nosso ser duplo —, em que projeções cruzadas ele não se anima!

E é assim que conhecemos, nos nossos devaneios lúcidos [...].”

Gaston Bachelard, *A poética do devaneio* (1998)

[BACHELARD, 1988, p. 78]

anormal

1.

Digamos numa palavra que o anormal
(e isso até o fim do século XIX, talvez XX;
lembrem-se dos exames que li para vocês no início)
é no fundo um monstro cotidiano, um monstro banalizado.
O anormal vai continuar sendo, por muito tempo ainda,
algo como um monstro pálido.
É essa figura que gostaria de estudar um pouco³⁷.

2.

Anormal, adj.
Que no responde a la norma.
En cuestiones de pensamiento y conducta
ser indepediente es anormal
y
ser anormal es ser detestado.
En consecuencia,
el autor aconseja parecerse más
al Hombre medio que a uno mismo.
Quien lo consiga obtendrá la paz,
la perspectiva de la muerte
y
*la esperanza del Infierno*³⁸

³⁷ *Os Anormais* (FOUCAULT, 2010a, p. 49)

³⁸ *Diccionario del Diablo* (BIERCE, 1999, p. 15)

II

Imaginação *ubuesca* e a construção da tal **anormalidade**

“O **Saber** não é feito para consolar:
ele decepciona,
inquieta, secciona,
fere³⁹.”

Problemática da anomalia. Esse é o tema das aulas no *Collège de France* ministradas por Foucault entre 08 de janeiro e 19 de março de 1975. Juntas, tais aulas se acomodam na obra do autor intitulada *Os Anormais* (1974-1975). Articuladas, essas aulas comportam o estudo realizado sobre a emergência de um poder de normalização. Nessas aulas também, Foucault apresenta contornos do poder *ubuesco*. Descreve traços de um poder que é capaz de movimentar discursos com valor de cientificidade, com efeitos de verdade, e que tem a ironia como acompanhamento.

Tal caracterização se dá a partir das leituras dos relatórios elaborados envolvendo exames psiquiátricos tocantes à matéria penal. Relatórios que em seus conteúdos apresentam um entrelaçamento entre os saberes médicos, ou científicos em geral, e os saberes dos tribunais, com descrições que remetem ao grotesco, ao *ubuesco*. Ainda, quando entrelaçados, segundo Foucault (2010), esses saberes assumem uma posição de cientificidade e integram o discurso que guarda ao mesmo tempo poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir, por conta do humor ridículo e irônico. Esse jogo de relações mostra o *ubuesco* como uma das engrenagens que fazem parte dos mecanismos de poder. Em suas palavras:

³⁹ FOUCAULT (2015b, p. 267)

[...] Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o “ubuesco” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria empregá-lo nesse sentido. Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, dever-se-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. [...]. (FOUCAULT, 2010a, p. 11).

Uma análise histórico-política do ubuesco, dando enfoque ao poder ubuesco, caracterização, movimentações e possíveis efeitos quando enviesado nas práticas discursivas em torno de questões ambientais compõem um estudo mais alargado resultante numa Dissertação (DALMORO, 2019). Tal estudo também investiga a maximização dos efeitos do poder ubuesco quando esse diagonaliza as categorias de poder disciplinar, soberano e pastoral (DALMORO, SANTOS, 2019). Por ora, para a escrita da Tese reencontro as produções da pesquisa realizada, anotações em cadernos e livros de estudo e – numa imitação de Barros (2010, p. 7) “vou copiar de mim” –, recapitulo a obra foucaultiana com as aulas em torno da formação do conceito de anormalidade. Nesse movimento, com o propósito de buscar o modo pelo qual a imaginação – tentando descrever tal imaginação – se faz presente na emergência da ciência *Psi*, talvez numa variação para a “psiquiatrização” psiquiatria + imaginação, acolho os encontros e desencontros que fazem parte do “Repetir repetir repetir repetir até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo” (BARROS, 2010, p. 300, grifos meus). Desarrumando as frases o melhor que puder, entortando palavras, seguindo a poética inspiradora de Manoel de Barros e do seu *idioleto manoelês*.

Arquivo disparador: entre notas 1

No que envolve a relação de aproximação entre arquivo e imaginação como procedimento metodológico dessa pesquisa, volto para *Os Anormais* (1974-1975), para as onze aulas nas quais Foucault relata os contornos do arquivo disparador que teve como foco a formação do conceito de *anormalidade*, a partir dos três elementos: o monstro, o indisciplinado e o onanista. Na função de arquivista, Foucault transita pelas brechas do próprio arquivo expondo suas relações de força, seus paradoxos e ressonâncias. Apresenta aos seus ouvintes, continuidades

e descontinuidades das práticas discursivas que compuseram o grupo dos *anormais*. Para tanto, descreve e comenta sobre dossiês, manuscritos, textos outros ... “Arquivos imensos, fragmentos da biblioteca imaginária do filósofo Foucault”, segundo Artières (2006, p. 26). Ao modo de Foucault, classifico, recorto e colo alguns desses materiais. Remonto suas notas de pesquisa, entre as **notas de um arquivo 1**.

Os Anormais (1974-1975)

08 de janeiro *de 1975*. Aula introdutória do curso. Leitura de relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal datados entre 1955 e 1974 para apresentar o tema de estudo do curso: a emergência do poder de normalização. Foucault inicia a aula lendo dois desses relatórios, comentando-os. Em seguida, apresenta outro relato de peritos psiquiátricos em matéria penal e chama a atenção para o discurso contido nos textos lidos. No teor desses relatórios, o emprego de expressões que remetem ao grotesco. “Ou, se quiserem, ao ubuesco”. (FOUCAULT, 2010a, p. 11). Ubuesco que diz respeito ao discurso de Ubu. Tanto Ubu burocrata, como Ubu douto.

“Gostaria de começar o curso deste ano lendo-lhes dois relatórios de exame psiquiátrico em matéria penal. Vou lê-los diretamente. O primeiro data de 1955, faz exatos vinte anos. [...] Tanto mais que, se alguns desses exames, o primeiro em particular, diziam respeito, como vocês viram, a um caso relativamente grave, logo relativamente raro, no segundo caso, porém, que data de 1974 (quer dizer, aconteceu ano passado), o que está em jogo é evidentemente o pão de cada dia da justiça penal [...]”. (FOUCAULT, 2010a, p. 3-7).

Nessa aula Foucault comenta também sobre o “caso Goldman”, ocorrido em próximo ao período das aulas. Vale-se de uma situação da época do curso para explicar o funcionamento do princípio da convicção íntima que integra as decisões tomadas pela instituição judiciária que, segundo o autor, constitui-se numa prática que ainda se faz presente no sistema de provas legais.

“No caso Goldman, que acabou de ter desfecho faz umas semanas, se o escândalo estourou no próprio seio da instituição judiciária [...] O que aconteceu no caso Goldman? No fundo, o júri aplicou o princípio da convicção íntima ou, se quiserem, não o aplicou, mas aplicou a própria lei”. (FOUCAULT, 2010a, p. 10).

Traz ainda trechos do relatório do “caso Rivière”, ocorrido em 1836, cujo arquivo foi estudado por Foucault em 1973, para descrever elementos que fazem parte dos exames psiquiátricos, como a reconstituição do crime a partir do relato das testemunhas.

“Aqueles de vocês que examinaram o caso Rivière já veem como, em 1836, era praxe dos psiquiatras e, ao mesmo tempo, das testemunhas cujo depoimento era pedido reconstituir essa série absolutamente ambígua do infrapatológico e do paralegal, ou do parapatológico e do infralegal, que é uma espécie de reconstituição antecipadora, numa cena reduzida, do próprio crime. É para isso que serve o exame psiquiátrico”. (FOUCAULT, 2010a, p. 18).

15 de janeiro de 1975. Nessa aula, Foucault retoma os relatórios dos exames médico-legais da aula anterior ressaltando que o caráter ubuesco que esses textos apresentam envolve a desqualificação do perito psiquiatra como cientista – chamado como tal para atuar –, pois isso o ridiculariza no justo momento em que ele precisa falar ao tribunal sobre alguém que está na posição de réu. Por conta disso, pelo ridículo da sua linguagem, o perito psiquiatra torna-se a própria personagem Ubu. *Persona Ubu*.

Para demonstrar que a desqualificação desse tipo de exame no campo da psiquiatria é permeada de continuidades e descontinuidades apresenta uma das *lettres de cachet*⁴⁰, lendo-a e comentando aos ouvintes sobre a parelha “perversidade e perigo” – com a patologização do crime –, como algo reativado na instituição judiciária. Algo que já tinha desaparecido por conta de uma reforma judiciária no final do século XVIII e que reaparece nos relatórios lidos em aula.

“Mas o que reaparece nessa espécie de regressão, de desqualificação, de decomposição do saber psiquiátrico no exame? O que reaparece é fácil de perceber. É alguma coisa assim, um texto que tomo do século XVIII. É um *placet*, um pedido que foi feito por uma mãe de família para internar seu filho em Bicêtre, no ano de 1758 [*rectius*: 1728]. Tomo o exemplo do trabalho que Christiane Martin está fazendo sobre as *lettres de cachet*. Vocês vão reconhecer exatamente o mesmo tipo de discurso que o atualmente utilizado pelos psiquiatras”. (FOUCAULT, 2010a, p. 32).

22 de janeiro de 1975. Na terceira aula do curso, Foucault anuncia o começo do estudo sobre o que descreveu como “monstro humano”, no sentido

⁴⁰ Carta com timbre real ordenando a prisão ou o desterro de uma pessoa sem julgamento [N. do T.] (FOUCAULT, 2010a, p. 32)

jurídico-biológico. Monstro humano porque interroga os sistemas médico e judiciário ao mesmo tempo. Na eventualidade da anomalia, o ser que tem dois sexos: o monstro hermafrodita. Em torno dos hermafroditas, Foucault comenta sobre a atribuição da monstrosidade que sai do âmbito do natural para a monstrosidade da conduta.

“Todos esses problemas de teratologia jurídica são desenvolvidos num livro interessantíssimo, que me parece absolutamente capital para entender a questão do nascimento e do desenvolvimento do problema jurídico-natural, jurídico-médico do monstro. É um livro de um padre que se chamava Cangiamila. Em 1745, ele publicou um texto que se chama *Traité d’embryologie sacrée*, em que vocês têm a teoria jurídico-natural, jurídico-biológico do monstro”. (FOUCAULT, 2010a, p. 56).

“Assim é que Héricout, em *Les lois ecclésiastiques de France*, publicadas em 1761 [*rectius*: 1771], se refere a uma história que data do início do século XVII. Temos um hermafrodita que é condenado porque – tendo escolhido o sexo masculino – serviu-se, com um homem, de seu outro sexo, e foi queimado por isso. [...] Vou examinar dois casos”. (FOUCAULT, 2010a, p. 58).

29 de janeiro ^{de 1975}. Comentários sobre as condições de possibilidade da emergência do indivíduo criminoso do ponto de vista da moral. O monstro moral. O primeiro deles: o criminoso político. Emergência do monstro jurídico número 1: o rei, o inimigo político. Com traços da monstrosidade, duas figuras são discutidas em aula: o monstro incestuoso – o rei – caracterizado pelo abuso de poder e o monstro antropófago – o povo faminto revoltado – selvagem e canibal. Duas figuras presentes na problemática da individualidade anormal porque são, ao mesmo tempo, incestuosos e antropófagos, e envolvem duas interdições: a alimentar e a sexual. Violentar ^{Matar}. Comer a vítima ^{alimento}. Proibição.

“É a época em que se coloca o problema do rei monstruoso [uma representação caricatural, polêmica, do rei que é criminoso por uma espécie de natureza contranatural, que é unha e carne com ele], é a época em que se escreve toda uma série de livros, verdadeiros anais dos crimes reais, de Ninrode a Luís XVI, de Brunilda a Maria Antonieta. É o livro de Levasseur, por exemplo, sobre os *Tigres couronnés*, as *Effrayantes histoires des crimes horribles que ne sont comuns qu’entre les familles des rois*, que data de 1973 [...] todos esses crimes das realezas, é também a época de Luís XVI e Maria Antonieta, como vocês sabem, representados em todos os panfletos como o casal monstruoso, ávido de sangue, ao mesmo tempo chacal e hiena”. (FOUCAULT, 2010a, p. 82-83).

05 de fevereiro de 1975. O “caso da mulher de Sélestat”, o “caso Papavoine” e o “caso Henriette Cornier” são exemplos de eventos estudados nessa aula. Leitura e comentários dos relatórios que contam sobre as três personagens monstruosas envolvidas nesses feitos, consideradas como fundantes da psiquiatria criminal. Gestos monstruosos que assinalam a passagem do monstro ao anormal. Ausência da razão, a loucura como perigo ^{louco como louco}. Psiquiatria como saber da doença mental. Precaução.

“Primeira história, era o caso da mulher de Sélestat. [...] essa pobre mulher miserável mesmo, matou a filha, cortou-a em pedaços, cozinhou-a e a devorou-a numa época – era em 1817 – em que reinava uma fome grave na Alsácia. [...]” (FOUCAULT, 2010a, p. 94).

“Caso Papavoine, caso importante [...] quando interrogado sobre esse assassinato aparentemente absurdo e sem razão, que era o assassinato de duas crianças que ele não conhecia, ele desenvolveu, ou em todo o caso afirmou, que imaginara reconhecer nelas dois filhos da família real. [...] Resultado, o crime foi inserido na loucura [...]”. (FOUCAULT, 2010a, p. 95).

[...] O que acontece nesse caso Cornier? Uma mulher ainda moça – [...] aparece na casa da vizinha, oferece-se para cuidar da filhinha desta, de dezoito [*rectius*: dezenove] meses. A vizinha hesita, mas acaba aceitando. Henriette Cornier leva a menina para o quarto, corta-lhe o pescoço, fica uns quinze minutos diante do cadáver da menina [...]. Prendem-na e lhe perguntam: ‘Por quê?’ Ela responde: ‘Foi uma ideia’. E não foi possível tirar praticamente mais nada dela”. (FOUCAULT, 2010a, p. 95-96).

12 de fevereiro de 1975. Foucault inicia a sexta aula do curso comentando sobre a noção de instinto como saber-poder, a descoberta desse pela psiquiatria, jurisprudência e pela prática penal. O doente é perigo para si e para os outros: alienado. Disparo da colaboração: medicina-justiça-família-doente. Psiquiatria como técnica de correção e de restituição. Psiquiatria como ciência e técnica dos anormais: indivíduos e condutas.

“Creio que o texto que melhor caracteriza essa importantíssima mutação na relação psiquiatria-família é o de Ulysses Trélat, de 1861, intitulado *La folie lucide*. O livro praticamente começa com as linhas que vou ler para vocês. [...] ‘Com efeito, o doente mental – diz Trélat – é violento, destruidor, injurioso, agressor’. O doente mental ‘mata tudo o que há de bom’. E, terminando o prefácio do livro, Trélat escreve o seguinte: ‘Não escrevi por ódio aos alienados, mas no interesse das famílias’”. (FOUCAULT, 2010a, p. 125-126).

[...] Eis uma descrição que data de 1864. Ela é de Legrand du Saulle, num livro intitulado *La folie devant les tribunaux*. [...] Trata-se de um sujeito chamado Claude C., que ‘nasceu de pais honestos’, mas que denota, desde cedo, uma ‘extraordinária indocilidade’: ‘ele quebrava e destruía com uma espécie de prazer tudo o que lhe caía nas mãos; batia nas crianças da idade dele; [...]’”. (FOUCAULT, 2010a, p. 126).

19 de fevereiro de 1975. Início da análise do campo da anomalia atravessado pelo problema da sexualidade: codificação e policiamento. Interrogações – confissão. Literatura destinada aos confessores. Literatura destinada aos penitentes: pequenos manuais de confissão. Técnicas de penitência. Tecnologia da alma e do corpo. Disciplinamento do corpo útil por mecânicas de poder para torná-lo também um corpo dócil.

“Eu gostaria de tomar dois exemplos. De um lado, um modelo de interrogatório sobre o sexto mandamento que encontramos ainda no início do século XVII, mas num livro – o de Milhard – que é, de certo modo, a prática média comum, não elaborada, ainda bastante arcaica, da penitência. Milhard, em seu *Grande guide des curés*, diz que o interrogatório deve seguir estas questões: simples fornicação, defloração de uma virgem, incesto, rapto, adultério, [...]. Vocês estão vendo que a organização, grosseira aliás, desse interrogatório mostra que o que está em primeira linha, o essencial dos interrogatórios são as grandes faltas, mas as grandes faltas no nível mesmo da relação com outrem [...]”. (FOUCAULT, 2010a, p. 160).

26 de fevereiro de 1975. Na oitava aula do curso, Foucault aborda o tema da qualificação do corpo como carne e da culpabilização do corpo pela carne. Corpo de intensidades múltiplas de prazer e deleitação. Corpo-carne-carne-culpa. Sexualidade e possessão no corpo enfeitado da mulher. Jogo: feiticeira *versus* confessor exorcista. Possessão que provoca convulsão. Tribunal da Inquisição. Manuais para dizer as coisas sem nomear – codificação pudibunda⁴¹ envergonhada da sexualidade. Deslocamento da convulsão como objeto médico privilegiado: doenças dos nervos. Sistema. Nervoso. Patológico. Poder laico da medicina.

“O personagem central, nos fenômenos da possessão, vai ser o confessor, o diretor, o guia. É aí, nos grandes casos de possessão do século XVIII, que vocês vão encontrá-lo: é Gaudfridi em Aix, é Grandier em Loudun. [...] Isso fica bem claro, por exemplo, no caso Loudun, em que vocês têm um representante do clero secular (o padre Grandier) e, diante dele, outros diretores ou confessores que vão intervir, representando o clero regular – primeira dualidade. [...] Ou ainda o seguinte, que também está no protocolo do caso Loudun, tal como vocês podem encontrar no livro de Michel de Certeau que se chama *La possession de Loudun*: ‘No mesmo dia em que fez a profissão, a irmã Agnes, noviça ursulina, foi possuída pelo diabo.’” (FOUCAULT, 2010a, p. 177-179).

“Num manual de confissão da primeira metade do século XVII, que foi redigido por Tamburini e que se chama *Methodus expeditae confessionis* (quer dizer, se não me equivoco, um método de confissão rápida, expressa), encontramos o detalhe do que podia ser, do que devia ser uma boa confissão quanto ao sexto mandamento [...]”. (FOUCAULT, 2010a, p. 187).

⁴¹ No original: “*pudibond*” (FOUCAULT, 2012, p. 155).

05 de março de 1975. Tema da aula: o silenciamento do pequeno masturbador. Em vista da atenuação da indiscrição tagarela sobre o corpo de prazer surgem livros, panfletos, prospectos, textos sobre a masturbação. Campanha antimasturbatória na ordem do dia: espaços escolares e famílias burguesas. Masturbação do jovem masturbador retratada como fabulação científica da doença total, ou seja, como causa possível de todas as doenças possíveis. *O que você fez com sua mão?* Medicalização interna da família. Controle de fora pelo saber e pela técnica dos médicos.

“Eis que, bruscamente – no meio desse grande silenciamento, no meio dessa grande transferência às coisas e ao espaço da tarefa de controlar as almas, os corpos e os desejos –, surge um barulho de fanfarra, começa uma súbita e ruidosa tagarelice, que não vai cessar por mais de um século (isto é, até o fim do século XIX) e que, de uma forma modificada, vai sem dúvida continuar até nossos dias. Em 1720-1725 (não lembro mais), aparece na Inglaterra um livro chamado *Onania*, que é atribuído a Bekker; em meados do século XVIII aparece o famoso livro de Tissot; em 1770-1780, na Alemanha, Basedow, Salzmänn etc. também retomam o grande discurso da masturbação”. (FOUCAULT, 2010a, p. 202).

“[...] Essa literatura é composta de manuais, alguns destinados aos pais. Por exemplo, há mementos do pai de família, que encontramos até por volta de 1860, sobre a maneira de impedirem as crianças de se masturbarem. Há tratados que são, ao contrário, destinados às crianças, aos adolescentes. O mais célebre é o famoso *Livre sans titre*, que não tem título mas contém ilustrações, isto é, de um lado, páginas em que são analisadas todas as consequências desastrosas da masturbação e, na página em face, a fisionomia cada vez mais decomposta, devastada, esquelética e diáfana do jovem masturbador que se esgota”. (FOUCAULT, 2010a, p. 204).

12 de março de 1975. Décima aula do curso. Tema inicial: Engrenagem psiquiátrico-judiciária que envolve a problemática do monstro e do instinto, a problemática do masturbador e da sexualidade infantil. Instinto sexual extravasa naturalmente: meninas e meninos brincam diferente. Psiquiatra: detentor da capacidade em distinguir o crime da loucura. Poder psiquiátrico. Vinculação da Psiquiatria com o poder judiciário. Aberrações sexuais no campo da Psiquiatria: instinto sexual e imaginação ligada a ele. Imagem desenvolve a natureza anormal. Instinto sobre a imaginação e a imaginação sobre o instinto. Psicopatologia sexual. Psiquiatrização para condutas instintivas anormais. Instinto-imaginação-prazer.

“[...] É preciso que a psiquiatria consiga levantar, desenhar a árvore genealógica de todos os distúrbios sexuais. É aí que encontramos, como primeira realização dessa tarefa, os grandes tratados de psicopatologia sexual do século XIX, o primeiro dos quais, como vocês sabem, é a *Psychopathia sexualis* de Heinrich Kaan, publicado em Leipzig em 1844 (que eu saiba, é o primeiro dos tratados de psiquiatria a falar de psicopatologia sexual, mas é o último a falar da sexualidade em latim; infelizmente, nunca foi traduzido, apesar de ser um texto que, tanto quanto meu latim ainda dá para entendê-lo, me interessou muitíssimo)”. (FOUCAULT, 2010a, p. 243).

19 de março de 1975. Última aula do curso. Leitura das anotações sobre o “caso Charles Jouy” e como ele pode ser descrito como exemplo de personagem anormal que mistura os três elementos: o monstro, o masturbador e o indisciplinado. Psiquiatrização de Jouy por meio de sua constelação física e por conta do caráter infantil de sua moral. Face e crânio não simétricos. Tronco e membros carecem de proporção. Psiquiatria como ciência e gestão das anomalias individuais. Em resposta às perguntas feitas pelos tribunais: descrições ubuescas nos relatórios dos exames médico-legais. Literatura trágica. ^{Maluca}. Ubuesca.

“[...] Que isso fizesse parte de uma paisagem até então perfeitamente familiar e tolerada, parece que os próprios psiquiatras reconheceram, já que Bonnet e Bulard dizem em seu relatório: ‘Ele agiu [...] como vemos agir com frequência entre si crianças de sexo diferente; consideramos serem mal-educadas essas crianças em que a vigilância e os bons princípios não temperam [suficientemente - M.F.] as tendências ruins’. Temos aí uma sexualidade infantil aldeã, uma sexualidade ao ar livre, de beira de estrada que a medicina legal está psiquiatrizando despreocupadamente”. (FOUCAULT, 2010a, p. 258).

Fragmentos, regiões e níveis. Desse modo, dá-se o arquivo. Segundo Foucault, não nos é possível descrevê-lo em sua totalidade. Sua descrição, no entanto, abre oportunidades. Vale para o nosso diagnóstico, uma vez que “nos desprende de nossas continuidades” (FOUCAULT, 2020, p. 160) e possibilita interrogar seus elementos, relações múltiplas e rupturas a fim de nos afastar das “nossas próprias práticas discursivas” (idem). Por conta disso, e não somente por isso, não é possível contar exhaustivamente do arquivo foucaultiano da obra *Os Anormais* (1974-1975). Nessa direção, fragmento regiões das aulas do Curso em busca dos materiais que possibilitam o exame da emergência da tal anormalidade. Relatórios dos peritos psiquiátricos em matéria penal, relatos de acontecimentos próximos ao período das aulas, livros – uns mais antigos que outros – estudos em andamento, panfletos, manuscritos, textos outros. Tantas coisas ditas. Lugares

descritos. Eventos ocorridos. Historicidades. Tantas pensações sobre o arquivo, suas múltiplas diferenças e continuidades.

Ainda, em busca das descrições ubuescas mencionadas na primeira aula interrogo o arquivo foucaultiano (DALMORO, SANTOS, 2019). Especulando descrições grotescas que se amarram ao discurso que abarca o poder ubuesco. Descrições que se mostram presentes nas práticas discursivas das quais falou Foucault. Práticas que possibilitam a conjunção dos saberes médicos com o poder judiciário num mecanismo que faz aparecer Ubu. Mostra um poder-Ubu [poder^{ubu}] que faz a maquinaria funcionar. Em suas palavras:

No cerne de um mecanismo em que o poder judiciário cede lugar, com tanta solenidade, ao saber médico, vocês veem que o que aparece é Ubu, ao mesmo tempo ignaro e apavorado, mas que permite, precisamente, a partir daí, que essa mesma maquinaria funcione [...]. (FOUCAULT, 2010a, p. 31-32).

Da curiosidade sobre Ubu e o ubuesco, num desdobramento do arquivo foucaultiano, emerge outro arquivo com a intenção de mostrar a reinvenção do poder ubuesco. Fragmentos de um exercício de pensamento. Pensações a partir de Foucault.

Arquivo disparador: entre notas 2

O que emerge de um arquivo? Outro arquivo? Outras “coisas ditas”? Também. Assim como aparecem temas, ^{ideias} e conceitos – suas variações e usos –, agrupamento de figuras distintas que seguem uma regularidade, por exemplo. Emergem composições que ora brilham mais, ora um pouco menos. Um sistema que existe, que funciona e faz funcionar mecanismos. Sobre arquivo, descrevê-lo em exaustividade ^{conforme dito} não é possível. Interrogá-lo novamente, sim. “Ler os arquivos para desenhar o mapa dos deslocamentos”, escreve Artières (2006, p. 24). Nesse jogo, como fruto da curiosidade filosófica, o arquivo a ser descrito envolve a ^{re}invenção de um conceito. Nisso, para que não se acumulem numa massa amorfa as coisas ditas, e não deixar que a poeira as cubra, outro disparo.

remondo notas da minha escrita. Revisito os cinco artigos da Dissertação. Do Zero ao Cinco, entre as notas de um arquivo 2.

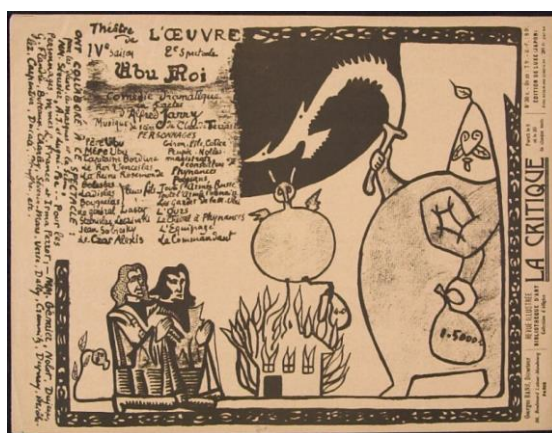
Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana (2019)

Zero. Apresentação da escrita dissertativa e de alguns encontros disparadores. Arquivamentos em construção. *Governamentalidade* e *ubuesco*: entre um e outro. *Um* o conceito a ser examinado. O *outro*, aquele que chamou minha atenção. Curiosa, quis saber. Curta descrição no Houaiss – o Dicionário. Qualificação de situações absurdas, grotescas, arbitrarias. No artigo *de e para* estudo, o encontro com o *poder ubuesco*. A partir dele, e da sua derivação em *mentira ubuesca – mentira invertida*, conforme discorre o autor do texto – abro a tal “caixa de ferramentas” foucaultiana. Primeira leitura de *Os Anormais* (1974-1975). *Ubuesco* deriva de *Ubu*. *Quem* ou *o que é ser Ubu?* Um Pai. Um Rei. Uma peça teatral. Primeira leitura de *Ubu-Rei*. Disparos para uma escrita sob inspiração foucaultiana. Pensações realizadas sobre um arquivo em formação.

“[...] O tal encontro com o Rei aconteceu depois que me deparei com o texto ‘A crise da governamentalidade e o poder ubuesco, de Leme (2008) [...]’”. (DALMORO, 2019, p. 16).

“[...] Capturada fui pela obra *Os Anormais* (1974-1975) e pela peça teatral (Figura 12) que apresenta as artimanhas tirânicas-acovardadas-grotescas de um Rei chamado Ubu, o *Ubu-roi* (1896)”. (idem).

Figura 12: Cartaz da Premiere *Ubu-Roi* (1896)



Fonte: [Fine Arts Museums of San Francisco](https://www.finearts Museums of San Francisco)

Um. Estudar as onze aulas d'Os *Anormais* (1974-1975) para compreender o poder ubuesco, constitui o objetivo do artigo. De que modo Foucault descreve o poder ubuesco? *se o fez*. Qual relação de poder, ou quais relações de poder, envolve? Que discurso essa relação integra, potencializa, interdita? É possível algum modo de resistência? Pois o poder ubuesco integra um discurso que abarca – ao mesmo tempo – poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir. Riso sarcástico. Modo raro de discurso numa sociedade como a nossa. Merece atenção. Derivação de Ubu, o ubuesco pode ser dito como grotesco. Ubu, personificação do grotesco. Incongruente em suas ações, incoerente em suas falas. Incoerência cômica. O humor que incomoda também faz rir. Riso provocado pelas leituras dos relatórios dos peritos psiquiatras em matéria penal. Ubu psiquiatra, diz Foucault. Figuras ubuescas em *Lugar Nenhum* e, como *Lugar Nenhum* pode ser um lugar qualquer, em toda a parte. Mapeamento dos sentidos do poder ubuesco para saber se tal noção pode servir como ferramenta analítica para examinar as práticas discursivas no campo da educação ambiental. Investigação em reportagens publicadas em jornais, televisão e internet. Redes Sociais. Crise ambiental, Acordo de Paris e a “mentira inventada pelos chineses” (Figura 13). Encontro Ubu em outra persona. Encontro Vida. Morte. Verdade. Riso. Cínico e brutal. Exame de possíveis ressonâncias científicas.

Figura 13: Tuíte de Donald Trump



Fonte: Twitter Donald Trump [conta suspensa temporariamente – material arquivado]

Dois. Uma pesquisa e seu método *de* investigação. Contar como a pesquisa se constituiu *pesquisa*, seus atravessamentos e pulsações, tal a proposta do segundo

artigo. Além disso, contar sobre a pesquisa também é pesquisa, faz parte do método adotado. Mapeamento dos deslocamentos do poder ubuesco em método baseado na Cartografia. Acompanhamento dos sentidos da construção da noção foucaultiana. Partindo da experiência sobre aquilo que toca e que acontece: vestígios que permanecem sobre o arquivo examinado. Referenciais teóricos que contam e problematizam o poder ubuesco. Literatura que conta de Ubu – como a peça teatral de Alfred Jarry: *Ubu-Rei* (1896). Investigação sobre o poder ubuesco em práticas discursivas que envolvem questões ambientais. Encontro ironia sobre o discurso científico, declarações grotescas, postagens sarcásticas e ameaças explícitas.

“[...] buscamos na internet, especificamente em uma das redes sociais de Donald Trump, elementos que corroborassem as três propriedades elencadas por Foucault (2010) que compõem o tipo de discurso que abarca o poder ubuesco. Dentre as postagens do presidente norte-americano, as que insultam o ditador norte-coreano Kim Jong-un são as mais contundentes. [...] percebemos a existência de não somente uma personificação do ubuesco, mas de duas”. (DALMORO, 2019, p. 48-49).

Três. Esse artigo consiste em outra imersão nas onze aulas que compõem a obra *Os Anormais* (1974-1975), com o intuito de mapear os sentidos do poder ubuesco apresentados pelo professor Foucault. O poder ubuesco é descrito indiretamente nas duas primeiras aulas do curso. Interessa saber como ele, o poder ubuesco, é tratado ao longo das nove aulas restantes. Como se mostra? Como é exercido? Quais relações envolve? Quais materiais fazem parte do arquivo foucaultiano e que servem de disparadores para o estudo da anormalidade? Qual a potencialidade do apelo ao poder ubuesco nas relações de poder – caracterizadas por estudiosos do pensamento foucaultiano – que envolvem poder disciplinar, pastoral e soberano? E os possíveis efeitos disso nas práticas discursivas em torno das questões ambientais? Perguntas postas, leitura demorada da obra foucaultiana. Menção dos materiais pesquisados: relatórios dos peritos psiquiátricos em matéria penal, manuscritos, dossiês, livros, panfletos, manuais de confissão, textos outros ... Neles, expressões grotescas. ^{Ubuescas.} Personagens que lembram Ubu. Desqualificação dos psiquiatras e, conseqüentemente, da ciência Psi. Maximização dos efeitos do poder [disciplinar,

pastoral, soberano] quando diagonalizados pelo poder ubuesco. Potencialização dos discursos no campo da **educação ambiental**. Poder ubuesco como mecanismo inerente nas engrenagens do poder.

“De acordo com Veiga-Neto [...], a categoria do poder disciplinar apresenta-se como uma espécie de substituição ao poder pastoral e o poder de soberania, por conta de uma carência de ordem política que essas duas categorias de poder comportavam”. (DALMORO, 2019, p. 66).

“Em função de trazer a noção de poder ubuesco para lançar novos olhares sobre a Educação Ambiental nos valem os exemplos dos escritos utilizados pelo professor Foucault nas aulas acima mencionadas como impulsionadores dos discursos a serem examinados acerca da referida educação. Assim, buscamos nos discursos que abordam questões pertinentes ao campo da Educação Ambiental as três propriedades contidas na noção de poder ubuesco que possibilitam o fortalecimento de seus regimes de verdade”. (DALMORO, 2019, p. 69).

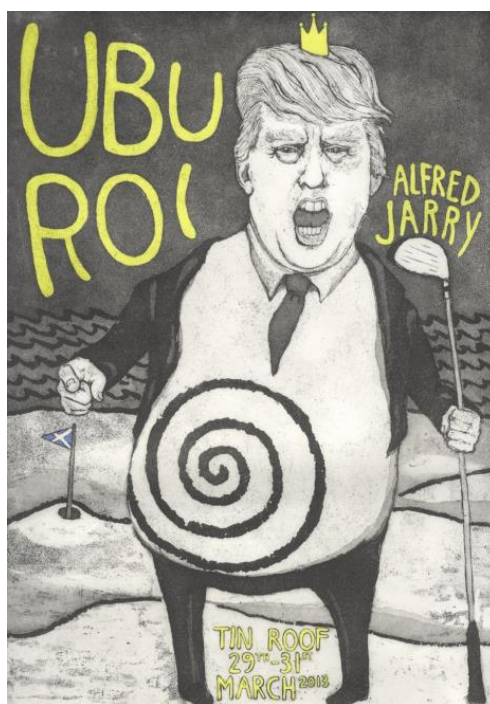
Quatro. Tecer *uma* rede discursiva da **educação ambiental** – a partir de elementos que possibilitam pensá-la – e examinar os possíveis efeitos do discurso que contém o poder ubuesco na trama tecida, se constituem como objetivos do artigo. Rede discursiva tramada a partir dos efeitos da obra *Primavera silenciosa* (1962), de Rachel Carson. As enunciações proferidas em torno da **educação ambiental**, pós publicação da mencionada obra, como reportagens e charges em jornais, documentários e matérias televisivas, além de encontros e eventos que discutiram questões pertinentes ao ambiente, possibilitam a trama da tal rede. Conferências, documentos, objetivos a serem cumpridos, metas a serem atingidas, pronunciações, Acordos, Leis e afins, bem como estudos, pesquisas e saberes que se integram ao campo da Educação Ambiental são alguns dos fios que tecem *uma* rede para esse tipo de educação. *Uma* porque não pretende ser única. Sobre *essa* rede, o exame dos possíveis efeitos do discurso com o poder ubuesco. Aquecimento global. Crise climática. Enunciações com poder de vida e de morte, com poder de verdade. Enunciações que se inserem no âmbito do grotesco. Se valem do apelo ao ridículo. Apelo ao ubuesco. Ironia em relação ao discurso científico. Saberes da ciência que permitem o uso do grotesco, do ubuesco. *Estranhamento*. Que efeitos de verdade produzem? Com aparência de anedota, tais enunciações *merecem* atenção. Quem lê ou estuda Foucault, reconhece

que nem todos riem da mesma coisa. Coisas decisivas podem estar em jogo. Outra derivação do Pai Ubu, um Ubu contemporâneo (Figura 14).

“É sobre o uso descontrolado desses inseticidas [DDT] que Carson (2010) comentou nos dezessete capítulos de Primavera Silenciosa (1962) em que descreveu, a partir de correspondências, as consequências que a utilização exagerada desses produtos vinha causando em rios e lagos, provocando o aparecimento de tumores (em animais e humanos) e a mortandade de peixes [...], contaminando o solo e as árvores, promovendo a extinção de muitas aves, silenciando a primavera”. (DALMORO, 2019, p. 76).

“[...] nesse contexto, surgiram enunciações que chamaram e merecem atenção. Enunciações que foram proferidas pelo [ex] presidente dos EUA, Donald Trump [...] por conta das aproximações com o tipo de discurso que abarca o poder ubuesco. [...] Tem-se, nesse conjunto de coisas, a personificação do Ubu contemporâneo”. (DALMORO, 2019, p. 101).

Figura 14: Ubu contemporâneo



Fonte: [Tin Roof](#)

Cinco. Minúsculo artigo sobre problematizações, inquietações e não-conclusões após o estudo realizado. Daquilo que foi possível examinar, mostro efeitos do poder ubuesco sobre *uma* rede discursiva da **educação ambiental** e possibilidade de outro olhar sobre esse tipo de educação. Poder ubuesco faz parte de um tipo não tão raro de discurso numa sociedade como a nossa. Rememorações do

caminho trilhado ao longo dos cinco artigos da Dissertação, materiais pesquisados, método adotado, encontros ocorridos e pulsações de ideias. Leituras plurais. Pensações. Composição do percurso pelo qual se tem um novo território de sentido para o poder ubuesco. Deslocamento para ^{se} ser diferente do que ^{se} é.

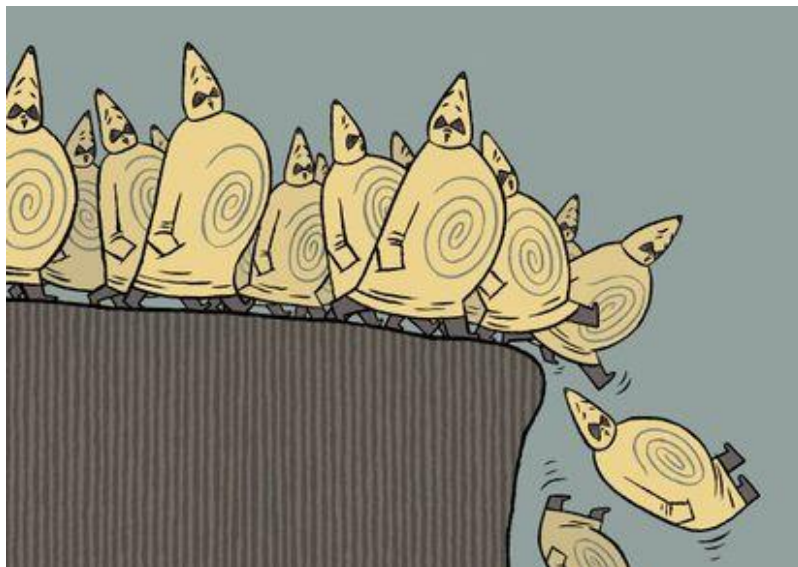
[...] caracterizar a noção de poder ubuesco a partir da obra que impulsionou o adjetivo ubuesco, *Ubu-roi* (1896). Passando pelo modo como foi descrita por Foucault (2010) na obra que permeou esse estudo e retornando ao texto de Leme (2008), cujo título despertou minha curiosidade primeira”. (DALMORO, 2019, p. 106).

Relações de um arquivo. *Jogo de regras*. Trata-se do jogo que “[...] em uma cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento [...]” (FOUCAULT, 2015b, p. 98-99). Desse modo, ao longo da escrita da Dissertação, lido com trechos de reportagens, ilustrações, charges, postagens em redes sociais. Livros. Documentos. Textos outros. Materiais não autônomos, nem suficientes em si mesmos. São elementos de um *corpus* que se apoiam ^{uns nos outros} para tratar da *re*invenção de um conceito, o poder ubuesco. Suas relações e experimentações descritivas circunscritas em uma região de cientificidade: das questões ambientais. Obedecem a uma escolha: um recorte nas práticas discursivas em torno de tais questões que se valem do grotesco ^{do ubuesco}. Práticas ligadas entre si. “Analiso o espaço em que falo”, tal qual Foucault (2015b, p. 100). Desfaço. Recomponho. *Conto*.

Articulo, a partir das interrogações ao arquivo, das regras que possibilitam a sua descrição e com elas construir um sistema de relações, problemáticas outras levantadas a partir da esfera ^{irônica} em torno das questões ambientais. Estranhamentos diante dos discursos da ciência que se valem do ubuesco servem para nos provocar diante dos saberes ^{ditos} legítimos, propagados como verdadeiros. Como nos constituímos a partir desses saberes? Fazem pensar nossas condutas. Ditam nosso estilo de vida. Provoações. ^{Incomodações}. Efeitos do poder ubuesco sobre ciência e suas práticas discursivas. Transbordamento de Ubus (Figura 15) e seus discursos em regiões de cientificidade. Transbordamento esse que se imagina como disparo, que se qualifica como força que dá potência a outra pesquisa, como uma “[...] linha de fuga do pensamento, que se espraia sobre

alguma coisa antes não pensada, dando uma nova maneira de olhar aos transcorreres de uma vida”, conforme Zordan (2011, p. 4247). Pensações disparadoras.

Figura 15: Ubus



Fonte: [Ilustração de Max](#)

Os Anormais e ciência Psi: especulações sobre imaginação ubuesca

Para além do estudo do ^{dito} indivíduo delinquente, embasado pela análise das transformações do exame psiquiátrico em matéria penal até a sua descrição diagnosticada – a *anormalidade* –, o curso *Os Anormais* (1974-1975) ocupa-se do poder de normalização e a formação de um saber: a *psiquiatria*. Psiquiatria como ciência das condutas normais e anormais. Uma vez que, a partir do diagnóstico e da medicalização do anormal, a psiquiatria toma para si a função de proteger a sociedade ^{desse indivíduo}. No papel de defesa social, é tida como “[...] ciência e gestão das anomalias individuais” (FOUCAULT, 2010a, p. 277). Pelo exame que passa por gestos e comportamentos: psiquiatrização. Síndromes, sintomas e excentricidades em anomalias. Psiquiatria como saber médico e saber científico.

Psicologia. Psiquiatria. Psicanálise. Psicopatologia ... derivações da **ciência Psi** [ciência^{psi}]. Agrupam-se nessa formação, acrescentando aos materiais do arquivo sobre o qual Foucault (2010a) trabalhou, estudo das instituições, discursos e saberes outros situados em torno de uma região de cientificidade: ciência Psi. Práticas discursivas que remetem a um modo de fazer ciência, variando conforme suas ^{diferentes} formações, dentro de um campo de saber.

Para compreender como uma ciência se inscreve como tal, e funciona em relação ao saber, é preciso mostrar como *as coisas* acontecem. Segundo o autor, de modo diverso, as psicologias do final do século XIX tomam emprestado das ciências da natureza seu estilo de objetividade e, ^{a partir disso}, buscam em seus métodos, seu próprio esquema de análise. Lidam com determinação de relações quantitativas, elaboração de leis que se oferecem como funções matemáticas, construção de hipóteses e verificação experimental. ^{Uma rigorosa exatidão}. Nesse alinhamento com as ciências da natureza, uma exatidão inconveniente. Pois o ser humano não cabe mais na ordem da natureza, não cabe mais falar a partir da sua essência (FOUCAULT, 2014b). De que modo, pesquisa e psicologias se relacionam como ciência, então? O que dá às psicologias *status* de ciência? Como atender as exigências de uma pesquisa ^{dita} científica, no campo das psicologias? Sobre um modelo objetivo de resposta à pesquisa psicológica, descreve Foucault:

[...] Alcança-se aqui a nata da pesquisa psicológica: uma pesquisa que demonstra a si mesmo seu próprio caráter científico mediante o jogo de métodos e de conceitos emprestados de outros domínios científicos, cuja objetividade interna ela, assim, destrói. Portanto, não há objetividade autóctone na pesquisa psicológica, mas apenas modelos transpostos de objetividades vizinhas e que cingem, do exterior, o espaço de jogo dos mitos de uma psicologia que precisa de objetividade, e cujo trabalho efetivo é a destruição secreta e silenciosa dessas objetividades. (FOUCAULT, 2011, p. 136).

Em linhas gerais, para o autor, a psicologia possível passa pela análise das condições de existência humana e pela retomada daquilo que é mais humano em nós, nossa história. Uma psicologia que considera nossas contradições, nossas

negatividades. Sem forçar uma exatidão ou garantias efetivas da validade de seus conceitos. Sem forçar objetividades exaustivas.

Num modo de compreender a maneira investigativa das psicologias, referenciada na citação ^{acima}, retomo *Os Anormais* (1974-1975), relacionando fragmentos das aulas de 08 e 15 de Janeiro de 1975 ^{as duas primeiras do curso}, como exemplificações que interessam a esse estudo – pois é nessas aulas que Foucault refere-se à categoria do *ubuesco* como “uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder” (FOUCAULT, 2010a, p. 11). Tais fragmentos são tomados emprestados de modelos científicos de outros domínios, são utilizados termos que falam das regiões de cientificidade. Termos que, de algum modo, tendem a validar um discurso científico. As notas a seguir, listadas no **Quadro 1**, sob a denominação de uma citação *ubusiana*, são extraídas ora dos materiais que compõem o arquivo foucaultiano, ora dos comentários realizados pelo autor ^{sobre esses materiais}.

Quadro 1: “SÃO OS UBUS QUE ESTÃO CHEGANDO.” (Ubu-Rei, Ato 5, cena II)

Notas ordinárias em regiões de cientificidade	<i>Os Anormais</i> (1974-1975)
Hipótese – representação: relatório de exame psiquiátrico em matéria penal.	“[...] raciocinaremos com a hipótese [...]. Nessa hipótese, portanto, eis como nós representaríamos as coisas e os atores. [...] (FOUCAULT, 2010a, p. 03)
Questão – problema: relatório de exame psiquiátrico em matéria penal.	“Procuramos simplesmente saber se, do ponto de vista médico-legal, suas anomalias de caráter têm uma origem patológica, [...]” (FOUCAULT, 2010a, p. 05)
Forma condicional de conclusão: relatório de exame psiquiátrico em matéria penal.	“Não podemos apresentar de outro modo que não seja esta forma condicional de conclusão que podem ser atacados de todos os lados [...] (FOUCAULT, 2010a, p. 05)
Estatuto científico – instituição científica: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula.	“[...] discursos de verdade porque discursos com estatuto científico, ou como discursos formulados, e formulados exclusivamente por pessoas qualificadas, no interior de uma instituição científica”. (FOUCAULT, 2010a, p. 07).
Princípio da Prova – demonstração: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula.	“Havia as provas completas e as provas incompletas, as provas plenas e as provas semiplenhas [...] todos esses elementos de demonstração eram combinados, adicionados para chegar a certa quantidade

	[...]”. (FOUCAULT, 2010a, p. 07).
Falseabilidade - refutação: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula.	“Uma outra prática também leva a falsear o princípio da convicção íntima e a reconstituir algo que é da ordem da prova legal [...]. (FOUCAULT, 2010a, p. 10).
Autoridade dos peritos: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula.	“[...] o relatório dos peritos – na medida em que o estatuto de perito confere aos que pronunciam um valor de cientificidade, ou antes, um estatuto de cientificidade – goza, com relação a qualquer outro elemento da demonstração judiciária, de certo privilégio”. (FOUCAULT, 2010a, p. 11).
Enunciados científicos: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula.	“[...] no ponto em que se encontram o tribunal e o cientista, onde se cruzam a instituição judiciária e o saber médico ou científico em geral, nesse ponto são formulados enunciados que possuem o estatuto de discursos verdadeiros [...]”. (FOUCAULT, 2010a, p. 11).
Discurso científico: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula, envolvendo as descrições grotescas, ubuescas.	“[...] digamos o seguinte: o Ocidente, que sem dúvida desde a sociedade, desde a cidade grega, não parou de sonhar em dar poder ao discurso de verdade numa cidade justa, finalmente, conferiu um poder incontrolado, em seu aparelho de justiça, à paródia, e à paródia reconhecida como tal do discurso científico”. (FOUCAULT, 2010a, p. 13).
Normatividade científica – regras de formação: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula, envolvendo as descrições grotescas, ubuescas.	“Essa espécie de desvinculação, ou ainda, de involução no nível da normatividade científica e racional dos discursos, coloca efetivamente um problema. [...] – um movimento de desvinculação, um movimento pelo qual a psiquiatria penal se desligou dessa normatividade e aceitou, acolheu, viu-se submetida a novas regras de formação”. (FOUCAULT, 2010a, p. 21-22).
Peritos cientistas – desqualificação: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula, envolvendo as descrições grotescas, ubuescas.	“[...] uma noção curiosíssima que começa a aparecer na segunda metade do século XIX e que vai dominar todo o campo da dupla determinação e autorizar o aparecimento, no discurso dos peritos, e de peritos que são cientistas, de toda uma série de termos ou de elementos manifestadamente caducos, ridículos ou pueris”. (FOUCAULT, 2010a, p. 28).

Fonte: Autora, 2023

A categoria do ubuesco mencionada por Foucault funciona como um vetor efetivo dentro das aparelhagens do poder – tem efeitos de poder, de um poder ubuesco. No estudo realizado em torno da problemática da anomalia, no qual elementos de uma região de cientificidade estão postos, num espaço onde relações do saber médico e do saber judiciário acontecem no cruzamento desses dois campos do saber, o poder ubuesco opera pela desqualificação do discurso do perito psiquiatra em matéria penal. Perito cientista que, como tal, foi chamado a apresentar seu relatório diante do tribunal. Um relatório com expressões ridículas, grotescas, ubuescas. Por meio dessa desqualificação, ocorre uma maximização dos efeitos desse poder. Um dos efeitos é a dita desqualificação na formação dos saberes da psiquiatria ciência Psi.

Contudo, essa desqualificação não deve ser vista somente pelo sentido negativo, pois no jogo das relações de produção dos saberes, o poder integrado no jogo tem a capacidade de transformar, inovar, inventar e multiplicar seus efeitos de modo a produzir mecanismos de proteção e de conhecimento. Um poder que, na produção de conhecimento, na produção de um saber, se mostra tanto como um efeito quanto uma “condição de exercício” (FOUCAULT, 2010a, p. 45). São os tais sentidos positivos do poder. Assim, para a ciência Psi se instaurar como uma ciência, talvez o exercício do poder ubuesco possa ser tomado como algo que transforma, inova, inventa ... vista pela descrição e análise das suas positivities, das suas práticas discursivas e pretensões científicas enquanto formação de uma rede saber-poder. Problematizações essas que permeiam a obra foucaultiana publicada após as onze aulas ministradas no *Collège de France*, em 1974-1975.

Analisar positivities, segundo Foucault (2020), diz respeito ao exame do modo como as práticas discursivas formam objetos, conjunto de enunciações, jogos de conceitos e escolhas técnicas que constituem uma ciência, um saber. Ou seja, se trata da investigação de elementos como: objetos que se ocupa, tipos de enunciações que coloca em jogo, conceitos que manipula e estratégias que utiliza – elementos de uma prática discursiva que se fundam como um discurso científico. Desse modo, “O saber da psiquiatria, no século XIX, não é a soma do que se acreditava fosse verdadeiro; é o conjunto das condutas, das singularidades, dos

desvios que se pode falar no discurso psiquiátrico”, sustenta Foucault (2020, p. 220).

Ao longo d’*Os Anormais* (1974-1975), outras noções das regiões de cientificidade são mencionadas. A expressão *fabulação científica* – da doença total – é utilizada por Foucault ao examinar um texto de cunho científico que trata sobre a masturbação como causa de todas as doenças possíveis [*Dictionnaire des sciences médicales*, Serrurier, início do século XIX], uma literatura conforme as “normas de cientificidade do discurso médico da época” (FOUCAULT, 2010a, p. 207). Ficção científica enlaçada ao discurso médico.

A partir da problematização da sexualidade da criança e do exame sobre o distúrbio do instinto sexual vem à tona outro elemento relacionado às regiões de cientificidade, a *imaginação*. Imaginação aqui pensada como complementar à ciência. Imaginação que “inventa mente nova; abre novos olhos que têm novos tipos de visão”, segundo Bachelard (2018, p. 18). Imaginação inventiva, criadora que impulsiona a ciência. Impulsiona na criação de novas outras realidades. Visto pela perspectiva da imaginação material aquela que cria, o ser humano, para Bachelard, é tido como um “homem-demiurgo, artesão, manipulador, criador, fenomenotécnico, obreiro – tanto na ciência como na arte” (PESSANHA, 1984, p. 18). De acordo com Bulcão (2003), a distinção bachelardiana de imaginação – formal e material – passa por dois momentos. A primeira delas, resulta da contemplação passiva do mundo, pelo qual contemplamo-lo como um espetáculo. Já a segunda, imaginação material, recupera o mundo em sua concretude, ou seja, numa espécie de corpo a corpo aceitamos a provocação de um enfrentamento com as coisas materiais do mundo – fonte inesgotável de devaneios intensos. É sobre essa segunda que, segundo a autora, Bachelard nos convida a imaginar e a criar. Imaginação fundamentalmente criadora. Imaginação produtora. Imaginante.

Retomando *Os Anormais* (1974-1975), numa das tantas possibilidades para imaginação, Foucault analisa a *imaginação mórbida* e o instinto sexual, a partir da leitura e comentário sobre casos descritos por Heinrich Kaan em seu tratado *Psychopathia sexualys* (1844), para quem “a imaginação prepara o caminho para

todas as aberrações sexuais” (FOUCAULT, 2010a, p. 245). Aberrações sexuais que envolvem desde a masturbação, pederastia, amor dos indivíduos – homens ou mulheres –, por seu próprio sexo, violação de cadáveres e a “gravíssima e que o perturba [Kaan] muito, que consiste em fazer amor com estátuas” (idem). Aberrações que tem como fator ^{desviante} a imaginação mórbida, que “[...] animada por desejos prematuros, vai procurar os meios anexos, derivados, substitutivos de se satisfazer” (idem). Nas associações fantasiosas, uma imaginação anormal.

Dessa maneira, pelos atravessamentos da imaginação na formação da ciência Psi, ou seja, pelos atravessamentos na região de cientificidade de um campo do saber que estuda a anomalia, ela ^{a imaginação} passa a ter uma importância relevante para a análise e criação das noções psiquiátricas, sob o mecanismo instinto-imaginação-instinto. Imaginação e psiquiatria ^{juntas}, uma *psiquiatrização*. Pois a imaginação que dá ao instinto ambiência para o desenvolvimento de sua anormalidade. Prossegue Foucault, “[...] a imaginação, que vai, a partir daí, servir de intermediário, de transmissor, a todas as eficiências causais e patológicas do instinto sexual” (FOUCAULT, 2010a, p. 246).

A imaginação participante do humano, tratada como responsável por todas as doenças do espírito também é descrita por Foucault na obra *História da Loucura* (1972), no capítulo em que o autor descreve sobre o internamento do indivíduo louco, internamento em relação ao uso da liberdade. Em suas palavras:

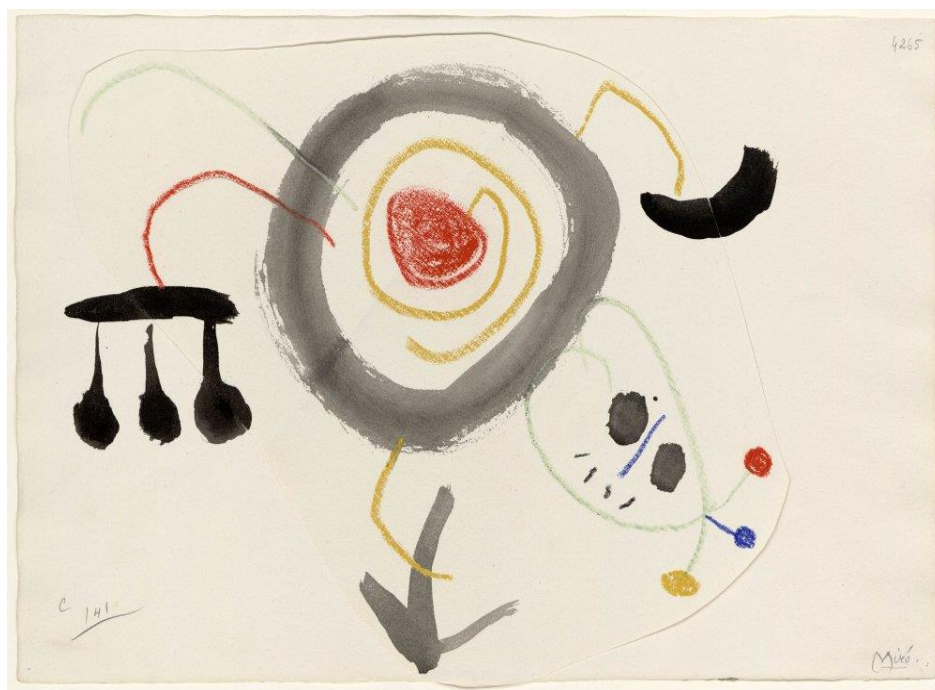
[...] a imaginação, porque participa do corpo e da alma e porque é o lugar de origem do erro, é sempre responsável por todas as doenças do espírito. Contudo, quanto mais o homem é coagido, mais sua imaginação divaga. Quanto mais estritas forem as regras às quais seu corpo está submetido, mas desregrados serão seus sonhos e suas imagens. De modo que a liberdade aprisiona melhor a imaginação do que as correntes, uma vez que ela confronta sem cessar a imaginação com o real e dissimula os sonhos mais estranhos nos gestos mais familiares. A imaginação silencia na vagabundagem da liberdade. [...] (FOUCAULT, 2017b, p. 432-433).

Dentre as eventuais nuances da imaginação ^{humana}, dentre as possibilidades pelas quais pode ser dita como: anormal, científica, material, formal, cósmica, amarrada, penetrante, dissimulada, vadia, zombeteira, divertida e mórbida, caracterizadas sob inspiração bachelardiana e foucaultiana, espelho sobre a imaginação nas descrições grotescas lidas e comentadas por Foucault ao longo

das aulas que compõem a obra *Os Anormais* (1974-1975). Descrições literárias mencionadas ao longo do estudo da problemática da anormalidade, descrições compatíveis a uma imaginação que lida com o grotesco, possibilitando pensar numa *imaginação ubuesca*. Imaginação que se multiplica num vocabulário irônico que perambula nos limiares da cientificidade. Vocabulário do imaginário da psiquiatria, um saber em formação.

Nessa direção, a proposta de pensar numa *imaginação ubuesca* ricocheteia na imaginação dita literária, tal como inventada por Bachelard (2019, p. 22), pela qual “a imaginação literária desimagina para melhor reimaginar”. Desimagino para reimaginar. Suponho, assim, uma imaginação que faz parte da formação da ciência Psi e que, por conta dos efeitos de um modo de imaginar e descrever que remete à categoria do ubuesco, pode ser pensada como um mecanismo que se agrega ao poder ubuesco. Uma imaginação trágica, *maluca*, ridícula, ubuesca que tem efeitos de poder nas práticas discursivas da ciência Psi. Imaginação ubuesca tem a ver com a imaginação de Ubu no campo da cientificidade. Especular sobre a imaginação de Ubu no âmbito da cientificidade direciona para outros escritos de seu criador, Alfred Jarry, nas quais Ubu (Figura 16) se apresenta como Doutor em ‘Patafísica.

Figura 16: Ubu de Miró³



Fonte: [Fundación Joan Miró](#)

'PATAFÍSICA

Um epifenômeno é aquilo que é superinduzido em consequência de um fenômeno.

Patafísica, cuja grafia etimológica deveria ser *ἐπι* (*μετά τὰ φυσικά*) e cuja ortografia é 'patafísica, precedida de uma apóstrofe para evitar trocadilhos, é a ciência daquilo que é superinduzido sobre a Metafísica, seja dentro ou além das últimas limitações, estendendo-se quão além a Metafísica se estende como a última extensão além da Física. Ex.: um epifenômeno sendo geralmente accidental, a Patafísica será, acima de tudo, a ciência do particular, a despeito da opinião comum de que a única ciência é aquela do geral. A Patafísica irá examinar as leis que governam as exceções, e irá explicar o universo suplementar a este; ou, de forma menos ambiciosa, irá descrever um universo que não pode ser – e talvez deveria ser – encarado no lugar tradicional, considerando que as leis supostamente foram descobertas no universo tradicional também são correlações de exceções, embora mais frequentes, mas em todo caso dados accidentais, os quais, reduzidos ao *status* de exceção corriqueira, não possuem nem mesmo a virtude de originalidade.

DEFINIÇÃO. A Patafísica é a ciência de soluções imaginárias, que atribui simbolicamente às propriedades dos objetos, descritos por sua virtualidade, os seus contornos.

Livro Dois: *Elementos da Patafísica*

Alfred Jarry, *Artimanhas e Opiniões do Doutor Faustroll*, patafísico (1911)

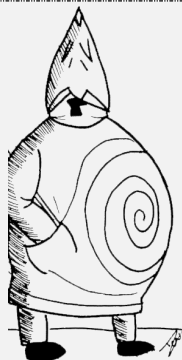
[JARRY, 1996, p. 21-22]

III

Historização da ‘Patafísica

“[...] como um conceito – carregado ainda de metáforas ou de conteúdos **imaginários** – se purificou e pôde assumir *status* e função de **conceito científico**⁴².”

Enquanto isso, no jogo final da metafísica ...



[...]

Martin [Heidegger]

A pergunta pelo nada coloca-nos – os que perguntam – em questionamento. Ela é uma metafísica.

Doutor Ubu

Isto é o que lhe agrada dizer, meu senhor, mas o senhor está falando com um grande patafísico. A patafísica é a ciência ...

Martin [Heidegger]

A filosofia jamais pode ser medida com o critério da ideia da ciência.

Doutor Ubu

A patafísica é a ciência daquela área que se estende além da metafísica; ou também: a patafísica ultrapassa a metafísica na medida em que esta ultrapassa a física em todas as direções *ad libitum*.

Martin [Heidegger]

Não obstante, nós tentamos perguntar pelo nada. O que é o nada?

Doutor Ubu

(andando peripateticamente, deixando os músculos à mostra)

Isto limitaria a patafísica sob o pretexto de retirá-la das fronteiras da existência, de querer incluí-la na área do não ser.

Mas a patafísica transcende tanto uma quanto a outra.

[...]

⁴² FOUCAULT (2020, p. 229 grifos meus)

.... a *patafísica*⁴³ é a ciência daquela área que se estende ... além da metafísica, conforme Jarry (1996).

A *falação* ^{fala + imaginação= imaginação falada} acima é recorte d'*O jogo final da metafísica* inventado por Geier (2011), no qual se trama uma pequena comédia filosófica em torno do conceito metafísico: o *nada*. Para a composição da cena, Geier recorta e cola citações de três pensadores cujas pesquisas buscaram dominar conceitos metafísicos: Martin Heidegger (personalizado por Geier como existencialista), Rudolf Carnap (lógico da linguagem) e Max Horkheimer (crítico social). No *faz de conta*, estão a conversar sobre o *nada*. Ora uns com os outros, ora se pronunciam ... ao nada. Essa pequena comédia, como descreveu o *jogo*, traz também contribuições do *doutor Ubu* com fragmentos de seus textos caracterizados como *patafísicos* por Geier. Na invenção do autor, um possível encontro entre Heidegger e Jarry, na persona de Ubu. No recorte selecionado, a possibilidade de uma troca de ideias meta-*pata*-física suposta por Deleuze (2004; 1997). Nesse *faz de conta* ainda, ganha força o “Heidegger patafísico”, em concordância com Agamben⁴⁴ (2000, p. 175).

Shattuck (2016) oferece uma compreensão, a partir do jeito patafísico de fazer isso, sobre a relação entre meta-*pata*-física. Em suas palavras:

⁴³ Sigo nesse espaço a escrita do termo *patafísica* seguindo a tradução das referências consultadas, sem a apóstrofe com o qual foi criada e justificada por Jarry (1996).

⁴⁴ O filósofo italiano Giorgio Agamben sugere que *Um precursor desconhecido de Heidegger*, Alfred Jarry (DELEUZE, 1997) pode ser visto também como um texto que promove certa reconciliação entre Deleuze e Heidegger – ainda que a história das relações entre esses dois pensadores ainda esteja por ser escrita. Em suas palavras: “[...] o Heidegger patafísico do genial artigo sobre Jarry, com o qual, através desta incomparável caricatura ubuesca, ele pode, enfim, reconciliar-se” (AGAMBEN, 2000, p. 175).

Martin Heidegger

(1889-1976)

A obra mais importante de Heidegger é *Ser e Tempo* (1927) na qual se afasta da fenomenologia de seu mestre Husserl e inicia seu caminho de reflexão sobre o sentido mais profundo da existência humana, bem como sobre as origens da metafísica e o significado de sua influência na formação do pensamento ocidental. Procura assim recuperar a importância fundamental da questão do ser, que na tradição do pensamento moderno dera lugar à problemática do conhecimento e da ciência.

É necessário para Heidegger realizar uma destruição da ontologia tradicional para recuperar o sentido original do ser. Propõe assim toda uma nova terminologia filosófica que possa dar conta desse sentido. A existência só pode ser compreendida a partir da análise do *Dasein* (o *ser-aí*).

(JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006, p. 128).

De acordo com Japiassú e Marcondes (2006, p. 105) “fenômeno” tem um sentido ambíguo, variando entre a ideia de “aparecer com brilho” e a ideia de simplesmente “parecer”.

Dessa maneira, o fenômeno é algo de pouco seguro e, em última instância, uma ilusão. Daí, segundo os autores, o contraste metafísico entre o ser e o parecer: “o ser em si não pode ser percebido por nossos sentidos; aquilo que nos aparece é apenas a diversidade dos seres particulares”. “Fenômeno” passa a ter o sentido genérico de “tudo o que é percebido, que aparece aos sentidos e à consciência”.

Para esses autores, no pensamento moderno, a metafísica perde, em grande parte, seu lugar central no sistema filosófico, uma vez que as questões sobre o conhecimento passam a ser tratadas como logicamente anteriores à questão do ser, ao problema ontológico [...].

(JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006, p. 185-186).

Metafísica é um vocábulo que tem o poder de significar exatamente o que se quer que ela signifique: daí sua inegável popularidade. [...] A ‘patafísica encara o universo real em sua totalidade, junto com todos os outros universos e professa que esses não são nem bons nem ruins, mas patafísicos. [...] A ‘patafísica vincula cada coisa e cada feito, não a uma generalidade, mas a uma singularidade, que faz de cada um deles uma exceção. (SHATTUCK, 2016, p. 46).

Isso porque, na ordem do particular, as causas que promovem os feitos podem ser inúmeras. Nesse sentido, trata-se de escolha arbitrária uma salvação para todo problema particular que não acolha suas possíveis causas e efeitos e que generaliza uma solução. Ainda segundo o autor, a ‘patafísica não descarta nenhuma teoria científica, nem tem preferência por qualquer uma, ela trata a cada uma como tentativas – ora heroicas, ora patéticas – de anexação de rótulos de verdade às interpretações da teoria científica e afirma que “[...] a ideia de ‘verdade’ é a mais imaginária de todas as soluções” (SHATTUCK, 2016, p. 49). Imaginação de verdade, um modo de dizer imaginação científica.

Retomando a troca de ideias entre Heidegger e Ubu, a performance inventada por Geier (2011) encontra apoio e logra impulsionamento a partir dos textos deleuzianos nos quais o pensador aborda a metafísica heideggeriana contrastando com as ideias de Jarry sobre a ‘patafísica. Recordo os textos: *Ao criar a patafísica Jarry abriu caminho para a fenomenologia e Um precursor desconhecido de Heidegger, Alfred Jarry* (DELEUZE, 2004; 1997). Textos motivadores desta escrita.

No texto *Um precursor ...* Deleuze (1997, p. 104)

considera a obra de Heidegger no que diz respeito à metafísica como “um desenvolvimento da patafísica” e discorre sobre a “semelhança alucinante” entre esses dois autores ^{Heidegger e Jarry}. Semelhanças em relação ao modo como lidam com *ser do fenômeno*, à *técnica planetária* e o *tratamento da língua*. Sobre essas alucinantes semelhanças é do que trata o artigo. Em linhas gerais, acerca do *fenômeno*, Deleuze (idem) descreve-o como aquilo que “mostra a si mesmo em si mesmo” e se vale de exemplos retirados da obra de Jarry *Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico* (1911) para propor a articulação das duas *físicas* [meta e pata]. Detalho:

Um mostrador de relógio *aparece* redondo, cada vez que se lê a hora (utilidade); ou mesmo, independente da utilidade, em virtude unicamente das exigências da consciência (banalidade cotidiana), a fachada de uma casa *aparece* quadrada, segundo algumas constantes de redução. Mas o fenômeno é o mostrador como série infinita de elipses ou a fachada como série infinita de trapézio; mundo feito de singularidades notáveis, ou que se mostram (enquanto as aparições são apenas singularidades reduzidas ao ordinário, que aparecem ordinariamente à consciência). O fenômeno, a esse título, não remete a uma consciência, mas a um ser, ser do fenômeno, que consiste precisamente no mostrar-se. Esse ser do fenômeno é o “*epifenômeno*”, in-útil e in-consciente, objeto da patafísica. O epifenômeno é o ser do fenômeno, ao passo que o fenômeno é apenas o ente, ou a vida. (DELEUZE, 1997, p. 104-105 ^{grifos do autor}).

“Por que diabos alguém deveria notar sua forma ^{de círculo} apenas no momento de olhar as horas?” (JARRY, 1996, p. 23). A forma redonda do relógio – proposição manifestamente falsa, considerando que ele *aparece* em perfil como um constructo estreito e retangular, elíptico em três lados (idem) – só assim será se não for mostrada de perfil. O contrário disso, o torna algo estreito e retangular. É sob a alegação da utilidade ^{utilidade}, no momento de olhar as horas que se nota a forma redonda do relógio. Singularidade notável. Um exemplo do in-útil e in-consciente objeto da patafísica. O epifenômeno que está *sobre* o fenômeno ou *perto* dele, explica um suplementar. Um acidental ^{um desvio}. Uma solução imaginária para o *ser do fenômeno*. Método patafísico em aplicação.

As especulações deleuzianas sobre Jarry ser um precursor de Heidegger, crítico da metafísica tradicional, passam por algumas sendas. Uma delas consiste no erro da metafísica em tratar o epifenômeno – aquilo que é superinduzido em

consequência de um fenômeno, segundo Jarry (1996) – como outro fenômeno, outro ente. A patafísica trata o epifenômeno como um “Vazio ou um Não-ente, através de cuja transparência agitam-se as variações singulares”, segundo Deleuze (1997, p. 105). Eis a dita virada.

Ainda, ao confundir o *ser* com o *ente*, a metafísica acaba retraindo-o ou até esquecendo-o. Prossegue apresentando a técnica – ciência tecnicizada – como “lugar de um combate” comum a Jarry e Heidegger, pois suas obras “não param de invocar técnica e ciência, povoando-as de máquinas e de especulações sobre elas”, de acordo com Rosa (2018, p. 33). Técnica como lugar de reviravoltas, conversões ou viradas eventuais “no qual ora o ser se perde no esquecimento, no retraimento, ora ao contrário, nela se mostra ou se desvela” (DELEUZE, 1997, p. 106). Afirma também que a relação complexa entre o retraimento ou esquecimento do ser só pode ser compreendida “patafísicamente, não metafísicamente. Por isso, Ubu inventa a patafísica [...]” (idem, p. 106). A patafísica comporta uma teoria das máquinas e os inventos técnicos de Ubu – “bastão de física” como um ente técnico por excelência, dado seu conjunto de linhas virtuais, circulares, retilíneas, cruzadas, por exemplo – ultrapassam “as virtualidades do ente em direção à possibilidade do ser” (DELEUZE, 1997, p. 108). Desse modo, é possível pensar em uma saída e superação da metafísica pela patafísica.

Seguindo com a leitura comparativa entre Heidegger e Jarry, Deleuze comenta sobre o tratamento da língua, sobre a criação e o jogo de palavras dado pelas aglutinações de letras e termos. Destaca que “o pensamento de Jarry é antes de tudo teoria do Signo: o signo não designa nem significa, mas mostra ... É o mesmo que a coisa, porém não idêntico a ela, mostra-a” (DELEUZE, 1997, p. 111). Consequência poética da patafísica. Importa saber em quais condições ele – o signo – é linguagem. Lista, então, exemplos de termos que os dois autores criaram para suas obras, nos quais, em alguns casos, acontece a aglutinação de duas línguas “como se fossem únicas no mundo, uma viva e a outra morta” (idem). Os dois transformam a língua, fazem isso ao intervir numa língua viva, uma língua morta. Transmudam uma língua. Língua que, desse modo, sobressalta. Descreve: Heidegger junta um grego antigo ou um alemão antigo com o alemão atual, a fim

de obter um “novo alemão – a aglutinação ‘lethê – o esquecimento’ e ‘alethês – o verdadeiro’ produzirá no alemão o par obsedante “velamento-desvelamento”: o exemplo mais célebre” (idem). Jarry não procedia de outro modo, invocava o grego – *patafísica*, uma amostra – o francês, o latim ou uma gíria ancestral ... para produção de uma língua do futuro, “poesia por excelência que reluz singularmente na descrição das ilhas do Dr. Faustroll, com suas palavras-música e suas harmonias sonoras”, frisa Deleuze (1997, p. 112). Conclui afirmando que uma língua não dispõe de signos, ela os adquire criando-os. Agindo no interior de uma língua, produz língua nela.

Criações carregadas de imaginários, composições textuais que se somam à imaginação literária, em que “todas as artes são nossas [...] Um traço de estilo, eis aí um caráter, um homem. Falar, escrever! Dizer, contar! Inventar o passado! [...]” segundo Bachelard (2019, p. 77). Invenções. Criações, recortes e cruzamentos de palavras, violações verbais, vocábulos inusitados, roteiros de Jarry. Arte de formar e fabricar conceitos. Pensar o conceito. Filosofia, sob a perspectiva de Deleuze e Guattari (2010). Ciência, artes e filosofia igualmente criadoras.

Ao criar a patafísica ... outro escrito deleuziano que trata sobre a superação da metafísica citando a patafísica de Jarry. Nesse ^{curto} texto, o autor defende que a filosofia, abordada pelo viés metafísico, “dá e deve dar lugar a outras formas de pensamento, a outros modos de pensar” (DELEUZE, 2004, p. 88). Por esse outro espaço pensado passam o desenvolvimento da técnica, da poesia e da criação poética de máquinas ^{fantásticas} imaginárias. Na tentativa de ultrapassar a metafísica, cita Deleuze (idem, p. 89), encontram-se Nietzsche, Marx, Heidegger e Jarry. Esse último é quem deu o “único nome geral” com potencialidade de ir além da metafísica – patafísica. Ainda, ao descrever aspectos de uma verdadeira patafísica, elenca dois que não podem faltar: o lado pedante ^{ou faustoso} e o lado ubuesco. Uma patafísica ostensiva e ubuesca ^{quase} transpondo o “limiar da cientificidade” (FOUCAULT, 2020, p. 225).

Tanto o recorte com a falação entre Ubu e Heidegger inventada por Geier (2011) como os fragmentos dos textos de Deleuze (2004; 1997) fazem notar a

presença de um Ubu patafísico e insinuam uma ‘Patafísica ubuesca. Uma ‘Patafísica combinada com poder-Ubu [poder^{ubu}]. Ubu que recorda o perito psiquiatra penal – cientista – personagem Ubu na região de cientificidade da ciência Psi, de acordo com Foucault (2010a). Ubu Pai, Rei e Doutor em ‘Patafísica. *Uma ciência de soluções imaginárias ubuescas*

‘Patafísica ...

Não se trata de uma superação irônica da metafísica, podendo ser descrita como uma percepção física do mundo. Um saber inventado por Alfred Jarry, que é uma arte de viver e que rende a eternidade a seu criador. São esses alguns elementos que caracterizam a ‘Patafísica descritos por Ferrer (2016). Uma ciência das singularidades, das exceções. Conforme o autor, a ‘Patafísica aparece como uma recusa ao positivismo, uma espécie de reação bufonesca e destrutiva contra a doutrina do progresso na época, baseada em alguns princípios. Quais sejam:

- (x) tudo pode ser o seu oposto,
- (x) a essência do mundo é alucinação
- (x) todos somos desprezíveis
- (x) nada nunca parece o que é
- (x) todo fenômeno é individual, defeituoso e inesgotável
- (x) todo saber é sempre pessoal e válido para um instante (FERRER, 2016, p. 13)

Contudo, diante de tais princípios, tomamos os conhecimentos científicos como universais, generalizáveis, úteis e aplicados. Conceitos gerais aplicados e tomados como verdades absolutas. Dessa maneira, a ‘Patafísica propõe que voltemos ^{nossa} atenção para os detalhes. Aqueles detalhes que parecem invisíveis, mas que assim parecem por estarem na intensidade da superfície. Trata-se de um elogio e um convite a nossa curiosidade. Mais, a ‘Patafísica nos devolve à imaginação ^{da/na} ciência, já tão atravessada de metodologias e academicismos.

Imaginação que vem acompanhada de humor. Humor que se mostra como um “meio de sobrevivência em um mundo ameaçador. Pois, já é grande a lista de cientistas sem humor”, sustenta Ferrer (2016, p. 15). Humor que também pode se dar pelo absurdo e pelo grotesco. Ubuesco. Humor ao modo de Ubu: bufão,

irônico, ^{grosseiro}, popular. São quatro as peças⁴⁵ que contam as peripécias e o humor de Ubu: *Ubu-Rei* (1896), *Ubu cornudo* (1897), *Ubu acorrentado* (1900) e *Ubu na colina* (1906). Um ciclo dedicado às performances do Pai Ubu. Comédias bufonas que multiplicam-potencializam Ubus. Antes de ser Rei [e desde seu aparecimento], Ubu é Pai. *Père Ubu*, em francês, sua língua mãe. *Pa Ubu* ou *Padre Ubu* em inglês ou italiano. Pais Ubus.

Divido esse espaço em momentos. Primeiramente, faço uma breve descrição a partir dos fragmentos extraídos das quatro peças de Jarry que contam dos Ubus, dando voz às personagens para que falem de si. A escolha passa pelo modo como, nas cenas e falas recortadas, acontece a relação com a ‘Patafísica. Nos recortes intenciono mostrar como o humor irônico, sarcástico, se integra ao doutor em *ciências de soluções imaginárias* – Ubu. Em seguida, conto sobre o criador – amalgamando-se com sua própria criatura – vida, obras, feitos ...

‘Patafísica, a partir do imaginário do ...

... Rei U_{bu}

Félix Frédéric Hébert. Esse é o nome do detestado ^{imortalizado} professor de Física que serviu de inspiração para alguns estudantes – os irmãos Charles e Henri Morin – do Liceu de Rennes a criarem esquetes teatrais para o ridicularizar entre os anos de 1885 e 1887. “A encarnação de todo o grotesco que existe no mundo”, diziam seus alunos (ROSSET, 1986, p. 12). Os apelidos do ^{estimado} professor: P.H., Pai Heb, Eb, Ebé, Ebóu, Ebance e Ebouille. O título da peça ^[em esquetes]: *Les Polonais* (Os Poloneses). Em 1888, Alfred Jarry ingressa no Liceu, conhece os irmãos Morin e juntos reescrevem a peça que permanece por um tempo com apresentações caseiras. Apresentações íntimas. Informais.

⁴⁵ Das quatro peças com a saga de Ubu, somente *Ubu-Rei* (1896) possui tradução em português brasileiro.

Do imaginário coletivo dos estudantes do Liceu, aos poucos a peça vai tomando as feições de Jarry – os Morin seguem outros rumos na vida. Fruto de seu trabalho sobre o material, o nome Ubu, derivado dos apelidos mencionados, começa a aparecer em publicações de revistas, sob a forma de ensaios, fragmentos, cenas ... em 1896 é publicada a versão completa de *Ubu-Rei*. Em 10 de dezembro de 1896, no Théâtre de l’Oeuvre, Paris, sua primeira apresentação ao público em geral. Está dado o “grande chute na bunda do teatro tradicional. *Merdra!* Gritou o primeiro ator que interpretou o Pai Ubu e o teatro ocidental *was never the same again*”, descreve Rosset (1986, p. 11). O intérprete de Ubu – o ator Firmin Gémier – emudece por quinze minutos sob vaias e gritos que se renovam com mais intensidade a cada tentativa da trupe em fazer a apresentação continuar.

Figurinos, cenários, o palavrão escatológico, truculência cômica ... são alguns dos motivos pelos quais, *Ubu-Rei* teve, em 11 de dezembro de 1896, sua última apresentação. Polêmica e êxito indiscutíveis. Ubu transcende. A peça e as aventuras e travessuras de *Ubu-Rei* são novamente postas à prova cerca de dez anos depois das primeiras apresentações. A recuperação do texto passa por seus defensores e divulgadores. Em 1926, uma companhia de teatro é criada sob o nome de *Alfred Jarry*. Suas apresentações impulsionam o Teatro do Absurdo e faz seu autor ser considerado um dramaturgo também nessa categoria teatral.

De acordo com Carpeaux (2021, p. 156-157), a peça do imaginário de Jarry trata de um protesto dos alunos e ex-alunos de “Ubu contra todos os Ubus deste mundo. [...] Seu valor literário pode ser discutido e até contestado. Mas fica acima de qualquer suspeita a atualidade de *Ubu-Rei*”. Trata-se de uma peça profética. Visões apocalípticas, para alguns. Talvez por isso, *Ubu-Rei* seja a peça do ciclo com mais destaque mundial. Haja vista as ^{tantas} traduções encontradas. Uma história recontada muitas vezes.

A peça *Ubu-Rei* (1896) é contada em cinco atos. Pai Ubu, antigo rei de Aragão, condecorado com a ordem da Águia Rubra da Polônia e condecorado como conde de Sandomir pelo Rei Venceslau, governante polonês em atuação, quer tomar o lugar desse último. Para tanto, contando com o auxílio da Mãe Ubu e

de alguns comparsas, assassina Venceslau, assume o trono e, como um déspota bufão que sempre foi, massacra os nobres, os funcionários e os camponeses. “Massacra só porque gosta e pede para os soldados russos não atirarem nele só porque não gosta”, conforme expõe Jarry (2021, p. 132) na apresentação lida ao público antes do início da peça, naquele 10 de dezembro de 1896. Cito trechos:

“Avante, meus amigos! Agarrem esse biltre! Vamos fazer geleia desses moscovitas! A vitória é nossa! Viva a Águia Vermelha!” – convoca Pai Ubu (JARRY, 1986, p. 108). Algumas cenas depois ... “Ah! Eis a ocasião de dar no pé. Vamos lá senhores poloneses, adiante! Ou melhor, para trás!”, grita Ubu (JARRY, 1986, p. 111). Ubu escapa bem depressa. Covardia ^{grotesca} do rei destronado.



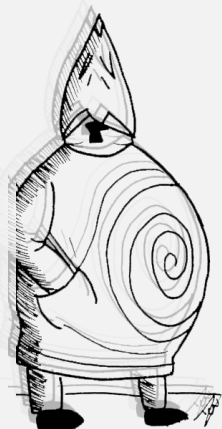
À medida que interessa o modo como Ubu se relaciona com a *ciência de soluções imaginárias*, na cena abaixo, recorto de *Ubu-Rei* fragmentos que são alusões à ‘Patafísica. A fala de Ubu diz respeito ao momento em que está a fugir, com seus dois seguidores [Pile e Cotice]. Foge porque perdeu a guerra contra os russos que vieram de Moscou, enviados pelo czar, para ajudar os poloneses a tirarem-no do trono. Ao planejar seus próximos passos, Ubu menciona a ciência *physica*⁴⁶.

Em seguida, destaco da peça *Ubu na colina* (1906) o mesmo trecho, em italiano⁴⁷. Trata-se de uma adaptação de *Ubu-Rei* (1896) realizada pelo próprio Jarry para um teatro de marionetes. A peça tem seu formato reduzido para dois atos e um prólogo, em forma de conversa sobre a sabedoria dos Homens da Cabeça de Pau – marionetes. Na tradução em italiano, o nome da *ciência de soluções imaginárias* aparece sob ‘*scienza in patafisica*.

⁴⁶ De acordo com a tradução utilizada (JARRY, 1986, p. 101-102).

⁴⁷ Ainda não se encontra tradução em português brasileiro dessa peça.

Ubu-Rei (1896)



ATO 4

Cena Três

PILE. Hã! Meu senhoire! É incrível que os russos não apareçam.

PAI UBU. É lamentável que o estado de nossas finanças não nos permita ter uma carruagem à nossa altura; pois temendo acabar com a montaria, fizemos todo o caminho a pé, puxando nosso cavalo pelas rédeas. Mas quando voltarmos à Polônia imaginaremos, por meio de nossa **ciência physica** e ajudados pelas luzes dos nossos conselheiros, um veículo movido a vento para transportar todo o exército.

COTICE. Olha lá o Nicolau Rensky que vem correndo.

PAI UBU. O que é que há com esse menino?

RENSKY. Está tudo perdido, senhor, os poloneses se revoltaram, Girão foi morto e a Mãe Ubu está foragida pelas montanhas.

[...]

(JARRY, 1986, p. 101-102 ^{grifo meu})

Ubu na colina (1906)



Atto 2

Scena terza

*PADRE UBU. Cornoblù, gambadiù, faccia di vacca! Periremo: ha! Moriamo di sete e siamo stanchi perché, per timore di demolire la nostra cavalcatura, abbiamo fatto tutta la strada a piedi trascinando (solo ora compare il cavallo) il nostro cavallo per le briglie. Ma quando saremo di ritorno in Polonia, immagineremo, per mezzo della nostra **scienza in patafisica**, e con l'aiuto dei nostri conglieri, un'automobile per trascinare il nostro cavallo e una carrozza a vento per trasportare tutto l'esercito. Ma ecco Nicola Rensky che arriva di corsa. Eh! Che cos'ha questo ragazzo?*

(JARRY, 2013, p. 180 ^{grifo meu})

... P_{ai} U_{bu}

As cenas abaixo acontecem depois dos eventos da peça *Ubu-Rei* (1896), de quando Pai Ubu se autoproclamou rei da Polônia, assassinando o rei Venceslau tomando a posição para si. A peça *Ubu cornudo* (1897), segundo Huggil (2015, p. 212), não chegou a ser performada durante a vida de Jarry, e teve uma gestação

complicada, sendo retrabalhada várias vezes. Por conta disso talvez, a peça contém de certo modo mais elaborações de ideias da ‘Patafísica que *Ubu-Rei*, enquanto retém os personagens centrais e o espírito dessa primeira peça. Pai Ubu agora afirma seu *status* de professor de ‘Patafísica. Nesse fragmento, Pai Ubu invade a casa do cientista e criador de poliedros de nome Achras, para tomar-lhe a casa. Se apresenta como patafísico e professor de ‘Patafísica, atribuindo a si a invenção da *ciência de soluções imaginárias*.

Ainda, o fragmento mostra parte da conversa que Pai Ubu tem com sua *consciência*, que carrega *inconvenientemente* em uma mala para não sobrecarregar e fazer uso somente quando necessário – quando ele, Pai Ubu achar necessário em sua exagerada necessidade de conseguir aquilo que deseja e de conseguir se safar. Na peça, a *consciência* tenta persuadir Ubu a não causar qualquer mal a Achras.

*Ubu cornudo*⁴⁸ (1897)

Ato 1

Cena Um

ACHRAS. Ah, mas é assim, veja, não tenho motivos para ficar insatisfeito com meus poliedros; eles procriam a cada seis semanas, são piores que coelhos. E é também um tanto verdadeiro dizer que os poliedros regulares são mais fiéis e mais devotados ao seu mestre, exceto que essa manhã o Icosaedro estava meio rebelde, então fui compelido, veja, a dar um bom tapa em cada uma de suas vinte faces. Esse é o tipo de língua que eles entendem. A minha tese, veja, nos costumes dos poliedros – ela está seguindo tranquilamente, obrigado, são só mais vinte e cinco volumes!

Cena Dois

ACHRAS, *o LACAIO*.

LACAIO. Senhor, tem um sujeito aqui fora que quer uma palavra com o senhor. Ele arrancou o sino ao tocá-lo, e quebrou três cadeiras ao tentar sentar-se. (*ele dá um cartão a Achras*)

ACHRAS: O que é isso? *Herr* Ubu, outrora rei da Polônia e de Aragão, professor de patafísica. Isso não faz o menor sentido. O que é isso? Patafísica! Bom, não importa, ele soa uma pessoa distinta. Gostaria de fazer um gesto de boa vontade a esse visitante mostrando a ele meus poliedros. Traga o cavalheiro para cima.

Cena Três

ACHRAS, *UBU em um traje de viagem, carregando uma maleta*.

PAI UBU. *Pança chifruda* senhor! Que tipo miserável de moradia você tem aqui: fui obrigado a tilintar por aí por mais de uma hora, e quando seus lacaios finalmente resolveram nos deixar entrar, fomos confrontados por um tal orifício miserável que estamos sem entender como nosso *strumpot* conseguiu negociá-lo.

ACHRAS. Oh, mas é o seguinte, me desculpe. Estava longe de esperar a visita de uma persona

⁴⁸ Traduzido por Débora Cristina Marini.



consideravelmente... avantajada. Mas você deve perdoar as humildes circunstâncias de um velho colecionador, que é ao mesmo tempo, arrisco dizer, um famoso cientista.

PAI UBU. Diga o que quiser se lhe dá prazer, mas lembre-se que você está se dirigindo a um celebrado patafísico.

ACHRAS. Desculpe, senhor, o que disse?

PAI UBU. Patafísico. A patafísica é um ramo da ciência que inventamos e para o qual uma necessidade gritante é geralmente experienciada.

ACHRAS. Oh, mas se é assim, se você é um famoso inventor, nos entenderemos, veja, porque entre grandes homens...

PAI UBU. Um pouco mais de modéstia, senhor! Não vejo grande homem aqui além de mim mesmo. Mas, já que insiste, lhe concedo uma honra mais sinalizada. Que lhe seja sabido, senhor, que seu estabelecimento nos é

apropriado e que decidimos nos fazer em casa aqui.

ACHRAS. Ah, mas assim, veja...

PAI UBU. Lhe dispensamos com suas expressões de gratidão. E, por sinal, quase esqueci. Já que é dificilmente apropriado que um pai seja separado de seus filhos, seremos reunidos pela nossa família num futuro imediato: Madame Ubu, bem como nossos queridos filhos e filhas Ubu. Eles são um pessoal bastante quieto, decente e bem-educado.

ACHRAS. Ah, mas assim, veja, eu temo...

PAI UBU. Entendemos bem. Você teme nos entediar. Muito bem, então, não toleraremos sua presença aqui exceto quando permitirmos. Uma coisa mais, enquanto inspecionamos as cozinhas e a sala de jantar, você vá e procure por três malas que depositamos no *hall* de entrada.

ACHRAS. Ah, mas assim – imagine cada mudança como essa na casa de cada pessoa. É uma manifesta impostura.

PAI UBU. Um manifesto em postura! Exatamente, senhor, pelo menos uma vez na vida você disse a verdade.

Sai ACHRAS.

Cena Quatro

PAI UBU, e em seguida, sua CONSCIÊNCIA.

PAI UBU. Temos qualquer direito de nos comportar assim? *Pança chifruda*, pela nossa vela verde, vamos consultar nossa Consciência. Ali está ele, na maleta, todo coberto por teias. Como pode ver, não o sobrecarregamos. (*Ele abre a maleta. Sua Consciência emerge à guisa de um camarada alto e magro em uma camisa*)

CONSCIÊNCIA. Senhor, e assim e assim por diante, seja bom a fim de tomar nota.

[...]

(JARRY, 1994, p. 77-79)

Antes ...

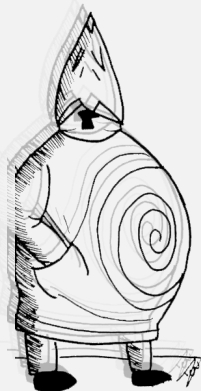
“Aos vários mestres que reconheceram sua soberania enquanto era rei, Ubu acorrentado oferece a homenagem de suas algemas”. (JARRY, 1994, p. 107).

Prosseguindo a saga ubuesca, o fragmento abaixo mostra Ubu na prisão. Sua imaginação diante da situação chama a atenção. E faz rir. Além de se apresentar como doutor em ‘Patafísica, nesse trecho menciona o seu nome e a sua idade. Ou quase isso.

*Ubu acorrentado*⁴⁹ (1900)

Ato 3

Cena Um



Uma prisão, PAI UBU, MÃE UBU

PAI UBU. *Hornphynance!* Finalmente estamos começando a parecer bem-vestidos. Eles trocaram nosso libré, que estava de todo modo um tanto apertado no nosso *bamboozle*, por esse exótico uniforme cinza. Ora, devemos estar quase de volta à Polônia!

MÃE UBU. Sim, estamos bem alojados aqui, e diria que é tão confortável quanto o Palácio de Venceslau. E ninguém toca a campainha nem quebra portas por aqui.

PAI UBU. Ah, você está certa! O problema com as casas nesse país é que as portas da frente não podem ser trancadas e as pessoas disparam para dentro e para fora, como vento nas pás de um moinho. Mas tenho tido a visão de ordenar que esse prédio em particular fosse fortificado por fortes portas de ferro e barras sólidas nas janelas. E os mestres obedecem às instruções meticulosamente ao trazer nossas refeições duas vezes ao dia. E o que mais, nós usamos nossos conhecimentos de física para inventar um aparelho engenhoso por onde as gotas de chuva escorrem pelo telhado toda manhã, de modo que a palha em nossa cela se mantenha suficientemente úmida.

MÃE UBU. Mas, Pai Ubu, agora que estamos aqui não podemos mais sair, não é?

PAI UBU. Sair daqui! Já tive minha cota de marchas na retaguarda dos meus exércitos através da Ucrânia. *Pança chifruda*, nunca cederei outra vez! De agora em diante, as pessoas terão que vir até aqui me ver. E um certo número de bestas domésticas são permitidas para nos observar em dias da semana específicos.

Cena Dois

O Grande Palácio da Justiça. PAI UBU, MÃE UBU, PISSWEET, PISSALE, ELEUTÉRIA, JUIZ, ADVOGADOS, ESCRIVÃO, OFICIAL DE JUSTIÇA, GUARDAS, POVO.

PAI UBU. Observamos com prazer, cavalheiros, o fato de que todas as rodas da justiça se moveram com honra, que nossos guardas tiveram a visão de usar seus bigodes especiais – aquele bem-manchados com a evidência de jantares fartos de domingo – a fim de dotar a bancada de sua infâmia com grande prestígio, e que nossos súditos suseranos estão ouvindo com atenção e permanecendo quietos!

OFICIAL DE JUSTIÇA. Silêncio na corte!

MÃE UBU. *Shhh!* Cale-se, Pai Ubu, ou você será expulso.

PAI UBU. Claro que não, há guardas aqui especialmente para me impedir de sair. E sou compelido a falar incessantemente, já que essas pessoas estão aqui especificamente com o propósito de me interrogar. – E agora, tragam aquelas pessoas que apresentaram queixa contra nós! *Eles são apressados, com a ajuda de chutes e pontapés*

Seu nome, prisioneiro?

PAI UBU. Francis Ubu, outrora rei da Polônia e de Aragão, doutor em patafísica, Conde de Mondragon, Conde de Sandomir, e Marquês de São Gregory.

PISSWEET. Codinome: Pai Ubu!

MÃE UBU. Victorine Ubu, outrora rainha da Polônia.

PISSALE. Codinome: Mãe Ubu!

ESCRIVÃO (escrevendo). Pai Ubu e Mãe Ubu.

JUIZ. Acusado, qual a sua idade?

PAI UBU. Eu não tenho certeza. A dei uma vez para Mãe Ubu guardar há muito tempo – tanto tempo que, na verdade, ela não só a perdeu, como perdeu a dela também.

MÃE UBU. Seu mal-educado! [...]

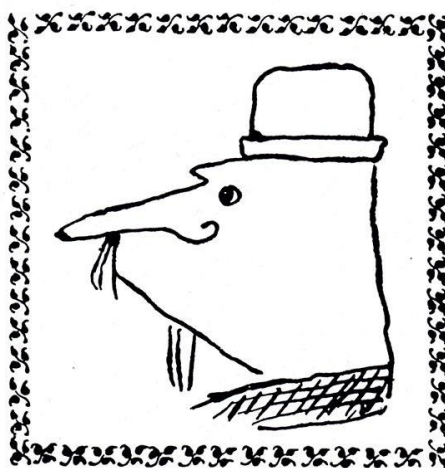
(JARRY, 1994, p. 125-126)

⁴⁹ Traduzido por Débora Cristina Marini.

De acordo com Hugill (2015), *Ubu acorrentado* (1900) foi finalizado como uma "contrapartida", isto é, um complemento a *Ubu-Rei* (1896). O título recorda *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, e segue uma trajetória inversa ao *Ubu-Rei* no sentido de, em vez de ascensão social, Ubu desce de rei a servo e de servo a escravo. Reforça Hugill (idem) que, apesar da trajetória inversa e da camada de relativa sofisticação em seu caráter, Ubu ainda é fundamentalmente o mesmo. Ubu segue sendo Ubu (Figura 17).

Num tom distinto da primeira obra, nem tão infantil ou pueril, em *Ubu acorrentado* (1900), Ubu tenta, mas é incapaz de soltar a palavra "merdra", por exemplo), a peça se mostra mais abertamente satírica, especialmente para noções estimadas como de liberdade, igualdade e fraternidade. Nesse sentido, há o *Exército de Homens Livres* que sistematicamente desobedece a cada ordem que lhes é dada. Para lograr sucesso diante da tropa o sábio *Corporal* emprega como estratégia uma espécie de jogo do contrário. Dá aos subordinados um comando para que realizem o oposto daquilo que disse. Ubu ao tomar parte disso, e entendendo o jogo, irrita a todos ao sistematicamente *obedecer* às ordens. Nota-se na peça a "conformidade irônica que se torna a marca de muitos patafísicos subsequentes" (HUGILL, 2015, p. 212).

Figura 17: Ubu em autorretrato



Fonte: [Autorretrato do Senhor Ubu - Alfred Jarry \(1896\)](#)

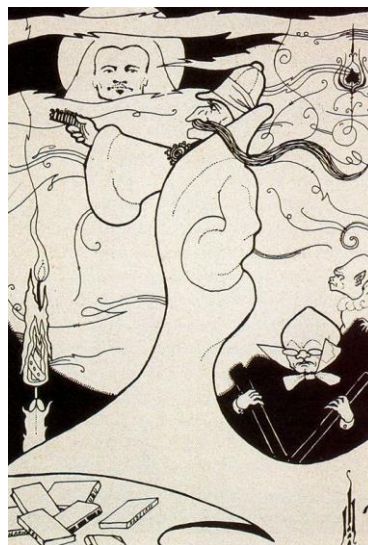
... Doutor Faustroll

A respeito do Doutor Faustroll: perfil, hábitos, atitudes ... começando pela vez que tentou ser menor do que ele mesmo:

“O Doutor Faustroll (pode-se falar sobre uma experiência pessoal) decidiu um dia ser menor do que ele mesmo e resolveu explorar um elemento, a fim de examinar quaisquer distúrbios que tal mudança em tamanho poderia implicar sua relação recíproca. Para esse propósito, ele escolheu aquela substância que é normalmente líquida, incolor, incompreensível e horizontal em quantidades pequenas; tendo uma superfície curva, azul em profundidade e com bordas que tendem a vaziar e fluir quando é esticada; a qual Aristóteles postulou, como a terra, de natureza, pesada; inimiga do fogo e renascida dele quando decomposta de forma explosiva; vaporiza-se a cem graus, um temperatura determinada por esse mesmo fato; e quando em estado sólido, flutua sobre ela mesma – água, é claro! [...]” (JARRY, 2015, p. 28).

O nome Faustroll é composto por “Fausto” e “Troll” que, num de seus sentidos, pode ser traduzida pela palavra escandinava que significa “gnomo”. Assim, a significação de Faustroll, de acordo com Ferrer (2016, p. 12), tem a ver com “o gnomo da ciência”. Doutor Faustroll nasceu em 1898, em Circássia com sessenta e três anos de idade. ^{Isso mesmo.} Além disso, essa idade ele manteve durante toda a sua vida. Nem mais, nem menos. Altura mediana, em torno de: $8 \times 10^{10} + 10^9 + 4 \times 10^8 + 5 \times 10^6$ diâmetros atômicos, ^{para ser mais precisa.} Pele amarelo-ouro, bigode verde-mar, cabelos variando entre o loiro-platinado e o preto-puro. Ambiguidade ruiva, segundo Jarry (2015).

Figura 18: Doutor Faustroll



Fonte: [Aubrey Beardsley](#)

Os volumes do Dr. Faustroll

BAUDELAIRE, um volume de E. A. POE, traduções;
BERGERAC, *Trabalhos*, volume II, contendo a História dos Estados e Impérios do Sol, e a História dos Pássaros;
O Evangelho de acordo com SAINT LUKE, em grego;
BLOY, *O mendigo Ingrato*;
COLERIDGE, *A Balada do Velho Marinheiro*;
DARIEN, *O Ladrão*;
DESBORDES-VALMORE, *O Juramento dos Homens Pequenos*;
ELSKAMP, *Iluminuras*;
Um volume incomum das Peças de FLORIAN;
Um volume incomum das *Mil e uma Noites*, na tradução de GALLAND;
GRABBE, *Piadas, Sátiras, Ironia e seu significado profundo*, comédia em 3 atos;
KAHN, *O Conto do Ouro e Silêncio*;
LAUTRÉAMONT, *Contos de Maldoror*;
MAETERLINCK, *Aglavaine e Sélysette*;
MALLARMÉ, *Verso e Prosa*;
MENDÈS, *Gog*;
A Odisseia, Edição de Teubner;
PÊLADAN, *Babilônia*;
RABELAIS;
JEAN DE CHILRA, *A Hora Sexual*;
HENRI DE RÉGNER, *A Cana de Jasper*;
RIMBAUD, *Iluminações*;
SCHWOB, *A Cruzada das Crianças*;
Ubu Rei;
VERLAINE, *Sabedoria*;
VERHAEREN, *As Paisagens Alucinadas*;
VERNE, *Viagem ao Centro da Terra*.

Residia à rua Richer, número 100, em Paris. Em 10 de fevereiro de 1898, às oito horas da manhã, “recebeu” a visita – não tão agradável – do Meirinho⁵⁰ adjunto da Corte Civil de Primeira Instância do Departamento do Sena, que lhe trouxe a ordem de despejo. Motivo: a falta de pagamento do aluguel referente a onze trimestres. A Dívida: trezentos e setenta e dois mil francos e vinte e sete centavos. “Recebeu” no sentido de ter a entrada forçada pelo Meirinho adjunto com auxílio do chaveiro de Paris. “Recebeu”, então, porque foi obrigado a tanto. Obrigado por uma ordem judicial certificada pelo Prefeito da prefeitura do *Distrito Q*. Ordem judicial de despejo e penhora de bens. Os bens: além de uma cama feita de malha de cobre polido [com doze metros de largura e sem a roupa de cama] uma cadeira de marfim e uma mesa de ônix e ouro, registra-se também uma biblioteca com vinte e sete livros, alguns em brochura e outros encadernados. Todos os vinte e sete volumes inventariados pelo Meirinho adjunto listados ao lado. Somam-se ao inventário das coisas do Doutor Faustroll, três quadros pendurados na parede: um pôster de TOULOUSE-LAUTREC, *Jane Avril*; um de BONNARD, com uma propaganda de *Revue Blanche*; um retrato do *Doutor Faustroll*, por AUBREY BEARDSLEY (Figura 18); e uma fotografia antiga, impressa pela Oberthür, gráfica de Rennes. Vinhos e destilados, perdidos para a inundação na adega. Todos os bens ficam sob a tutela de um guardião, até que a venda ^{leilão} aconteça. Tudo assinado. ^{Certificado}. Carimbado.

⁵⁰ Funcionário judicial correspondente ao atual oficial de diligências. Funcionário que o rei nomeava para governar, com ampla jurisdição, um território ou comarca, segundo o [Dicionário Online de Português](#). Acesso em 14/02/22.



A respeito do Doutor Faustroll, patafísico e os eventos descritos em papel não timbrado. Trata-se do relato sobre as diversas maravilhas descobertas na casa do referido Doutor Faustroll, para que não seja perdido, conta o Meirinho adjunto.

Uma cama que não é cama, mas um barco moldado em forma de peneira alongada. Esse hipotético barco-cama-peneira navega tanto em mar como em terra, é nele que o inconformado patafísico, num imaginário surreal, busca uma realidade alternativa, uma fresta para sair da situação na qual se encontra. Declara Faustroll:

“Nesse barco eternamente seco (chamado Esquife, sem dúvidas, já que é construído para suportar até três pessoas), eu devo doravante levar minha residência, tendo em vista que sou forçado a sair desta casa.” (JARRY, 2015, p. 19).

Em seguida, convida o Meirinho adjunto a navegar com ele – estratégia para escapar da lei – e entrega a esse um manuscrito, que pode ser apreendido como o vigésimo oitavo volume da biblioteca. O trajeto da navegação envolve atracar em catorze ilhas, nas quais tanto a topografia dos lugares, como os seus habitantes são descrições que transmitem os comentários de Jarry sobre catorze amigos [ou inimigos] no mundo das artes. Entre eles, Aubrey Beardsley, Léon Bloy, Gauguin, Gustave Kanh, Mallarmé, Henri de Régnier e Marcel Schwob (JARRY, 2015). Ou seja, Doutor Faustroll navega de ilha em ilha, cada qual representa uma obra, literária ou artística, tendo sempre alguma descrição inventada especialmente para cada um dos escolhidos. Para cada um, uma singularidade.

Antes de partir para as navegações, o babuíno ^{imaginário} Bosse-de-Nage de nome “HA HA” ^{mais cinocéfalo do que hidrocefalo} – menos inteligente do que seus iguais – se torna o terceiro passageiro da viagem. Seu nome deriva do monossílabo tautológico que pronunciava: “HA HA”. Útil para pontuar ^{prolixos} discursos, ^{conforme} seu criador.

No tal manuscrito do Doutor Faustroll, o texto que é considerado como um Tratado da ‘Patafísica. Um resumo completo para a *ciência de soluções imaginárias*. Texto sob o título de *Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll*,

patafísico (*Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician*), publicação póstuma de Alfred Jarry, datada de 1911, dividida em oito livros. No Livro *Dois*, definição e caracterização da ‘Patafísica. Esse movimento – definição e caracterização – pode ser entendido como a ‘Patafísica se examinando e se explicando, pois declara a si mesma como uma ciência ^{variante} e se apresenta como uma crítica à indução científica. Nesse sentido, parte da convicção de que “um epifenômeno é aquilo que é superinduzido em consequência de um fenômeno” (JARRY, 2015, p. 25), conceito entrelaçado ao caráter de excepcionalidade. Opera com a noção de um universo suplementar – àquele da física –, no qual as soluções imaginárias implicam no virtual sobre o real – com certa superioridade do primeiro plano –, demonstrando uma possibilidade de relação entre opostos.

Conforme Brotchie (2015, p. 34) “[...] a ‘Patafísica foi um apelo pela intensificação da existência, por um universo suplementar no qual a imaginação teria uma realidade equivalente à do real”, equivalência que interessa aos propósitos desse estudo. Além disso, há o reforço de que a ortografia da palavra deve ser precedida de uma apóstrofe para evitar trocadilhos – talvez uma distinção entre a ‘Patafísica ^{voluntária} da patafísica ^{involuntária}, depreende Ferrer (2016, p. 24). Voluntária porque seus praticantes estão mais ou menos consciente de seus atos ^{invenções, procedimentos}, como o trabalho de Marcel Duchamp e a sua *Caixa de documentos*⁵¹ (1934), ^{um exemplo}. Já a patafísica involuntária mostra-se, no mais das vezes, em revistas paroquiais, como os escritos de São Tomás de Aquino ou de Martinho Lutero, ^{outro exemplo}, e em textos científicos contemporâneos. Por conta dos textos nos quais se manifesta, a *ciência de soluções imaginárias* pode se dar como um modo de apreciação dos fenômenos naturais e humanos. À medida que tais fenômenos são ficções tomadas como realidade ^{verdades}, são considerados produtos de soluções imaginárias. A ^{dita} apreciação está baseada em uma análise da irracionalidade concreta desses fenômenos, a luz do acaso e do humor crítico, de acordo com Fassio (2016).

⁵¹ Em linhas gerais, diz respeito a uma instalação, em forma de caixa desdobrável com laterais e compartimentos corredeiros que guardam itens criados por Marcel Duchamp, miniaturizados. Tal como a [Caixa Valise](#)

Sobre o exercício de definição para 'Patafísica, esse pode ser considerado necessariamente patafísico. Desse modo, pode ser tanto um método, uma disciplina, uma atitude. Pode ser tudo isso ou nada disso. Buscar um sentido último para a *ciência de soluções imaginárias*, é demorar-se numa especulação que gira sobre si mesma. É seguir pistas que se esgotam em bifurcações infinitas. Nesse sentido, não é algo que se defina, segundo Cunha (2019), suas variantes escapam ao exercício da definição. Exercício que recorda a espiral centrípeta do Ubu. Efeito *Gidouille*. Pança ilimitada do Ubu. Pança que quer crescer até englobar o mundo inteiro, o infinito (Jarry, 2015).

Por falar em Ubu, artífice da ciência de soluções imaginárias, a 'Patafísica como ciência inventada - e qual não o é? -, possui atributos que podem ser sintetizados dessa maneira, segundo Shattuck (2016):



- 1) a 'Patafísica é a ciência cujo domínio se estende além da Metafísica. Supera a Metafísica assim como essa supera a Física, em todos os sentidos *ad libitum*;
- 2) a 'Patafísica é a ciência do particular, ciência das leis que regem as exceções - e como ciência pura, não tem leis [universais], portanto não pode estar fora da lei;
- 3) a 'Patafísica é a ciência de soluções imaginárias [lida com a imaginação científica];
- 4) para a 'Patafísica tudo é a mesma coisa - o patafísico não somente não aceita nenhuma explicação científica definitiva e ainda não atribui nenhum valor, seja moral, estético ou qualquer outro, e considera tais valores como simples fatos de opinião;
- 5) a 'Patafísica é, em sua atitude, imperturbável - não no sentido de frieza, mas de manter-se sereno diante de fatos como a vida, que é absurda e banal, ao mesmo tempo. Levá-la a sério, indignando-se ou atacando-a, é grotesco. Essa serenidade confere anonimato e possibilidade de gozar "toda a profusão patafísica da existência" (SHATTUCK, 2016, p. 48);

- 6) tudo é patafísico, porém poucos colocam em prática a ‘Patafísica conscientemente;
- 7) não há nada além da ‘Patafísica, ela é a última instância – somos vítimas de nosso próprio conhecimento, sobretudo de nosso saber técnico e científico. A ‘Patafísica concede a certos indivíduos, “o privilégio de transformar-se em sua própria particularidade: Ubu ou Faustroll, você ou eu”, sustenta Shattuck (2016, p. 50).

“A ciência contemporânea é baseada no princípio da indução: a maioria das pessoas já viu um certo fenômeno ser precedido ou seguido de outro fenômeno na maioria das vezes, e conclui disso que será sempre assim. Além de outras considerações, isso é verdade apenas na maioria dos casos, dependendo do ponto de vista, e é codificado apenas por conveniência – se muito! Ao invés de formular uma lei da queda de um corpo em direção ao centro, o quão mais apropriado seria a lei da ascensão de um vácuo em direção ao periférico, o vácuo sendo considerado uma unidade de não densidade, a hipótese bem menos arbitrária do que a escolha de uma unidade concreta de densidade positiva como a água? [...]” (JARRY, 2015, p. 26).

De acordo com Hugill (2015), *Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico* (1911) é um texto complexo e densamente escrito que apresenta numerosas dificuldades e desafios que, com a passagem do tempo, parecem aumentar. Contudo, é uma obra que está simultaneamente conectada a seu tempo e é eternamente relevante. O que parece uma falta de lógica – ilógico, antilógico? – na literatura absurda de Jarry tem a ver com experimentação patafísica, sem valor pragmático ou aplicação real e imediata dos ditos inventos. Literatura que afeta e que não se vale de linhas retas, desvia da linearidade. Literatura que acata a absurdez, que especula uma dimensão improvisada e pela qual o imaginário surreal faz pensar: por que, não? O que podemos alcançar, ou melhor, inventar? O que estamos inventando agora?

Ainda sobre *Artimanhas ...* afirma Shattuck (1996), que poucos escritores conseguiram compor tão bem com elementos tão distintos como ciência, simbolismo, humor e ocultismo num único livro. Pela imaginação fértil de Jarry foi produzida uma obra artística que conta da vida no século XVI que se adequa em todos os tempos. Além disso, descreve:

Os conceitos mais ricos do livro surgem na área da imaginação científica (Jarry afirmou sem rodeios que não há outro tipo), têm sua aplicação nas esferas biográficas e literárias, tornando-se princípios da patafísica. (SHATTUCK, 1996, p. xvii).

Sobre a relação entre as obras que contam de Ubu e *Artimanhas ...* Rosset (1986, p. 13) comenta que “há em Faustroll a procura de uma nova realidade, em esforço em criar das ‘ruínas’ de Ubu um novo sistema de valores – a PATAPHYSICA. [...]”. Outro sistema no qual se produz realidades ^{alternativas}, reinventadas, histórias contadas especulando multiplicidades ^{imaginativas}. Sistema que recusa se conformar com a racionalidade ou com a lógica, que provoca ^{estimula} liberdade de pensamentos. Um mundo de fantasias, um reino da imaginação ^{poética}, histórias em que a vida é movida pela imaginação das coisas. Especulações por meio de coisas absurdamente ^{inúteis} que talvez possam mostrar o que está tão próximo e nem conseguimos mais perceber. Numa escritura dotada de “alta imprevisibilidade”, segundo Leminski (2016, p. 158), Jarry faz comparações e, inspirado em Nietzsche, num modo de demonstrar Deus, faz especulações a respeito de sua superfície. Discurso patafísico extraído do livro último do manuscrito do Doutor Faustroll ^{patafísico}.

Histórias ^{imaginação} = Historização. Inspirações

A respeito da superfície de Deus

“Deus é, por definição, sem dimensão; é permissível, entretanto, pela claridade de nossa exposição, e mesmo Ele não possuindo dimensões, dotá-Lo com qualquer número maior do que zero, se essas dimensões desaparecerem nos dois lados de nossas identidades. Nós devemos nos contentar com duas dimensões, para que esses sinais planos geográficos possam facilmente ser escritos em uma folha de papel. Simbolicamente, Deus é significado por um triângulo, mas as três Pessoas não deveriam ser observadas como seus anjos ou seus lados. [...]”

Portanto, POSTULADO:

Até que estejamos mobiliados com informação mais ampla e por maior facilidade em nossas estimativas provisórias, vamos supor que Deus tenha a forma e a aparência simbólica de três linhas retas iguais de comprimento A, emanando do mesmo ponto e tendo entre eles ângulos de 120 graus. Do espaço incluso entre as linhas, ou do triângulo obtido ao juntar os três pontos mais distantes dessas linhas retas, nós calculamos a superfície. [...]”

Nós podemos dizer que A é uma linha reta conectando o [zero] e infinito, e pode definir Deus dessa forma: Deus é a menor distância entre zero e o infinito.

[...]”

Portanto, definitivamente: DEUS É O PONTO TANGENCIAL ENTRE ZERO E O INFINITO. Patafísica é a ciência ...”

(JARRY, 1996, p. III-114)

... Dramaturgo Alfred Jarry

PAI UBU. *Pança chifruda!* Não teremos conseguido demolir tudo a não ser que tenhamos demolido as ruínas também. Mas o único modo que vejo de fazer isso é usá-las para montar um monte de belos e bem desenhados prédios. (JARRY, 1994, p. 107).

Estamos no ano 153 da era patafísica⁵² ano vulgar: 2023. Alfred-Henri Jarry (1873-1907) ausentou-se desse mundo partindo para o tal universo suplementar aos 34 anos, por conta de uma meningite tuberculosa. Antes, morava na rua Cassette, número 7, andar terceiro e meio⁵³ [3^½]. Com hábitos radicais, como beber absinto quase psicodélico, dizem, éter e álcool puro em grandes doses. Quando tem dinheiro, absinto e bons vinhos. Quando não, vinhos baratos, éter ou o extravagante *coquetel*. Às vezes, misturava vinagre e absinto em quantidades iguais, e acrescentava uma gota de tinta de escrever – para dormir melhor, advogava. “Pode-se afirmar que Jarry se suicidou, bebendo sistematicamente. Morreu [...] na mesma solidão em que sempre vivera”, nas palavras de Carpeaux (2021, p. 149). Morreu ou navegou navega por águas patafísicas no *Dia de Todos os Santos*⁵⁴. Graça indispensável de Jarry. Já ^{ri}.

Figura 19: Alfred-Henri Jarry [+ - 3x4]



Fonte: ["C'est Alfred Jarry, l'auteur d'Ubu Roi"](#)

⁵² Iniciada em 08 de setembro de 1873, data de nascimento de Alfred-Henri Jarry.

⁵³ Conforme Apollinaire (2021, p. 140) amigo de Jarry, os andares da casa na qual Jarry residia tinham parecido altos demais para o proprietário do imóvel, que os separou em dois.

⁵⁴ Data comemorada em 01 de novembro [todos os anos].

A bicicleta da marca *Clément Lux 96* ^{paixão pelo ciclismo} (Figura 20), ^{bicicleta} que nunca chegou a pagar completamente e “cuja roda faz girar o eixo do mundo que pretendemos que seja real e, nesse jogo, toca o mundo que chamamos de imaginário” (ARNAUD apud JARRY, 2015, p. 39), como o revólver ^{praticante de tiro}, adquirido posteriormente por Pablo Picasso, e as qualidades de um hábil esgrimista concentram traços materiais do imaginário de Jarry. Imaginário que espanta ^{fascina}, desconcerta ^{incomoda}. Imaginário que provoca sensações e risos. Excêntrico, boêmio e pescador ^{desde criança}. Em meio à vida e na imaginação ^{paixão} do poeta, inserções de realidade. Vida que ultrapassa a própria realidade. Se educou em devaneios e inventou vida nova, recordando Bachelard (1997, p. 17-18).

Figura 20: Jarry ^{na bicicleta}



Fonte: [Wikimedia](#)

Em *O fenômeno Jarry*, Tostes (2022) o descreve como um talento inovador, uma figura literária como aquelas que não conseguem caber na própria obra e que “gastam na vida de todo o dia a imaginação que lhes sobra no papel” (idem, p. 26). Destaca também que a encenação de *Ubu Roi* – em 1888 como teatro de marionetes (Figura 21) e em 1896 no Teatro *l’Oeuvre* – não tinha como objetivo chocar a plateia com as palavras raras ou recriadas pitorescamente. Sua intenção

era de protestar contra a estagnação e a mesmice do teatro parisiense. “Seu humorismo vem menos da ironia do que uma atitude feroz diante da vida. Sua intenção não é a de divertir, é a de protestar contra a *bêtise* [estupidez] dos ‘bem pensantes’”, conclui Tostes (idem, p. 25-26, grifos do autor). Enquanto alguns utilizam a imaginação em letras de forma, Jarry a dispersa em frases e piadas.

“[...] E foi nesse ambiente descontraído em que as artes buscavam libertar-se dos modelos convencionais que Jarry envergou sua vestimenta de palhaço triste e, entre duas piruetas à boca de cena, escandalizou o próprio teatro *boulevardier*. Não sei se hoje em dia, em outras roupagens, ele seria um poeta de protesto. Ou se, à maneira do dr. Faustroll, preferiria olhar o espetáculo e condensar maliciosamente num aforismo a mensagem que os atores nos oferecem”. (TOSTES, 2022, p. 28).

Figura 21: Marionetes [criação de Jarry e Bonnard]



Marionetes criadas por Alfred Jarry e Pierre Bonnard para o Théâtre des Pantins, ca. 1897-98. Bibliothèque littéraire Jacques Doucet, Paris.

Fonte: [The Morgan Library & Museum](#)

Aluno de Henri Bergson, em quem se inspira para reinventar alguns conceitos – Duração e a Máquina do Tempo, por exemplo. Em seus escritos também está em Bergson “a base filosófica para a formulação inicial da ‘Patafísica’”, suspeita Brotchie (2015, p. 29). Jarry, leitor de Nietzsche desde 1889 das

aulas de filosofia no liceu de Rennes, cujas leituras também aparecem em suas obras como o mito do Super-homem e a morte de Deus – N’O *Supermacho* (1902) e na superfície de Deus, ^{acima mencionada}. “O espaço de Deus está vazio: mas no riso, outro espaço se abre [...] nesse espaço se move a patafísica [...]”, comenta Agamben (2016, p. 171). Elementos de escrita oriundos tanto do universo das letras como da filosofia inspiram o dramaturgo que também é “[...] personagem de si mesmo, que gostava de ler em voz alta seus textos”, segundo Coura (2020, p. 10). Além do mais, desenhista. Ilustra ^{satiricamente} boa parte de sua obra.

Atraído pelas inovações científicas do começo do seu século, Jarry se mantém informado sobre a ciência de seu tempo. Condição que pode ser constatada pelas máquinas criadas pelo Doutor Faustroll, como a beneficente *Máquina de Pintar* (Livros *Cinco-Seis*) utilizada para embelezar as telas do Museu de Luxemburgo. Máquinas fabricadas de acordo com as investigações mais avançadas que demonstram a importância da cultura da divulgação científica e das novas invenções presentes em *Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico* (1911). Condição que ganha reforço com os termos “romance neo-científico” que constam no subtítulo da obra.

“... Enquanto isso, após não haver mais ninguém no mundo, a Máquina de Pintar, animada por dentro por um sistema de molas leves, girava em azimute no salão de ferro do Palácio das Máquinas, o único monumento em pé em uma Paris deserta e arrasada. Como um pião, ela riscava os pilares, balançados e desviados em direções infinitas e variadas, e seguia seu próprio capricho assoprando contra as paredes como telas na sucessão de cores primárias ordenadas de acordo com os tubos de seu estômago, como uma *pousse-l’amour* em um bar, as cores mais próximas da sua superfície. [...]” (JARRY, 1996, p. 88-89)

Numa proposta de contestação ^{transgressão} da distância entre a arte e a vida, efeitos da convivência entre vida e arte, num equilíbrio arriscado. Interação essa que o leva a assumir a máscara social de Ubu, de tal modo que “Jarry passa a ser não só o criador de Ubu, senão o próprio Ubu, passando inclusive a assinar sua correspondência como ‘Pai Ubu’”, segundo Rosset (1986, p. 12-13). Referir-se a si mesmo como Ubu e, no meio dessa mania, certo desdém ao previsível. Usar o humor como recurso ao estranhamento das coisas. Humor tratado como coisa séria, sob suas diversas aplicações, implicações, comparações e ficções. Doses de absinto e pepinos em conserva moldam e perfumam a vida ^{patafísica} de Jarry.

‘Patafísica aplicada não somente na sua dramaturgia, mas também à própria vida do autor, a tal ponto que sua criação ficcional – favorecido pelo consumo ^{em} excesso de absinto – invade ^{domina} seus hábitos e, por vezes, extrapola sua racionalidade. Não se trata de encenação e sim, desrazão. Ou, transbordamento da razão:

[...] a *pataphysica* [para Jarry] é comparável ao estado que se produz no sonho. A verdade é que a aplicação de seus princípios transforma a vida do dramaturgo em algo semelhante a uma ficção teatral, que acaba por levá-lo ao abandono completo da realidade, em favor de um mundo de alucinação. (FERNANDES, 2007, p. 25).

Abdicação da própria personalidade – ainda que não intenciono reduzir Jarry a Ubu ou a Faustroll – figura de uma escrita singular e de voos ilimitados em suas produções. Supermoderno, tal como o descreveu Leminski (2016), Jarry voou “não em balões ou dirigíveis. Mas em criações dramáticas e textuais muitos pés acima do chão de seus contemporâneos, cabeça enfiada alguns quilômetros para dentro do futuro” (idem, p. 158). Fora dos moldes ^{ditos} tradicionais, a vida e a pessoa do autor de *Ubu-Rei* e criador da ‘Patafísica – e de tantas ^{outras} obras – pode ser considerada uma lenda. Nas recordações de Apollinaire, ^{seu amigo}:

Alfred Jarry foi um homem de letras como raramente se vê. Dos pequenos gestos às palhaçadas, tudo era literatura. É que ele era criado nas letras e em nada mais. E de que maneira admirável. [...] Não há termo que se aplique a essa alegria particular em que o lirismo se torna satírico, e que a sátira, se debruçando sobre a realidade, ultrapassa tanto seu tema que o destrói e sobre tão alto que a poesia mal pode alcançá-la, enquanto o trivial salta aos olhos e, por um fenômeno inexplicável, torna-se necessário. (APOLLINAIRE, 2021, p. 143).

Conceituo lenda, a partir da sugestão de *lenda* em Foucault. Conforme o pensador, ela ^{a lenda} é produzida pelo equívoco produzido pelo fictício e o real, não implicando qual a extensão de sua realidade. Se o lendário ^{no caso Jarry} tenha existido, a lenda o completa com talentos e o embeleza em impossibilidades que tudo decorre ^{ou perto disso} como se ele nem tivesse vivido. Se ele ^{no caso Jarry} for puramente imaginário, a lenda ^{narrada sobre ele} é recheada de “relatos insistentes que toma a espessura histórica de alguém que tenha existido” (FOUCAULT, 2015a, p. 204). Existência real que se entrelaça com a ficção e produz lenda.

Do que foi lido e dito ^{existência verbal intensa} sobre Jarry, o tenho como lenda literária que como tal possui um grupo de leitores e admiradores, propagadores das suas publicações. Seguidores que se organizam em torno do *Collège de Pataphysique* – Joan Miró e as representações de Ubu ^(Figura 22), Marcel Duchamp outro exemplo ^(Figura 23) e as *ready-made*, Pierre Bonnard e as *Voyelles ubusianas* ^(Figura 24), Eugène Ionesco, vultoso patafísico e dramaturgo do Teatro do Absurdo, se configuram como alguns dos membros conscientes desse grupo – com o objetivo de resguardar a obra e a memória jarryniana, “sem intenções evangelizadoras ou proselitistas”, de acordo com Ferrer (2016, p. 10). Uma sociedade douta e inútil, que se dedica a estudar soluções imaginárias, ecoando narrativas do tal grupo ^{sobre si mesmo}. Nesse fluxo, temos também Raymond Queneau e George Perec e as produções do OuLiPo.

Segundo Moura e Santos (2020), o OuLiPo é um grupo formado por escritores franceses em 1960. Conforme as autoras, Queneau rompe com o movimento surrealista da época buscando uma alternativa para produzir seus escritos numa proposta que siga pela contramão da literatura espontânea, aquela literatura criada por inspiração livre. Um exemplo desse modo de escrita é o uso de restrições prévias na construção de textos que “busca formas, estruturas fórmulas matemáticas como fios condutores para ser impulsionada” (MOURA, SANTOS, 2020, p. 93). Como modelo ^{atual} desse tipo de trabalho, cito a *Oficina MATELI: Itinerário para o encontro de Matemática e Literatura no contexto educacional*, integrante da Dissertação intitulada

Relações Matemáticas e Clarice Lispector: um encontro inusitado entre Matemática e Literatura, de Weyh (2021).



Figura 22: Ubu de Miró⁴

Situado entre as páginas 21 e 24 (JARRY, 2010)



Fonte: [MoMa](#)

Figura 23: 50 cc de *Paris Air* (1919)⁵⁵

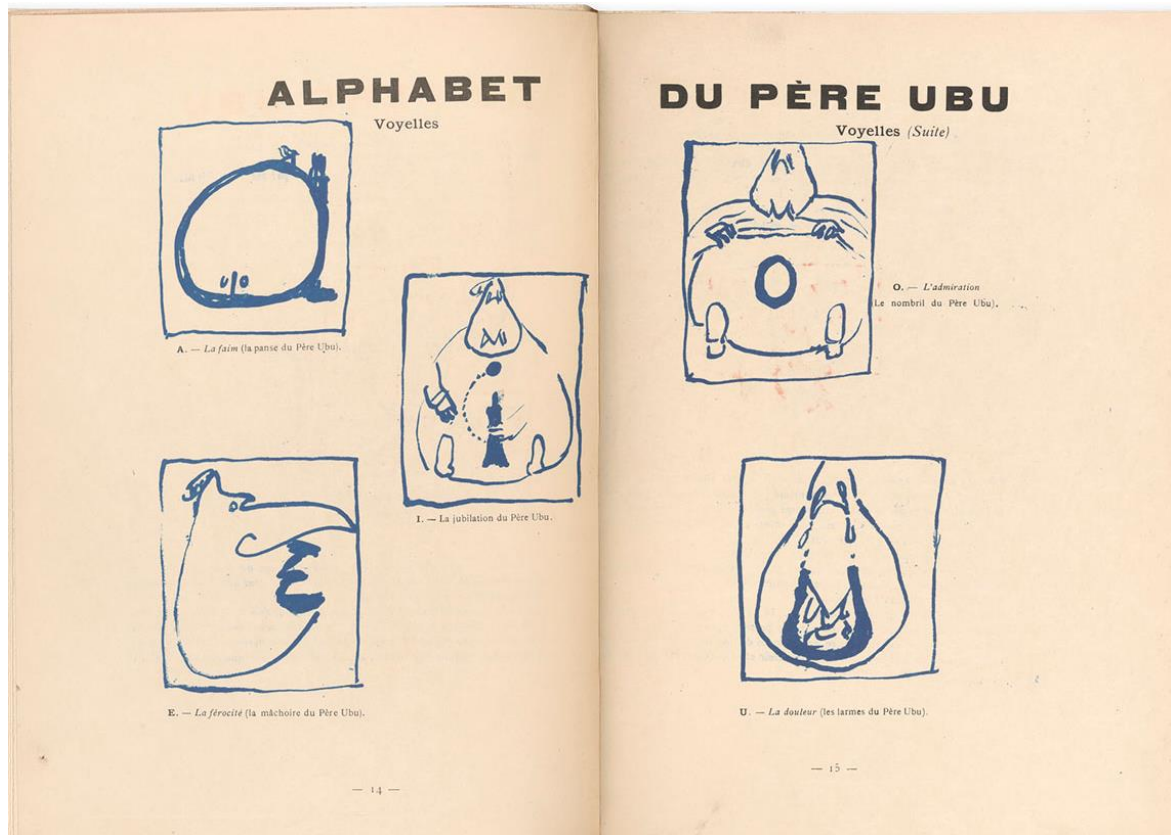


Unível para este objeto devido a direitos autorais, marcas registradas ou direitos relacionados. © Artists Rights Society (ARS), Nova York / ADAGP, Paris / Asso

Fonte: [Philadelphia Museum of Art](#)

⁵⁵ Conta a arte que Duchamp, “de volta a Paris, ao entrar em uma farmácia, encontra uma pequena ampola de vidro vazia e se interessa por ela. Adquire-a e a presenteia a seu amigo estadunidense Walter C. Arensberg, que recentemente começara a comprar suas obras e a estimular suas inquietações artístico-patafísicas: estaria a ampola vazia ou cheia? Cheia do ar de Paris, certamente. Mas vazia, infelizmente, ao olho nu”. (MAUTONE, 2021, p. 57).

Figura 24: *Voyelles ubusianas [vogais]*



Fonte: [The Morgan Library & Museum](https://www.morgan.edu/)

A 'Patafísica ^{sobre}vive a Jarry – com suas alternâncias entre realidade e ficção –, e põe os patafísicos em órbita. Não ^{se} limita a Faustroll, não ^{se} limita a Ubu. Enfim, em si ou fora de si, vai além. Faz parte dela ser desse modo. Nas palavras de Jarry:

[...] a 'Patafísica irrompe, às vezes de maneira estrondosa, para acabar com os pensamentos que pretendem oferecer a vida uma linearidade coerente. A 'Patafísica é continuidade, é criação e destruição das formas pelo acaso e pelo riso; é a aceitação sem vergonha do nosso lado grotesco. (JARRY apud SCHWARTZ, 2013).

A 'Patafísica cria a partir de ^{outras} criações. Busca as exceções que constituem a ciência. Desmistifica os pensamentos ^{únicos} e entrega à imaginação temas científicos, filosóficos e esotéricos. Toma a ciência como objeto e a faz pensar sobre si mesma. Nesse movimento, desconcentra saberes ^{dominantes} e desconstrói

para construir. No processo de construção, interroga discursos ^{na/da} esfera científica no mundo ^{ordinário} e provoca soluções imaginárias para problemas ⁱⁿ existentes. Segundo Eira e Brandallise (2019, p. 34-35, ^{grifo meu}), a um problema ⁱⁿ existente uma “solução não dada é uma solução patafísica ^{imaginária, absurda}. É uma solução sem problema, que levanta mais dúvidas do que responde”. Nesse sentido, um campo de possibilidades se abre a esse estudo que visa examinar ^{frestas} de discursos que lançam mão de *soluções imaginárias ubuescas* situados em regiões de cientificidade com características de uma patafísica ^{voluntária ou involuntária}. Frestas ^{frinchas} que muitas vezes tomam a forma de polêmicas ⁱⁿimagináveis, por conta do humor ^{grotesco} ubuesco que carregam.

De acordo com Fux (2016, p. 44), o discurso ^{patafísico} “oferece uma visão paralela das coisas, muitas vezes lúdica e divertida, mas que coloca em pauta alguns fundamentos enraizados em todos os campos científicos”. Fundamentos considerados como ideias científicas impulsionadas por soluções ^{ditas} reais ^{verdades} numa linearidade coerente. Patafisicamente pensando, soluções ^{herméticas} sistemáticas ^{metódicas} desviam a excessos ^{exabundantes} de cientificidade. Desse modo, em busca do sentido contrário ao ^{dito} natural, invisto nas exceções, nas anormalidades e ^{nas} anomalias, numa aproximação com Foucault (2010a) e novamente atijo a curiosidade. Acomodo aberturas à imaginação no exame das práticas discursivas em torno de ideias feitas na região de cientificidade, em torno da vida. Tal qual Ubu, que inventou a *ciência de soluções imaginárias* por uma questão de necessidade, *pataexperieo*. Nesse impulso, ^{recordando a citação jarryniana que abre essa seção}, seria essa volta à imaginação um caso de destruição positiva? Pela qual outra ordem é construída após a total destruição? Outra ordem construída a partir de soluções ^{imaginárias} como a de estudar as exceções num mundo aparentemente ordenado e com isso movimentar a ciência pela imaginação. Como algo é dito novo ^{outro}? O que poderia isso? Trata-se de um desarrazoado científico? Ou de uma neociência?

E como poderíamos estudar soluções imaginárias se elas não forem imaginárias, fictícias? Como podemos dizer que um trecho de discurso é irônico se não pudermos colocá-lo em oposição com um discurso não irônico? (EIRA, BRANDALLISE, 2019, p. 94-95).

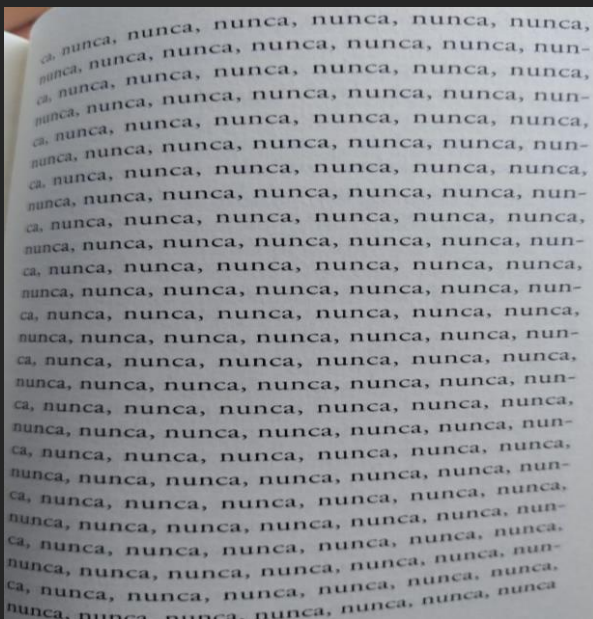
Talvez essa seja uma experiência patafísica. Talvez não exista verdade fora da experiência patafísica. Experiência que se dá pelo imaginário das personagens envolvidas tanto na vida e obras de Jarry – ‘Patafísica inventada por Ubu, descrita por Faustroll – como de quem as estuda. Imaginário que recria realidades. Coloca em possibilidades a especulação. ...re inventa.

O século de Ubu [...]

“Ubuesco! O século que acaba de terminar foi ubuesco. Quando Alfred Jarry apresenta *Ubu rei*, em 1896, ele antecipa o que viria a ser o exercício do poder entregue à mediocridade do século XX. Ele concebe sua peça de modo que o público se veja nela como num espelho, com todo seu grotesco, sua vaidade, sua vulgaridade, sua ferocidade, sua bestialidade. [...] Que Ubu, que provocava cólera em 1896, fizesse rir um século mais tarde é revelador. [...] Jarry dá o tiro de partida, e não somente com o odioso Ubu. Seu teatro mostra o que é um mundo insensato e que tudo volta ao vazio – a ciência *patafísica*, como a filosofia e seus concertos ociosos. Esse mundo de sentido indecifrável é o nosso. E o cômico moderno é o cômico da indecisão, que deixa o indivíduo surpreso, incapaz de se determinar”. (MINOIS, 2003, p. 584).

“A patafísica, para Jarry, é a ciência das soluções imaginárias, um sistema de explicação fenomenológica para o absurdo inerente ao universo. Dedicada ao estudo das leis que governam as exceções, os epifenômenos, na patafísica não há um ponto de vista definitivo, de modo que ela é *um método de síntese que compatibiliza tudo*, até o que aparentemente não tem relação alguma entre si. Como dizia Jarry, ‘Entre o lado esquerdo e o direito há uma direção: em cima’”. (TOSTES, 2022, p. 40-41 ^{grifo meu}).

*patafísica sem a apóstrofe inicial, seguindo a escrita de Tostes.



“Um exercício patafísico [...] portanto, uma ciência que não presta contas à generalidade, à causalidade e à categorização quanto à tradição metafísica (daí, a ciência das exceções [...]) -, no intuito de sensibilizar a educação histórica pelas impossibilidades da própria ciência e sua investigação (estendendo a ciência ao seu limbo, sugerindo contradições e exceções dos vestígios, temporalidades tímidas, o que escapa às hipotéticas e limitadas leis metafísicas no comportamento das causalidades e categorias [...])” (ADÓ, 2022, p. 98).

*imagem extraída de *Desventuras em Série* – a sala dos répteis (SNICKET, 2001, p. 147).

3

reInvenção

ideias feitas em regiões de científicidade

neo **ciência ubuesca**



R
E
I
N
V
E
N
Ç
Ã
O

“[...] Talvez ainda haja um futuro para o riso! O que poderá muito bem ser verificado quando a humanidade tiver incorporado a máxima: ‘*a espécie é tudo, o indivíduo é nada*’, e quando cada um dispuser, a cada momento, de um acesso a essa liberação derradeira, a essa derradeira irresponsabilidade. talvez então o riso se tenha aliado à sabedoria, talvez então resulte em nada mais que a ‘*gaia ciência*’. Enquanto se espera, tudo caminha diferente, a comédia da existência ainda não se tornou ‘consciente de si mesma’, continuamos ainda na época da tragédia, na época das morais e das religiões?

[...] O que significam esses heróis e esse teatro? [...]”

Friedrich Nietzsche, *A Gaia Ciência* (1882)

(NIETZSCHE, 2017, p. 36).

“Uma vez constituída, uma ciência não retoma a seu cargo, e, nos encadeamentos que lhe são próprios, tudo que formava a prática discursiva em que aparecia;

não dissipa tampouco – para remetê-lo à pré-história dos erros, dos preconceitos ou da imaginação – o saber que a cerca.

[...]

A ciência (ou o que passa por tal) localiza-se em um campo de saber e nele tem um papel que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica de acordo com suas mutações”.

Michel Foucault, *Arqueologia do saber* (1969)

[FOUCAULT, 2020, p. 222]

inventar. inventor

1.

Quem não tem ferramentas de pensar,
inventa⁵⁶.

2.

Quando se tem o que inventar,
Aprender se torna mais divertido⁵⁷.

3.

*“Persona que construye um ingenioso ordenamento de ruedas,
Palancas, y ressortes, e cree que eso es civilización⁵⁸”.*

⁵⁶ *Poesia Completa* (BARROS, 2010, p. 473).

⁵⁷ *Dicionário das Ideias feitas em educação* (CORAZZA, AQUINO, 2011, p. 80)

⁵⁸ *Diccionario del Diablo* (BIERCE, 1999, p. 64).

IV

Ideias feitas em regiões de cientificidade

As **ciências** – pouco importa, no momento, a diferença entre os discursos que têm presunção ou *status* de **cientificidade** e os que apresentam realmente seus critérios formais – aparecem no elemento de uma formação discursiva, tendo o saber como fundo. Isso abre duas séries de problemas: que local e papel podem ter uma região de cientificidade no território ^{arqueológico} em que delinea? Segundo que ordens e processos se dá a emergência de uma região de cientificidade em uma formação discursiva determinada? Esses são problemas a que não saberíamos, ^{aqui e agora}, responder: tratemos, ^{somente}, de indicar em que direção, ^{talvez}, poderiam ser analisados⁵⁹”

reInventando ciência ...

– Ciência é tipo crença, respondeu uma voz na lateral da sala de aula.
– Sim. Ciência e crença podem andar juntas, complementou outra voz.
– Por isso, o universo pode ser o criador do próprio universo, professora. Ecoou do fundo da sala, uma fala tímida e quase inaudível. [ganhei minha aula, pensei]
– Ciência está sempre evoluindo, disse a primeira voz. Concordo com a “sôra” de Biologia, continuou.
– Só não é evolução falar em *terraplanismo* em 2022, complementou a outra [rindo].
Risos.
Da turma.

... ecos de uma aula de filosofia

⁵⁹ FOUCAULT (2020, p. 221-222)

A *conversa*ção imaginária acima é uma compilação de algumas das respostas efetivas dos estudantes dadas durante aulas de filosofia, quando se tratou sobre ciência, origem da vida e do mundo, crenças e senso comum *versus* conhecimento científico. Temas esses que exemplificam alguns dos conteúdos que integram esse campo enquanto componente curricular da Educação Básica. Abrangem também aquilo pelo qual sobrevive e se movimenta a própria filosofia, pois está entre seus objetos de estudo e desafios. De acordo com Gallo (2014) desde a Antiguidade, a ciência, como busca de uma explicação racional, sistematizada e metódica do mundo, fazia parte da própria filosofia. Com a especialização de alguns ramos do conhecimento científico, durante o século XVII, a ciência passa a ter autonomia em relação ao campo de saber filosófico. A partir do século XX, produz-se a noção de conhecimento científico como um saber aberto, sempre aproximativo e corrigível, e não uma “afirmação de verdades absolutas” (GALLO, 2014, p. 45-46). Destaca ainda que o período especificado, particularmente final do século XX, é assinalado por intensas discussões filosóficas sobre o conhecimento científico. Como exemplo desse debate cita a obra *Contra o método* (1975), um dos mais discutidos livros de filosofia da ciência, de Paul Feyerabend (1924-1994). Uma das críticas ao método, e que serve a esse estudo, discorre sobre a criatividade do cientista que ficaria limitada diminuída, se encerrada num único método, linear e exato. Em defesa de uma metodologia pluralista e da invenção de novas alternativas, defende que a história de uma

A ciência em si

Se toda coincidência
Tende a que se entenda
E toda lenda
Quer chegar aqui
A ciência não se aprende
A ciência apreende
A ciência em si

Se toda estrela cadente
Cai *pra* fazer sentido
E todo mito
Quer ter carne aqui
A ciência não se ensina
A ciência insemina
A ciência em si

Se o que se pode ver,
ouvir, pegar, medir, pesar
Do avião ao jaboti
Desperta ainda o que
não, não se pôde pensar
Do sono eterno ao eterno
devir
Como a órbita da terra
abraça o vácuo devagar
Para alcançar o que já
estava aqui
Se a crença quer se
materializar
Tanto quanto a
experiência quer se
abstrair
A ciência não avança
A ciência alcança
A ciência em si

(GIL; ANTUNES, 1997).

disciplina deve ser utilizada para aprimoração de seu estágio mais recente, não como algo externo ao progresso, mas como parte essencial dele. Nessa movimentação, “a separação entre a história de uma ciência, sua filosofia e a ciência mesma desaparece no ar”, insinua Feyerabend (1977, p. 68). Com isso, as três disciplinas se fortalecem e seus resultados não são estéreis. Acerca da uniformidade do método empírico ou não e da unanimidade de opinião, declara:

[...] Dá forças a um conformismo sombrio e fala de verdade; leva à deterioração das capacidades intelectuais, do poder de imaginação e fala de intuição profunda; destrói o mais precioso dom da juventude – o enorme poder de imaginação – e fala em educar. (FEYERABEND, 1977, p. 57).

Desse modo, a variação de métodos pode ser estimulante para um conhecimento objetivo, variações que não considerem a moderação da imaginação e que incentivem a liberdade da criação artística para descoberta e, talvez, alteração do mundo em que se vive. Além disso, para Feyerabend, o único princípio que não dificulta o progresso científico é o princípio do *tudo vale*, ou seja, não há limites no exercício do pensamento. *Tudo vale* pela riqueza das ideias, até fazer ciência pelo seu avesso, ^{quicá}. Pensar a ciência por outras perspectivas – religião, filosofia, mitos, por exemplo – provoca tensão nas discussões científicas e coloca em questão a ^{até então} única forma considerada válida de construção do conhecimento dito legítimo:

[...] As considerações de Feyerabend se apresentam como inquietações diante do pensar uma ciência mimética, especulativa que, com um único método impôs a verdade verdadeira das coisas, do mundo. [...] as problematizações de Feyerabend evidenciam uma ruptura na história, ou talvez possa dizer, algo que sai da ordem do consenso. (HENNING, 2008, p. 82).

Einstein ^{astrólogo} e *Galileu* ^{mafioso}? Na obra *A invenção das ciências modernas* (1993), Stengers (2002) comenta sobre a obra de Feyerabend mencionada acima. Ao comparar a atividade científica à astrologia ^{à máfia e ao vudu}, o filósofo *pagou* o preço de ser reconhecido como “relativista” ao fazer essa alegoria “escandalosa” sobre a objetividade da prática ^{científica} e a crítica à elaboração de critérios que possam valer de maneira geral, que distinga ciência daquilo que possa se parecer com ela. Descreve ^{a autora} que o alvo não era de comparar ^{ou assemelhar} Einstein a um

... a ciência vista como uma vela
no escuro

“[...] o modo científico de pensar é ao mesmo tempo imaginativo e disciplinado. Isso é fundamental para seu sucesso. A ciência nos convida a acolher os fatos, mesmo quando eles não se ajustam às nossas preocupações. Aconselha-nos a guardar hipóteses alternativas em nossas mentes, para ver qual se adapta melhor à realidade. Impõe-nos um equilíbrio delicado entre uma abertura sem barreiras para ideias novas, por mais heréticas que sejam, o exame cético mais rigoroso de tudo – das novas ideias e do conhecimento estabelecido. Esse tipo de pensamento é também uma ferramenta especial para a democracia numa era de mudanças. [...]” (SAGAN, 2006, p. 45).

“[...] o que a ciência exige é tão somente que façamos uso dos mesmos níveis de ceticismo que empregamos ao comprar um carro usado ou ao julgar a qualidade dos analgésicos ou da cerveja pelos seus comerciais da televisão. Mas as ferramentas do ceticismo em geral não estão à disposição dos cidadãos da nossa sociedade. Mal são mencionadas nas escolas, mesmo quando se trata de ciência, que é seu usuário mais ardoroso [...]”. (SAGAN, 2006, p. 100)

astrólogo ou Galileu a um mafioso. A identificação da objetividade como produto de uma conduta objetiva pode ter como efeito um instrumento de poder temível, já que faz dela [da objetividade] o destino comum de nossos conhecimentos e cria um ideal que estes devem ter por alvo. Em suas palavras:

[...] Ele procurava demonstrar que, para conseguir fazer história, fazer aceitar o que ele propõe como conhecimento “objetivo”, um cientista não pode se ater àquilo que os filósofos consideram “objetivo”: ela envolve uma maneira singular mas não exemplar de se relacionar com as coisas e com os outros, como a atividade mafiosa. O que não quer dizer que ela se origine do mesmo tipo de envolvimento que a atividade mafiosa. A tese de Feyerabend não é portanto dirigida contra a prática científica, mas contra a identificação da objetividade como produto de uma conduta objetiva. (STENGERS, 2002, p. 48 grifos da autora).

Nesse fluxo, no que tange à relação entre filosofia e ciência, recordo o texto *O novo espírito científico* (1934), uma crítica ao racionalismo e realismo tradicionais, no qual Bachelard (1978, p. 92) afirma que “a ciência cria com efeito uma filosofia”, delineando uma *filosofia científica* que estimula a especulação filosófica na ciência, por via da imaginação científica. Para tanto, na atividade científica, reitera a expressão “se experimenta, é preciso raciocinar, se raciocina é preciso experimentar” (idem). Ainda, a filosofia científica de Bachelard abandona a ideia de um progresso contínuo dos conhecimentos, pois esse acontece por meio de reorganizações súbitas que representam discontinuidades na

história das ciências, numa rejeição ao ultrapassado a ciência se abre à própria revisão. Nesse sentido, a unidade da ciência não corresponde mais a um estado estável, porém não está “mergulhada numa instabilidade incerta, pois a história da ciência mostra que a parte sancionada e ativa cresce”, conforme frisa Bontems (2017, p. 43). Outros modos de pensar filosofia e ciência combinadas num mesmo ambiente.

Em sua obra *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro* (1995) ^{trechos em destaque na página anterior}, o físico, divulgador científico e professor de astronomia e ciências espaciais ^{dentre outras funções}, Carl Sagan descreve a ciência também como modo de pensar, indo além de um conjunto de conhecimentos. Para ele, a ciência se difere de outros empreendimentos humanos por conta da paixão pela formulação de hipóteses testáveis, pela busca de experimentos definitivos que comprovem tais hipóteses, ^{que as confirmem ou neguem}, e pela disposição de abandonar ideias consideradas deficientes. O entendimento desse limite é que fortalece o trabalho do cientista.

Além disso, defende que há coisas que não são compreendidas e muitos mistérios ainda estão por serem resolvidos. Longe de ser um instrumento perfeito, a ciência possui mecanismos próprios de correção dos erros e muitas de suas descobertas podem não ser imediatamente compreensíveis ou satisfatórias. Muitas vezes ^{quase sempre}, a ciência desafia opiniões e provoca tanto sentimentos de reverência e admiração como de críticas, por contradizer crenças profundamente arraigadas (SAGAN, 2006). Raciocínio lógico e conhecer como a ciência funciona ^{mesmo superficialmente} são dicas de Sagan para que não escorreguemos para a pseudociência, quando nos afastamos assustados ^{demais} da ciência, pois nesse momento *a chama da vela escorre e os demônios começam a se agitar ...*

Ciência *isso*. **Ciência** *aquilo*. **Ciência** “*tá em tudo, tá no dia a dia*. Nas tecnologias ^{quase sempre} sem esforços a vivemos. Então, como definir **ciência** *é isso possível?* Ou, como descrevê-la “em si”? Ainda, como responder à questão “*Isto é científico?*”. Em outros termos, “*Como um conhecimento pode ser caracterizado de científico?*”. “**Ciência apreende**”, “**Ciência insemina**”, “**Ciência alcança**” se apresentam como possibilidades de respostas na letra da canção

composta por Gil e Antunes⁶⁰ (1997), destacada anteriormente. **Ciência** produz efeitos no mundo e isso pode se dar de acordo com nossa interpretação, pela conceituação ou pela identificação de suas aplicações. Ou não. **Ciência** pode ser oculta, não oculta, visível ou não, importa que “[...] a ciência precisa das fulgurações que constroem seu saber e, em cada lugar que habita, ou é idolatrada ou é interdita”, descrevem Soares e Loguercio (2017, p. 24). Estamos num mundo no qual viver *fora* do conhecimento científico, dos seus produtos e efeitos, talvez só seja possível pela via de um exercício de imaginação. Exercício que não persiste por muito tempo logo passa, haja vista nossa dependência cada vez mais acentuada pela vida que ela nos proporciona. Dos modos pelos quais estamos acostumados a viver, ser ou estar no mundo ordinário talvez convenham outras perguntas: O que podemos fazer com isso? Ou, o que fabrica um *discurso científico*? Por que adotamos um discurso dito científico e não outro? Quais forças racionalidades entram em jogo?

Dentre os tantos modos de conceituar inventar **ciência**, pela perspectiva foucaultiana a análise pela via das práticas discursivas que moldam nossos modos de ser. Dessa maneira, interessa analisar os potenciais efeitos de tais práticas, investigar possíveis impactos de seus ditos. Com isso, não invalido ou deixo de reconhecer sua importância. Muito menos me coloco como negacionista um pouco de ceticismo equilibrado, talvez da atividade científica, pois a entendo como mais um conhecimento inventado dentre tantos. Conhecimento visto como construção humana, com um objeto construído e como uma das diferentes formas de apreender o mundo.

Práticas Discursivas na/da **Ciência** e verdade, mentira, vida, morte, riso, ironia ...

não necessariamente nessa ordem

Ciência e sua historicidade invenções, tradições, autores é uma das temáticas do livro *Foucault, a ciência e o saber* (2007), de Roberto Machado. Nela o autor faz um percurso em obras foucaultianas com intuito de descrever o procedimento

⁶⁰ [Para escutar](#)

metodológico que o pensador nomeou de *arqueologia*. Para tanto, parte contando sobre Georges Canguilhem, orientador da Tese de doutorado de Foucault e discípulo de Gaston Bachelard, expondo uma análise da abordagem arqueológica vista como um processo: formação, transformações no tempo, trajetórias e deslocamentos quanto à epistemologia e suas modificações internas até chegar à arqueologia do saber. Machado relata que Canguilhem é o epistemólogo com quem Foucault teria mais proximidade, tendo aprendido com ele que a história das ciências deve ser conceitual. A partir disso, a proposição arqueológica de Foucault pode ser ^{melhor} compreendida. Ainda, tal proximidade pode ser notada pela inspiração da região de cientificidade analisada por Canguilhem e por seu orientado, “ciências da vida” para o primeiro e “ciências do homem”, ao segundo (MACHADO, 2007, p. 11).

Em outro ponto, Machado descreve ciência como sendo “essencialmente discurso”. Ou seja, a caracteriza como “um conjunto de proposições articuladas sistematicamente” (MACHADO, 2007, p. 18). Contudo, a defende como um tipo específico de discurso, aquele que tem pretensão de verdade. Ciência como produção de verdades. Como lugar específico da verdade, pois é no seu interior que tem sentido instigar a questão da verdade – de acordo com a filosofia de Canguilhem, descreve. Com isso, recorda Bachelard em torno da questão da verdade na ciência. Para quem, relacionar intimamente ciência e verdade não significa dizer que todo o discurso científico seja ^{obrigatoriamente} verdadeiro, pois proposições falsas e verdadeiras constituem a ciência. Nesse esboço, realça que “a ciência não *reproduz* uma verdade; cada ciência *produz* sua verdade” (idem, p. 19 ^{grifos do autor}). Reforça também que para julgar a verdade de uma ciência, ainda não há critérios universais ou que estejam fora dela. Ressalta ainda que “não cabe à filosofia enunciar a verdade da ciência”, e sim caracterizar uma “operação científica por meio da investigação da produção de conhecimentos de uma determinada ciência” e sobre isso, “refletir filosoficamente sobre as ciências”, focando na formação de seus conceitos (MACHADO, 2007, p. 41).

Disso, conseguimos reconhecer que o conhecimento científico também pode ser falho, o que leva a busca constante pelo seu aprimoramento. Busca

sustentada por questionamentos acerca da verdade científica em determinado momento e espaço. Ou seja, persiste uma impermanência no modo como a ciência se desenvolve. A propósito, pensando com Nietzsche, nessa transitoriedade, num impulso à verdade, acolhemos e fazemos funcionar como verdadeiros seus discursos, dentre os quais situam-se jogos de conceitos manifestados na/pela linguagem. Nesse processo, queremos as consequências agradáveis da verdade, ela nos é necessária, pois nos valemos das *verdades* que conservam nossa vida. *Verdades* como invenção, criação e ficção como tudo que existe. Somos efeitos de tais discursos vivemos somente através de ilusões, diria Nietzsche (2008).

Em referência, lê-se ainda:

“O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas. Ainda não sabemos donde provém o impulso à verdade; pois até agora, ouvimos falar apenas da obrigação de ser veraz, que a sociedade, para existir instituiu, isto é, de utilizar as metáforas habituais, portanto, dito moralmente: da obrigação de mentir conforme uma convenção consolidada, mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório”. (NIETZSCHE, 2008, p. 36)

Mentimos para viver, conforme uma convenção consolidada ... A vida é ilusão, vive da ilusão.

Talvez a verdade seja uma mulher que tem razões para não querer mostrar suas razões admitindo que a verdade seja uma mulher, não está fundamentada a suspeita de que todos os filósofos enquanto permaneciam dogmáticos nada compreendiam a respeito de mulheres? (NIETZSCHE, 2017; 2009).

Seguindo pela perspectiva nietzschiana, ao longo da obra *A Gaia Ciência* (1882) o autor examina numa crítica à filosofia dogmática e ao seu modo de proceder o afã humano de obter conhecimento, movido por uma incondicional vontade de verdade vontade de não se deixar enganar e de não enganar em atingir profundamente a *verdadeira ciência*, na verdade a qualquer custo. Ai! De acordo com Machado (1999, p. 74), reproduzindo o filósofo, a vontade de verdade diz respeito à crença que funda a ciência, a saber, “de que nada mais é necessário do que o verdadeiro”. Contudo, esse algo não precisa ser necessariamente verdadeiro, importa que seja tomado como verdadeiro. Que seja um discurso assumido como verdadeiro, ainda que repousado na crença.

Além disso, a vontade de verdade é capaz de tornar o ser humano mais desconfiado e mais maldoso. Por quê? “[...]Porque agora tem uma ciência – porque agora tem necessidade de uma ciência” (NIETZSCHE, 2017, §33, p. 63). A crença na verdade a qualquer custo, na superioridade da verdade em relação à ilusão ^{ao falso}, envolve a busca pelo conforto, pela comodidade diante de um mundo caracterizado pelo devir, pela mudança, segundo Galvão (2012). Uma resposta ao medo do desconhecido. Quem afirma *ter* a tal resposta, se vale desse poder como instrumento de manipulação sobre os demais e tenta impor uma visão totalizante e universal sobre o mundo.

Nesse curso, a crítica nietzschiana trata da vontade de verdade como que escondendo uma vontade de morte, uma vez que “[...] o verídico, no sentido mais ousado e mais extremo, como pressupõe a fé na ciência, *afirma assim outro mundo* do que aquele da vida, da natureza, da história [...]” (NIETZSCHE, 2017, §344, p. 214 ^{grifos do autor}). Uma crença metafísica ^{desde Platão}, na qual Deus é a verdade e a verdade é divina ... *a besta que existe em nós, quer ser enganada* (idem, 2000, §40).

“Por que, na vida cotidiana, os homens normalmente dizem a verdade? — Não porque um deus tenha proibido a mentira, certamente. Mas, em primeiro lugar, porque é mais cômodo; pois a mentira exige invenção, dissimulação e memória”. (NIETZSCHE, 2000, §54)

Propõe, assim, um novo saber⁶¹, por meio de um fazer científico e filosófico que não se limita entre o verdadeiro e o falso, entre a causa e o efeito. Um método que ecoa na *gaiá ciência*, a qual se vale da criação alegre ^{do riso} e nos afasta da desmedida paixão pelo conhecimento absoluto ^{tanto filosófico quanto científico}, uma vez que esse é inalcançável, segundo Nietzsche. Uma ciência alicerçada num processo criativo, que seja mais próxima da arte, que produza sentidos em vez de verdades e que potencializa a vida em todos os aspectos, ^{incluindo os erros, a dor e o sofrimento}. Pois “*admitir o erro como condição da vida* é rebelar-se contra os atuais

⁶¹ “Mas o que é ciência aqui? A ciência é rotineiramente considerada como uma questão de método e quantificação de análises, ou seja, a ciência se ocupa em conceber um método eficiente para compreender o mundo através da formulação de hipóteses verificáveis em experiências. Foi exatamente o caráter da ciência como método que Nietzsche tinha em mente. Daí a necessidade de outro método. Fora isso, Nietzsche irá criticar a ciência não apenas por seu método, mas também denunciando o aspecto moral da ciência, da ‘consciência científica’”. (GALVÃO, 2012, p. 11).

conceitos de valor, e uma filosofia que a tal se atreve coloca-se por isso além do bem e do mal” (NIETZSCHE, 2009, §4, p. 15 ^{grifos do autor}). Um conhecimento como atividade ^{criativa} que pode alegrar e que se alegra ao fazer experimentação com as ideias, criações provisórias. Criar, ^{pela imaginação}, em vez de descobrir. Outra forma de fazer filosofia, outra forma de pensar a ciência, nas quais o riso e a sabedoria andam juntos. Arte deixando a filosofia e a ciência ^{mais} alegres. Com espaço ^{e futuro} para o riso, sigamos compondo, rindo de nós mesmos e do mundo, aqui e acolá, conforme citações abaixo. Ora, nos alegremos com nossa estupidez. Sem preconceitos! Nessa direção, e no âmbito desse estudo, a *gaia ciência* pode ser considerada uma inspiração para a ‘Patafísica. E Nietzsche um *patacessor* ^{um patafísico antes da Era ‘Patafísica.}

O desmancha-prazeres da ciência

“A filosofia se divorciou da ciência ao indagar com qual conhecimento da vida e do mundo o homem vive mais feliz. Isso aconteceu nas escolas socráticas: tomando o ponto de vista da *felicidade*, pôs-se uma ligadura nas veias da investigação científica — o que se faz até hoje”.

(NIETZSCHE, 2000, §7)

Nossa última gratidão para com a arte

“[...] É preciso de vez em quando descansarmos de nós próprios, olhando-nos do alto, com uma distância artística, para rir, para chorar *sobre* nós: é preciso descobrir o *herói* ^{e também} o *louco* que se escondem em nossa paixão pelo conhecimento; é preciso aqui ^{e acolá} sermos felizes com nossa loucura, para continuarmos felizes ^{com nossa} sabedoria. [...] nada nos faz mais bem que o capuz dos loucos: temos necessidade ^{dele} diante de nós mesmos – temos necessidade de toda arte petulante, flutuante, dançante, zombeteira, infantil e bem-aventurada para não perder essa *liberdade* que nos coloca *acima* das coisas e que nosso ideal exige de nós”.

(NIETZSCHE, 2009, §107)

Planar! Errar! Ser louco!

De acordo com Bök (1997), tanto Nietzsche como Jarry estabelecem bases para uma antifilosofia, cujo espírito de reforma busca caracterizar uma nova metafísica. Ao valorizar as exceções ^{os erros e os absurdos} como soluções que conspiram

para a resistência, ambos subvertem a perversidade das restrições científicas, satirizando a autoridade pedagógica e a imparcialidade dos discursos da ciência.

Assim a 'Patafísica se apresenta como uma ciência especulativa e compartilha com a *gaia ciência* o humor também como via de conhecimento, rompendo com a lógica e com a tradição. Humor como instrumento de conhecimento, não um humor qualquer, mas poético crítico e muitas vezes irônico. Criadas a 'Patafísica e a *gaia ciência* a partir do humor e da ironia se valem de jogos de palavras, numa linguagem que invoca arrogante soluções imaginárias, como uma crítica a linguagens totalizantes, verdades únicas e leis universais. Nesse sentido, Jarry previu o desaparecimento da cientificidade quando a razão forçada para o extremo da lógica e a realidade o que parece ser real podem ser confundidas com possibilidades de veracidade. Leia-se:

“Jarry atua com humor em nome da literatura o que Nietzsche realiza seriamente em nome da filosofia. Ambos os pensadores, em efeito, tentam idealizar uma *gaia ciência* cuja *joie de vivre* [alegria de viver] prospera onde quer que a tirania da verdade tenha aumentado nossa estima pela mentira, e onde quer que a tirania da razão tenha aumentado nossa estima pela loucura” (BÖK, 1997, p. 4-5).

“Jarry performs humorously on behalf of literature what Nietzsche performs seriously on behalf of philosophy. Both thinkers in effect attempt to dream up a gay science, whose joie de vivre thrives wherever the tyranny of truth has increased our esteem for the lie and wherever the tyranny of reason has increased our esteem for the mad”. (BÖK, 1997, p. 4-5).

Traduzido por Débora Cristina Marini.

Olhar a filosofia pela perspectiva do artista, defende Nietzsche, e com isso considerar o ceticismo no que envolve o conhecimento combina com as questões apresentadas por Jarry ao inventar a 'Patafísica. Complementa Bök (1997, p. 58), "para Jarry e Nietzsche, o próprio conhecimento é tão enganoso que nem mesmo pode ser corrigido por esse conhecimento sobre o conhecimento". Para Nietzsche, a realidade é apenas um efeito das ilusões e a ciência não dá conta de explicar uma realidade comum, permanece no campo da interpretação das ilusões. Para Jarry, a realidade é apenas um aspecto da Eternidade⁶², uma alucinação verdadeira atribuída à propriedade dos objetos.

Na *Conferência 1*⁶³ publicada em *A verdade e as formas jurídicas* (1973), Foucault disserta sobre o conhecimento em Nietzsche⁶⁴. Para tanto, se vale de alguns aforismas do filósofo, um deles de uma publicação póstuma, rica e difícil, segundo Foucault em destaque ao lado, e outro extraído da *gaia ciência* (§333) sob o título *O que é conhecer?*.

[...] Diz o texto:

“Em algum ponto perdido neste universo, cujo clarão se estende a inúmeros sistemas solares, houve, uma vez, um astro sobre o qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante de maior mentira e da suprema arrogância da história universal”.

(NIETZSCHE, 1873 apud FOUCAULT, 2002, p. 13)

⁶² “Acrescentemos que Jarry chama de ‘ethernité’ (eternity) o espaço ao redor da metafísica: um campo em que a realidade e a imaginação não se contradizem”. (SCHEERER, 1987, p. 84).

⁶³ Cinco Conferências e Uma Mesa redonda com Michel Foucault realizadas na PUC-Rio [Brasil] de 21 a 25 de maio de 1973.

⁶⁴ Foucault ressalta que utiliza os trechos nietzschianos em função daquilo que pretende abordar nas conferências, a política da verdade, e não para tratar do conhecimento para Nietzsche, recordando a existência de textos bastante contraditórios entre si sobre esse tema. Contudo, frisa que o conhecimento para o filósofo é sempre uma relação estratégica de caráter perspectivo, porque há batalha e o conhecimento é efeito dessa batalha. (FOUCAULT, 2002, p. 23-25).

Sobre o segundo, que trata do papel do riso no conhecimento, detalho partes interessantes a esse estudo.

Primeiramente, Foucault reforça a proposta nietzschiana que conhecimento é algo inventado, não é da mesma natureza que os nossos instintos, nem o refinamento deles, ou seja, é efeito dos instintos *uma centelha entre duas espadas*, repetindo Nietzsche e não tem uma origem. É resultado de um jogo, do afrontamento, da luta e do compromisso dos nossos instintos. “É porque os instintos se encontram, se batem e chegam, finalmente, ao término de suas batalhas, a um compromisso, que algo se produz. Esse algo é o conhecimento”, afirma Foucault (2002, p. 16). E o riso? No aforisma mencionado, Nietzsche retoma um texto de Spinoza no qual o pensador holandês defendia a ideia de que se quisermos conhecer as coisas, efetivamente compreendê-las em sua essência e verdade, é necessário que nos abstenhamos de rir delas, ainda, que nos privemos de deplorá-las ou de detestá-las. Para Nietzsche, segundo Foucault (2002), é justamente o oposto disso que nos leva a compreender as coisas. Rir, deplorar e detestar entram em luta e o jogo desses três instintos ou paixões, tidos como da ordem das más relações ódio, desprezo ou temor, fabricam conhecimento e fazem parte da vontade de conhecer. Porque lutaram, se confrontaram, produziram a *centelha do conhecimento*. Há nisso sempre alguma coisa de duelo, relações de luta e de poder entre o indivíduo e o objeto a ser conhecido. Não há uma adequação ou afeição ao objeto, nem uma unidade, pois “[...] não há no conhecimento algo como felicidade e amor, mas ódio e hostilidade; não há unificação, mas sistema precário de poder”, reforça Foucault (2002, p. 22). Nesse caso, o riso, oriundo do humor ubuesco, produz algum tipo de conhecimento? Se “sim”, que relações de força estão no campo de batalha?

A coragem do riso e da ironia interrogativa

“Nesse século, escreve Michel de Certeau, o intelectual deve ser ridente, para inventar maneiras de pensar diferentes. É o mérito que esse autor reconhece, por exemplo, em Michel Foucault: ‘Seus achados são acontecimentos de um pensamento que ainda pensa. Essa inventividade surpreendente de palavras e de coisas, experiência intelectual de desapropriação de possíveis, é marcada pelo riso. É sua assinatura de filósofo à ironia da História’. Entre a história e o historiador, entre o pensamento e o intelectual, deve existir a ironia cúmplice, o riso da inteligência”. (MINOIS, 2003, p. 611)

Seguindo na proposta de examinar práticas discursivas ^{na/da} ciência nessa perspectiva, descrevo, em linhas gerais, a *significação* deleuziana ^{sem muito aprofundar} pois “*significar* limita a imaginação”, segundo Barros (2010, p. 465) apresentada na obra *O que é Filosofia* (DELEUZE, GUATTARI, 2010), para quem o verdadeiro objeto da ciência diz respeito a criar funções e proposições científicas ^{por vezes a ciência imagina que cria} conceitos, a partir de um campo de referência, reforçado pelas bordas ^{limites} aplicados ao caos, uma espécie de parada na imagem. Uma desaceleração ^{por exemplo, o zero absoluto, a velocidade da luz, o Big Bang ...}

A ciência não tem por objeto conceitos, mas funções que se apresentam como proposições nos sistemas discursivos. [...] Uma noção científica é determinada não por conceitos, mas por funções ou proposições. [...] é essa ideia de função que permite às ciências refletir e comunicar. A ciência não tem nenhuma necessidade da filosofia para essas tarefas. (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 153)

Para Deleuze, tanto a ciência e a arte têm *ideias criadoras*, com sua própria história e seu próprio devir, mas não são conceitos. Conceito, criá-lo, é papel da filosofia. Por isso, é uma tentativa inútil atribuir conceitos à ciência, “mesmo quando ela se ocupa dos mesmos ‘objetos’, não é sob aspecto do conceito, não é criando conceitos” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 45). Elas ^{filosofia e ciência} operam distintamente, sendo que a segunda se ocupa do estado de coisas e suas condições, lida com experimentos e cria variáveis ^{científicas}. A primeira, com experimentações, inventando modos de existência e possibilidades de vida recordando Nietzsche. Nesse sentido, afirma Deleuze, quando a filosofia se compara à ciência, propondo uma imagem simples dela, os cientistas riem. Além disso, reitera que ainda que a ciência seja discursiva, isso não significa que venha a ser dedutiva, “ao contrário, em suas bifurcações, ela passa por muitas catástrofes, rupturas e re-encadeamentos marcados por nomes próprios ^{como Heisenberg, Einstein, Maxwell}” (idem, p. 166, ^{grifos meus}).

Em seu *Abecedário* (1988-1989), Deleuze comenta no *R* de *Resistência* a distinção que faz entre ^{re}conhecer a filosofia como fabricação de conceitos e a ciência como algo que cria funções. Perguntado por Claire Parnet se a ciência cria conceitos, responde:

[...] para a ciência teríamos que encontrar outra palavra. Um cientista é alguém que cria funções, digamos. Não digo que seja a melhor palavra. Ele cria funções. Funções também são criadas. Criar novas funções ... [...] (DELEUZE, 1988-1989, p. 62).

Reforça ainda que criação é resistência. Nessa direção, os cientistas são uma grande resistência. E ao que resistem? Eles ^{os cientistas} “resistem antes de tudo ao treinamento e à opinião corrente, ou seja, a todo tipo de interrogação imbecil” (idem). Em relação à filosofia como resistência, Deleuze ressalta ^{recordando Nietzsche} novamente que se não houvesse a filosofia, não questionaríamos o nível da besteira. Ela, a filosofia, impede que a besteira seja tão grande. Criar ^{via imaginação} é resistir efetivamente. Imaginar, inventar, transcender, desorbitar. Imaginação que transvê o mundo, conforme poetizou Barros (2010).

Ciência, discurso, verdade, conhecimento, ceticismo e invenção. Ciência, funções e proposições científicas. Ilusão, alucinação e realidade. ^{O riso como modo de} resistência no meio disso tudo. Os trechos apresentados acima e as provocações neles contidas mostram algumas das aproximações e dos distanciamentos que podem ocorrer entre a filosofia e a ciência, tendo os questionamentos como impulsionadores de ideias. De qualquer modo, são temas que movimentam as duas áreas do saber, ora acontecem encontros e deles saem centelhas ^{irônicas ou não}, ora tais circunstâncias equivalem a ruídos provocadores de devires ^{inesperados}. Casos ensaiados nessa escrita.

Entra em cena o **discurso** – traços característicos e notas ^{imaginadas em} forma de uma certa presunção de racionalidade científica ^{ou da não científicidade}. Recorto nesse espaço descrições sobre o discurso, com intuito de reforçar características sobre as **práticas discursivas** no trabalho de Foucault (2020), e com isso suspender ^{e evitar} significações outras que o limitem ^{como “teoria”} ou o desviem ^{como} “ideologia” para uma permanência arbitrária ^{carregada de condições} no jogo das palavras cambiantes. Foucault parece também não gostar de palavra acostuada, ^{repetindo} Barros (2010, p. 348). Em linhas gerais, para examinar práticas discursivas, é preciso percorrer as regras de formação que contam ^{um pouco} sobre as condições de sua existência que envolvem também a coexistência, a manutenção, a modificação e o desaparecimento de conjuntos discursivos, com o propósito de obter as condições

de emergência de um saber em dada época. Abrange a realização de um recorte em sentido horizontal nos mecanismos que articulam e movimentam tais práticas. E nessa ação, considerar até a possibilidade de desaparecimento delas. Esse é o papel da arqueologia sobre seu corpo: o arquivo.

Na aula inaugural no *Collège de France*, proferida em 02 de dezembro de 1970, Foucault (2014e, p. 8) questiona “Mas, o que há, enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde está, afinal, o perigo?”. É o que busca responder ao longo da obra *A ordem do discurso* (1970). Uma das respostas vem em seguida, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (idem, p. 10). Nesse sentido, a produção do discurso, numa sociedade como a nossa, passa por procedimentos de controle e delimitação, ou de exclusão e interdição. Trata-se de um jogo entre o desejo e o poder, entre *ditos* que permanecem ^{ditos} e que ainda estão por dizer, comentários como os religiosos, jurídicos e em certa medida, textos científicos com indicação de verdade e pretensão científica ^{quais seus efeitos?}. Esses elementos são algumas das caracterizações da ordem do discurso. Dentre outras, Foucault destaca que os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que podem se cruzar vez em quando, também podem se excluírem e se ignorarem. Desse modo, sem transformá-lo em um jogo de significações prévias, algo que tenhamos que decifrar ou, ainda, tomá-lo como cúmplice do nosso conhecimento, o que devemos fazer é:

[...] conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhe impomos em todo caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade. (FOUCAULT, 2014e, p. 50).

Investigar ou examinar discursos abarca também realizar a descrição dos fatos do discurso, sem interpretação de tais fatos, seguindo o viés da análise de suas existências, suas relações, suas sucessões e regularidades, bem como seu funcionamento mútuo. Não se busca “a conversa semissilenciosa de um outro discurso”, defende Foucault (2020, p. 34). Para tanto, numa primeira aproximação se faz necessário, provisoriamente, recortar uma região inicial que pode ser

Arquivo como superfície das lutas discursivas

“[...] o arquivo consiste em um ponto de vista sobre o discurso e, ao mesmo tempo, na ocasião de sua reatualização incessante. Espaço em que a vida e a morte esgrimam, compondo uma algaravia de vozes que reclamam seu direito de ir e vir, contra toda a forma de contingenciamento narrativo. E já que não dispõe de um centro irradiador, o arquivo perfaz-se pelas extremidades – múltiplas, incontáveis, em indefectível profusão. Seu *modus operandi* é o da flutuação. Dito de outro modo, trata-se da superfície de lutas discursivas onde se forjam as composições de sentido que somos eventualmente capazes de operar [...]”

(AQUINO, 2019, p. 144)

escolhida de acordo com o domínio em que as relações se mostrem numerosas, densas e relativamente de fácil descrição. E em que outra *região* os acontecimentos discursivos parecem estar mais ligados uns aos outros? Segundo as relações mais decifráveis, estão nesta que se designa em geral pelo termo *ciência*, responde Foucault (2020, p. 36 *grifos meus*).

No texto *Sobre as Maneiras de Escrever a História* (1967), o autor explica que não é a linguagem o objeto de estudo enquanto historiador, mas a existência acumulada dos discursos, ou seja, o *arquivo*. Apresenta assim, uma descrição da arqueologia enquanto procedimento metodológico procedimento que inspira esse estudo. Eis:

A arqueologia, tal como eu a entendo, não é parente nem da geologia (como análise dos subsolos), nem da genealogia (como descrição dos começos e das sucessões); ela é a análise do discurso em sua modalidade de *arquivo*. (FOUCAULT, 2015b, p. 75 *grifo do autor*).

Ela, a arqueologia, descreve os discursos como práticas discursivas que atravessam elementos de um arquivo, que diferencia e interroga o já dito em sua existência múltipla. Nesse fluxo, o arquivo ganha força como espaço das lutas discursivas, conforme descrição em destaque.

A existência da ciência como prática discursiva, segundo Foucault (2020), envolve o estudo de seu funcionamento diante de outras práticas. Analisando as contradições, as variações e sistema de formação de seus objetos e

conceitos. Assim, entender ciência como prática discursiva tem a ver com interrogar o jogo de relações com pretensões científicas, que respondam critérios formais de cientificidade, que se constituem como um discurso científico. Nesse sentido, afirma “[...] a ciência (ou o que passa por tal) localiza-se em um campo do saber e nele tem um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica de acordo com suas mutações” (FOUCAULT, 2020, p. 222). Ainda, na realização de um modelo que busque a história de uma ciência, cabe uma análise sobre, por exemplo, como um conceito – carregado de metáforas ou de conteúdos imaginários – assume papel e função de conceito científico. O que se busca é sinalizar as práticas discursivas que deram lugar a um saber, mostrando como a instauração de uma ciência pode ter encontrado lugar nas formações discursivas.

Interrogar a ciência ^{sua história}, modelos ^{científicos} e todo o conjunto que caracteriza sua prática discursiva como a regularidade e a consistência que eventualmente se constituem num discurso científico possibilitam a emergência de um saber. Assim, a arqueologia percorre o eixo: **prática discursiva-saber-ciência** e os *territórios arqueológicos* podem atravessar textos literários, filosóficos como científicos. O saber, dessa maneira, pode estar em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais e em decisões políticas. Nessas condições, Foucault (2020) distingue territórios arqueológicos de *domínios científicos*, haja vista que só pertencem a um *domínio de cientificidade* as proposições que submetidas às leis de construções, que traduzam conceitos e hipóteses científicas. Isso porque “há saberes que são independentes das ciências [...], mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma”, ressalta (FOUCAULT, 2020, p. 220). Recordo que as práticas discursivas estão entrelaçadas com a análise do não discursivo, descritas como as práticas em geral. Práticas essas que produzem e que são produzidas. De acordo com Pinheiro (2014, p. 41), quando menciona discurso, Foucault está se referindo às práticas do sujeito, práticas que “estabelecem hierarquias, distinções, que configuram as possibilidades de outros discursos serem considerados verdades, articulando o dizível e o visível”.

Antes de passar para o exame propriamente dito do *corpus* e, por conseguinte, para a investigação das práticas discursivas na região de cientificidade escolhida para esse estudo, discorro primeiramente sobre aspectos aleatórios em torno da *vida* – aleatórios porque se for significá-la demais, a limitarei – e porque lidamos com um conceito amplo, cheio de significações vida boa, vida de cão, vida eterna ... Em seguida, me ocupo da biopolítica.

Vida: “*não há como passá-la a limpo. (cf. Rascunho)*”. É pela via do comum que trago essa primeira descrição do conceito, apresentada por Corazza e Aquino (2011, p. 154). Humor sério, expressão clichê, mas dotada de sentidos. Da vida ainda pode ser dito que ela é movimento mudança, transformada no presente, rebelde no cotidiano. Vida obedecida que cumpre regras. Também pode ser *vida cheia* aquela professoral que possui muita matéria para pesquisa, segundo Santos (2015). Vida educacional perspectivada. Ou ainda, “a vida tem suas descompensações”, como poetizou Barros (2010, p. 21). Vida vontade de potência. Vida inteira toda. Vida vivida impulso criativo. Vida dupla a do dia e a da noite. Vida morta ... Enquanto vida houver ... Sentidos fluxos para vida devir. Vida, palavra inserida em um jogo de linguagem. Vida polissêmica = Polissemia = expressão de potência de um conceito. Vida complexa. Vida plural.

“Mas talvez que seja esse o maior encanto da vida: carrega com ela, bordado a ouro, um véu de belas possibilidades, prometedoras, selvagens, pudicas, zombeteiras, complacentes e tentadoras. Sim, a vida é uma mulher”! [*Vita Femina*] (NIETZSCHE, 2017, §339, p. 206).

Para esse estudo, foco na vida em sua humanidade radical, a que tem a morte como possibilidade concreta. Nessa sequência, Ferraro (2019) problematiza o conceito *vida* a partir do campo da educação em ciências (ensino de **biologia**) e relaciona como a referida noção foi descrita por alguns pensadores, dentre eles, Nietzsche, Deleuze, Foucault, Bachelard, Spinoza, Schopenhauer. Descrições apresentadas como uma grade de inteligibilidade para o referido conceito, algumas resumidas no parágrafo anterior. Sobre *vida*, afirma:

[...] a palavra em questão pode significar desde a soma das capacidades ou qualidades que permitem o ser vivo resistir à morte, passando por um ciclo que representa etapas específicas da existência de um ser vivo,

até uma série de condições que podem distinguir um ser vivo de um ser não vivo. (FERRARO, 2019, p. 5).

A partir disso, esboça a relação do conceito vida com a **biologia** e menciona a obra foucaultiana *As Palavras e as Coisas* (1966) “[...] Houve, sem dúvidas, nessa região a que hoje chamamos vida [...] (FOUCAULT, 2016, p. 218), para caracterizá-lo como um substantivo potente para a ciência. Em suas palavras:

Quando Foucault [...], em *As Palavras e as Coisas*, observa a derivação da Biologia a partir da História Natural, ele mostra que é o conceito de vida, a emergência da vida, que marca essa passagem. No caso, a vida deixa de ser uma história única que pode ser contada para cada espécie que leva em conta seus hábitos e comportamentos específicos para ocupar um espaço simbólico que unifica os traços comuns entre os seres considerados vivos. (FERRARO, 2019, p. 5).

Nesse caso, a **biologia** seria muito mais uma ciência dos vivos do que uma ciência que constrói um discurso sobre a vida, reitera. No entanto, os seres vivos – objeto de estudo da **biologia** – expressam condição para a vida e com isso se dá um reforço à importância da vida como seu

Biopolítica

De que se trata nessa nova tecnologia do poder, nessa biopolítica, nesse biopoder que está se instalando? Eu lhes dizia em duas palavras agora há pouco: trata-se de um conjunto de processos como a produção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população etc.

São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (os quais retomo agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica. É nesse momento, em todo caso, que se lança mão da estatística desses fenômenos com as primeiras demografias. [...]

(FOUCAULT, 2010b, p. 204).

elemento central, oferecendo assim um discurso biológico como “forma de conhecimento oficial, válido e, portanto, cientificamente chancelado sobre a vida” (FERRARO, 2019, p. 7).

Em torno do conceito *vida* para Foucault, Revel (2011) elenca três ângulos de abordagem nas obras do autor: i) ligado à reivindicação de um certo *status* do arquivo, consistindo na leitura e exame das estratégias de poder entrelaçadas, por exemplo, nos textos que contam sobre “a vida dos homens infames” (1977); ii) no sentido estrito dos poderes sobre a vida ^{gestão e controle} e a emergência de novos saberes sob o ângulo da biopolítica e dos biopoderes ^{onde o poder se aplica à vida, a vida inova;} iii) “fazer de sua vida uma obra de arte”, qualificada como uma possibilidade de relação com o si e com sua própria existência, de acordo com nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. Dentre os três níveis de análise, a abordagem enfatizada nesse estudo é a que lida com a gestão e controle sobre a vida, no sentido de discutir sobre os poderes em torno de sua preservação.

As análises de Foucault sobre a vida, trazendo a biopolítica e os biopoderes (poderes sobre a vida), envolvem investigar como as relações de poder atuam num espaço de resistência, no nível do indivíduo e da população. Revel (2011, p. 45-46) explica como essa resistência pode se mostrar, no lugar em que a vida é conferida a “procedimento de gestão e controle, de exploração e de captação, ^{ela} ^{pode}, ao contrário, afirmar aquilo que nenhum poder jamais possuirá: sua própria capacidade de criação”. Onde o poder assujeita a vida, ela resiste.

Na *Aula de 17 de março de 1976*, Foucault descreve uma nova tecnologia de poder não disciplinar: **a biopolítica**. Ela lida com a população ^{esse novo corpo} múltiplo com inúmeras cabeças ^{na esfera política, nesse sentido,} a temática da vida começa a ser problematizada no campo do pensamento político. Essa nova tecnologia do poder centrada na vida procura controlar (e eventualmente modificar) uma série de eventos, bem como a probabilidade desses efeitos. A análise da dita estatização do poder sobre o homem enquanto ser vivo, tem como pano de fundo a teoria clássica da soberania, na qual, o direito de vida e de morte está centrado do soberano. O efeito do poder soberano sobre a vida, segundo Foucault (2010b), só é exercido quando ele – o soberano – pode matar. É um ^{estranho} direito do

soberano, que consiste em “fazer morrer e deixar viver”. Muitas vezes, o poder do soberano vem dos súditos, por conta da necessidade ou da possível presença de um perigo. Para poder viver constituem um soberano, por isso a estranheza mencionada. A emergência da biopolítica, como governo dos vivos, sugere uma transformação nesse tal direito. Eis:

[...] do grande poder absoluto, dramático, sombrio que era o poder da soberania, e que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece agora, com essa tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a “população” enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de “fazer viver”. A soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e em deixar morrer. (FOUCAULT, 2010b, p. 207 ^{grifos do autor}).

Contudo, a referida transformação ^{de um poder a outro}, não implica na eliminação dos poderes soberano e disciplinar. Podemos pensar numa espécie de acomodação dos poderes. Desse modo, temos uma tecnologia do poder que perpassa, se integra e modifica em outra escala as técnicas até então presentes. Não mais voltada para reger corpos individuais, mas para uma massa global cuja vida é afetada por processos conjuntos, como o nascimento, doenças e morte. São ^{a partir da biopolítica} considerados os fenômenos coletivos que atingem uma população, as preocupações se voltam para os seres humanos enquanto espécie, enquanto seres vivos, bem como seu meio de existência – geográfico, climático, hidrográfico, por exemplo. Os mecanismos postos em funcionamento com a biopolítica têm a ver com as previsões, de estimativas estatísticas e de medições globais. No caso de uma doença que atinja globalmente o fenômeno população, não estamos mais com um caso de morte abrupta que interrompe a vida. Trata-se de um caso de epidemia ^{ou pandemia}, levando em conta como a morte, que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói perpetuamente, a diminui e a enfraquece, descreve Foucault (2010b). Com a biopolítica, por ser voltada para o fenômeno global, será preciso estabelecer mecanismos reguladores com o intuito de modificar a situação, baixar a morbidade e encompridar a vida. Tudo em vista da obtenção global de equilíbrio, de regularidade, de levar em conta a vida garantindo a segurança da população.

Considerando o momento atual, ainda não declarado livre da pandemia da COVID-19, alguns estudos propõem afinidades com a situação que atingiu a população global com as técnicas efetivas da biopolítica. Um desses estudos, intitulado *A Pandemia e o “novo normal”: Impactos no cuidado de si dos professores* (MEDEIROS, 2021), foi escrito no contexto de isolamento social. Nele a autora examina quais os possíveis efeitos da pandemia, problematizando mudanças sociais, culturais e econômicas, para quem exerce o magistério. Para tanto, explica:

Os efeitos da biopolítica permitem o controle da população em massa [...] A biopolítica difere de modelos tradicionais de poder, pois seus princípios são baseados na ameaça de morte. Ela mesma representa uma medicina social que se aplica a população a fim de controlar a vida e por conta disso vivemos em tempos de pandemia COVID19 protocolos e mais protocolos de segurança, higiene e aulas à distância. (MEDEIROS, 2021, p. 111).

O vírus que desencadeou – no ano de 2020 e seguintes – mudanças na conduta docente dentre outras tantas provocou também a proliferação de práticas discursivas em torno da vida e da morte envolvendo ciência e anticiência com efeitos na vida de todos nós, muitas vezes pela via da desinformação. Num cenário de inquietações e incertezas, ainda em meio de uma situação pandêmica, passo para o outro lado do mesmo arquivo ... lado avesso, quiçá.

Especulações Imaginárias para uma neo **ciência** **ubuesca**

Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder. “Libertemos a pesquisa científica das exigências do capitalismo monopolista” é talvez um excelente *slogan*, mas não será jamais nada além de um *slogan*. (FOUCAULT, 2018, p. 231 grifo do autor).

O que estamos inventando agora? Do **Surto** _ epidemia _ à **Pandemia**. Entendemos na prática a distinção desses conceitos. Passamos

rapidamente de um determinado surto_epidemia para uma pandemia. Apesar de estarmos num momento de relativo controle do vírus, por conta das vacinas e, por conseguinte, da ciência, ainda não foi declarado que ela – a pandemia da COVID-19 –, tenha terminado ao menos até o momento dessa escrita. Ou seja, ainda não se foi por completo. Assim, traço uma ^{breve} resenha da COVID-19, partindo do **Quadro 2**, denominado pela citação ubusiana.

Quadro 2: “POIS PODEM GABAR-SE DE ESTAR VIVOS.” (Ubu-Rei, Ato 4, cena VI)

31/12/2019: a Organização Mundial da Saúde (OMS) é alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Trata-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus ainda não identificada em seres humanos.

07/01/2020: as autoridades chinesas confirmam a identificação de um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda a parte.

30/01/2020: Organização Mundial da Saúde (OMS) declara que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização.

11/03/2020: COVID-19 é caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma Pandemia. O termo – Pandemia – se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade, reconhecendo [naquele momento] a existência de surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

Fonte: [Organização Pan-Americana de Saúde](#)

Elaboração: Autora, 2023

... Máscaras para a própria proteção e de quem estiver próximo. Álcool em gel – álcool gel. “Soquinho” [bater os punhos] ao invés de abraços e apertos de mãos. Ou ainda, toque dos cotovelos. Cumprimentos reinventados. Quarentena declarada. Distanciamento, melhor, isolamento social. Confinamento, medida drástica necessária para preservação da vida, de vidas. Taxa de letalidade alta, cerca de 34 vezes maior que uma gripe sazonal. Curva epidêmica. Testes? Sim, mas com resultados somente um mês após o enterro. “Mortes por COVID-19 no Brasil podem ser ainda maiores em função dos atrasos nas estatísticas da Saúde”, afirma pesquisador. Pico da Pandemia. Aumento do número de internações. Esgotamento de leitos nas UTIs. COVID-19 não escolhe vítimas. Gráficos para entender a situação no Brasil da pandemia. Matemática da pandemia: os números nos ajudam a entender. Número de mortos. Prorrogação da Quarentena. Impactos na saúde individual e pública. Taxa de contaminação. O “novo normal”.

Cem dias após o primeiro caso. Frear a COVID-19? Apagão de dados da pandemia. Impactos sociais e econômicos. Papel da ciência em sociedades democráticas. Um milhão de casos de COVID-19, superamos. COVID-19, a solução passa pelo SUS. Vacina russa, mas não para todos. Segunda onda. Retomada das medidas preventivas: Máscaras profissionais X máscaras de pano. Corrida maluca das vacinas. Vacinas e desigualdades. Butantan e Fiocruz na luta real do país. Cientistas brasileiros travam guerra contra a desinformação bolsonarista por vacinação [sequestro do pensamento científico?]. Mobilização pelas redes sociais. *Fake News* sobre a vacina. *Lockdown*. Surtos de variantes. Brasil supera as 400 mil mortes. Escolas abertas no auge da pandemia, risco em alta: a matemática da COVID-19 ^{de novo}. Bolsonaro diz que a infecção por COVID-19 é “mais eficaz” que a vacinação [imunidade de rebanho – articulação de ciência com política?]. Pandemia: Quinhentos dias de Brasil. Retorno às aulas com a adoção de medidas eficazes no ambiente escolar. Passaporte sanitário: outra polêmica. *Ômicron*. Vacinação para todas as faixas etárias. [Mais de] três anos de pandemia. Autoteste. Vacinas em disputa. Não acabou⁶⁵ ...

Os termos e expressões acima, além de integrarem as manchetes disponibilizadas no **Observatório COVID-BR**, circularam e ^{volta e meia} ainda circulam em nosso dia a dia. Uns dias mais do que em outros. Memórias recentes que queremos esquecer, mas não podemos. No momento presente voltamos nossos braços para os abraços. Esperamos os abraços, acolhimento e afetos. Voltamos com nossos corpos para as escolas. Alguns ainda se valem da máscara. Outros não largam o álcool gel ^{como sobrevivemos até aqui sem ele?} Sentimos as mortes de pessoas conhecidas e desconhecidas. Nos vacinamos ^[Figura 25] ... pela esperança de sarar, queremos a *embriaguez* da cura, recordando Nietzsche. Tudo isso ^{e mais um pouco} em meio a um momento científico em discussão. Por vezes, ciência como solução dos nossos problemas. Transbordamento de gratidão de um povo

⁶⁵Esse histórico foi extraído e adaptado do Observatório COVID-19 BR (2023), um site de iniciativa independente para acompanhamento da Pandemia no país, lançado em Março de 2020. Um grupo de professores, pesquisadores e alunos de três universidades públicas brasileiras se uniu para ajudar o público na busca por dados confiáveis para entender a dinâmica da Covid-19. Idealizado por profissionais da USP, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e da Universidade Federal do Grande ABC (UFABC), o Observatório Covid-19 BR é uma plataforma on-line que disponibiliza, em tempo real, a situação da pandemia no País.

convalescente. Outras vezes, em suas privações e fraquezas, uma negação beirando ao delírio. Ciência que padece com a frieza e antipatias. Ciência corrompida? Pervertida? Anticiência, compreendida como aquela que nega qualquer validade do pensamento científico.

Figura 25: Mapa da Vacinação [em 28/01/2023]



Fonte: [G1 - Bem-estar. Mapa](#)

Ou seja, no cenário da crise pandêmica mundial, ruídos intentam a desqualificação da ciência e, por conseguinte, a depreciação da pesquisa científica. Atentemos para alguns desses ruídos, uns beirando *lalomanias*: muitas palavras para poucas ideias.

Cura milagrosa. Na entrevista *A história do cientista que precisou de escolta por provar que a cloroquina não funciona*, publicada na **Revista Radis** – FIOCRUZ (2021), concedida a Stevanim, o pesquisador Marcus Vinicius de Lacerda conta como seu trabalho de pesquisa provando que a cloroquina – ou hidroxicloroquina, remédio usado há décadas no tratamento de malária – é ineficaz contra a COVID-19 e seu uso apresenta riscos aos pacientes infectados pelo vírus. Essas indicações tiveram como efeito ameaças constantes de morte tanto a Lacerda como ao grupo de pesquisadores que atuavam com ele. A reportagem descreve ainda que o uso da cloroquina ganhou repercussão no mundo todo, não exatamente por conta da sua não eficácia comprovada contra a COVID-19, mas por ter sido recomendada pelos ex-presidentes Donald Trump (EUA) e Jair Bolsonaro (Brasil). Tendo como mote a publicação de um pequeno

estudo francês, não revisado por pares, que indicou que vinte pacientes foram curados do coronavírus pelo uso do medicamento. A partir disso, o remédio foi considerado uma espécie de “cura milagrosa” ao que foi tratado inicialmente como uma “gripezinha” e abriu caminho para medidas contrárias à ciência. Além disso, Lacerda relata:

[...] Hoje a leitura do brasileiro mediano é que se tem gente a favor e contra, é porque há dúvida. Foi assim que implantaram a dúvida sobre a vacina. No Brasil nunca tinha se discutido sobre vacina. A primeira vez que o brasileiro começou a duvidar da vacina foi agora porque plantaram a ideia de que a vacina poderia não ser segura e eficaz. Quando o brasileiro médio vê que o próprio presidente tem dúvida, é porque deve haver alguma coisa duvidosa. Mas é triste, porque o Brasil acabou sendo o único país que adotou o negacionismo de forma tão frontal. (LACERDA apud STEVANIM, 2021).

O enfrentamento ao negacionismo e a tal “cura milagrosa” relatados por Lacerda são exemplos de fatos que perpassaram as campanhas de vacinação – antes mesmo delas acontecerem – no país. Como visto, fatos também ocorridos em outras partes do mundo. Uma “indústria” criada a partir do medo. Outrossim, essas discussões evidenciam um modo de resistência da ciência, conforme já mencionado, pela qual cientistas resistem não somente ao próprio treinamento, mas também a todo tipo de interrogação imbecil (DELEUZE, 1988-1989). É preciso questionar o nível da besteira, recordando Nietzsche (Figuras 26+27), para que evitemos novas variantes dela.

Figuras 26 + 27: “Não. Não quero! Vocês pretendem arruinar-me com estas extravagâncias!”

(Ubu-Rei, Ato 2, cena VI)



Fonte: [Jornal O Dia](#)

Fonte: [SPM](#)

Infodemia. Anunciada em 15/02/2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a infodemia pode ser descrita como uma superabundância informacional, muitas vezes precisas – outras não –, que dificultam as pessoas a encontrar fontes e orientações confiáveis quando precisam delas, podendo colocar em risco a saúde da população, conforme Oliveira (2020). Uma espécie de pandemia dentro da Pandemia. Mas não somente vista pelo lado caótico, há certa ordem na disseminação. Como se algo organizasse a disseminação de conteúdo.

No artigo *Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia*, publicado na **Liinc em Revista** – UFRJ⁶⁶ (2020), a autora problematiza a ocupação do espaço digital na disseminação de narrativas sobre a ciência. Nesse fluxo, estão envolvidos desde as instituições científicas, cientistas e divulgadores da ciência, além de políticos, organizações governamentais e não-governamentais. Quais os limites conceituais da desinformação e como enfrentá-la? Ao trazer o conceito de desinformação para o campo científico, Oliveira (2020, p. 6) ressalta que “outros elementos são incorporados ao discurso de legitimação de si”, como a falência das metanarrativas e a crise da ciência como fracassos do pós-moderno, recordando Lyotard⁶⁶. O que provocou uma descrença na

⁶⁶ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/RJ

Ciência no cotidiano ...

“Curiosamente, o medo das vacinas espalhado pelas redes sociais começou por causa de um médico que nunca foi, de fato, antivacinas. Ele apenas queria ficar rico vendendo uma vacina única para sarampo, então, para isso, fraudou um trabalho científico para relacionar a tríplice viral MMR – que protege contra sarampo, rubéola e caxumba – com autismo. Trata-se do médico inglês Andrew Wakefield, que, em 1998, publicou um estudo na revista médica *The Lancet*, uma das mais importantes do mundo, que foi o estopim do maior movimento antivacinas da história. [...] Antes mesmo do estudo ser publicado, foi convocada uma coletiva de imprensa, onde Wakefield lançou um vídeo de divulgação da sua teoria: MMR causava autismo em crianças porque era uma combinação muito forte de antígenos de uma vez. [...]”

(PASTERNAK, ORSI, 2021a, p. 61-62).

Malfeito, feito. HP ⚡

ciência e o espaço para as pseudociências. Contudo, questiona:

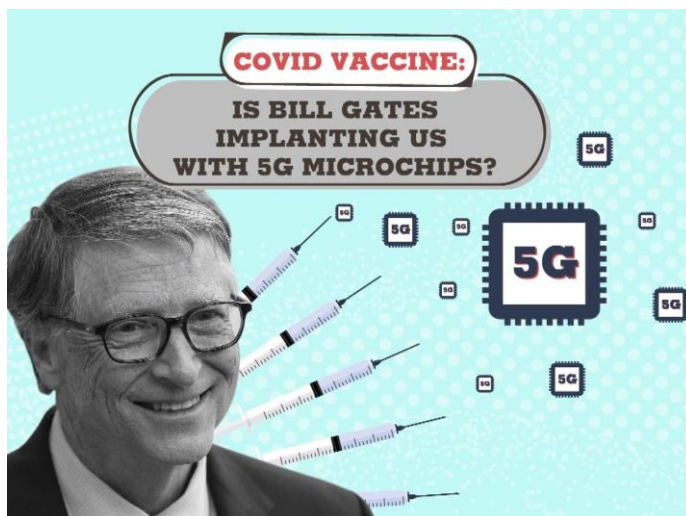
[...] o que é pseudociência? Poderia ser entendida como um mecanismo de autolegitimação enquanto produtor de verdade, desclassificando através de demarcações epistêmicas os conhecimentos/informações alternativas produzidos pelo “outro” como não-verdade? Como essas demarcações definem quais crenças são epistemicamente garantidas? (OLIVEIRA, 2020, p. 6 ^{grifo da autora}).

Ganham espaço com a desinformação, teorias da conspiração relacionadas à ciência, causando preocupação na comunidade científica em geral. Como o movimento antivacina, uma vez que manifestantes desse grupo afirmam que as vacinas são utilizadas para implantação de *microchips* nas pessoas, ou ainda, que elas matarão milhões de pessoas. Reafirma “identificar os discursos em torno das teorias da conspiração neste momento de pandemia nos apresenta importantes pistas para refletir sobre nós mesmos, cientistas e membros das instituições científicas” (OLIVEIRA, 2020, p. 8). Movimentos antivacinas não são novidades na nossa história, ^{destacado na página anterior}. Goldacre (2021), em seu livro *Ciência Picareta* (2021), apresenta outros casos ocorridos em diferentes lugares ^{e em outras épocas} do mundo. Na França (1990), parte da população foi tomada pelo medo de que a vacina contra a hepatite B pudesse causar esclerose múltipla. Em 1988, na pequena província de Kano, norte da Nigéria, enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) concentrava-se na erradicação da poliomielite, guias muçulmanos locais afirmaram que a vacina fazia parte de um plano americano - norte-americano - para espalhar a AIDS e a esterilidade pelo mundo islâmico, organizaram assim um boicote que se espalhou por outras regiões do país (GOLDACRE, 2021). Ataques e teorias da conspiração. Pânicos antivacinação. Ativistas antivacinas se valendo das possibilidades da internet - uma máquina disparadora. Pessoas acreditando em coisas ^{um tanto} estranhas. Desinformação e *microchips* ^(Figura 28) e uma rede de conexões. Sistema democrático ameaçado.

“Quando os homens desejam construir ou justificar uma teoria, é impressionante como torturam os fatos para colocá-los a seu serviço!” – John Mackay, *Extraordinary Popular Delusions and the Madness of Crowds*, 1852. (SCHERMER, 2011, parte 5, p. 18)

Figura 28: “Sim. O meu medo já passou, *mas ainda sinto vontade de fugir.*”

(Ubu-Rei, Ato 4, cena V)



Fonte: [France 24 - Fact or Fake](#)

De acordo com Schermer (2011), na obra *Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas ...* essa questão [título] não é a mais interessante. Mas a que nos convida a responder: *Por que eu e você acreditamos em coisas estranhas?* Ainda, *Por que pessoas inteligentes acreditam em coisas estranhas?* *Quais das tuas crenças ou das minhas podem um dia vir a ser consideradas também estranhas?* Céticos e cientistas não estão imunes, provoca. *Vida pós morte?* outra provocação.

[...] A crença estranha de uma pessoa pode ser a teoria normal de outra, e o que é uma crença estranha numa certa época pode virar algo normal tempos depois. Pedras caindo do céu foram durante um tempo a crença de alguns ingleses malucos; hoje, temos uma teoria dos meteoritos bem aceita. (SCHERMER, 2011, parte 5, p. 18)

Desinformação. Difusão de conteúdo falso para indução ao erro, fabricado para comprometer a reputação de pessoas e/ou instituições. Intenção de enganar. “O fenômeno da desinformação pressupõe um ambiente de desconfiança e confusão e, por isso, os produtores desses conteúdos estimulam a descrença na imprensa, nos políticos e nas plataformas digitais”, relatam Gehrke e Benetti (2021, p. 15) – pesquisadoras da UFRGS. No artigo *A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores*, publicado na

Revista Fronteiras: estudos midiáticos – UNISINOS⁶⁷ (2021), as autoras apresentam o resultado de um mapeamento que buscou identificar e descrever os tópicos de maior circulação em meio ao conteúdo falso relacionado à pandemia – um cenário propício para a desinformação e disseminação de boatos. Para tanto, examinaram plataformas digitais nas quais esse tipo de conteúdo foi compartilhado [Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, WhatsApp e outros], e se ocupam das informações disponibilizadas pelas agências de checagem *Lupa*⁶⁸ e *Aos Fatos*⁶⁹ de tais sites ou redes sociais. Dos conteúdos investigados, listam postagens relacionadas à Política, Cura, Dados, Contágio, China, Economia e Outros. Mantendo, inclusive, os erros de digitação. Algumas dessas postagens, reconto. Nesse recorte, em torno da *Cura* – segundo tema mais abordado nos conteúdos investigados –, destacam-se duas narrativas: a primeira delas está relacionada com a ciência e trata da eficácia de remédios, em especial a favorita já mencionada, cloroquina. Uma amostra: “Mulher do ator Tom Hanks diz na CBS que só se salvou porque usou cloroquina”. Em outra narrativa, destacam-se “as curas” com apelo ao senso comum, conforme:

“Os conteúdos mentirosos dizem que é possível se prevenir do vírus ou até mesmo eliminá-lo com o uso de água quente ou morna (pura, com ‘oito dentes de alho picados’, ‘fatias de limão em um copo de água morna’, ‘sempre manter a garganta úmida’, ‘evite beber água gelada’, chás (boldo, erva-doce), alimentos (alho, limão, laranja, melão, acerola, abacate, manga, abacaxi, fígado de boi) e condimentos (sal e vinagre, pimenta, mel e gengibre). Também mudanças de comportamento poderiam tornar as pessoas imunes ou matar o vírus: bastaria tomar sol, tirar a barba ou jogar água sanitária nos ralos”. (GEHRKE, BENETTI, 2021, p. 20).

Uma terceira abordagem, envolve novamente Bill Gates, considerado o “criador de uma vacina em forma de selo para monitorar as pessoas”, a vacina em questão estaria sendo testada apenas em macacos, e seria aprovada sem testes – em humanos. Em relação ao *Contágio*, os comentários dizem respeito ao isolamento considerado ineficaz e às aglomerações provocadas por pessoas famosas, que defendem o isolamento e por isso são consideradas hipócritas, como “Preta Gil está com Coronavírus. Arrastou 300 mil pessoas em um bloco, todo mundo suando, se esbarrando”. No que tange ao uso de máscaras, álcool gel e chineses, destaco:

⁶⁷ Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/São Leopoldo/RS

⁶⁸ <https://lupa.uol.com.br/>

⁶⁹ <https://www.aosfatos.org/>

“O uso prolongado da máscara produz hipóxia”;
“O uso da máscara torna o sangue ácido”;
“O álcool gel utilizado na assepsia (sic) do coronavírus pode influenciar no teste do bafômetro”;
“China exportou máscaras com covid, ‘URGENTE!!! Máscaras contaminadas serão distribuídas com intenção do plano do Comunismo!!!’” (GEHRKE, BENETTI, 2021, p. 21).

No item *Outros*, nove casos foram analisados. Dentre eles, a orientação de que a Organização Mundial da Saúde (OMS) estaria incentivando a masturbação. Falso contexto, conteúdo fabricado, conteúdo impostor, conteúdo enganoso ou manipulado, falsa conexão, sátira ou paródia são as categorias que emergiram da pesquisa. Situações que moldam usuários nas plataformas digitais, por meio de textos, com ou sem imagens ^{também} manipuladas, e que espalham a desinformação, inverdades, fraudes pelo país ao longo dessa pandemia. Conforme as autoras, a mentira não é invenção do nosso tempo e “o desejo da verdade depende da dúvida, da perplexidade e da desconfiança” (GEHRKE, BENETTI, 2021, p. 26). Nesse sentido, sem o estranhamento e a dúvida, é quase impossível distinguir o verdadeiro do falso.

No artigo *O sujeito informacional e as redes sociais online: reflexos da polarização política nas práticas informacionais relacionadas à pandemia de COVID-19*, também publicado na **Liinc em Revista** – UFRJ (2022), Goulart e Muñoz realizam uma análise dos comentários feitos em grupos públicos do Facebook entre fevereiro de 2020 – data do primeiro caso de COVID-19 no Brasil – e junho de 2021 – data que o país atinge o número de quinhentos mil óbitos decorrentes da doença. As autoras afirmam que podemos entender desinformação como conteúdos propositalmente enganosos, que tanto podem ser completamente falsos ou permeados de informações fora de contextos, fragmentadas ou distorcidas. Com um traço distinto: função de enganar, a fim de se obter vantagem, lucro ou beneficiar alguém. Como resultado, em linhas gerais, listam o preconceito ^{manifestado} contra os chineses, *pois* o coronavírus foi designado como “vírus chinês” e a vacina produzida na China como “vachina”, por exemplo. Outros comentários levam para o campo político, como ataques aos governadores e ao Supremo Tribunal Federal. “Verdades circunstanciais”, em relação à cloroquina, ivermectina, ... os participantes dos grupos defendem a utilização do

remédio que “é utilizada no Brasil a mais de 30 anos” ou “até polivitamínico tem reações adversas e efeitos colaterais”, dentre outras alegações. (GOULART, MUÑOZ, 2022, p. 12). Já os *do contra*:

“Os principais argumentos usados por indivíduos contrários à imunização foram: que as vacinas não poderiam ter sido desenvolvidas tão rapidamente; que ainda estariam em fase de testes e as pessoas seriam cobaias; que os laboratórios não se responsabilizavam por efeitos colaterais; que os imunizantes provocariam um “desarranjo genético” causador de câncer nas gerações futuras. Tais alegações, não raramente, foram apresentadas como oriundas de médicos ou cientistas, profissionais supostamente “renomados” e “especialistas”. Desse modo, os defensores desses argumentos apoiam-se numa hipotética autoridade científica para desenvolver uma racionalização contrária aos imunizantes”. (GOULART, MUÑOZ, 2022, p. 14).

Em relação ao número de óbitos, manifestações de “verdades” e controvérsias.

“O quantitativo de óbitos decorrentes da Covid-19 também foi bastante questionado nos grupos e considerado ‘fantasioso’. Muitos internautas acreditavam ter havido superdimensionamento dos números, inflados de propósito para levar o pânico à população: ‘não existe mais mortes por acidentes, câncer, infecção generalizada, infarto etc...’, ‘tem muitos casos aí de médicos pondo covid em pessoas que morrem’, ‘estamos sendo orientados por forças maiores a relatar todo caso como suspeita de covid-19’. (GOULART, MUÑOZ, 2022, p. 13).

Mortes diárias. Mortes aos milhares. Seiscentos e noventa e oito mil, oitocentos e trinta e quatro mortes por COVID-19 no Brasil, em três anos de pandemia⁷⁰.

E a manutenção da ironia. Ironia que matou. Mata. Muitos de nós.

Figura 29: “E o que quer que eu faça?”

Não fui que provoquei” (Ubu-Rei, Ato 4, cena IV)



Fonte: [Luiz Gê](#)

⁷⁰ Atualização em 23/02/2023. Extraído de [Poder 360](#)

Negacionismo. Processo em movimento. Em contínua reconfiguração. Uma modalidade discursiva. Histórica. Linguagem contaminada e confusão no debate público. Alguns eventos assinalados como impulsionadores do negacionismo que pretendeu sem sucesso ter caráter “revisionista”: i) para se referir a grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio em massa dos judeus durante o regime nazista; ii) negação da responsabilidade do governo turco pelo massacre dos armênios em 1915. Do “revisionismo histórico” ao “revisionismo ideológico” junto à extrema direita dos crimes de genocídio que, numa visão ampliada, se estendem às perseguições de minorias étnicas, nacionais e religiosas. Para além, indígenas durante o período colonial, africanos e africanas vítimas do tráfico e da escravização. Os elementos ^{introdutórios} acima descritos integram o artigo *Negacionismo: História, historiografia e perspectivas de pesquisa*, publicado na **Revista Brasileira de História** – ANPUH⁷¹ (2021). Nele, os historiadores Valim, Avelar e Bervenage tratam do negacionismo na atualidade como algo que se mostra multifacetado. Uma máquina negacionista que visa a destruição de fatos e da noção de *fato*. Ecos sustentados pelos algoritmos das mídias sociais. Numa entrevista, publicada na **Revista Cult** (2020), Valim e Avelar comentam:

“Parece-nos adequado pensar o negacionismo histórico como o elemento estruturante de uma certa governamentalidade contemporânea, compreendida, em termos foucaultianos, como um conjunto de instituição, procedimentos, análises e táticas que adquirem sentido e forma quando articuladas pelo negacionismo histórico”. (VALIM, AVELAR, 2020).

Exercício de uma forma específica de poder, sob a “governamentalidade negacionista”, com intuito de exterminar os “indesejáveis” de uma determinada sociedade, e que não se esgota nisso. “Um negacionista nunca é apenas um negacionista; é também um ideólogo que diz como deve ser o futuro por meio da falsificação histórica do passado”, sustentam Valim e Avelar (2020).

No que se refere ao **negacionismo científico**, Pasternak e Orsi (2021b) afirmam que esse acontece quando a crítica aos consensos científicos tem bases frágeis ou inexistentes. Ocorre, desse modo, uma insistência nela, ainda que seus

⁷¹ Associação Nacional de História – ANPUH

argumentos tenham sido corrigidos ou refutados. O que há de mais grave nisso, destacam, é a conversão desse negacionismo num espetáculo, pois “[...] o negacionista, incapaz de convencer os especialistas que realmente entendem do assunto, decide censurar os fatos ou, se for incapaz de fazê-lo, acaba levando seu caso para o tribunal da opinião pública” (PASTENARK, ORSI, 2021b, p. 9). Além disso, o negacionismo tende a gerar um senso de identidade coletiva e de solidariedade mútua, “a convicção de que ‘nós’, os poucos e bons, estamos juntos na trincheira contra a iniquidade de um mundo dominado por ‘eles’, os muitos e maus, é um potente motivador”, destacam (idem, p. 11).

Outros estudos trazem à tona uma série de desdobramentos impulsionados pelo negacionismo científico ou atitudes anticientíficas. Um deles intitulado *Em prol do realismo científico no Ensino*, publicado na **Revista Ciência & Educação** – UNESP (2020), Arthur e Garcia abordam o movimento anticientífico no que envolve excesso da relativização da ciência na eficácia de vacinas. Contudo, seus autores ressaltam que “[...] de modo geral, a ciência também se erige nas ruínas de suas destruições” (ARTHURY, GARCIA, 2020, p. 4). Além desse, há o artigo *Fake News Científicas: Percepção, Persuasão e Letramento*, de igualmente publicado na **Revista Ciência & Educação** – UNESP⁷² (2020). Nele, os autores Gomes, Penna e Arroio examinam os efeitos das ditas *Fake News* científicas e os possíveis efeitos de jargões de cunho científico na estrutura de notícias falsas que contribuem para a validação de um “discurso semelhante ao dos especialistas” (GOMES, PENNA, ARROIO, 2020, p. 12). Ou seja, quais elementos são potencializadores das *Fake News* científicas? Que elementos endossam a difusão desse tipo de desinformação? Distorção dos acontecimentos reais, percepções equivocadas sobre a influência sobre si desses elementos e recorrência às emoções para moldar nosso modo de ser num mundo tido sob o conceito de pós-verdade, são temas discutidos no texto.

“[...] a percepção do que é ou não verídico pode ser manipulada recorrendo, por exemplo, às emoções e crenças pessoais, 'cegando' a percepção dos fatos – ou melhor, conduzindo ao mundo da *pós-verdade*. Entretanto, é importante ponderar que a *pós-verdade* não diz respeito à superação de um momento em que houve somente a verdade pura e objetiva, muito pelo contrário: esse momento nunca chegou. As notícias

⁷² Universidade Estadual Paulista – UNESP/SP

falsas sempre estiveram e estarão por aí, a questão central é o impulso cada vez mais veloz que elas têm ganhado [...]” (GOMES, PENNA, ARROIO, 2020, p. 3).

Em torno dessa ^{super}abundância de informações, Foster (2021, p. 44-45, ^{grifos do autor}) discute sobre a condição paradoxal: “nunca houve uma época tão bem *informada* sobre si mesma” e “nunca uma época foi tão pouco *informada* sobre si mesma”. Condições essas abordadas em 1927, acerca da nova cultura visual da Alemanha de Weimar⁷³. Ao trazê-las para a atualidade, Foster retoma o dito paradoxo a partir da ideia de que a referida abundância de informações é intensificada pelo ambiente midiático, o que nos sobrecarrega ao mesmo tempo que nos desqualifica para interpretações, ^{nos conecta enquanto nos desconecta}. Segue descrevendo o que denomina de negação fetichista (“sei que x não é verdade, mas acredito nisso”). Utiliza como exemplo a mentalidade *trumpista* – eleitores de Donald Trump para afirmar que a razão cínica desponta como um nível mais elevado do tal fetichismo. Nesse fluxo, também problematiza o conceito de pós-verdade ^{na política}.

“Uma política da pós-verdade com certeza é um problema enorme, mas uma sociedade da pós-vergonha também é. Como menosprezar um líder que não sente vergonha? Ou caçar de quem se vale do absurdo para ter sucesso? Como ‘desdadaizar’ o presidente Ubu? ^[Figura 30] Pensamentos sobre uma condição pós-vergonha conduzem a histórias sobre uma época pré-vergonha [...]” (FOSTER, 2021, p. 46-47).

Retomando a ^{super}abundância de informações, ^{no contexto desse estudo} podemos pensar numa operação acentuada em redes sociais. Também na proliferação de discursos anticiência, provocando distração ^{na/da} ciência. Trata-se, ^{num sentido amplo}, de um conjunto de estratégias discursivas negacionistas com potencial de influenciar o comportamento da população.



Figura 30: “Ubu Trump”, de Mr. Fish

Fonte: [O que vem depois da farsa?](#)

⁷³ Designação histórica pela qual ficou conhecida a República estabelecida na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, em 1919. Para saber mais [República de Weimar](#)

No artigo *Negacionismo científico. Uma análise do Twitter de Jair Bolsonaro em Março e Novembro de 2020*, publicado na *Revista Razón y Palabra* – PUC Equador (2022), as pesquisadoras da Fundação Oswaldo Cruz, Paes, Brasil e Massarani, apresentam um estudo envolvendo as postagens do ex-presidente no título mencionado, contendo negligências de informações refutadas – no caso, a defesa da imunidade de rebanho e do tratamento precoce – e fabricação de controvérsias falsas, como de afirmações contra vacinas. Ao longo do texto, problematizam o negacionismo científico a partir de uma “visão bolsonarista” da pandemia, conforme denominaram.

“No negacionismo, a autoridade cultural e epistêmica da ciência é usada para apoiar crenças não científicas, buscando se mostrar uma alternativa à ciência e não a negar completamente [...]. O negacionismo científico pode ser particularmente perigoso em um cenário de pandemia, como a de COVID-19, pois apoiar medidas alternativas àquelas recomendadas pela ciência e autoridades de saúde coloca a população em situação vulnerável a uma doença letal e que pouco se sabia até então”. (PAES, BRASIL, MASSARANI, 2022, p. 244).

Do conjunto de declarações, as autoras elencam categorias e subcategorias. Categorias: Mitigação, Prevenção, Tratamento, Uso de Informações Científicas e Outros – essa sem subcategorias. Subcategorias: Ações do Governo, Apoio à População, Distribuição de Testes/Leitos/Respiradores, Fechar ou Reabrir Comércio/Economia, *Lockdown* e Isolamento, Remédio, Vacina, Explicação, Uso em Argumentação. Sobre essas subcategorias, ocorreu a análise do *corpus*. Algumas, transcrevo.

Categoria: Mitigação – subcategoria: *Lockdown*/Isolamento

“Nesse tweet, o presidente se posicionou contra as medidas de isolamento, utilizando o testemunho em vídeo de um apoiador no Japão como base de seu posicionamento. Segundo Bolsonaro, se as medidas de isolamento continuassem, teríamos que lidar com o caos econômico e o vírus, juntos”. (PAES, BRASIL, MASSARANI, 2022, p. 250)

Categoria: Tratamento – subcategoria: Remédio, Vacina. Sem divulgar o avanço nas pesquisas sobre vacinas, há o reforço para o uso do tratamento precoce.

“Em ‘Tratamento’, vemos Bolsonaro defender o uso do medicamento cloroquina como tratamento contra COVID-19, apesar do mesmo admitir que os testes demonstraram ineficácia do medicamento. O presidente também comunicou que continuaria testando nos pacientes com o aval da Anvisa, que permitiu os testes no Hospital Israelita Albert Einstein. Bolsonaro afirmou que tinha relatos de que a cloroquina demonstrava eficácia, a partir de testemunhos de pessoas que contraíram

COVID-19 e fizeram o uso do medicamento. O presidente Bolsonaro ainda afirmou que, em breve, os resultados seriam apresentados ao público. Porém durante todo o mês de março não foram apresentadas qualquer comprovação de eficácia em seu perfil. Bolsonaro também admitiu ter comprado o medicamento mesmo sem ter comprovação de eficácia contra a COVID-19, pois, segundo o presidente, a cloroquina era barata e tem eficácia comprovada para outras doenças, como a malária. A base para tal afirmação foi a menção ao *Guia de Vigilância Epidemiológico* [publicado pelo Ministério da Saúde]. Ademais, Bolsonaro zerou impostos de importação dos medicamentos cloroquina e azitromicina. Bolsonaro também comentou sobre o início de testes clínicos de uma possível vacina contra COVID-19 nos EUA”. (PAES, BRASIL, MASSARANI, 2022, p. 250-251).

Destacam ainda que o presidente se posicionou contra à vacinação fora do Twitter. “No mês seguinte, em discurso, Bolsonaro afirmou publicamente que quem tomasse a vacina contra COVID-19 poderia virar jacaré e que isso não seria um problema seu” (PAES, BRASIL, MASSARANI, 2022, p. 254).

Um apoiador da ciência?! Em novembro de 2020, o ex-presidente se declarou como apoiador da prática científica, com liberação de investimentos para pesquisas. No entanto, cortes de verbas orçamentárias. Contingenciamento de recursos. Sufocamento das Instituições de ensino e de pesquisa públicos. Bloqueios na educação pública. Inviabilização de projetos. O que estava ruim, pior ficou.

“Nos tweets da subcategoria ‘Uso em Argumentação’ da categoria ‘Uso de Informações Científicas’, vemos Bolsonaro descrever as diferentes ações de investimento de seu governo na ciência durante a pandemia de COVID-19. É importante destacar que Bolsonaro utilizou esses tweets para posicionar seu governo como favorável à pesquisa científica, tanto pela descrição dos investimentos em pesquisas mencionados quanto por destacar que desde fevereiro de 2020, tanto o presidente quanto o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Marcos Pontes, estavam agindo ao lado da ciência no combate à COVID-19. Entretanto, a realidade mostra o histórico do governo Bolsonaro em realizar diversos cortes e contingenciamentos no orçamento e de recursos de universidades públicas ao longo de seu mandato, sufocando a pesquisa brasileira e desmoralizando os cientistas [...] Alguns efeitos desses cortes orçamentários incluíram a suspensão de editais em andamento e de bolsas em implementações, além dos orçamentos reduzidos pela metade da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no Projeto de Lei Orçamentária Anual de 2020”. (PAES, BRASIL, MASSARANI, 2022, p. 254).

Seguindo a análise do material outras ações do governo durante a pandemia recebem atenção das pesquisadoras. Uma delas envolve o “kit-covid” composto por uma variação de combinações incluindo cloroquina ou hidroxicloroquina, azitromicina, ivermectina e outros medicamentos.

“O ‘kit-covid’ foi disponibilizado até dezembro de 2020 em unidades básicas de saúde e nas farmácias conveniadas ao Programa Farmácia Popular do Brasil (PFPPB) com o aval do Governo Federal, o que demonstra o apoio do presidente à utilização desses medicamentos para o tratamento da COVID-19, mesmo sem comprovação científica – já que, ao final do ano de 2020, já se sabia que o kit era ineficaz”. (PAES, BRASIL, MASSARANI, 2022, p. 253).

Além dessas categorias e subcategorias, critérios ^{desviantes} que dizem respeito ao negacionismo ^{científico} são identificados pelas autoras nos materiais selecionados. Uso da ciência de acordo com o próprio interesse, seletividade das informações e dados científicos que convém à teoria negacionista, negligência de informações refutadas são alguns dos tais critérios que reforçam a fabricação do discurso negacionista. Fabricação que ganha força pelas absurdidades.

“O presidente passeou de moto e sem máscara, cumprimentou garis e mostrou caixa de hidroxicloroquina para as emas do Alvorada ^[Figura 31]. Pode parecer uma piada, mas não: esse foi o dia do presidente em isolamento”, assim o descreveu a jornalista Vera Magalhães. [...] (GOMES, 2020).

...

“[...] Antes disso, correu o mundo uma foto do maior mandatário da República, segurando com as duas mãos uma caixa de cloroquina sobre a cabeça, diante de seguidores devotos e compungidos no que parecia uma missa campal no gramado do Palácio do Planalto ^[Figura 32]. Quem está acostumado a missa católica, sabe que o gesto copiou o momento do ritual litúrgico, depois da consagração do corpo de Cristo, em que a hóstia é mostrada aos fiéis enquanto o sacerdote profere solenemente ‘eis o cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo’. Pois ‘eis a cloroquina divina, que tira a Covid do mundo’, repetiu o grão sacerdote do bolsonarismo, para a adoração da sua igreja. [...]”. (GOMES, 2020).

Figuras 31 + 32: *Como? Se eu estou falando há uma hora. Achas que venho aqui para pregar no deserto?* (Ubu-Rei, Ato 3, cena IV)



Fonte: [Correio Braziliense](#)



Fonte: [Revista Cult](#)

No artigo *Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré*, publicado na **Revista Mídia e Cotidiano** – UFF⁷⁴ (2021), Bezerra, Magno e Maia examinam a produção e circulação de discursos relativos à pandemia COVID-19, tratando sobre aspectos da desinformação e da articulação de movimentos antivacina. Em torno desses aspectos, consideram *discurso* a partir de Foucault, no que tange à materialidade discursiva, bem como se valem da biopolítica no entrecruzamento com a prática analítica que realizam. A dita análise examinou artigos que tratam dos aspectos acima descritos, problematizando principalmente os discursos do ex-presidente, com assuntos que promoveram a negação da pandemia. Negação caracterizada como divulgação de curas milagrosas, de medicamentos ineficazes que contrariavam as medidas preventivas à infecção, colocando a saúde humana e a própria vida em risco de morte. Nesse texto também encontro a transcrição da fala do ex-presidente pronunciada em um evento em 17 de dezembro de 2020, na qual menciona supostos efeitos para defender a não aplicação de uma vacina para proteção contra a doença. Reproduzo um trecho da declaração⁷⁵:

“A vacina uma vez certificada pela Anvisa vai ser extensiva a todos. Que [sic] quem não tomá-la? Eu não vou tomar. Alguns falaram que eu tô [sic] dando um péssimo exemplo. Ôh, imbecil! (aplausos). O idiota que tá [sic] dizendo que eu dou péssimo exemplo, eu já tive o vírus. Eu já tenho anticorpos. Pra que tomar vacina de novo? E outra coisa que tem que ficar bem claro aqui Dra. *** (não compreensível). Lá, na Pfizer, tá bem claro lá no contrato: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema de você [sic], pô! Não vou falar outro bicho, porque vou começar aqui a falar besteira aqui [sic], né? Se você virar Super-Homem, se nascer barba igual [em alguma] mulher, ou, ou algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. [...]”. (BOLSONARO, 2020, apud BEZERRA, MAGNO, MAIA, 2021, p. 16).

Da análise que os autores fazem sobre as provocações acima, destaco a expressão: **“Se a morte não acontece no corpo, ela já começa nas palavras”** (idem, p. 18). Em torno disso, lembram a soberania infame, autoridade ridícula, conforme Foucault (2010a). No emprego deliberado da desinformação, pessoas se tornam dados estatísticos (idem). Reduzidos à generalidade. Há [ainda] quem aplauda. Há [ainda] quem ache graça.

⁷⁴ Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ.

⁷⁵ [Para escutar](#)

“É fato que, quando o chefe do Poder Executivo nega um dispositivo de segurança, constituinte da biopolítica, resolve-se, então, aderir a uma nova estratégia de governo. Quando há uma recusa sistemática para a administração da vida, a única alternativa é a gerência da morte” (BEZERRA, MAGNO, MAIA, 2021, p. 20).

Figura 33: “Pra mim dá no mesmo. Gosto de comer carne crua. Vocês é que estão logrados”. (Ubu-Rei, Ato 4, cena VI)



Fonte: [Beto Cartuns](#)

Ainda, dado o interesse voltado para práticas discursivas que lidam com o ubuesco, destaco expressões do pronunciamento acima que remetem ao discurso do Rei Ubu (JARRY, 1986) e que podem ser relacionadas com as descrições grotescas relatadas por Foucault (2010a). Expressões como “se você virar um jacaré”, “nascer barba igual [em alguma] mulher” e “algum homem começar a falar fino”, se mostram como soluções imaginárias que caracterizam um apelo à **imaginação ubuesca**. Imaginação que lida com descrições bizarras no domínio científico. Enunciações ocorridas num momento em que estava em jogo a saúde da população – no limite entre a vida e a morte, pois o país contabilizava naquela data 184.786 mortos, conforme apresentam Bezerra, Magno e Maia (2022).

Declaração considerada sem base científica, fundamentada na desinformação e permeada por um humor grotesco, por quem, pelo cargo que ocupava, tinha também o poder de verdade. Nessa conjunção de fatores, na qual evidencio o poder de verdade, o poder de vida e de morte, somados ao poder de fazer rir – riso que incomoda, pela torção irônica em torno da ciência que apresenta, encontro as características do poder ubuesco, conforme menciona Foucault (2010a). Reencontro também aspectos da personalidade do Rei Ubu sob a máscara do ex-presidente brasileiro. Algumas delas, sinalizadas pelas Figuras (26+27, 28, 29, 30, 31+32) que de algum modo remetem às falas do Rei Ubu. Falas sob o tom irônico e grotesco, num confronto entre a vida e a morte. Ainda, a



fabricação de dúvidas e exploração delas, alimentação do negacionismo científico, produção de “verdades” desonestas em relação à pandemia, recusando sua gravidade e com isso a banalização da vida, correspondem a intensificação do medo, do terror ubuesco, de acordo com Foucault (2010a) e conforme age Ubu, enquanto Rei. Lançar mão de uma ironia que corrói a sustentação de uma sociedade democrática, atingindo as diferentes dimensões da vida, recorda Ubu no auge do seu reinado, quando depois de confiscar os bens materiais de seus súditos e aumentar os impostos, chama ao palácio os nobres [já acorrentados], os financistas e os magistrados para que devolvam seus cargos e os benefícios. Após – não sem antes resistirem – são todos jogados e empilhados num alçapão.

Mãe Ubu: _ Que estás fazendo, Pai Ubu? Quem se encarregará agora da justiça?

Pai Ubu: _ Quem? Eu. Verás como tudo anda bem ...

(Rei Ubu, Ato 3, cena II) (JARRY, 2022, p. 77-82)

Seguindo na aplicação das ferramentas conceituais foucaultianas, agora em torno da biopolítica, tanto o negacionismo diante da gravidade da pandemia como o incentivo ao uso de medicamentos – o tal “kit-covid” como alternativa à

vacina, composto por medicamentos alvos de crítica por conta da ineficácia para aquilo que induziam seus usos, demonstram a perversidade e o perigo postos em circulação por um “soberano desqualificado” (FOUCAULT, 2010a, p. 13). Ainda, considerada como uma política, que se vale de cálculos e prognósticos, a biopolítica “regula a população por meio de ações governamentais, no desejo de assegurar a vida coletiva”, conforme Henning (2019, p. 371). Nesse caminho, quando em funcionamento, lança mão de estratégias coletivas em nome da vida, pois para defender a sociedade se faz necessário assegurar a vida.

As expressões grotescas que remetem ao discurso que se vale do poder ubuesco, de algum modo, podem provocar estranhamentos quando se pensa em biopolítica. Desinformações, manipulações, negações e tantos outros ruídos que se agregam à ciência postos em jogo pelo então ex-presidente com o intento de agradar e conquistar um grupo específico: seus apoiadores. No entanto, tais práticas respingam fortemente naqueles que não o apoiam. Essas considerações põem a pensar nas ressonâncias do poder ubuesco, uma vez acionado, e na maximização dos seus efeitos nas práticas em torno da biopolítica. Quais respostas são possíveis, quando nela acontece o atravessamento de um discurso que carrega ao mesmo tempo poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir? Como encompridar a vida e garantir a segurança da população?

Ainda, a divulgação de tantas desinformações e a manipulação da opinião da população trilham no sentido oposto da biopolítica - uma antibiopolítica - “[...] uma vez que a vacinação é um dos seus dispositivos de segurança, o discurso governamental expõe suas garras soberanas e gerencia a morte”, segundo Bezerra, Magno e Maia (2021, p. 18). Deixar morrer. Uma sociedade dividida. Um vazio das ideias. Guerra de *todos contra todos*? O descompromisso com a verdade, efeitos de uma política ridícula. Efeitos de uma bufonaria na política, ^{de acordo com Tiburi (2017).}

“Vivemos o efeito de uma política estupefaciente. De um lado, vemos pessoas encantadas com o que não lhes parece sério, atos que escondem práticas indefensáveis de políticos homofóbicos, racistas e fascistas; pessoas verdadeiramente fascinadas com bufões que brincam onde deveria haver seriedade e agem de modo sério quando ninguém leva a sério o que propõem leis ou decretos [...] a reinvenção da política seria a única chance de produzir algo de bom [...]”. (TIBURI, 2017, p. 17).

E na saga das *soluções* para curar a COVID-19, temos também a *recomendação* do prefeito de Itajaí (SC), da aplicação simples e rápida ^{doses curtas}, duas a três vezes por dia, de ozônio. Aplicação retal, diga-se.

“[...] Ele sugeriu aplicar ozônio pelo ânus do paciente com diagnóstico e sintomas de infecção pelo novo coronavírus. [...] Ele já havia determinado que o município fornecesse homeopatia para a população como forma de prevenção à doença – equipes passariam de casa em casa aplicando cinco gotas de cânfora diluídas em água para quem tivesse interesse. [...] medida barrada pelo Ministério Público de Santa Catarina. [...] Ele fez o mesmo com a ivermectina como ação preventiva e o com o antibiótico azitromicina como tratamento a pacientes infectados. Agora ele volta com uma polêmica maior: oferecer a ozonioterapia retal para pacientes com Covid-19. [...]”. (VALÉCIO, 2021).

O que estamos fazendo de nós mesmos?

Conforme Ribeiro e Costa, no artigo *O método da Cartografia e a Educação em Ciências: interlocuções*, publicado na **Revista Ensaio: Pesquisa e Educação em Ciências** – UFMG (2022), num cenário com todas as dificuldades encontradas algumas delas descritas nesse estudo, o fenômeno do negacionismo, evidenciado dentro da própria ciência, lida com sua desqualificação e com suas importantes contribuições para o contorno da situação da pandemia da COVID-19. Uma possível causa para essa situação pode ser o distanciamento das pesquisas e teorias científicas do grande público. Outra causa, segundo as autoras, passa pela educação conteudista da ciência, que não dialoga com os conhecimentos populares. Entretanto, “[...] O que está em questão não é culpabilizar a ciência, mas implicar as maneiras vigentes de pensar e fazer ciências com o cenário de negacionismos em recrudescimento [...]”, ressaltam Ribeiro e Costa (2022, p. 3-4). Desse modo, as autoras reforçam que o fazer ciência pleiteia que se dê espaço ao imprevisto e a partir dele que se crie, produzindo diferenciações, percebendo as implicações políticas abrindo espaços para a invenção no processo de conhecer e pesquisar. Com isso, não fixar modelos a serem copiados, mas questionar verdades sem propor outras que ocupem o lugar e que o saber produzido não se coloque como verdadeiro ou falso. Que não se limite a perguntar *Qual discurso é*

mais verdadeiro? Um desafiante exercício para a imaginação científica. Um pouco mais de atitudes patafísicas, ^{quicá}.

Em torno da educação em ciências, e os desafios que permeiam esse momento histórico, repito Bachelard (1996) acerca da objetividade científica e sua construção no âmbito escolar, bem como a ideia de que o saber científico deve ser reconstruído a cada momento, até para motivar uma contraposição a expansão do negacionismo científico. Num espaço no qual a cultura científica possa ser tomada como um conhecimento aberto e dinâmico. Em suas palavras:

Na obra da ciência só se pode amar o que se destrói, pode-se continuar o passado negando-o, pode-se venerar o mestre contradizendo-o. Aí, sim, a Escola prossegue ao longo da vida. Uma cultura presa ao momento escolar é a negação da cultura científica. Só há ciência se a Escola for permanente. É essa escola que a ciência deve fundar. Então, os interesses sociais estarão definitivamente invertidos: a Sociedade será feita para a Escola e não a Escola para a Sociedade. (BACHELARD, 1996, p. 309-310).

Considerando ainda que inventamos realidades a partir do discurso científico, num mundo que também é criação científica (HENNING, 2019) há respostas racionais possíveis para tais provocações? Que efeitos produzem, além do riso, as palavras patéticas, o humor, a ironia na construção da ciência? Essas questões me levam a especular sobre as condições de possibilidade para a invenção de uma neociência. Recorro, assim, à 'Patafísica como ferramenta de análise.

Antes, listo, em ordem cronológica, os artigos e a entrevista que compõem o *corpus* discursivo examinado. Assinalo-o no **Quadro 3** ^{abaixo}, que denomino **Terceiro e meio**, em alusão ao andar da localização do quarto de Jarry. O **meio**, como significação ao espaço do qual a neociência clandestinamente observa.

Quadro 3: TERCEIRO E MEIO

Artigos	Autores	Fonte
<i>Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais</i>	Artigo de Patrícia Valim e Alexandre de Sá Avelar	Revista Cult Exclusivo do site - UOL, 2020
<i>Em prol do realismo científico</i>	Artigo de Luiz Henrique	Revista Ciência & Educação

*relativismo e negacionismo	Arthur e João Otávio Garcia	UNESP, 2020
Fake News científicas: percepção, persuasão e letramento	Artigo de Scheila Gomes, Juliana Penna e Agnaldo Arroio	Revista Ciência & Educação UNESP, 2020
Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia *infodemia	Artigo de Thaianne Moreira de Oliveira	Liinc em Revista UFRJ, 2020
A história do cientista que precisou de escolta por provar que a cloroquina não funciona *cura milagrosa	Entrevista de Marcus Vinícius de Lacerda a Luiz Felipe Stevanim	Revista Radis Comunicação e Saúde FIOCRUZ, 2021
Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa	Artigo de Patrícia Valim, Alexandre de Sá Avelar e Berber Bervenage	Revista Brasileira de História ANPUH, 2021
Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré	Artigo de Josenildo Bezerra, Madja Elayne Magno e Carolina Maia	Revista Mídia e Cotidiano UFF, 2021
O sujeito informacional e as redes online: reflexos da polarização política nas práticas informacionais ligadas à pandemia de COVID-19	Artigo de Andreia Heloiza Goulart e Ivette Kafure Muñoz	Liinc em Revista UFRJ, 2022
A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores	Artigo de Marília Gehrke e Marcia Benetti	Revista Fronteira: estudos midiáticos UNISINOS, 2022
Negacionismo científico. Uma análise do Twitter de Jair Bolsonaro em Março e Novembro de 2020	Artigo de Amanda Paes, Vanessa Brasil e Luisa Massarani	Revista Razón y Palabra PUC, Equador – México, 2022
O método da Cartografia e a Educação em Ciências: interlocuções	Artigo de Élide Ribeiro e Fernanda Costa	Revista Ensaio: Pesquisa e Educação em Ciências UFMG, 2022

Fonte: Autora, 2023

À ‘Patafísica o que é da ‘Patafísica. Em

operação com a *ciência das soluções imaginárias* investigo como a imaginação aplicada às práticas discursivas que adotam o ubuesco, oferece condições para produção de verdades no campo científico. Ela que põe em órbita as exceções que constituem a ciência, também movimenta e desequilibra a ciência pela imaginação. Nesse fluxo, adentra nas frestas dos discursos que lançam mão de soluções ditas do campo científico. Frestas muitas vezes descritas como limitações da ciência. Frestas que tomam formas de polêmicas inimagináveis por conta do humor grotesco que carregam. Espaços deixados de propósito ou não. Nessa direção, lanço mão da ‘Patafísica como artefato para o exame das regras do jogo que mobilizam práticas discursivas ubuescas na região de cientificidade da própria vida. Ela que toma a ciência como objeto para que pense sobre si mesma, que interroga os tais discursos da esfera científica e se embrenha nas brechas, nas fissuras, nas rupturas e descontinuidades da ciência para com isso incentivar soluções imaginárias. É preciso, contudo, lembrar que na ‘Patafísica não há um ponto de vista definitivo, tida como um método de síntese que compatibiliza todas as coisas, ela sugere contradições e examina as leis que regem as exceções. Das frestas de tais práticas emergem enunciações como ...

... da ema

“É só uma gripezinha [num corpo de atleta]”

“Eliminação do vírus com água quente e oito dentes de alho picados”; “Experimentou limão, já?”

“Tirar a barba e jogar água sanitária nos ralos”; “Uso de máscaras produz hipóxia e torna o sangue ácido”;

“Máscaras contaminadas com Comunismo”;

“Vachina comunista”;

“Masturbação, uma solução indicada pela OMS”;

“Vacina para implantação de *Microchips* ou selos para monitorar as pessoas”; “Vacina causa ‘desarranjo genético’ e câncer”;

“O apoiador japonês tem razão sobre o isolamento”;

“Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina!
Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina!”

“Olha, *ema*, a Hidroxicloroquina! Quer?” “Cloroquina é divina!”

“Kit-COVID”

“Kit-COVID”

“Kit-COVID”

“[tu, homem] vai falar fino”

“[em ti, mulher] vai nascer barba”

“[tu] vai virar chi... [ops] jacaré!”

“Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré!
Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré! Jacaré!”

Sem falar na aplicação retal de ozônio, de dois a três minutos por dia ...

... ao jacaré

As expressões acima, destacadas das práticas discursivas em torno da vida, se mostram como epifenômenos – tudo aquilo que cerca o fenômeno – em torno do fenômeno da pandemia da COVID-19 e se apresentam como condições para a emergência de uma neociência. Uma neociência impulsionada pelos discursos grotescos e que se valem da imaginação ubuesca. Por isso, a ‘Patafísica se mostra como ferramenta potente para tal investigação. Ela, a ‘Patafísica, examina tais práticas e o apelo à imaginação destas, imaginação que ganha força pelo seu aspecto grotesco, ubuesco. Alargando assim a aposta conceitual de uma imaginação ubuesca no campo científico. Entretanto, a ‘Patafísica ali não permanece. Ela circula, tal qual a espiral desenhada no gigantesco ventre do Ubu. Ventre que ruma o mundo. *A ciência de soluções imaginárias*, ora se aproxima, ora se afasta. Se diverte, especulando. Especula se divertindo. Inventa modos de pensar. Emerge para se espalhar. Espalhando, desvia. Vai. Volta. Perambula. Vagueia. Se insinua. Seduz. ‘Patafísica que inventa para atender uma necessidade já sentida. ^{Abreviando:} uma ciência.

Ela interroga, problematiza e se descola desses discursos. Não somente porque não é seu papel negar a ciência, mas sim criar sobre ela. Ela desconstrói

para construir. Uma amostra especulativa de uma criação patafísica sobre a ciência – tal como imaginada por Jarry –, pode ser o paradoxo conhecido como o *Gato de Schrödinger* (1935). Experimento imaginativo relacionado à Física-Mecânica Quântica, destacado ao lado.

A ‘Patafísica participa de tudo isso, sempre que se pode afirmar na mesma coisa e dela difere quando se quer reduzi-la a uma dessas relações. A ‘Patafísica é o pensamento totalitário que tudo abarca, o que ela não quer esclarecer, ela o aniquila, e o que não aniquila, submete” (SCHEERER, 1987, p. 94).

Por conta disso, entendo que a ‘Patafísica se descola da *neociência* que busco e que está ambientada nas relações da própria ciência. Também porque tanto Ubu, enquanto professor e doutor em ‘Patafísica, como Jarry, seu criador, são defensores da ciência. Como experimentação jarryniana, a ‘Patafísica evoca o modo burlesco como Ubu entende a vida, se deixando levar pelos acontecimentos, rompendo com o pensamento linear. Acontecimentos fictícios que muitas vezes lembram os eventos reais vividos pelo seu criador (POLLIN, 2013). Nesse sentido, Jarry – o criador –, sempre atraído pelas inovações científicas do começo do seu século, se manteve informado sobre a ciência de seu tempo e transpõe esse fascínio nas falas da personagem mais conhecida de sua obra. Pollin (2013) sustenta ainda que a ‘Patafísica pode ser descrita como um conjunto de soluções imaginárias que Jarry evoca para responder aos eventos que, de algum modo, afetaram a continuidade de seus pensamentos. Pois, quando mobiliza sua força positiva – como uma *ciência dos simulacros ao mesmo tempo que é simulacro da ciência* – a “‘Patafísica gera

Descrição do experimento

“Imagine um gato dentro de uma caixa, junto a um objeto que pode ou não matá-lo em mais ou menos uma hora, como uma fonte de radiação, por exemplo. A caixa é selada com o animal e o composto químico dentro dela e deixada isolada. Após aproximadamente uma hora, de acordo com Schrödinger o gato se encontraria em um estado de superposição, estando ao mesmo tempo **vivo e morto**, pois para todos observando o experimento, não seria possível ter certeza do estado do gato até que alguém abra a caixa, ou seja, interagir com ela, forçando o colapso da superposição para um gato **vivo ou morto!**”

(ARAÚJO, 2023, grifos do autor)

novos efeitos de sentido e revela uma zona conturbada no qual o real e o possível, literatura e vida, ou ação e pensamento, não consegue mais diferenciar” (POLLIN, 2013, p. 25). A ‘Patafísica se mostra como reconstrução da própria vida de Jarry, pela qual o autor brinca com conceitos convencionais da interpretação da própria realidade. Não somente na persona grotesca de Ubu, persona na qual se sobrepõem a monstruosidade e a divindade, mas também com Dr. Faustroll, que é levado a se reconstruir depois da desapropriação. Uma espécie de reconstrução no seu espaço mental, no qual habitam as possibilidades de outras formas de vida, entrelaçadas pelo real e pelo imaginário. Desse modo, numa das tantas compreensões para ‘Patafísica, Brotchie (2003) cria uma alusão humorística baseada em *Coríntios 13*, sobre as virtudes do amor. Eis:

“A ‘Patafísica é paciente; a ‘Patafísica é benigna; a ‘Patafísica nada inveja, nunca se distrai, nunca se ensoberbece, não tem aspirações nem busca seus próprios interesses, é serena e não pensa mal; não zomba da iniquidade: é arrebatada pela verdade científica, ela apoia tudo, acredita em tudo, tem fé em tudo e sustenta tudo o que existe”. (BROTCHIE, 2003 apud RICCIARDI, 2023).

Além disso, a ‘Patafísica possui a capacidade de competir com todas as formas de pensar, no entanto, ao mesmo tempo, evita comparações para que não seja utilizada em fins não patafísicos, conforme Scheerer (1987). Assim, entra em cena uma **neociência** da dita modernidade, caracterizada pelos traços:

(x) emerge das práticas discursivas em torno da região de cientificidade da própria *vida* em sua humanidade radical: a morte como possibilidade concreta;
(x) lida com a produção de verdades simbólicas e suas manifestações *por vezes* são assumidas como verdadeiras;
(x) pactua com o riso irônico, grotesco. Riso que zomba, ofende, incomoda, mata. Riso participante de um humor ubuesco, que maximiza seus efeitos de poder. Pois se trata de um humor que impossibilita uma resposta racional ao que ela produz, provocando assim *muitas* inquietações;
(x) tem em si mesma a imaginação ubuesca, derivada do poder ubuesco – *junção* dos pensamentos jarryniano e foucaultiano. Imaginação que vagueia, perambula nos limiares da cientificidade, nas frinchas da ciência dita ordinária.

Dessa maneira, *especulo* imagino *invento* uma **neociência** moderna impulsionada pela **imaginação ubuesca**, que acolhe as características do **poder ubuesco**: **poder de vida e de morte, poder de verdade** e o **poder de fazer rir**. Riso que

torna ambíguo o que toca e pode ser perigoso, ^{como tantos risos}. Riso bufão, bufônico, bufonado. Burlesco. Ubuesco. Que não pretende ser outra coisa a não ser estúpido. Que faz rir de coisas das quais não se pode rir, nem zombar. Que coloca em risco a estabilidade da vida. Recordo, quem estuda Foucault, não ri de qualquer coisa. Importa assim, saber de que lado se está quando se ri da ciência, no qual “se tudo é risível, o riso perde a força” (MINOIS, 2003, p. 605). Riso que joga luz na superfície onde se abriga, dissimulada, uma ^{neo}ciência clandestina. Riso satírico de um bufão ridículo – quando e onde todos sabem que se “Ubu é rei, e isso mal faz sorrir” (idem, p. 622). Riso que adentra e ecoa nas brechas abertas da ciência e que integra as engrenagens de um saber-poder e que ^{se} esboça uma **neociência ubuesca**.

A ‘Patafísica, nesse sentido, brilha como uma ferramenta que pode nos alertar sobre as aparências do discurso, funcionando como um instrumento de análise potente no que se refere às soluções imaginárias e experiências que manipulam a vida e a morte, revelando as máscaras obscenas de Ubu, que volta e meia assombram a realidade. No jogo pelo jogo, no espaço alienante de uma concha vazia, Minois (2003, p. 605), ^{citando Antonin Artaud}, ressalta que “nada é pior do que a imaginação no poder, se esta enfraquece a razão: ‘Não se trata de proibir a imaginação de fazer o mundo progredir, mas de impedi-la de chegar ao poder para tyrannizar a lógica’”. E a função do riso nisso tudo? “[...] Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir *da* verdade, fazer rir *a* verdade, porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade”, inventa Eco (2003, p. 470). Então, talvez ainda haja futuro para o riso, para a *gaia ciência*. Pois o humor ainda é a reação mais eficaz para enfrentar a nossa própria existência.

O que estamos nos tornando?

neo **Ciência ubuesca**

{uma ciência moderna que agrega 1+2+3+4}

1.

Emerge das práticas discursivas em torno da região de cientificidade da própria **vida** em sua humanidade radical: a **morte como possibilidade** concreta;

2.

Lida com a produção de **verdades simbólicas** e suas manifestações por vezes são assumidas como verdadeiras;

3.

Pactua com o riso irônico, grotesco. Riso que zomba, ofende, incomoda e mata. **Riso participante de um humor ubuesco**, que maximiza seus efeitos de poder. Pois se trata de um humor que impossibilita uma resposta racional ao que ela produz, provocando assim muitas inquietações;

4.

Tem em si mesma a **imaginação ubuesca**, derivada do **poder ubuesco** – junção dos pensamentos jarryniano e foucaultiano. Imaginação que vagueia, **perambula nos limiares da cientificidade, nas frinchas da ciência dita ordinária**⁷⁶.

⁷⁶ *Especulações foucaultianas sobre a imaginação ubuesca e a 'Patafísica* (DALMORO, 2023, p. 185).

indicação do sentido de **neociência**⁷⁷ ou ...

... explicação da realidade significada de uma ciência pensada com a

'Patafísica

Opero ao longo dessa Tese com o termo *neociência* um tanto de vezes. Insinuo no começo da escrita (ver página 64) alguns sinais ^{suggestivos} de sua aplicação. Sinais que considero relevante trazê-los de modo ^{mais} descritivos e incisivos, sem querer, no entanto, que sejam categóricos. São escolhas compartilhadas para respaldar uma *neociência ubuesca* demonstrada pela materialidade da pesquisa realizada.

Neociência, tal como mencionada, tem como inspiração a literatura de Alfred Jarry por conta de *neo-científico*, termo que complementa o título da obra póstuma publicada em 1911, na qual o autor descreve a 'Patafísica. Eis: *Artimanhas e opiniões do Dr. Faustroll, patafísico – um romance neo-científico – seguido de especulações* (1911). Especulo sobre uma ciência operando com as características *da* e *com* a 'Patafísica, assim forjo uma ^{suposta} *neociência* – variando o termo *neo-científico*, conforme indico ao lado – aos moldes das soluções imaginárias que estão sob o adjetivo *ubuescas*, adjetivo que tem sua derivação em *ubuesco*, segundo a obra foucaultiana *Os Anormais* (1974-1975).

A conceituo ainda como *neociência* pelo *novo* ^{o agora} que ela nomeia como tal. *Novo* também é esse momento de pesquisa e de escrita no qual emerge uma *neociência ubuesca* que vaga pelos discursos de cunho científico produzindo efeitos de verdades, no mínimo, preocupantes. Uma *neociência* ^{nova ciência} com efeitos de verdades que se ligam ao absurdo grotesco e que se adentram nas brechas ainda não preenchidas do campo científico permitindo que esse se conduza por aquilo que ^{está/estiver} na ordem do discurso.

Nota 77

Neociência:

s.f. nova ciência.

ETIM.: ne(o)+ ciência

Neocientífico:

adj. relativo à neociência

ETIM.: ne(o)+ científico

(HOUAISS, 2009, p. 1349)

Ressalto que a 'Patafísica se distancia da neociência ubuesca por essa não pertencer ao campo do que pode ser considerado patafísico. Repito, não é papel da 'Patafísica negar a ciência, mas sim criar sobre ela. As ditas soluções imaginárias ubuescas que a Tese põe em evidência se valem, por exemplo, do negacionismo científico que coloca em jogo a própria vida, trazendo a morte como possibilidade concreta – um momento delicado e perigoso que atravessamos juntos. As tais soluções imaginárias trazem à tona práticas discursivas que desqualificam a ciência por lidarem com um humor truculento ^{cruel} que incomoda, humilha e deixa morrer. Ainda, produzem verdades que remetem ao mau uso do poder, acionando o poder ubuesco que se aproxima à autoridade ridícula ^{tirânica} sobre o conhecimento científico e o modo de fazer ciência. Nesse sentido, ao trazer para as problematizações as práticas discursivas analisadas busco fortalecer a atenção que devemos dar à ciência e sua crítica e ao negacionismo científico que a ronda na atualidade.

Por isso, deixo em aberto as possibilidades desse modelo de ciência já ter se mostrado antes, historicamente pensando.

“Ao olhar longamente para a espiral longa, ela começa a rodar. Tudo vai para o centro, mas de lá volta para a periferia, depois retorna ao centro, e assim por diante. É impossível encontrar um ponto fixo nesse movimento. Da mesma forma, o pensamento patafísico tende a um ponto central, sem realmente atingir a meta”. (SCHEREER, 1987, p. 83).



Patakosmos.com

Imagem: [Patakosmos](#)

*

“Sou, com efeito, um sonhador de palavras, um sonhador de palavras escritas. Acredito estar lendo. Uma palavra me interrompe. Abandono a página. As sílabas da palavra começam a se agitar. Acentos tônicos começam a inverter-se. A palavra abandona o seu sentido, como uma sobrecarga demasiado pesada que impede o sonhar. As palavras assumem então outros significados, como se tivessem o direito de ser jovens. E as palavras se vão, buscando nas brenhas do vocabulário, novas companhias, más companhias. Quantos conflitos menores não é necessário resolver quando se passa do devaneio erradio ao vocabulário racional! Pior ainda quando me ponho a escrever. Debaixo da pena, a anatomia das sílabas desenrola-se lentamente. A palavra vive, sílaba por sílaba, sob o risco de devaneios internos. [...] como não devanear enquanto se escreve? É a pena que devaneia. É a página branca que dá o direito de devanear”.

Gaston Bachelard, *A poética do devaneio* (1960)

[BACHELARD, 2018, p. 17]

*

Palavra. Instrumento pedagógico.

Sandra Corazza e Groppa Aquino, *Dicionário das Ideias feitas em educação* (2011)

[CORAZZA, AQUINO, 2011, p. 111]

*

“O alfabeto tornou-se meu órgão para gozar o tempo fora do tempo”.

Julia Kristeva, *Meu alfabeto ...* (2013)

[KRISTEVA, 2017, p. 11]

*

“Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito”.

Manoel de Barros, *Poesia Completa*

[BARROS, 2010, p. 374]

*

“Na escrita solitária de uma tese, o cruzamento das palavras me faz companhia. Em versos, graças, solitude.” Arquivamento de pensação 7

Conclusão

“E se um dia, ou uma noite, um demônio te seguisse em tua suprema solidão e te dissesse: “Esta vida, tal como a vives atualmente, tal como a viveste, vai ser necessário que a revivas mais uma vez e inumeráveis vezes; e não haverá nada de novo, pelo contrário! A menor dor e o menor prazer, o menor pensamento e o menor suspiro, o que há de infinitamente grande e infinitamente pequeno em tua vida retornará e tudo retornará na mesma ordem – essa aranha também e esse luar entre as árvores e esse instante e eu mesmo! A eterna ampulheta da vida será invertida sem cessar – e tu com ela, poeira das poeiras!” – Não te jogarias no chão, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio que assim falasse? Ou talvez já viveste um instante bastante prodigioso para lhe responder: “Tu és um deus e nunca ouvi coisa tão divina!” Se este pensamento te dominasse, tal como és, te transformaria talvez, mas talvez te aniquilaria; a pergunta “queres isso ainda uma vez e um número incalculável de vezes?”, esta pergunta pesaria sobre todas as tuas ações com o peso mais pesado! E então, como teria sido necessário amar a vida e amar a ti mesmo para não desejar mais outra coisa que essa suprema e eterna confirmação, esse eterno e supremo selo!” (NIETZSCHE, 2017, p. 207, § 341 grifos do autor)

Com a *licença* de Foucault, inauguro a conclusão desse estudo com o aforisma nietzschiano que me trouxe para a filosofia. Na semana da Páscoa de 2009, ao escutar meu professor de Teologia narrando o trecho acima, foi como se eu tivesse levado um *soco no estômago*. Bem assim. Eu que já estava num caminho de transformações, senti que ali não era mais o meu lugar. Queria muito mais do autor daquelas ideias. Queria Nietzsche. Sentia necessidade de palavras como aquelas. Provoquei então um desvio naquilo que estava buscando, ^{o que era} ainda não sei descrever muito bem. Entro de vez na filosofia. Sou curiosa e minhas inquietações tiveram e tem lugar no pensamento filosófico. Descanso nele. Pouco ou quase nada tive de Nietzsche nas duas graduações que cursei. O ^{feliz} reencontro inesperado deu-se durante o Mestrado e com força na escrita desse estudo. Meu caminho cruzou outra vez com Nietzsche por conta dos pensamentos foucaultianos, inspiração dessa Tese. Foucault. Pensador que ^{me} provoca desassossegos. Não há como ser de outro modo. Seus pensamentos removem, ruminam, rasgam. Revolvem. Revoltam. Fazem gritar. E, num aparente equilíbrio ^{instável}, aquilo que aparentava ser o foco do meu estudo vira-se num vórtice de ideias ao cruzar ^{quase sem querer} com as criações de Alfred Jarry. Ideias que implodem/explodem a trivialidade. Pequenas ^{gigantes} absurdez literárias. ^{Malfeito} feito. Comigo, entram em cena, o pensamento filosófico que instiga e desconcerta e a literatura ^{absurda} que debocha criticamente de todos nós. Três criadores e suas

criaturas. Três malditos. Três absurdos. Contudo, o absurdo me encanta. Sempre gostei das coisas absurdas. Elas me atraem. Me inspiram. Me tiram do conforto. Me convidam a ensaiar ideias. Atendem parte da minha curiosidade naquilo que as coisas podem *vir a ser*. Ecos do tal devir. Me ajudam de algum modo a ler e quase entender as coisas do mundo. Em 2017, no caminho ainda desconhecido, quando me junto a estes *malditos*, outro desvio na trajetória. Uma olhada demorada sobre a/em defesa da educação ambiental, examinando discursos irônicos. Humores grotescos. Bizarras. Bizarrices cruéis. Em 2018, uma eleição. Outro *soco no estômago*. Violento. Um tapa na cara. Um acordar para uma realidade vil. Um susto. O pavor. Onde estavam antes todos *esses aí*? *Esses aí* que engolem e repetem notas enfáticas-fascistas. *Esse* tipo de coisa não é um bom sintoma. Nisso, na tentativa desesperada de encontrar os *meus*, busco um abrigo e uma mão que não solte a minha para passar juntos por mais esse infortúnio. Para variar o movimento. Resistência. Re-existência. Em 2019, tem início o tempo de estudo e escrita dessa Tese. Ideias pululantes. Rabiscos e projetos para o exame da realidade sob a perspectiva das relações de poder que se valem do poder ubuesco, potencializado nos discursos da educação ambiental, conforme estudo da Dissertação. Mapeamentos sendo realizados. *Quais urgências cabem?* Fabricação de materiais para pesquisa. Entre o *dito e o não dito*. No meio disso, uma vida profissional corrida. Viagens de trem até Novo Hamburgo. Pequenos pensadores inquietos – no popular, *estudantes* – lidando com as perguntas sem respostas, presentes que a filosofia traz. Idas e vindas. Olhares ao longe. Vistas da janela do trem. Imaginando a vida de pessoas desconhecidas ... Nessas viagens, não havia planejamento nem espaço para uma pandemia. Mas ela não perguntou a ninguém se era bem-vinda. Chegou causando impactos. Profundos. Mortais. Sociais, econômicos, culturais ... e na educação, a ausência. Tanta falta sentimos do caos produtivo de uma sala de aula. Cheia. *A Tese?* Parou. *E agora?* *Vamos todos morrer, por conta de um vírus?* *E a ciência?* *Por que tanta demora?* Temos pressa. Pressa de vida. Pressa de gente, de rua. Pressa de abraços. Sufocam nossas pressas com máscaras. Sufocamento necessário, sustentam veementemente. Entorpecem nossa ansiedade pela cura com álcool gel. O jeito mais seguro de voltar a sair ^{de}

casa. Aceitamos. Uns mais que outros. Nessa turbulência, que muitos acreditaram passar em 14 dias ^{eu, inclusive}, a perversidade toma espaços. Ali, onde a ciência ainda não tinha dado conta, naquele curto e longo espaço-tempo até uma possível cura para a doença provocada pelo tal vírus, um lodo de desinformação se espalha. Uma avalanche de discursos anticiência. Posicionamentos execráveis nos modos de pensar e dizer a ciência. Verdades sendo fabricadas a todo momento. *Uma totalmente sem noção*, dizem alguns. Outras *cabem nesse tempo*. *Servem*, então ficamos com elas. Não há como ficar indiferente. Na revolta, e na reviravolta, esse estudo toma outro rumo. Eu também. Não mais viagens de trem. Mais tempo em casa. Pensadores inquietos logo ali, no Bairro Sarandi. Aos poucos, voltamos para a sala de aula. O vírus ainda circulando. A vida que pedia ^{implorava} passagem, já não era a mesma. A ciência trazendo aos poucos, respostas. E vacinas. Vislumbro dias melhores para sempre. Na utopia de sermos melhores do que nós mesmos, por conta do que passamos. *Abandonamos a distopia? Quem disse?!* Polêmicas, novamente. O bom senso, ^{desaparecendo}. Estão postas as questões que mobilizam ^{indiretamente} minha pesquisa. *O que é isso que estamos inventando? O que estamos fazendo de nós mesmos? O que estamos nos tornando? Ou, será que sempre fomos assim?* Como pensadora da filosofia, observei. Observo. Rabisco. Anoto. Descarto. Violência na linguagem. Sofro. Me deixo afetar. Me revolto. Quero parar. Desistir. Na teimosia de uma curiosa, leio-estudo-escrevo. Leio. Estudo. Escrevo. Me apaixono ^{novamente} pela minha pesquisa. Reato com *meus malditos*. Nisso, não lembro bem como, dois outros agradáveis encontros. Manoel de Barros, o poeta das ⁱⁿutilidades. Gaston Bachelard, o filósofo da imaginação. Da minha imaginação. Encontros tardios na ^{minha} vida, mas que chegam para ficar. Com isso, quero saber como termina essa escrita. Chego até aqui. Ensaio essa conclusão, porque uma hora é preciso concluir, ^{me disseram}. A Tese precisa ganhar vida própria. Tenho que deixá-la ir. Não a fiz sozinha, apesar da solidão da escrita. Fiz das palavras minhas companheiras. Fiz do meu referencial teórico ecos dos meus pensamentos. Monto meu arquivo a partir do meu gosto. Guardo o que me afeta. Até no seu lado avesso, escolho por onde ir. Recorto trechos e reponho ^{pedaços de} leituras. Do cruzamento das palavras vivas, como efeito da

investigação realizada, na qual a linearidade das ideias foi intencionalmente burlada, ora com exercícios poéticos, ora com as provocações de uma prosa imaginária sob inspiração de Foucault e Jarry, acompanhados de Nietzsche, Bachelard, Deleuze e outros tantos ... entrego meu estudo.

Ao me demorar sobre as práticas discursivas que lidam com humor grotesco e com verdades simbólicas em torno da própria vida, tendo a morte como possibilidade concreta, memórias dos dias ruins retornam aos pensamentos. De novo, a sensação de sufocamento e angústia. Seria melhor esquecer. *Deixar pra lá*. Mas já não posso. Não podemos. A impressão, nesse momento, é que isso tudo que nos aconteceu, veio para ficar. Estará sempre aí. As tais *ideias*, as tais *pessoas*. Nesse sentido, é urgente o registro. Registrar. Deixar por escrito o que nos aconteceu. Contar as coisas para quem sabe, evitar que não mais se aconteçam ^{oxalá!} Na trajetória agora materializada, as imaginações da Banca de Qualificação desta Tese ressoam nessa escrita. Questionamentos instigadores. Revoltas compartilhadas. Dicas potencializadoras que norteiam o itinerário adotado. Matérias para o pensamento. Ideias agitadoras. Inspiradoras. Com isso, a certeza de que imaginamos ^{quase} juntas a ^{neo}Ciência ubuesca. No processo criador, minha gratidão. Eterna.

Em relação aos objetivos traçados, considero-os pretensiosamente atendidos. Para tanto, lidei com filosofia, ciência e arte na criação de um conceito. Filosofia conceitual. Filosofia e ciência, movidas pela arte. Pelo procedimento metodológico desse estudo, me deixo conduzir. Imaginação recriadora. Me entrego a ela e, com isso, busco as brechas no meu arquivo que me permitem re-imaginar. Como se ainda tivesse dentro daquele trem, olhando longe me aproximo. Nelas, nas brechas, variações de pensamentos. Condições de possibilidades para imaginar/inventar e descrever uma neociência, tendo a 'Patafísica como ferramenta de análise. De modo a fortalecer o poder ubuesco, revivo minha Dissertação e me imagino novamente aluna de Foucault. Estou de volta ao *Collège de France*. Participo das aulas que integram o curso de 1974-1975 – *Os Anormais*. Desses materiais, meu e do professor Foucault, aposto na imaginação ubuesca como aquela que perambula nos limiares da ciência. Para

entender melhor a ‘Patafísica, preciso me aproximar mais de Jarry e de sua obra. Não sem um tanto de desafios. Poucas obras traduzidas para o português [nesse momento, até o português de Portugal seria bem-vindo]. Poucas obras disponíveis no Brasil. Uma demorada busca e a espera da chegada dos exemplares. Um veio da Argentina. Outro da Espanha. Ainda, outro em francês e outro em italiano. Vivas para a tecnologia e para a comunicação que me permitem esses luxos. Tecnologia e comunicação que, de algum modo, fazem parte do *corpus* para minha investigação. Trabalhando com as pesquisas já publicizadas em torno da Pandemia, noto que a preocupação não gira tão somente no que envolve a cientificidade. Há outros incomodados com as falhas nas mídias de comunicação, especificamente, com as publicações permitidas nas redes sociais. Um território que *tudo pode. Será?* As pesquisas analisadas mostram que os atravessamentos e fabricações de *in*verdades incomodam também aqueles que são da área da comunicação dita séria. Um alento. Essas práticas incomodam a mim, a nós, que somos da educação. Vivemos da ciência e da educação em ciências. *Como conseguem imaginar tantas coisas?* Coisas absurdas. De repente, o absurdo que me seduz, se torna dúbio. Mas chama a atenção. Prende. Inquieta. Enoja. Produz. Teço e desteço, problematizo as práticas que o absorvem. Torço, nesse movimento, para uma catarse. Dou ao absurdo potência de criação. De invenção. De fuga. *Como tais coisas imaginadas seduzem e produzem outras imaginações? Como olhar para tais imaginações?* No jogo, lanço mão da ‘Patafísica. Ao submetê-la ao exame das soluções imaginárias ubuescas, outro e mesmo território, o científico, lhe é oferecido. Ela aceita. Tudo aceita. Mas não permanece. Em sua imperturbabilidade, ela examina as regras que criam tais soluções e as considera como algo não-patafísico, então sai. Contudo, me alerta. Revela a máscara obscena de Ubu, enquanto rei. Ainda, ela me incentiva à *inventabilidade*, para não me abandonar de vez ante ao grotesco das práticas discursivas no âmbito da cientificidade. A extemporaneidade perturbadora de Ubu e a quase implosão da ciência, replicam-se ^{multiplicam-se} em condutas. Modos de vida que transfiguram a biopolítica. Seguidores de uma soberania grotesca que levantam questões para além da política [talvez valha também pensar num

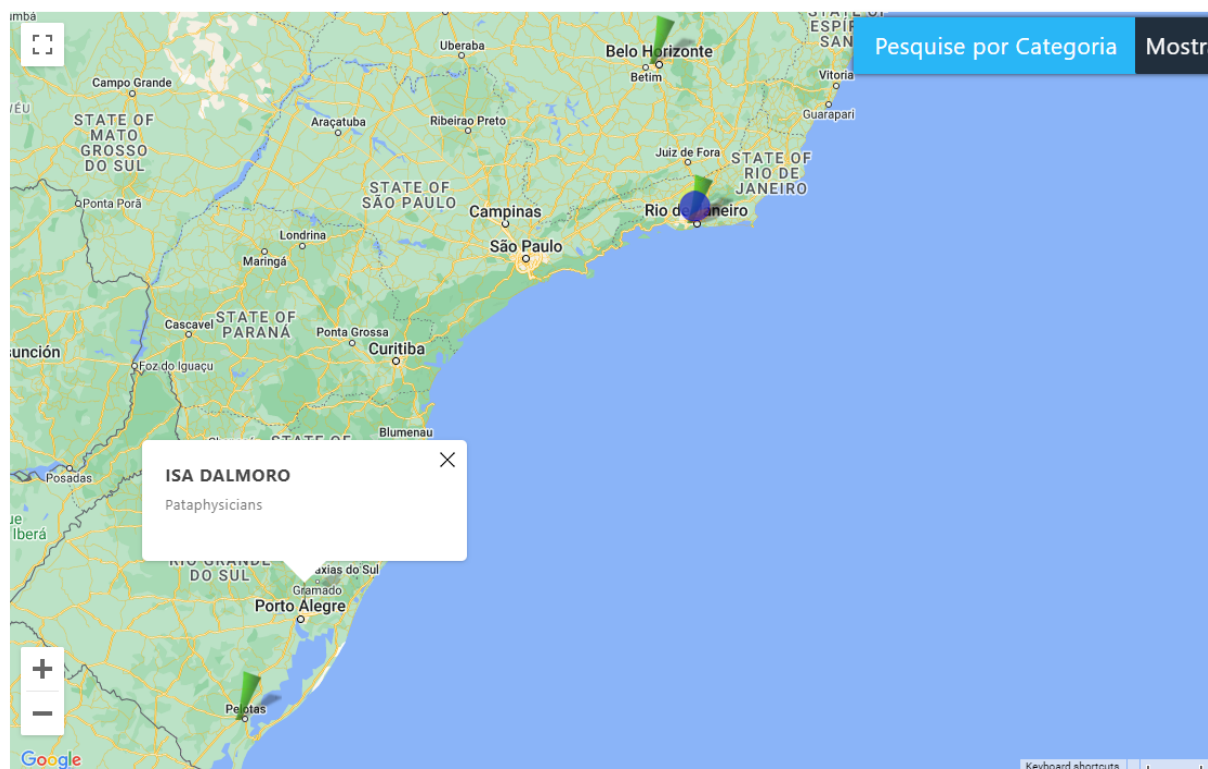
estudo no âmbito da ética]. Nessas variações, a 'Patafísica sussurra sobre a possibilidade de estarmos diante de uma ^{neo}ciência dos tempos modernos. *Talvez, uma ^{neo}ciência ubuesca*, me atíça. Com isso, o desafio de provar a possível existência dessa tal ciência. *Vai, usa tua imaginação! Cria! Inventa!* Vou aos arquivos. Saio do seu lado que me é mais afetuoso e adentro pelo lado que incomoda. Está lá. *Malfeito feito*, ^{de novo}. Revivo os passos, reimagino as falas, os atos, as besteiras ... a ciência que defendo, sendo atacada por muitos lados. Lados que são lodos. Lobos. Sinalizadores de que é preciso fazer algo. Me ponho a rastrear. Nesse rastreio, noto que a tal *ciência grotesca*, ganha força onde a ciência deixa espaços. Fissuras que permitem o poder ubuesco agir. Vida e morte, verdades simbólicas e o riso irônico, grotesco, ubuesco estão ali. Junto deles, a imaginação ubuesca articula discursos. Estranhamentos em relação à ciência que merecem ser examinados. Talvez outra Tese possa analisar os efeitos das práticas discursivas levantadas. *Como pensar e fazer ciência diante do que presenciamos? Na própria vida e na educação em Ciências, como esses efeitos se mostram?* Por ora, ainda persevera a manutenção da vida. Assim, vivas para a 'Patafísica que faz ver o que está na superfície. Nos detalhes, nas exceções corriqueiras, naquilo que parece invisível, reluz uma ciência clandestina. Uma neociência ubuesca que desafia os pensamentos e as palavras. Que circula onde Ubu circula como rei. Ao revirar meu arquivo, a imagino. Invento-a sobre o arquivo e sob força da imaginação. Arquivo composto por extratos de leituras demoradas. Lentas. Palavras que eu queria ter escrito. Do jeitinho que estão, recorto e colo na Tese-arquivo. Reúno um repertório de pluralidades em forma de rasuras, citações, meus entendimentos sobre o estudo realizado. Estudo que vira Tese. Um ensaio patafísico que me possibilita, quem sabe um dia, ser considerada uma patafísica. Por ora, sou aspirante. E como tal, me insiro ^{despretensiosamente} no mapa dos patafísicos ^(Figura 34) *por que não?!* Desse jeito, entrego essa Tese construída ao longo de 4 anos. Se contar as inquietações iniciantes, encerra em si 6 anos de estudo sobre o poder ubuesco. Tese essa que é Arquivo de si mesma. Ou um Arquivo que se forja Tese. Sem a pretensão de uma verdade única, outros ensaios-tese podem e devem ser produzidos.

Figura 34: Isa Dalmoro – ‘patafísica aspirante

Patakosmos

Mapa Turístico dos Institutos Patafísicos

Sobre Mapa da Pata Repositório Vídeo Categorias



Fonte: [PATAKOSMOS](#)

... Sugerir em vez de dizer, fiz no caminho das frases uma encruzilhada de todas as palavras ...

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADÓ, Máximo. **Microscopias: docência-pesquisa em exercício-tradução**. Porto Alegre: Estudos do Corpo: Canto – Cultura e Arte, 2022.

ADÓ, Máximo Daniel L. **Educação Potencial: autocomédia do intelecto**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/69921> Acesso em 02/03/2021.

AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In: ALLIEZ, Eric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. Coordenação de tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 169-192.

ANTUNES, Arnaldo; GIL, Gilberto. **A ciência em si**. Quanta, 1997.

APOLLINAIRE, Guillaume. O falecido Alfred Jarry. In: JARRY, Alfred. **Ubu Rei ou Os Poloneses**. Tradução de Bárbara Duvivier e Gregório Duvivier. São Paulo: Editora Ubu, 2021, p. 139-146.

AQUINO, Julio Groppa. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. In: AQUINO, Julio Groppa. **Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 99-113.

ARAÚJO, Thiago. O gato de Schrödinger. Blog **Espaço do conhecimento UFMG**, 2023. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-gato-de-schrodinger/> Acesso em 20/06/2023.

ARTHURY, Luiz Henrique M.; GARCIA, João Otávio. Em prol do realismo científico. **Revista Ciência & Educação**, v. 26, e20011, 2020, p. 1-14. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/g5mRk4LNyxRtFGgwjwk6QyJ/?lang=pt> Acesso em 10/12/2022.

ARTIÈRES, Philippe. A exatidão do arquivo. In: ARTIÈRES, Philippe et al. **Michel Foucault**. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014, p. 137-141.

ARTIÈRES, Philippe. Entrelinhas: ler os arquivos de Michel Foucault. In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Orgs.). **O legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006, p. 21-29.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico. In: BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos (et. al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 90-179 (Os pensadores).

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1996.

BEZERRA, Josenildo S.; MAGNO, Madja Elayne S.P.; MAIA, Carolina T. Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré. Revista **Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 3, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/50944/30057> Acesso em 04/12/2022.

BIERCE, Ambrose. **Diccionario del Diablo**. Editado por **elaleph.com**, 1999. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/3038.pdf> Acesso em 21/03/2021.

BÖK, Christian. **'Pataphysics: the poetics of an imaginary science**. Thesis. (Doctor of Philosophy). Faculty of Graduate Studies of York University. Canadá, 1997. Disponível em: http://www.patakosmos.com/database-open-access/PATAPHYSICS-THE-POETICS-OF-AN-IMAGINARY-%20SCIENCE_C_Bok.pdf Acesso 20/01/2023.

BONTEMS, Vincent. **Bachelard**. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

BROTCHIE, Alastair. **Alfred Jarry: A Pataphysical Life**. Cambridge, Massachusetts, USA; London, England: The MIT Press, 2015.

BULCÃO, Marly. Bachelard: a noção de imaginação. **Revista Reflexão**, Campinas, n. 83/84, jan./dez., 2003, p. 11-14. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3208> Acesso em 06/04/2020.

CANDIDO, Jorge; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. A ciência e suas imagens: tradução, representação e criação. **Policromias**. Revista de Estudo do Discurso, Imagem e Som. Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, set./dez. 2020, p. 233-255.

CARPEAUX, Otto Maria. Happening Ubu. Introdução à edição brasileira de 1972. In: JARRY, Alfred. **Ubu Rei** ou Os Poloneses. Tradução de Bárbara Duvivier e Gregório Duvivier. São Paulo: Editora Ubu, 2021, p. 147-157.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Gaia, 2010.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CIPPOLINI, Rafael. Las neuronas de panmuphle. In: JARRY, Alfred. **'Patafísica**: epítomes, recetas, instrumentos & lecciones de aparato. Traducción de Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2016, p. 13-23.

CORAZZA, Sandra M. Um pró(sem)logo. In: AQUINO, Julio Groppa. **Educação pelo arquivo**: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 7-11.

CORAZZA, Sandra M., AQUINO, Julio Groppa (Orgs.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

COURA, Letícia. Prefácio. In: JARRY, Alfred. **Messalina**: romance da Roma antiga. Tradução de Letícia Coura. São Paulo: Iluminuras, 2020, p. 9-12.

CUNHA, Gabriel T. F. Corrêa da. **Uma Educação do sentido**: Poéticas textuais. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/198570> Acesso em 02/03/2021.

DALMORO, Isabel C. **Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/193669> Acesso em 02/03/2021.

DALMORO, Isabel C., SANTOS, Suelen A. O poder ubuesco e suas ressonâncias para as categorias de poder pastoral, soberano e disciplinar. In: DUARTE, Claudia G., MOURA, Josaine de, SANTOS, Suelen A. (Orgs.). **(Com)posições pós-estruturalistas em Educação Matemática e Educação em Ciências**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019, p. 166-188.

DAUMAL, René. **Pataphysical Essays**. Tradução do francês de Thomas Vosteen. Cambridge, Massachusetts, USA: Wakefield Press, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. 3. ed. São Paulo, Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. Ao criar a Patafísica, Jarry abriu caminho para a Fenomenologia. In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)**. Tradução de Hélio Rebello Cardoso Júnior. Editora Iluminuras, 2004, p. 88-91.

DELEUZE, Gilles. Um precursor desconhecido de Heidegger, Alfred Jarry. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 104-113.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 11-16.

DELEUZE, Gilles. A honra e a glória: T.E. Lawrence. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 130-142.

DELEUZE, Gilles. **Abecedário**. Transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. Realização Pierre-André Boutang. Produção Éditions Montparnasse, 1988-1989. Disponível em: <http://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-abecedario-de.html> Acesso em 10/01/2023.

DINARTE, Luiz D. R., CORAZZA, Sandra M. Espaço poético como tradução didática: Bachelard e a imagem da casa. In.: CORAZZA, Sandra M. (Org.). **Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar**. Porto Alegre, Doisa; UFRGS, 2017, p. 97-108.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

EIRA, Henrique; BRANDALISE, Isabella. **Patadesign: notas pendentes de solução imaginária**. Brasília: Estereográfica, 2019.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

FASSIO, Juan Esteban. Alfred Jarry y el colégio de 'patafísica. In: JARRY, Alfred (y otros). **'Patafísica**. Logroño, Spain: Pepitas de calabaza ed., 2016, p. 29-43.

FERRARO, José Luís Schifino. O Conceito de Vida: uma discussão à luz da educação. Revista **Educação & Realidade**, v. 44, n. 4, e90398, 2019, p. 1-13. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000400615 Acesso em 13/02/2023.

FERRAZ, Wagner, BELLO, Samuel E. L. Inventário de pesquisa: procedimento metódico imanente de um corpo-professor. In: ALMEIDA, Verônica D., SÁ, Maria Roseli G. de Brito, ZORDAN, Paola. **Criações e métodos na pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Nota Azul, 2020, p. 300-329.

FERNANDES, Silvia. Alfred Jarry. In: JARRY, Alfred. **Ubu rei**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Peixoto Neto, 2007, p. 11-27.

FERRER, Christian. Patafísica y conocimiento. In: JARRY, Alfred (y otros). **'Patafísica**. Logroño, Spain: Pepitas de calabaza ed., 2016, p. 7-16.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mota e de Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

FINAMOR, Fernando M. **Composição em Tempo Real e Modo Operativo and Intuição e Criatividade na Composição Coreográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157222?locale-attribute=es> Acesso em 01/03/2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2001, n. 114, p. 197-223. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>. Acesso em 26/12/21.

FOSTER, HAL. **O que vem depois da farsa?** Tradução de Célia Euvaldo e Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Tradução de Elisa Monteiro e de Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017a.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017b.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.

FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames (1977). In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a, p. 199-217.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Tradução de Elisa Monteiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b.

FOUCAULT, Michel. Sobre as Maneiras de Escrever a História (1967). In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Tradução de Elisa Monteiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b, p. 64-80.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault explica seu último livro (1969). In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Tradução de Elisa Monteiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b, p. 151-159.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento de um Mundo (1969). In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos X: Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a, p. 51-54.

FOUCAULT, Michel. Introdução (1954 – *in* Binswanger). In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos I: Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b, p. 71-132.

FOUCAULT, Michel. A Psicologia de 1850 a 1950. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos I: Problematização do sujeito, Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b, p. 133-151.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014c.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014d.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014e.

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão ...**: um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault. Tradução de Denise Lezan de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos VIII**: Segurança, Penalidade e Prisão. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

FOUCAULT, Michel. **Les Anormaux**. Cours Année 1974-1975. Édition numérique réalisée en août 2012 a partir de l'édition CD-ROM, Le Foucault Électronique (ed.2001). – 2012b – Disponível em: <http://ekldata.com/a5j-kPDoFAZwSKkLjzNbvbfaijw/Foucault-Michel-Les-Anormaux-1974-1975-.pdf>
Acesso em 13/01/22.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos VII**: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. A Pesquisa Científica e a Psicologia. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos VII**: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 115-137.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. Curso no *Collège de France* (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Curso no *Collège de France* (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no *Collège de France* (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FUX, Jacques. **Literatura e Matemática**: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o Oulipo. São Paulo: Perspectiva, 2016.

GALLO, Silvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. São Paulo: Scipione, 2014.

GALVÃO, Túlio M. de Oliveira. **Para além da ciência**: por uma gaia ciência. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: https://cchla.ufrn.br/ppgfil/paginas/mestrado/dissertacao/PDF/tulio_madson_de_oliveira_galvao.pdf Acesso em 25/01/2023.

GEHRKE, Marília. BENETTI, Marcia. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores. Revista **Fronteiras**: estudos midiáticos, v. 23, n. 2, maio/agosto 2021, p. 14-28. Disponível: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22527> Acesso em 01/02/2023.

GEIER, Manfred. **Do que riem as pessoas inteligentes?** Uma pequena filosofia do humor. Tradução de André Delmonte e Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOLDACRE, Ben. **Ciência Picareta**. Tradução de Renato Rezende. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

GOMES, Sheila. F., PENNA, Juliana C.B.O., ARROIO, Agnaldo. *Fake News Científicas: Percepção, Persuasão e Letramento*. Revista **Ciência & Educação**, v. 26, e20018, p. 1-13. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkJY5LjTts/> Acesso em 02/12/2022.

GOMES, Wilson. A cloroquina e a fé do rebanho. **Revista Cult** [exclusivo do site]. 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/cloroquina-e-a-fe-do-rebanho/> Acesso em 28/02/2023.

GOULART, Andrea Heloiza; MUÑOZ, Ivette Kafure. O sujeito informacional e as redes sociais *online*: reflexos da polarização política nas práticas informacionais relacionadas à pandemia de Covid-19. **Liinc em Revista**, v. 18, n. 2, nov. 2022, p. 1-18. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6081> Acesso em 17/02/2023.

G1. Bem-estar. **Vacina**: Mapa Brasil. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/> Acesso em 19/02/2023.

HENNING, Paula Corrêa. Estratégias Bio/Ecopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global. Revista **Educação Unisinos**, v. 23, n. 2, abril/jun. 2019, p. 367-382. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.232.11> Acesso em 05/04/2022.

HENNING, Paula Corrêa. **Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos**: produção de saber e moral nas ciências humanas. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2079> Acesso em 20/01/2023.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUGILL, Andrew. **'Pataphysics: a useless guide**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JARRY, Alfred. **Ubu Rei** ou Os Poloneses. Tradução de Bárbara Duvivier e Gregório Duvivier. São Paulo: Editora Ubu, 2021. Ilustrado.

JARRY, Alfred. **Messalina**: romance da Roma antiga. Tradução de Letícia Coura. São Paulo: Iluminuras, 2020.

JARRY, Alfred. **Les minutes de sable**: Mémorial [1894]. Édité par la bibliothèque romande. E-book, 2016. Disponível em: https://ebooks-bnr.com/ebooks/pdf4/jarry_minutes_sable_memorial.pdf Acesso em 27/07/21.

JARRY, Alfred. **Ubú en bicicleta**. Traducción de Laura Salas Rodrigues. Gallo Nero Ediciones, 2015. Edição Kindle.

JARRY, Alfred. **Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico**. Tradução de Guilherme Trucco. Edição Kindle, 2015.

JARRY, Alfred. **Ubu**: Ubu Re, Ubu Cornutto, Ubu Incatenato, Ubu sulla Collina. Traduzione di Bianca Candian e per Ubu Re di Claudio Rugafiori. 11. ed. Milano: Adelphi Edizioni, 2013.

JARRY, Alfred. **Ubu Roi**: suivi de Ubu Enchaîné et Ubu Cocu. Illustré para Joan Miró. France, Paris: Editions Du Chene, 2010.

JARRY, Alfred. **Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician**: a neo-scientific novel. Translated & annotated By Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996.

JARRY, Alfred. **The Ubu Plays**: Ubu Rex, Ubu Cuckolded, Ubu Enchained. Translated by Cyril Connely and Simon Watson Taylor. New York: Grove Press, 1994.

JARRY, Alfred. **Ubu-rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

KRISTEVA, Julia. **Meu alfabeto**: ensaios de literatura, cultura e psicanálise. Tradução de Adriana Zavaglia. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

KRISTEVA, Julia. **Sentido e contra-senso da revolta**: (discurso direto): poderes e limites da psicanálise. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. Tradução da primeira edição de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LAROUSSE. **Mini Dictionnaire**: Français-Brésilien-Brésilien-Français. Paris, France, 2012.

LEME, José L. C. O poder ubuesco e o meio riso. In: Resende, H. (Org.). **Michel Foucault**: o ronco surdo da batalha. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, 2018. p. 177-185.

LEME, José L. C. Da significação ao acontecimento: Foucault e a genealogia da experiência. In: RESENDE, Haroldo de (Org.). **Michel Foucault**: transversais entre educação, filosofia e história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 91-104.

LEME, José L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz, VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 181-197.

LEMINSKI, Paulo. Jarry, o supermoderno. In: JARRY, Alfred. **O Supermacho**. Tradução de Paulo Leminski. São Paulo: Editora Ubu, 2016, p. 157-159.

LOGUERCIO, Rochele de Quadros. Um exercício sobre o pensamento bachelardiano. Revista **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 23, n. 45, jan./jun. 2009, p. 277-290. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/2168> Acesso em 18/01/2023.

LULKIN, Sergio A. **O Riso nas Brechas do Siso**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10256> Acesso em 28/02/2021.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MAUTONE, Guilherme. **Intenção & Contexto**: Por uma reorientação intencionalista e contextualista da Estética e da Filosofia da Arte no elogio da Arte Contemporânea. Tese (Doutorado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/220585> Acesso em 10/02/2023.

MEDEIROS, Daniela Gomes. A Pandemia e o “novo normal”: Impactos no cuidado de si dos professores. In: SANTOS, Bruna Carolina de Lima Siqueira dos; JESUS, Iáscara Oara de. (Orgs.) **Michel Foucault e costuras contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 106-121.

MIRÓ, Joan. Collection King Ubu (Ubu Roi). **Museum Art Modern – MoMA**. New York. Disponível em:

<https://www.moma.org/collection/works/illustratedbooks/14911> Acesso em 20/02/22.

MIRÓ, Joan. Collection Ubu. **Fundación Joan Miró**. Barcelona. Disponível em: <https://www.fmirobcn.org/en/colection/catalog-works/search/page/1> Acesso em 20/02/22.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MOURA, Josaine de; SANTOS, Suelen A. Restrições matemáticas e criação literária: o paradoxo do pensamento da diferença na Literatura Potencial. **BOEM**. Boletim Online de Educação Matemática. Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 90-107, nov./2020. Disponível em:

<https://periodicos.udesc.br/index.php/boem/article/view/18206> Acesso em 02/04/2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OBSERVATÓRIO COVID-19 BR. Disponível em:
<https://covid19br.github.io/midia> Acesso em 13/02/2023.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **Liinc em Revista**, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, UFRJ, v. 16, n. 2, 2020, p. 1-23. Disponível em:
<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5374> Acesso em 13/02/2023.

PAES, Amanda; BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa. Negacionismo científico. Un Análisis del Twitter de Jair Bolsonaro en marzo y noviembre de 2020. **Revista Razon y Palabra**, v. 25, n. 114, mayo - agosto 2022, p. 242-259. Disponível em:
<https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1929> Acesso em 25/02/2023.

PASTERNAK, Natalia; ORSI, Carlos. **Ciência no Cotidiano**: viva a razão, abaixo a ignorância. São Paulo: Contexto: 2021a.

PASTERNAK, Natalia; ORSI, Carlos. **Contra a realidade**: a negação da ciência, suas causas e consequências. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2021b.

PAULA, Sergio Goes de. Uma brasileira na China de Mao. 28 de nov. 2017. **Instituto Moreira Salles – IMS**. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/uma-brasileira-na-china-de-mao/> Acesso em 27/07/21.

PESSANHA, José Américo Motta. Bachelard: Asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Tradução de José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro, Maria Isabel Raposo. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994, p. 5-31.

PINHEIRO, Josaine de Moura. **Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA)**: “novos talentos” da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). 2014. Tese (Doutorado em Educação)

– Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2014. Disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3323> Acesso em 12/01/2023.

POLLIN, Karl. **Alfred Jarry: L'Expérimentation du singulier**. Amsterdam-New York: Editions Rodopi B.V, 2013.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Revisão técnica de Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIBEIRO, Élide S.; COSTA, Fernanda. A. G. O método da Cartografia e a Educação em Ciências: interlocuções. Revista **Ensaio Pesquisa Educação em Ciências**, Belo Horizonte, 2022, v. 24, p. 1-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/VKGH44NHVyP3pBDLwBPLgYK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 13/11/22.

RICCIARDI, Giovanni. **Patakosmos**. 2023. Disponível em: <https://www.patakosmos.com/about-us/> Acesso em 05/02/2023.

ROSA, Victor da. Cenas e artimanhas de Campos de Carvalho, leitor de Jarry. **Revista Olho d'água**. Revista do PPG – Letras - UNESP/ São José do Rio Preto, SP, v. 10, n. 2, p. 30-40, jun./dez. 2018. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/503/448> Acesso em 23/02/2021.

ROSSET, Cacá. Prefácio. In: JARRY, Alfred. **Ubu-rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986, p. 11-14.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Suelen Assunção. **Docen ci/ç ação: Do Dual ao Duplo da Docência em Matemática**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/131918> Acesso em 13/02/2023.

SCHWARTZ, Gustavo Ariel. Patafísica em 748 palavras. **Arte, Literatura y Ciencia**. San Sebastian (Spain), 29 abril de 2013. Disponível em: <https://gustavoarielschwartz.org/2013/04/29/patafisica-en-748-palabras/> Acesso em 20/02/22.

SHATTUCK, Roger. Introduction. In: JARRY, Alfred. **Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician**: a neo-scientific novel. Translated & annotated By Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996, p. vii-xvii.

SHATTUCK, Roger. En el umbral de la 'patafísica. In: In: JARRY, Alfred. **'Patafísica**: epítomes, recetas, instrumentos & lecciones de aparato. Traducción de Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2016, p. 41-50.

SCHEERER, Thomas M. *Introducción a la Patafísica: lucus a non lucendo* (Quintilian). Revista **Chilena de Literatura**, n. 29, 1987, p. 81-96. Disponível em: <https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/40894> Acesso em 12/12/2022.

SHERMER, Michael. **Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas**: pseudociência, superstições e outras confusões do nosso tempo. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: JSN Editora, 2011.

SILVA, Josiele Oliveira da; FERREIRA, Maira. A interdisciplinaridade constituindo o discurso pedagógico na formação de professores de Química em um curso preparatório para o ENEM. **Perspectiva**: Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 206- 228, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2019.e51922> Acesso em 02/04/2022.

SILVA FILHO, Nivaldo R. da. **Merdra d'ubulesco**: Transluciferação do Imago Ubu em Juan Miró. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade). Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015. Disponível em: http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/disserta%C3%A7%C3%B5es_2015/TESE-FINAL-DEPOSITADA-Copia.pdf Acesso em 02/03/2021.

SNICKET, Lemony. **Desventuras em Série**: a sala dos répteis. Tradução de Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOARES, Alessandro Cury; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. **A ciência no Universo da Folia**. Curitiba: Appris, 2017.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Tradução de Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002.

STEVANIM, Luiz Felipe. **A história do cientista que precisou de escolta por provar que a cloroquina não funciona**. Efeitos da Anticiência. Revista Radis Comunicação e Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, 08 de abril de 2021. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/efeitos-da-anticiencia> Acesso em 20/01/2023.

TIBURI, Marcia. **Ridículo político**: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto. Rio de Janeiro: Record, 2017.

TOSTES, Theodemiro. O fenômeno Jarry. In: JARRY, Alfred. **Ubu Rei**. Tradução de Theodemiro Tostes. Porto Alegre: L&PM, 2022, p. 19-28.

TRUCCO, Guilherme. Introdução. In: JARRY, Alfred. **Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico**. Tradução de Guilherme Trucco. Edição Kindle, 2015, p. 4-5.

VALÉCIO, Marcelo de. Aplicação retal de ozônio para Covid-19 é sugestão de prefeito. **Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade Industrial LTDA**. 2021. Disponível em: <https://ictq.com.br/politica-farmaceutica/1874-aplicacao-retal-de-ozonio-para-covid-19-e-sugestao-de-prefeito> Acesso em 05/02/2023.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VOSTEEN, Thomas. Transalor's Introduction. In: DAUMAL, René. **Pataphysical Essays**. Cambridge, Massachusetts, USA: Wakefield Press, 2012.

WEYH, Luana Reichert. **Relações Matemáticas e Clarice Lispector**: um encontro inusitado entre Matemática e Literatura. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Exatas). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Santo Antônio da Patrulha (RS), 2021. Disponível em: <https://ppgece.furg.br/dissertacoes-e-teses/53-2021/215-luana-reichert-weyh> Acesso em 19/02/2023.

WEYH, Luana Reichert. **Oficina MATELI**: Itinerário para o encontro de Matemática e Literatura no contexto educacional. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Santo Antônio da Patrulha (RS), 2021. Disponível em: <https://ppgece.furg.br/dissertacoes-e-teses/53-2021/215-luana-reichert-weyh> Acesso em 19/02/2023.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BERVENAGE, Berber. Negacionismo: História, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, 2021, p. 13-36. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/mKqygYcGFLmDBCNWmVKJ4gd/?lang=pt> Acesso em 23/02/2023.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. **Revista Cult** [exclusivo do site]. 3 de setembro de 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/> Acesso em 22/02/2023.

XAVIER, Mariana M. de Freitas. **Piada explicada**: Imagem e Humor em uma Pesquisa em Poéticas Visuais. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/31623> Acesso em 01/03/2021.

ZORDAN, Paola. Disparos e excesso de arquivo. In: 200. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Artes Plásticas, 2011, Rio de Janeiro/RJ. **Anais do Encontro Nacional da ANPAP** (Online). Rio de Janeiro (RJ): ANPAP, 2011. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/paola_zordan.pdf Acesso em 24/01/22.

Anexos

arquivo

Anexos

arquivo

Anexos

Anexos

arquivo

Anexos

arquivo

Anexos

arquivo


Anexos

ARQUIVO Coleções
... das palavras e imagens

...

Autores [as]	Títulos
Michel Foucault	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os Anormais (2010a) 2. A arqueologia do saber (2020) 3. Microfísica do poder (2018) 4. História da loucura (2017) 5. As palavras e as coisas (2016) 6. Ditos e Escritos I (2014) 7. Ditos e Escritos II (2015) 8. Ditos e Escritos V (2017) 9. Ditos e Escritos VII (2011) 10. Ditos e Escritos VIII (2012) 11. Ditos e Escritos X (2014) 12. Do governo dos vivos (2014) 13. Vigiar e Punir (2014) 14. A ordem do discurso (2014) 15. Eu, Pierre Rivière ... (2013) 16. <i>Les Anourmax</i> (2012) 17. Em defesa da sociedade (2010) 18. A verdade e as formas jurídicas (2001)
Alfred Jarry	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ubu-Rei (2021) 2. Messalina (2021) 3. <i>Les minutes de sable</i> (2016) 4. <i>Ubú en bicicleta</i> (2015) 5. Artimanhas e opiniões do Dr. Faustroll (2015) 6. <i>Ubu: Ubu Re, Ubu Cornutto, Ubu Incatenato, Ubu sulla Collina</i> 7. <i>Ubu roi</i> (2010) 8. <i>Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician: a neoscientific novel</i> 9. <i>The Ubu plays</i> (1994) 10. <i>Ubu Rei</i> (2022) 11. 'Patafísica (2016) 12. <i>Ubu rei</i> (2007) 13. <i>O Supermacho</i> (2016) 14. <i>Ubu rei</i> (1986) 15. 'Patafísica: <i>epítomes, recetas, instrumentos & lecciones de aparato</i> (2016)
Friedrich Nietzsche	<ol style="list-style-type: none"> 1. A Gaia ciência (2017) 2. Assim falou Zaratustra (2011) 3. Além do Bem e do Mal (2009) 4. Sobre verdade e mentira no sentido extramoral (2008) 5. Humano, demasiado humano (2000)
Gilles	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que é a Filosofia? (2010)

	Deleuze	<ol style="list-style-type: none"> 2. A ilha deserta e outros textos (2004) 3. Crítica e Clínica (1997) 4. Abecedário (1988-1989)
Gaston	Bachelard	<ol style="list-style-type: none"> 1. A terra e os devaneios da vontade (2019) 2. A água e os sonhos (1997) 3. A poética do devaneio (1988) 4. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço (1978) 5. O direito de sonhar (1994)
Manoel de	Barros	<ol style="list-style-type: none"> 1. Poesia Completa (2010) 2. Livro sobre Nada (1996)
Rachel	Carson	<ol style="list-style-type: none"> 1. Primavera silenciosa (2010)
Julio	Groppa Aquino	<ol style="list-style-type: none"> 1. Educação pelo Arquivo: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault (2019)
Sandra	Corazza	<ol style="list-style-type: none"> 1. Um pró(sem)logo (2019) – artigo <p>AQUINO, Julio Groppa. Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault (2019)</p>
Sandra	Corazza	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dicionário das ideias feitas em educação (2011)
Julio	Groppa Aquino	
Sandra	Corazza	<ol style="list-style-type: none"> 1. Espaço poético como tradução didática: Bachelard e a imagem da casa (2017) – artigo
Luiz	Dinarte	<p>CORAZZA, Sandra M. (Org.). Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar (2017)</p>
Arlette	Farge	<ol style="list-style-type: none"> 1. O sabor do arquivo (2017)
Julia	Kristeva	<ol style="list-style-type: none"> 1. Meu alfabeto: ensaios de literatura, cultura e psicanálise (2017) 2. Sentido e contra-senso da revolta (discurso direto) (2000)
Jorge	Larrosa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas (2019)
Roberto	Machado	<ol style="list-style-type: none"> 1. Foucault, a ciência e o saber (2007) 2. Nietzsche e a verdade (1999)
Carl	Sagan	<ol style="list-style-type: none"> 1. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro (2006)
Michael	Shermer	<ol style="list-style-type: none"> 1. Por que as pessoas acreditam em coisas estranhas: pseudociência, superstições e outras confusões do nosso tempo (2011)
Lemony	Snicket	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desventuras em Série: a sala dos répteis (2001)

Isabelle	Stengers	1. A invenção das ciências modernas (2002)
Alfredo	Veiga-Neto	1. Foucault & a Educação (2016)
Natalia	Pastenark	1. Ciência no cotidiano: viva a razão, abaixo a ignorância (2021)
Carlos	Orsi	2. Contra a realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências (2021)
Joan	Miró	 1. <i>Collection King Ubu (MOMA)</i> 2. <i>Collection Ubu – Fundación Joan Miró</i>
George	Minois	1. História do riso e do escárnio (2003)
Ben	Goldacre	1. Ciência Picareta (2021)
Manfred	Geier	1. Do que riem as pessoas inteligentes (2011)
Silvio	Gallo	1. Filosofia: experiência do pensamento (2014)
Jacques	Fux	1. Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o Oulipo (2016)
Paul	Feyerabend	1. Contra o método (1977)
Henrique	Eira	1. Patadesign: notas pendentes de solução imaginária (2019)
Isabella	Brandalise	
Alastair	Brotchie	1. <i>Alfred Jarry: A Pataphysical life</i> (2015)
Vincent	Bontems	1. Bachelard (2017)
Máximo	Adó	1. Microscopias: docência-pesquisa em exercício-tradução (2022) 2. Educação Potencial: autocomédia do intelecto (2013) <u>Tese de Doutorado</u>
Rochele	Loguercio	1. Um exercício sobre o pensamento bachelardiano (2009) – artigo <u>Educação e Filosofia</u>
Alessandro		1. A ciência no universo da folia (2017)

Rochele	Soares	
	Loguercio	
Jorge	Candido	1. A ciência e suas imagens: tradução, representação e criação (2020) – artigo
Rochele	Loguercio	<u>Policromias</u>
Isabel Cristina	Dalmoro	1. Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana (2019)
		<u>Dissertação</u>
Isabel Cristina	Dalmoro	1. O poder ubuesco e suas ressonâncias para as categorias de poder pastoral, soberano e disciplinar (2019) – artigo
Suelen Assunção	Santos	DUARTE, Claudia G., MOURA, Josaine de, SANTOS, Suelen A. (Orgs.). (Com)posições pós-estruturalistas em Educação Matemática e Educação em Ciências (2019)
Suelen Assunção	Santos	1. Docen ci/ç ação: Do Dual ao Duplo da Docência em Matemática.
		<u>Tese de Doutorado</u>
Josaine de	Moura	1. Restrições matemáticas e criação literária: o paradoxo do pensamento da diferença na Literatura Potencial (2020) – artigo
Suelen Assunção	Santos	<u>BOEM</u>
Josaine de	Moura	1. Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): “novos talentos” da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) (2014)
Pinheiro		<u>Tese de Doutorado</u>
René	Daumal	1. <i>Pataphysical Essays</i> (2012)
Wagner	Ferraz	1. Inventário de pesquisa: procedimento metódico imanente de um corpo-professor (2020) – artigo
Samuel E.	Bello	ALMEIDA, Verônica D., SÁ, Maria Roseli G. de Brito, ZORDAN, Paola. Criações e métodos na pesquisa em Educação (2020)
Rosa Maria Bueno	Fischer	1. Foucault e a análise do discurso em educação (2001) – artigo
		<u>Cadernos de Pesquisa [online]</u>

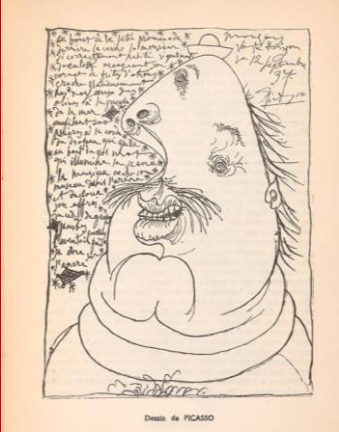
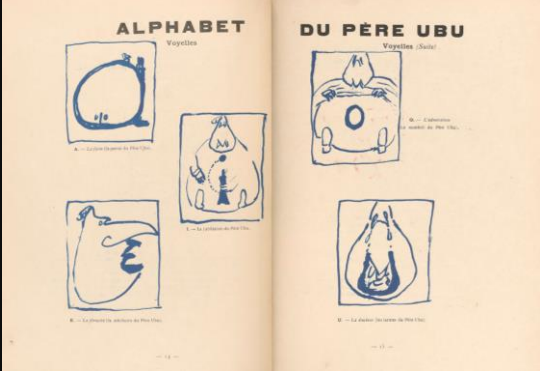
Paula Corrêa	Henning	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estratégias Bio/Ecopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global (2019) – artigo <u>Educação Unisinos</u> 2. Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos: produção de saber e moral nas ciências humanas <u>Tese de Doutorado</u>
Hilton Danilo	Japiassú Marcondes	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dicionário Básico de Filosofia (2006)
Nicola	Abbagnano	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dicionário de Filosofia (2007)
Judith	Revel	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dicionário Foucault (2011)
Edgardo	Castro	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, autores e conceitos (2016)
Paola	Zordan	<ol style="list-style-type: none"> 1. Disparos e excesso de arquivo (2011) <u>Anais ANPAP</u>
Mariana de Freitas	Xavier	<ol style="list-style-type: none"> 1. Piada explicada: Imagem e Humor em uma Pesquisa em Poéticas Visuais (2011) <u>Dissertação</u>
Luana Reichert	Weyh	<ol style="list-style-type: none"> 1. Relações Matemáticas e Clarice Lispector: um encontro inusitado entre Matemática e Literatura (2021) 2. Oficina MATELI: Itinerário para o encontro de Matemática e Literatura no contexto educacional (2021) <u>Dissertação</u>
Thomas	Vosteen	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Transaltor's Introduction</i> (2012) DAUMAL, René. <i>Pataphysical Essays</i>
Guilherme	Trucco	<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução (2015) JARRY, Alfred. Artimanhas e opiniões do Doutor Faustroll, patafísico (2015)
Theodemiro	Tostes	<ol style="list-style-type: none"> 1. O fenômeno Jarry (2022) JARRY, Alfred. Ubu Rei (2022)
Luiz Felipe	Stevanim	<ol style="list-style-type: none"> 1. A história do cientista que precisou de escolta por provar que a cloroquina não funciona (2021) – artigo <u>Radis Revista</u>
Nivaldo R. da	Silva Filho	<ol style="list-style-type: none"> 1. Merdra d'ubulesco: Transluciferação do Imago Ubu em Juan Miró (2015) <u>Tese de Doutorado</u>
Josiele		<ol style="list-style-type: none"> 1. A interdisciplinaridade constituindo o discurso

Oliveira da Maira	Silva Ferreira	pedagógico na formação de professores de Química em um curso preparatório para o ENEM (2019) – artigo <u>Perspectiva</u>
Roger	Shattuck	1. <i>Introduction</i> (1996) JARRY, Alfred. <i>Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician: a neo-scientific novel</i> (1996) 2. <i>En el umbral de la 'patafísica</i> (2016) JARRY, Alfred. 'Patafísica: epítomes, recetas, instrumentos & lecciones de aparato (2016)
Gustavo Ariel	Schwartz	1. Patafísica em 748 palabras (2013) – artigo <u>Arte, Literatura y Ciencia</u>
Victor da	Rosa	1. Cenas e artimanhas de Campos de Carvalho, leitor de Jarry (2018) – artigo <u>Olho d'água</u>
Cacá	Rosset	1. Prefácio (1986) JARRY, Alfred. <i>Ubu-rei</i> (1986)
José Américo Mota	Pessanha	1. Bachelard: asas da imaginação (1994) BACHELARD, Gaston. <i>O direito de sonhar</i> (1994)
Sergio Goes de	Paula	1. Uma brasileira na China de Mao (2017) – artigo <u>Instituto Moreira Salles</u>
Thaiane Moreira de	Oliveira	1. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia (2020) – artigo <u>Liinc em Revista</u>
Daniela Gomes	Medeiros	1. A Pandemia e o “novo normal”: Impactos no cuidado de si dos professores (2021) SANTOS, Bruna Carolina de Lima Siqueira dos; JESUS, Iáscara Oara de. (Orgs.). <i>Michel Foucault e costuras contemporâneas</i> (2021)
Guilherme	Mautone	1. Intenção & Contexto: Por uma reorientação intencionalista e contextualista da Estética e da Filosofia da Arte no elogio da Arte Contemporânea (2021) <u>Tese de Doutorado</u>
Sergio A.	Lulkin	1. O riso nas brechas do siso (2007) <u>Tese de Doutorado</u>
	Larousse	1. Mini Dictionnaire: Français-Brésilien-Brésilien-Français (2012)
Jose L. C.	Leme	1. Da significação ao acontecimento: Foucault e a genealogia da experiência (2011) – artigo RESENDE, Haroldo de (Org.). <i>Michel Foucault: transversais entre educação, filosofia e história</i> (2011)

		2. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco (2008) – artigo ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz, VEIGANETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (Orgs.). Cartografias de Foucault (2008)
Giorgio	Agamben	1. A imanência absoluta (2000) ALLIEZ, Eric (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. (2000)
Guillaume	Apollinaire	1. O falecido Alfred Jarry (2021) JARRY, Alfred. Ubu Rei ou Os Poloneses (2021)
Arnaldo	Antunes	1. A ciência em si (1997)
Gilberto	Gil	<u>Para escutar</u>
Philippe	Artières	1. A exatidão do arquivo (2014) ARTIÈRES, Philippe et al. Michel Foucault (2014) 2. Entrelinhas: ler os arquivos de Michel Foucault (2006) SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Orgs.). O legado de Foucault (2006)
Ambrose	Bierce	1. <i>Diccionario del Diablo</i> (1999)
Christian	BÖK	1. <i>'Pataphysics: the poetics of an imaginary Science</i> (1997) <u>Tese de Doutorado</u>
Marly	Bulcão	1. Bachelard: a noção de imaginação (2003) – artigo <u>Revista Reflexão</u>
Josenildo	Bezerra	1. Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré (2021) – artigo
Madja Eliane	Magno	<u>Mídia & Cotidiano</u>
Carolina	Maia	
Otto Maria	Carpeaux	1. Happening Ubu. Introdução à edição brasileira de 1972 (2021) JARRY, Alfred. Ubu Rei ou Os Poloneses (2021)
Rafael	Cippolini	1. <i>Las neuronas de panmuphle</i> (2016) JARRY, Alfred. 'Patafísica: epítomes, recetas, instrumentos & lecciones de aparato (2016)
Letícia	Coura	1. Prefácio (2020) JARRY, Alfred. Messalina: romance da Roma

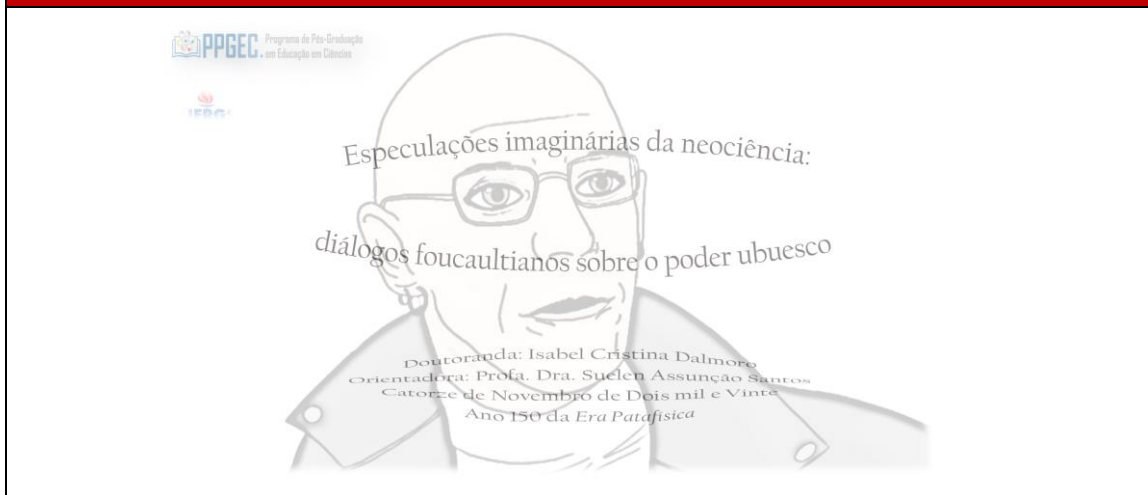
		antiga (2020)
Gabriel	Cunha	1. Uma Educação do sentido: Poéticas textuais (2019) <u>Tese de Doutorado</u>
Juan Esteban	Fassio	1. <i>Alfred Jarry y el colégio de 'patafísica</i> (2016) JARRY, Alfred (y otros). 'Patafísica (2016)
José Luís S.	Ferraro	1. O Conceito de Vida: uma discussão à luz da educação (2019) – artigo <u>Revista Educação & Realidade</u>
Patrícia	Valim	1. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais (2020) – artigo
Alexandre de Sá	Avelar	<u>Revista Cult</u>
Patrícia	Valim	1. Negacionismo: História, historiografia e perspectiva de pesquisa (2021) – artigo
Alexandre de Sá	Avelar	<u>Revista Brasileira de História</u>
Berber	Bervenage	
Marcelo de	Valécio	1. Aplicação retal de ozônio para Covid-19 é sugestão de prefeito (2021) – artigo <u>Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade Industrial LTDA</u>
Umberto	Eco	1. O Nome da Rosa (2003)
Hal	Foster	1. O que vem depois da farsa? (2021)
Túlio M. de Oliveira	Galvão	1. Para além da ciência: por uma gaia ciência (2012). <u>Dissertação de Mestrado</u>
Marília	Gehrke	1. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores (2021) – artigo
Marcia	Benetti	<u>Revista Fronteiras</u>
Wilson	Gomes	1. A cloroquina e a fé no rebanho (2020) – artigo <u>Revista Cult – UOL</u>
Andrea H.	Goulart	1. O sujeito informacional e as redes sociais <i>online</i> : reflexos da polarização política nas práticas informacionais relacionadas à pandemia da Covid-
Ivette K.	Muñoz	

		19 (2022) - artigo <u>Liinc em Revista</u>
Bem estar	G1	1. Vacina – Mapa da vacinação <u>G1</u>
Sheila F. Juliana Agnaldo	Gomes Penna Arroio	1. <i>Fake News Científicas: Percepção, Persuasão, e Letramento (2020)</i> – artigo <u>Revista Ciência & Educação</u>
Giovanni	Ricciardi	1. Patakosmos (2023) <u>Patakosmos</u>
Élida Fernanda	Ribeiro Costa	1. O método da Cartografia e a Educação em ciências: interlocuções (2022) – artigo <u>Revista Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências</u>
Thomas	Scheerer	1. <i>Introducción a la Patafísica: lucus a non lucendo (Quintilian) (1987)</i> – artigo <u>Revista Chilena de Literatura</u>
Karl	Pollin	1. <i>L'Expérimentation du singulier (2013)</i>
Observatório Covid-19		1. <u>Observatório Covid-19</u>
Debora Cristina	Marini	
Marcia	Tiburi	1. <i>Ridículo político: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o politicamente correto (2017)</i>
Amanda Vanessa Luisa	Paes Brasil Massarani	1. <i>Negacionismo científico. Uma análise del Twitter de Jari Bolsonaro en marzo y noviembre de 2020 (2022)</i> – artigo <u>Revista Razon y Palabra</u>

Paulo	Leminski	1. Jarry, o supermoderno (2016) JARRY, Alfred. O Supermacho (2016)
Andrew	Hugill	1. <i>'Pataphysics: a useless guide (2015)</i>
Fernando	Finamor	1. Composição em Tempo Real e o Modo Operativo <i>and</i> Intuição e Criatividade na Composição Coreográfica (2016) <u>Trabalho de Conclusão de Curso</u>
Christian	Ferrer	1. Patafísica y conocimiento (2016) JARRY, Alfred. 'Patafísica (2016)
Silvia	Fernandes	1. Alfred Jarry (2007) JARRY, Alfred. Ubu rei (2007)
Luiz Henrique João Otávio	Arthury Garcia	1. Em prol do realismo científico (2020) – artigo <u>Revista Ciência & Educação</u>
Pablo	Picasso	 <u>Dessin de Picasso</u>
Pierre	Bonnard	 <u>The Morgan Library y Museum</u>

... das contações sobre a escrita

Apresentação ao GEEMCo [14/11/2020]



PPGEC Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências

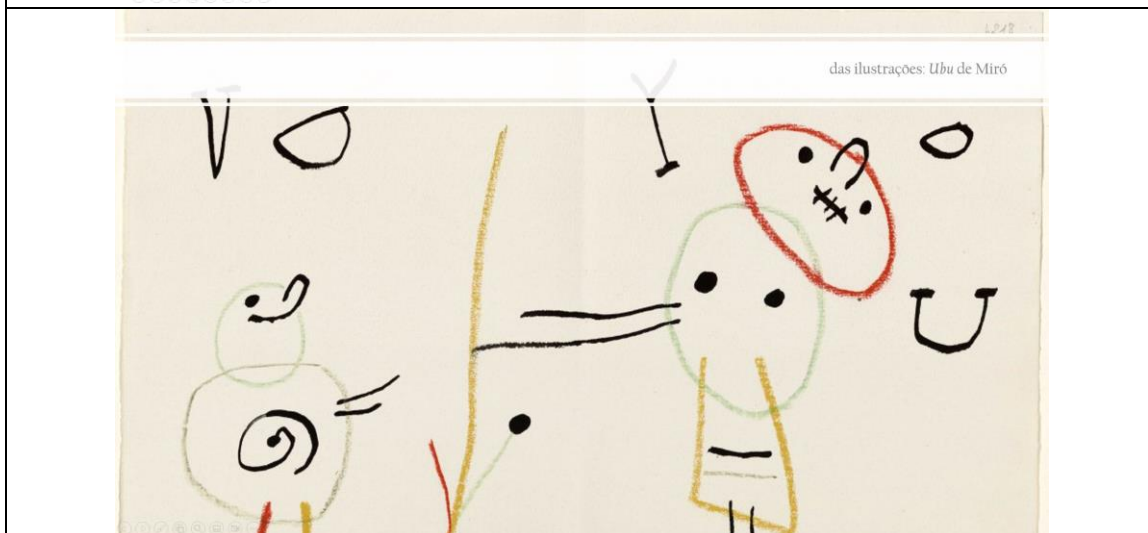
ESBOÇO

Especulações imaginárias da neociência:
diálogos foucaultianos sobre o poder ubuesco

Doutoranda: Isabel Cristina Dalmoro
Orientadora: Profa. Dra. Suelen Assunção Santos
Catorze de Novembro de Dois mil e Vinte
Ano 150 da Era Patafísica



Inspiração
Inspiração
Inspiração

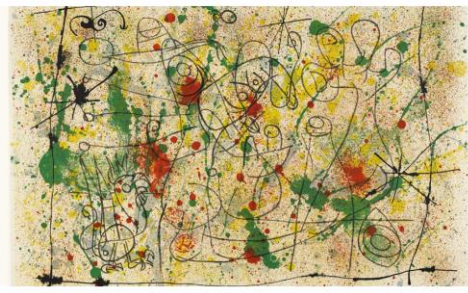


das ilustrações: Ubu de Miró



ideias em [des]alinhamento e a escrita andante

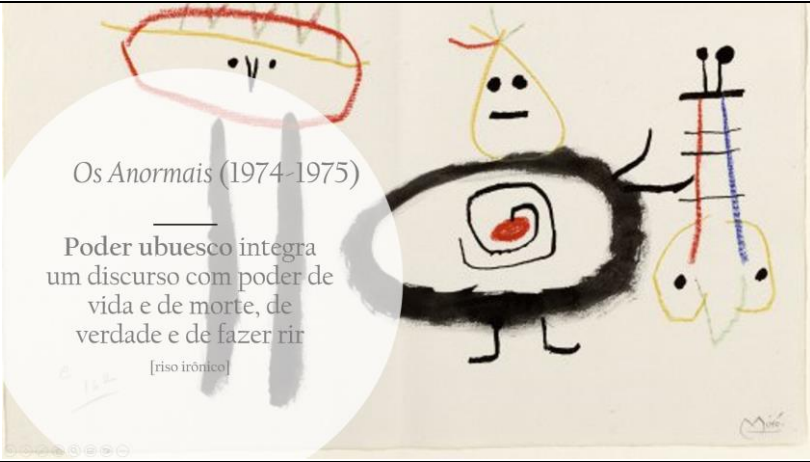
Inquietações Impulsionamento Inquietações



poder ubuesco

Exame de práticas discursivas em torno das questões ambientais que lançam mão do poder ubuesco e suas ressonâncias na/para a Educação Ambiental.
Como os efeitos dessas práticas ecoam na ciência? E na Educação em Ciências?
Como pensar *ciência* quando tais práticas se entrelaçam com o dito *discurso científico*? Trata-se de outra ciência? Uma nova ciência?
Uma *ciência* aos moldes da *patafísica*?
Uma *neociência ubuesca*? [uma ciência com as características do poder ubuesco]
Com mais Ubu e menos Faustroll ...

Navigation icons



Os Anormais (1974-1975)
Poder ubuesco integra um discurso com poder de vida e de morte, de verdade e de fazer rir
[riso irônico]

Navigation icons



Uma maneira de pesquisar
Estratégia de pesquisa e escrita: potencialidade na ideia de *arquivo* ou *arquivização*, com a proposta de catalogar narrativas (entre dizeres e imagens) com inspiração nos procedimentos investigativos de Foucault e nos estudos de Groppa Aquino.

Navigation icons



Escarafunchando escritos foucaultianos para entender a noção de arquivo

Nessa função, com a revisão de literatura em andamento, a tentativa da imaginação de um diálogo entre Foucault e Jarry

recortes da **escrita I**
[artigo sobre a maneira de pesquisar]

Descrição recortada de alguns conceitos para embasamento da pesquisa e escrita

especulação

especulação¹ (lat. *speculatio*):

1. Emprego desinteressado da razão em questões de ordem abstrata e distantes da experiência concreta, sem preocupação prática. No sentido clássico, sinônimo de teoria, contemplação.
2. Segundo Kant, a especulação é o uso da razão visando objetos inacessíveis à experiência humana, portanto incapaz de produzir um conhecimento legítimo, resultado da combinação da sensibilidade e do entendimento.
3. **especulador²**
Antônimo de especialista.
Toda aquela que pensa com a própria cabeça.

¹ De acordo com o Dicionário Básico de Filosofia (JAPIASSI, MARCONDES, 2006, p. 93).
² De acordo com o Dicionário das Ideias feitas em Educação (CORAZZA, GROPPA AQUINO, 2001, p. 51). Adaptação ao feminino (por minha conta).

imaginação

imaginação¹ (lat. *imaginatio*):

1. Faculdade criativa do pensamento pela qual este produz representações (imagens) de objetos inesistentes, mas tendo, portanto, função cognitiva.
2. Em Kant, a imaginação (*Einbildungskraft*) é uma faculdade da consciência que sintetiza e diversifica dos dados da intuição, constituindo assim a condição de possibilidade do conhecimento.
3. Para Bachelard a imaginação, ou melhor, o imaginário – entendendo esse termo não como a faculdade ou função da imaginação, mas o mundo das suas produções concretas (mitos, sonhos, criações poéticas, etc.) – representa algo de distinto, e, ao mesmo tempo, de complementar em relação ao “logos conceitual” da ciência, intermedilhando que o homem, antes de ser científico, é poeta, ou seja, atividade onírica e mitopoética.
4. **Imaginação² [...]**
Depressão de nos outros.
Dar asas à noção.

¹ De acordo com o Dicionário Básico de Filosofia (JAPIASSI, MARCONDES, 2006, p. 93).
² De acordo com o Dicionário das Ideias feitas em Educação (CORAZZA, GROPPA AQUINO, 2001, p. 51).
³ De acordo com o Dicionário das Ideias feitas em Educação (CORAZZA, GROPPA AQUINO, 2001, p. 51).

ciência

Nunca resolve um problema sem criar outros.
Ciência sem entranhas.
Ou entranhas sem ciência? (*a gente se confunde*)
neociência³
..

³ De acordo com o Dicionário das Ideias feitas em Educação (CORAZZA, GROPPA AQUINO, 2001, p. 51).
⁴ Ainda por ser desolista, mas já pensada como movida pela imaginação tendo o poder abusivo como ligamento.

poder ubuesco

A maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz; isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte do mecanismo do poder.

* FOUCAULT, 2008, p. 11

'patafísica'

É a ciência de soluções imaginárias, que atribui simbolicamente às propriedades dos objetos, descritos por sua virtualidade, os seus contornos.

* JARRY (1996), p. 23

I

Composição do Caminho da Escrita

"A ESCOLHA que nele se encontrará não seguiu outra REGRA mais IMPORTANTE do que MEU GOSTO"

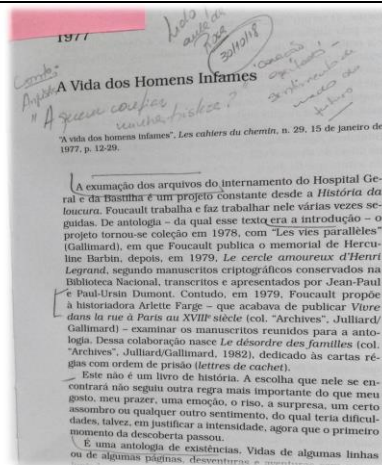
O caminho dessa escrita teve um começo que não esse. Foi pesquisando o poder ubuesco, mencionado por Foucault na obra *Os Anormais* (1974-1975) que encontrei sobre as imaginações patafísicas de Jarry, criados do *Rei Ubu* e do *Dr. Faustroll*, em dois textos de Deleuze, a saber, *Ao criar a Patafísica*, Jarry abriu caminho para a *Fenomenologia* (1964) e *Um precursor desconhecido de Heidegger*, Alfred Jarry (1993⁹). Guardei-os para estudá-los mais tarde. Com esses arquivamentos comecei a compor os procedimentos metodológicos para realização do estudo. Composição pretendida a partir da descrição foucaultiana de arquivo em que busco rastros para alicerçar a escrita. Composição que ainda se

do 1

Arqueologia do saber (1966)

A Arqueologia do Saber 147

imediatas às coisas que aí se encontram ditas ou aos homens que as disseram, mas ao sistema da discursividade, às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que ele conduz. O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfaquem segundo regularidades específicas, etc. é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas. O arquivo não é o que protege, apesar de sua fuga imediata, o acontecimento do enunciado e conserva, para as memórias futuras, seu estado civil de foragido; é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define,



A vida dos homens infames (1977)
texto lido na aula da Rosa Fischer em 30/10/18,
dois dias depois da eleição



por Foucault no texto *A vida dos homens infames* (1977), no qual o pensador comenta sobre a exatidão de manuscritos para a composição de uma antologia baseada em poemas escritos por soldados desertores, vendedoras de roupas de segunda mão, tabeliães e monges vagabundos.

Nesse comentário, abordando sobre os textos escolhidos para serem analisados, Foucault elenca suas escolhas tendo como regra mais importante o seu gosto. Para ilustrar a escolha pelo gosto, traz outros sentimentos à tona, assinalando suas afetações:

[...] A escolha que nele se encontrará não seguiu outra regra mais importante do que meu gosto, meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou qualquer sentimento, do qual teria dificuldades, talvez, em justificar a intensidade, agora que o primeiro momento da descoberta passou.

Por conta dessa dimensão mais subjetiva de Foucault em seus escritos, sinalizando o arquivo "mais como marca de existência do que como produção discursiva", conforme descreve Revel (2011, p. 13), considero relevante pensar essa

Arquivo, Imaginação e a Arquivização

Arquivização. No itinerário que me conduz para uma estratégia da pesquisa e escrita, com intuito de operar com arquivo, me aproximo de *Uma ideia de arquivo: contributos de uma pesquisa educacional* (2018), um artigo de Groppa Aquino², no qual ocorre, inicialmente, uma problematização acerca das pesquisas em educação. Ainda em torno do tema, por conta da emergência e da força das pesquisas pós-críticas, a proposta do texto envolve pensar em processos investigativos educacionais com teorizações foucaultianas. É sobre a ideia de arquivo *em e para além* daquela que Foucault descreveu que Groppa Aquino (2019) apresenta a arquivização.

Em torno do documentário *No Intenso Agora* (2017) de João Moreira Salles, no qual a composição narrativa se dá por meio do arquivo de imagens, que Groppa Aquino volta seu olhar para trazer a arquivização como procedimento de *memória*. Desta vez, ainda mais em movimento de documentarização no contexto

Groppa Aquino (2019)

A respeito do Inventário das Especulações Imaginárias

Entendendo uma das minhas funções nessa escrita: é pressuposto para o arquivo um arquivista, no caso *uma* arquivista. Conforme Farge (2015, p. 11), o [a] arquivista é "uma mão que coleciona e classifica". Nessa função ainda, ser capaz

Arquivando afetos

de remontar arquivos e, interrogando-os, mostrar paradoxos, relações de força, ressonâncias [...]

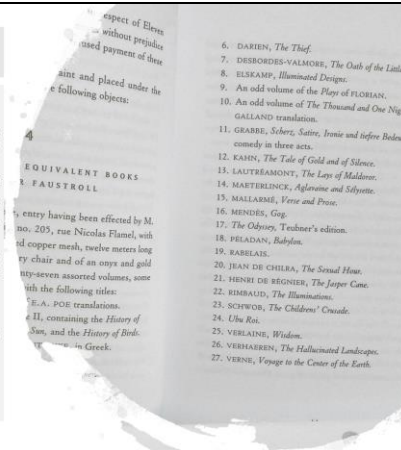


Conforme Foucault (2008, p. 148), não é possível a nós descrever nosso próprio arquivo, já que é no interior de suas regras que falamos, já que é ele que dá ao que podemos dizer - e a ele próprio, objeto de nosso discurso - seus modos de aparecimento, suas formas de existência e de coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de desaparecimento.

Aos moldes da coleção literária do Dr. Faustroll

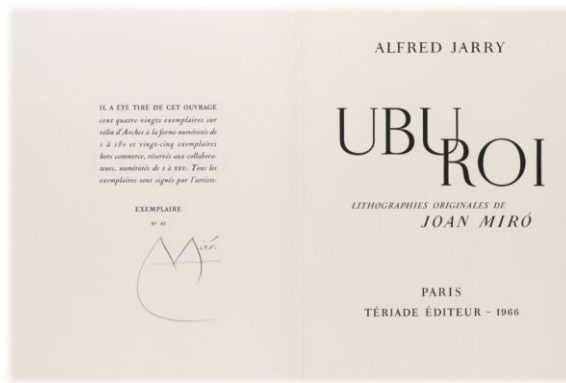
1. FOUCAULT, Os Anormais, Arqueologia do Saber, A Vida dos Homens Infames, Michel Foucault explica seu último livro, O Nascimento de um Mundo
2. JARRY, Ubu-Rei, The Ubu Plays, Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician: a neo-scientific novel, patafísica junto com Espectáculos, Patafísica: epítomes, recetas, instrumentos y lecciones de aparato.
3. DELEUZE, Ao criar a Patafísica, Jarry abriu caminho para a Fenomenologia e Um precursor desconhecido de Heidegger, Alfred Jarry.
4. BROTCHE, Alfred Jarry, a pataphysical life.
5. DALMORO, Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana.

Adicionalmente, imagens e ...



Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1. ed. de Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução de Ivone Castilho Benedetti. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AQUINO, Julio Groppa. Uma ideia de arquivo: contribuições para a pesquisa educacional. In: AQUINO, Julio Groppa. *Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault*. São Paulo: Intermat, 2019, p. 99-113.
- CORAZZA, Sandra M., AQUINO, Julio Groppa (Orgs.). *Dicionário das Ideias feitas em Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- DELEUZE, Gilles. Ao criar a Patafísica, Jarry abriu caminho para a Fenomenologia. In: DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974)*. Tradução de Hélio Rebelo Cardoso Junior. Editora Bazarra, 2004, p. 88-91.
- DELEUZE, Gilles. Um precursor desconhecido de Heidegger, Alfred Jarry. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pal Pebart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 104-113.
- FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Binsfeld. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A Vida dos Homens Infames (1977)*. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018a, p. 199-217.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault explica seu último livro (1989). In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Tradução de Eliza Monteiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018b, p. 151-159.
- FOUCAULT, Michel. *O Nascimento de um Mundo (1989)*. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos X: Diagnóstico do Presente e Verdade*. Tradução de Albert Chiquetti. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 31-54.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Barba Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- JARRY, Alfred. *Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician: a neo-scientific novel*. Translated & annotated by Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996.
- JARRY, Alfred. *Ubu-Rei*. Tradução de José Rubens Sigaut. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.



[Fundação Juan Miró - Espanha](#)

[MOMA - UBU KING COLLECTION](#)




Apresentação ao Grupo de Orientação Coletiva [14/03/2022]

Arquivo Página Inicial Comentários Editar Formatação Protótipo Inserir Idioma Compartilhar Ajuda



Sessão de apresentação...

A Patafísica concede a certos indivíduos "o privilégio de transformar-se em sua própria particularidade. Ubu ou Foucault, você ou [?]



Comentário [44]: Sheffuck, 2006, p. 42-50

Comentário [45]: Vix, assim, integradas.

27°C


100%

Arquivo Página Inicial Comentários Editar Formatação Protótipo Inserir Idioma Compartilhar Ajuda

Sessão de apresentação...

O que é a patafísica?

E a neociência?



Quais suas aproximações?

Comentário [47]: Pergunta reatoradora n. 2

Comentário [48]: Pergunta reatoradora n. 3

Comentário [49]: Pergunta reatoradora n. 3

27°C

100%

Arquivo Página Inicial Comentários Editar Formatação Protótipo Inserir Idioma Compartilhar Ajuda

Sessão de apresentação...

O que é a patafísica?

ciência de soluções imaginárias

criado por Alfred Jarry e outros

ciência inventada por Pai Ubu - por conta da necessidade

ubuesco - derivação da persona Ubu

Ubuesco mencionado por Foucault (2010) na obra *Os Anormais* (1974-1975)

Comentário [49]: Fora que ali dentro e que ali fora

27°C

100%

Arquivo Página Inicial Comentários Editar Formatação Protótipo Inserir Idioma Compartilhar Ajuda

Sessão de apresentação...

Patafísica

Pata - *patá*

[...]

Patafísica, cujo grafia etimológica deveria ser *Patá* (já tá quãã) e cuja ortografia é *patafísica*, precedida de uma apóstrofe para evitar trocadilhos, é a ciência daquilo que é superinduzido sobre a Metafísica, seja dentro ou além das últimas limitações, estendendo-se quão além a Metafísica se estende como a última extensão além da Física.

[...]


A Patafísica irá examinar as leis que governam as exceções [...]

DEFINIÇÃO. A Patafísica é a ciência de soluções imaginárias, que atribui simbolicamente às propriedades dos objetos, descritas por sua virtualidade, os seus contornos.

Livro Dois: Elementos da Patafísica Alfred Jarry, Antimatter e Opções do Doutor Foucault, patafísica (2010)

Comentário [50]: Atração pela patafísica inspirada nas leituras de infância

Comentário [51]: Obra pilular de Alfred Jarry



27°C

100%

PPgECi

- 1) a 'Patafísica é a ciência cujo domínio se estende além da **Metafísica**.
- 2) a 'Patafísica é a ciência do particular, ciência das leis que regem as **exceções**
- 3) a 'Patafísica é a ciência de **soluções imaginárias**
- 4) para a 'Patafísica tudo é a **mesma coisa**
- 5) 'Patafísica é, em sua atitude, imperturbável - não no sentido de frieza, mas de manter-se sereno diante de fatos como a vida, que é absurda e banal, ao mesmo tempo.
- 6) tudo é **patafísico**
- 7) não há nada além da 'Patafísica, ela é a última instância - somos vítimas de nosso próprio conhecimento, sobretudo de nosso saber técnico e **científico**.

Comentário [4172]: 1. Supera a Metafísica assim como esse supera a Física, em todos os sentidos ad Albitum

Comentário [4181812]: O que é ad Albitum?

Comentário [414812]: "Sem restrição"

Comentário [4181]: 2. e como ciência pura, não tem lei [universal], portanto não pode estar fora da lei;



Comentário [4181]: 3. lida com a imaginação científica

Comentário [4172]: 4. a patafísica não somente não aceita nenhuma explicação científica dos fatos, e ainda não atribui nenhum valor, seja moral, científico ou qualquer outro, e considera tais valores como simples fatos de espírito;

Comentário [4181]: 5. Lev-la a sério, endossando-se ou atacando-a, é gratuito. Essa seriedade confere nome e possibilidade de poder "trabalhar patafísico da existência" (PPgECi, 2016, p. 74);


Comentário [4181]: 6. porém possui colagem em prática a 'Patafísica conscientemente

Comentário [4182]: "A 'Patafísica concede a certos indivíduos, "o privilégio de transformar-se em sua própria particularidade. Ela se liberta, não se es", sustenta Shattuck (2016, p. 74)"

A  cria a partir de outras 

Busca as **EXCEPT!ON** que constituem a ciência.

Desmistifica os pensamentos **únicos**

e entrega à  temas científicos, filosóficos e **esotéricos**.

Comentário [4121]: Patafísico

Comentário [4122]: Opção por recorrer dos polímeros controlador de análise de internet: dar às palavras liberdade. Sentidos variantes.

Toma a  como objeto e a faz pensar sobre si mesma.

Nesse **momento**,


~~des~~constrói saberes **dominantes** e

~~des~~constrói para **construir**.

Comentário [4123]: Imagina, às vezes, escolhas e que as palavras não consigam expressar.

Comentário [4124]: Assim à imaginação!!!

PPgECi

No **processo** de construção, interroga discursos no^{da} esfera científica no mundo **irredimido** e provoca **SOLUÇÕES** imaginárias para **Problemas**  **inexistentes**.

Comentário [4125]: Reconhecendo uma tese

Imaginação

IMAGINAÇÃO É QUANDO A INTELIGÊNCIA SE DIVERTE.

★ Rita Lee

Imaginação divertida que quer se divertir

Imaginação literária

"A imaginação é mais importante que a ciência, pois a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro." Albert Einstein

Imaginação científica

PPqECi


Comentado [4285] Bachelard, 1997

Comentado [4271] Bachelard, 1997

Comentado [4281] Bachelard, 1997

partes lugares

pesquisados



Comentado [4429] parteforas


Comentado [443029]

Comentado [4431829] <https://www.instagram.com/parteforas/>

Comentado [4431829] <https://www.ciclopedia.ufrj.br/v2/pt/foras>

neociência

inventada a partir da análise de práticas discursivas que lidam com humor grotesco e com uma imaginação ubuesca. práticas em circulação na contemporaneidade que possuem/ganham/oferecem status de cientificidade. multiplicidades de efeitos do poder ubuesco renovar a si mesma naquilo que "oferece outro olhar na maneira de fazer e pensar ciência"






Comentado [4432] Imagem: a parca expulsa do cemitério de Libu

Comentado [4433932] <https://www.neociencia.ufrj.br/pt/ubuesca>

proxi

ma

ções

Comentado [4434] www.acdes.org.br/pt/inspire-ahn

Quem não tem fermentos de pensar, inventa? (Bachelard, 1933, p. 4)

PP&ECI

patafísica aproximação neociência

soluções imaginárias ubuescas

poder de vida e de morte

poder de verdade


poder de fazer rir

por meio da imaginação ubuesca

ciência ubuesca

uma ciência com /sob efeitos do poder ubuesco

poder Ubu



Bolsonaro sugere 'fazer cocô dia sim, dia não' para reduzir poluição ambiental

PP&ECI

COCÔ DIA SIM, DIA NÃO

QUANDO VOS REFORÇA O QUE VÓS QUEREMOS?



MAS LEMBRA QUE TEM QUE PRECISAR A MANUTER?

costumes respostas

lógicas, grosseiras, inconsistentes e as fugas de questões importantes

<https://museudememes.com.br/collection/coco-dia-sim-dia-nao>

Comentado (445): discurso inanimável, passividade!

Referências

PP&ECI

BACHELARD, Gaston. *A água e as outras coisas* sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Domezi. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BARROS, Manoel de. *Passaie completa*. São Paulo: Lopo, 2002.


FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. 5ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

JARBY, Alfred. *Artimanhas e epítoles de Doutor Faustrol, patafísica*. Tradução de Guilherme Truco. Edição final, 2015

Matas de matas. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/coco-dia-sim-dia-nao>




Acesso em 04/03/22

SHATTUCK, Roger. En el umbral de la patafísica. In: JARBY, Alfred. *Patafísica: epítoles, resacas, instrumentos & lecciones de epítole*. Traducción de Illegorita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2016, p. 41-50



Obrigada!

PP&ECI



Apresentação 1 – Seminário Discente PPgECi – UFRGS [28/01/2023]



Especulações foucaultianas sobre a imaginação ubuesca e a 'patafísica'

Doutoranda: Isabel Cristina Dalmoro

Orientadora: Prof. Dra. Suelen Assunção Santos

Linha de Pesquisa: Implicações das Práticas Científicas na Constituição de Sujeitos e de Currículos

28 de Janeiro de 2023



Formação e atuação



Licenciatura e Bacharelado em Filosofia – UFRGS

Professora de Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso na rede pública estadual – RS

Especialização em Educação Ambiental – FURG

Doutoranda em Educação em Ciências – UFRGS

Especialização em Ensino de Filosofia – UFPEL

Mestrado em Educação em Ciências – UFRGS



motivadores ...

[...] Chamarei de "grotesco" o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o "ubuesco" não é simplesmente uma categoria de injúrias [...] (FOUCAULT, 2010, p. 11).

O [poder] ubuesco:

- integra um discurso que abarca ao mesmo tempo três propriedades: poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir. Riso oriundo do humor grotesco, sarcástico;
- capaz de movimentar discursos com valor de cientificidade, produzindo efeitos de verdade;
- promove a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz.



Ubuesco deriva de **Ubu**. Protagonista das peças teatrais criadas por Alfred Jarry (1873-1907) que, juntas formam o ciclo de Ubu.

A mais conhecida delas *Ubu-Rei* (1896), conta em cinco atos as peripécias grotescas do **Pai Ubu** que ao tomar o governo da Polônia, se autoproclama **Rei Ubu**.

Dissertação de Mestrado

Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana (2019)



1 de 15

Ciência & Educação, Bauru, v. 27, e21007, 2021
<https://doi.org/10.1590/1516-731320210007>

ARTIGO ORIGINAL

Uma Rede Discursiva da Educação Ambiental e as Provoações Foucaultianas sobre o Poder Ubuesco

A Discursive Network of Environmental Education and the Foucaultian Provocations about the Ubuesque Power

Artigo 1

Isabel Cristina Dalmoro¹
Suelen Assunção Santos¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre, RS, Brasil. Autora Correspondente: isabel.dalmoro@ufrgs.br

Resumo: O presente artigo é recorte da escrita de um estudo que tem por objetivo examinar como o conceito de poder ubuesco, mencionado por Michel Foucault na obra *Os Anormais* pode servir para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. O poder ubuesco integra o discurso que tem a uma só vez três propriedades: poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir. Nessa escrita tentamos apresentar de que modo o referido conceito pode produzir efeitos na rede discursiva da Educação Ambiental, tendo como base o método da Cartografia. Para tanto, descrevemos alguns elementos que permitem considerar a existência de uma rede discursiva para este tipo de educação. Além disso, comentamos

Transbordamento de Ubus ...



... para repensar ciência e seus ditos

Que efeitos produz uma ciência que faz rir?

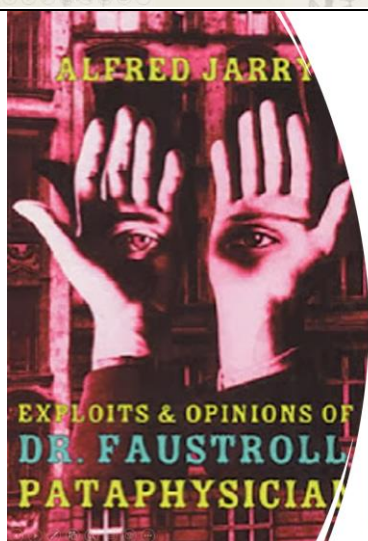
Que ciência é essa que lida com discursos
que envolvem riso, humor e ironia?

Trata-se de uma não-ciência ?

Talvez uma nova ciência?

Uma *neociência*?

....



'patafísica

"[...] É a *ciência de soluções imaginárias*, que atribui simbolicamente às propriedades dos objetos, descritos por sua virtualidade, os seus contornos [...]" (JARRY, 1996, p.22)

No limite entre ficção e realidade, a experiência patafísica se vale da imaginação para perguntar e da imaginação para responder, soluções imaginárias num ciclo infinito espiral. Sem ela [imaginação] não há perguntas, nem respostas.



Objetivo geral

- Investigar práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitam pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a imaginação ubuesca. Ao mesmo tempo em que lida com o humor grotesco, com vida e com a morte e que retrata verdades simbólicas nesse campo do saber.

Uma *ciência das soluções imaginárias ubuescas*, pensada a partir da 'Patafísica e do poder ubuesco.

Objetivos específicos

- ❑ Apresentar o procedimento metodológico escolhido para a pesquisa, descrevendo e alicerçando no referencial teórico procedente da perspectiva filosófica de Michel Foucault e da literatura de Alfred Jarry;
- ❑ Descrever o arquivo disparador do estudo – e sua potencialidade – derivado da pesquisa que resultou em uma Dissertação na qual se reinventou a noção de poder ubuesco pelo mapeamento dos seus sentidos;
- ❑ Retratar a *ciência de soluções imaginárias*, buscando na caracterização da 'Patafísica' elementos que sustentem a Tese.



Referencial teórico

"[...] *A ciência é essencialmente discurso, um conjunto de proposições articuladas sistematicamente. Mas, além disso, é um tipo específico de discurso: um discurso que tem pretensão de verdade* [...]" (MACHADO, 2007)

Foucault, Jarry, Nietzsche, Deleuze, Bachelard ...

... acompanhados pela poesia de Manoel de Barros

"tudo que não invento, é falso" (BARROS, 2010)



1. Composição do Caminho da Escrita

Procedimento metodológico

Arquivo [Foucault]

Arquivização (arquivo + imaginação recriadora) [Groppa Aquino]

Imaginação em via dupla: procedimento metodológico e conceito

+

Imaginação [Bachelard]



2. Imaginação *ubuesca* e a construção da anormalidade

notas de arquivo:

1. "Os Anormais" (1974-1975) [FOUCAULT, 2010]
2. "Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana" [DALMORO, 2019]

Das descrições ubuescas e caracterizações da imaginação:

especulações sobre "imaginação ubuesca" na formação da ciência ...



Notas ordinárias em regiões de cientificidade	Os Anormais (1974-1975)
Hipótese - representação: relatório de exame psiquiátrico em matéria penal.	"[...] raciocinaremos com a hipótese [...]. Nessa hipótese, portanto, eis como nós representariamos as coisas e os atores. [...]" (FOUCAULT, 2010, p. 03)
Questão - problema: relatório de exame psiquiátrico em matéria penal.	"Procuramos simplesmente saber se, do ponto de vista médico-legal, suas anomalias de caráter têm uma origem patológica. [...]" (FOUCAULT, 2010, p. 03)
Forma condicional de conclusão: relatório de exame psiquiátrico em matéria penal.	"Não podemos apresentar de outro modo que não seja esta forma condicional de conclusão que podem ser atacados de todos os lados [...]" (FOUCAULT, 2010, p. 03)
Estatuto científico - instituição científica: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula.	"[...] discursos de verdade porque discursos com estatuto científico, os como discursos formulados, e formulados exclusivamente por pessoas qualificadas, no interior de uma instituição científica". (FOUCAULT, 2010, p. 07)
Princípio da Prova - demonstração: comentário de Foucault sobre os relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal lidos em aula.	"Havia as provas completas e as provas incompletas, as provas plenas e as provas simplenas [...] todos esses elementos de demonstração eram combinados, adicionados para chegar a certa quantidade [...]" (FOUCAULT, 2010, p. 07)
Falseabilidade - refutação: comentário	"Uma outra prática também leva a falsear o



3. Historização da 'Patafísica

a partir do imaginário do:

... Rei Ubu

... Pai Ubu

... Doutor Faustroll

... Dramaturgo [Alfred Jarry]



'Patafísica é a ciência de soluções imaginárias [lida com a imaginação científica];

Cria sobre invenções da ciência;

Busca as exceções que constituem a ciência.

Assim ...

Toma a ciência como objeto e a faz pensar sobre si mesma. Nesse movimento, desconcentra saberes dominantes e desconstrói para construir. No processo de construção, interroga discursos na/da esfera científica no mundo ordinário e provoca soluções imaginárias para problemas inexistentes.

Ferramenta analítica potente para investigar práticas discursivas em região de cientificidade.



Microsoft Word interface showing a document titled "Ideias feitas em regiões de cientificidade". The document includes a section header "IV" and a sub-header "Ideias feitas em regiões de cientificidade". The main text discusses the relationship between science and culture, mentioning Foucault's concept of "regimes of truth" and the role of discourse in the formation of scientific knowledge. A quote from Foucault is included: "A ciência é tipo crença, respondeu uma voz na lateral da sala de aula. Sim, Ciência e crença podem andar juntas, complementando uma voz. Por isso, o universo pode ser o criador do próprio universo, professora. Ecoou do fundo da sala, uma fala tímida e quase inaudível. [ganhei minha aula, pensei] Ciência está sempre evoluindo, disse a primeira voz. Concordo com a 'sora' de Biologia, continuei. Só não é evolução falar em terraplanismo em 2022, complementou a outra [rindo]."

capítulo 4: pensando a neociência ...

I Encontro Interinstitucional do PPGEci - 2022

Pensações especulativas sobre uma neociência ubuesca

Isabel Cristina Dalmore¹ e Suelen Assunção Santos²

Apresentando

Que efeitos produzem as palavras patéticas, o riso, o humor grotesco a ironia no campo dito científico? Perguntas desse estilo movimentam o estudo a ser contado nesse trabalho. Em vista disso, o texto a seguir apresenta contornos da escrita de uma Tese cujo objetivo geral envolve investigar práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitem pensar em uma

arquivo? Nesse sentido, escolhemos como estratégias de pesquisa e escrita potencialidades nas caracterizações de arquivo e arquivização, com a proposta de catalogar narrativas com inspiração nos procedimentos investigativos foucaultianos e nos estudos de Aquino (2019), aliadas ao feitiço de [...] "escarafimchar os arquivos, suas fulgurações, seus acidentes, seus pontos de virada: eis a gana de Foucault" (AQUINO, 2019, p. 109). Buscamos com esses pensamentos, a partir do modo como se

Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências

42310 / Dalmoro et al. / ESPECULAÇÕES FOUCAULTIANAS SOBRE UMA NEOCIÊNCIA UBUESCA

Biblioteca da Submissão

Fluxo de Trabalho Publicação

Submissão Avaliação Edição de Texto Editoração

Arquivos da Submissão

144977 Artigo.doc dezembro 30, 2022 Texto do artigo

144977 Apresentação.pdf dezembro 30, 2022 Carta de Apresentação

De Última resposta Respostas Fechado

Nenhum item

Adicionar comentários

Nome De Última resposta Respostas Fechado

Nenhum item

Qualificação da proposta de Tese

UFRGS

PPgECi

Qualificação de Doutorado

"Especulações imaginárias da neociência: pensações foucaultianas sobre o poder ubuesco e a 'Patafísica'"

Isabel Cristina Dalmoro

Orientadora(s): Dr(a). Suelen Assunção Santos

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rochele de Quadros Loguercio (UFRGS)

Profa. Dra. Paula Corrêa Henning (FURG)

Profa. Dra. Maira Ferreira (UFPEL)

Profa. Dra. Josaine de Moura (CMPA)

27/05/2022 – 14h

<https://mconf.ufrgs.br/webconf/programa-de-pos-graduacao-em-educacao-em-ciencias-ppgec>

Suelen Assunção Santos

Isabel Cristina Dalmoro

Josaine de Moura

Maira Ferreira

Paula Henning

Rochele de Quadros Loguercio

Qualificação de Doutorado

"Especulações imaginárias da neociência: pensações foucaultianas sobre o poder ubuesco e a 'Patafísica'"

Isabel Cristina Dalmoro

Orientadora(s): Dr(a). Suelen Assunção Santos

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rochele de Quadros Loguercio (UFRGS)

Profa. Dra. Paula Corrêa Henning (FURG)

Profa. Dra. Maira Ferreira (UFPEL)

Profa. Dra. Josaine de Moura (CMPA)

Referências

AQUINO, Julio Groppa. *Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2019

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

DALMORO, Isabel C. *Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010

JARRY, Alfred. *Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician: a neo-scientific novel*. Translated & annotated By Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

Ilustrações: Débora Cristina Marini



Obrigada!

isadalmoro.filosofia@gmail.com



Apresentação 2 – Seminário Discente PPGECi – UFRGS [11/03/2023]



Especulações foucaultianas sobre a imaginação ubuesca e a 'patafísica

Doutoranda: Isabel Cristina Dalmoro

Orientadora: Profa. Dra. Suelen Assunção Santos

Linha de Pesquisa: Implicações das Práticas Científicas na Constituição de Sujeitos e de Currículos

11 de março de 2023

Formação e atuação



Licenciatura e Bacharelado em Filosofia – UFRGS

Professora de Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso na rede pública estadual – RS

Especialização em Educação Ambiental – FURG

Doutoranda em Educação em Ciências – UFRGS

Especialização em Ensino de Filosofia – UFPEL

Mestrado em Educação em Ciências – UFRGS

Poder ubuesco

[...] Chamarei de "grotesco" o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o "ubuesco" não é simplesmente uma categoria de injúrias [...] (FOUCAULT, 2010, p. 11).

O [poder] ubuesco:

- integra um discurso que abarca ao mesmo tempo três propriedades: poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir. Riso oriundo do humor grotesco, sarcástico;
- capaz de movimentar discursos com valor de cientificidade, produzindo efeitos de verdade;
- promove a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz.



'patafísica

"[...] É a *ciência de soluções imaginárias*, que atribui simbolicamente às propriedades dos objetos, descritos por sua virtualidade, os seus contornos [...]" (JARRY, 1996, p. 22)

No limite entre ficção e realidade, a experiência patafísica se vale da imaginação para perguntar e da imaginação para responder, soluções imaginárias num ciclo infinito espiral. Sem ela [imaginação] não há perguntas, nem respostas.



Objetivo geral

- Investigar práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitam pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a imaginação ubuesca. Ao mesmo tempo em que lida com o humor grotesco, com vida e com a morte e que retrata verdades simbólicas nesse campo do saber.

Uma *ciência das soluções imaginárias ubuescas*, pensada a partir da 'Patafísica e do poder ubuesco.



Objetivos específicos

- ❑ Apresentar o procedimento metodológico escolhido para a pesquisa, descrevendo e alicerçando no referencial teórico procedente da perspectiva filosófica de Michel Foucault e da literatura de Alfred Jarry;
- ❑ Descrever o arquivo disparador do estudo – e sua potencialidade – derivado da pesquisa que resultou em uma Dissertação na qual se reinventou a noção de poder ubuesco pelo mapeamento dos seus sentidos;
- ❑ Retratar a *ciência de soluções imaginárias*, buscando na caracterização da 'Patafísica' elementos que sustentam a Tese;
- ❑ Examinar o *corpus* discursivo heterogêneo e Inventar a neociência ubuesca.



Referencial teórico

"[...] A ciência é essencialmente discurso, um conjunto de proposições articuladas sistematicamente. Mas, além disso, é um tipo específico de discurso: um discurso que tem pretensão de verdade [...]" (MACHADO, 2007)

Foucault, Jarry, Nietzsche, Deleuze, Bachelard ...



1. Composição do Caminho da Escrita

Procedimento metodológico

Arquivo [Foucault]

Arquivização (arquivo + imaginação recriadora) [Groppa Aquino]

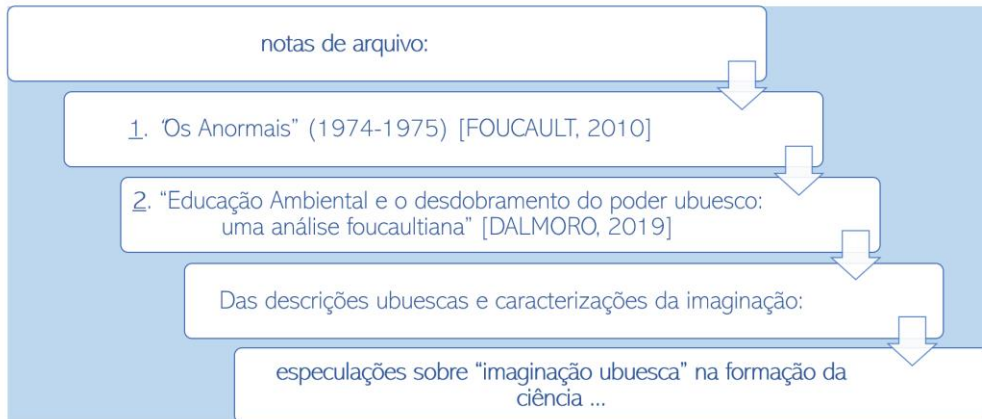
Imaginação em via dupla: procedimento metodológico e conceito

+

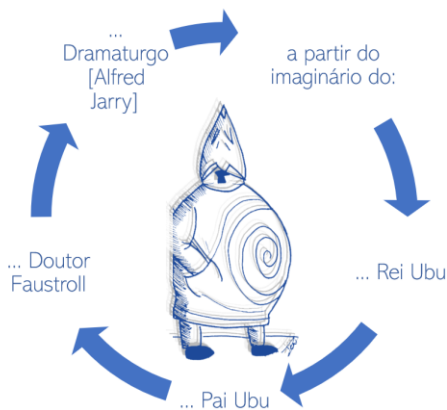
Imaginação [Bachelard]



2. Imaginação *ubuesca* e a construção da anormalidade



3. Historização da 'Patafísica



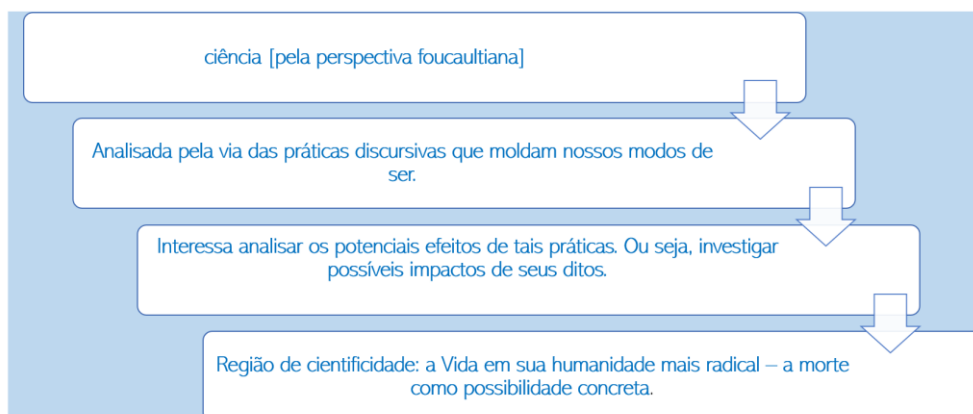
'Patafísica é a ciência de soluções imaginárias [lida com a imaginação científica];

Cria sobre invenções da ciência;
Busca as exceções que constituem a ciência.

Ferramenta analítica potente para investigar práticas discursivas em região de cientificidade.



4. Ideias feitas em regiões de cientificidade



Corpus discursivo [heterogêneo]

Práticas discursivas acerca da Vida no período da Pandemia COVID-19
[2020 até 2022 – Brasil]

Artigos em torno da mídia e comunicação [Infodemia: redes sociais e desinformação], história [negacionismo], ciência e educação em ciências [problematizações em torno da anticiência]

Reportagens e entrevistas em sites de notícias

Charges e memes

Livros sobre negacionismo científico



Mortes diárias. Mortes aos milhares.
Seiscentos e noventa e oito mil,
oitocentos e trinta e quatro mortes por
COVID-19 no Brasil, em quase três
anos de Pandemia⁷⁹.
E a manutenção da ironia. Ironia que
matou. Muitos de nós.

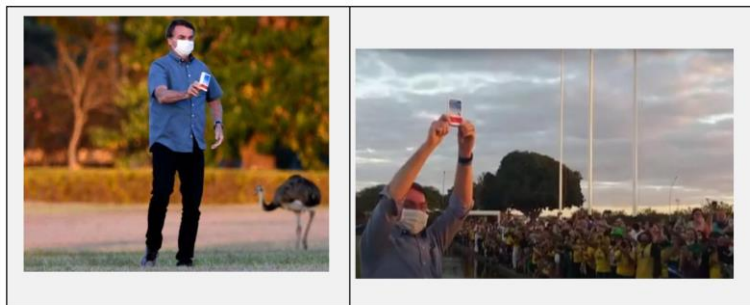


Figura 29: “E o que quer que eu faça?
Não fui que provoquei?” (Ubu-Rei, Ato 4, cena IV)

Fonte: [Luiz Gê](#)



Figuras 31 + 32: *Como? Se eu estou falando há uma hora. Achas que venho
aqui para pregar no deserto?* (Ubu-Rei, Ato 3, cena IV)



Fonte: [Correio Braziliense](#)

Fonte: [Revista Cult](#)



Figura 33: “Pra mim dá no mesmo. Gosto de comer carne crua. Vocês é que estão logrados”. (Ubu-Rei, Ato 4, cena VI)



Fonte: [Beto Cartuns](#)



“É só uma gripezinha [num corpo de atleta]”
 “Eliminação do vírus com água quente e oito dentes de alho picados”;
 “Experimentou limão, já?”
 “Tirar a barba e jogar água sanitária nos ralos”; “Uso de máscaras produz hipóxia e torna o sangue ácido”;
 “Máscaras contaminadas com Comunismo”;
 “Vachina comunista”;
 “Masturbação, uma solução indicada pela OMS”;
 “Vacina para implantação de *Microchips* ou selos para monitorar as pessoas”;
 “Vacina causa ‘desarranjo genético’ e câncer”;
 “O apoiador japonês tem razão sobre o isolamento”;
**“Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina!
 Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina!
 Cloroquina! Cloroquina! Cloroquina!”**
 “Olha, *ema*, a Hidroxicloroquina! Quer?” “Cloroquina é divina!”
 “Kit-COVID”
 “Kit-COVID”
 “Kit-COVID”



neoCiência ubuesca

(x) Emerge das práticas discursivas em torno da região de cientificidade da própria vida, em sua humanidade radical, a morte;

(x) Lida com a produção de verdades simbólicas e suas manifestações por vezes são assumidas como verdadeiras;

(x) Pactua com o riso irônico, grotesco. Riso que zomba, ofende e mata. Riso que impossibilita uma resposta racional ao que ele produz – humor ubuesco;

(x) Tem em si mesma a imaginação ubuesca – derivada do poder ubuesco – que perambula nos limiares de cientificidade, nas brechas da ciência ordinária. Circula onde Ubu circula.



Referências



AQUINO, Julio Groppa. *Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2019

DALMORO, Isabel C. *Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana*. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010

JARRY, Alfred. *Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician: a neo-scientific novel*. Translated & annotated By Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

Ilustrações: Débora Cristina Marini



Obrigada!

isadalmoro.filosofia@gmail.com



... das publicizações da escrita

XII Salão de Ensino UFRGS – 27/09/2021 a 01/10/2021 – VIRTUAL

“Especulações imaginárias da neociência: diálogos foucaultianos sobre o poder ubuesco e a ‘patafísica” (2021) [Lume UFRGS]

Vídeo: [Especulações imaginárias ...](#)

Conectando vidas
Construindo conhecimento

Salão UFRGS 2021
CONHECIMENTO FORMACÃO INOVAÇÃO

XVII SALÃO DE ENSINO

27/09 a 1/10
VIRTUAL

Evento	Salão UFRGS 2021: XVII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2021
Local	Virtual
Título	Especulações imaginárias da neociência: diálogos foucaultianos sobre o poder ubuesco e a 'patafísica
Autor	ISABEL CRISTINA DALMORO
Orientador	SUELEN ASSUNCAO SANTOS

Título: Especulações imaginárias da neociência: diálogos foucaultianos sobre o poder ubuesco e a 'patafísica

Autora: Isabel Cristina Dalmore

Orientadora: Suelen Assunção Santos



Instituição de Origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo: O presente relato traz notas da escrita de uma tese de Doutorado em andamento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – UFRGS, e se insere à Linha de Pesquisa que investiga práticas discursivas que atuam na produção de verdades e de sujeitos, valendo-se de autores da perspectiva pós-estruturalista. Dados os modos de aparecimento dos discursos ditos científicos na atualidade e verdades insinuadas a partir deles, compõe-se um cenário de justificação para a especulação de uma neociência. Para tanto, toma-se como inspiração ferramentas analíticas da perspectiva filosófica de Michel Foucault, em especial, o poder ubuesco – integrante do discurso que tem ao mesmo tempo poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir. Agregam-se a essa investigação escritos literários de Alfred Jarry, criador do rei Ubu e da ciência de soluções imaginárias – 'patafísica –, e notas sobre a imaginação, de acordo com Gaston Bachelard. Como procedimento metodológico, a escrita se escora na arquivização – variação conceitual da noção foucaultiana de arquivo entrelaçada com a imaginação recriadora – inventada por Julio Groppa Aquino. Dessa maneira, buscam-se respostas para questões como: i) O que pode, numa sociedade como a nossa, um discurso que guarda em si o poder ubuesco? Qual sua capacidade quando esse discurso se volta para as práticas discursivas situadas na região de cientificidade? Os resultados parciais das especulações imaginárias acolhem alguns encontros que são apresentados sob forma de um artigo. Nele, ensaia-se uma aproximação entre arquivo, arquivização, imaginação, poder ubuesco e 'patafísica, no qual se verifica a potencialidade desses conceitos para o exame de práticas discursivas situadas na região de cientificidade. Em torno disso, o estudo movimenta-se na especulação sobre uma neociência, ainda por ser nomeada.

Palavras-chave: Poder ubuesco. Patafísica. Neociência.

Uma Rede Discursiva da Educação Ambiental e as Provocações Foucaultianas sobre o Poder Ubuesco

A Discursive Network of Environmental Education and the Foucaultian Provocations about the Ubuesque Power

 Isabel Cristina Dalmoro¹
 Suelen Assunção Santos¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre, RS, Brasil. Autora Correspondente: isabel.dalmoro@ufrgs.br

Resumo: O presente artigo é recorte da escrita de um estudo que tem por objetivo examinar como o conceito de poder ubuesco, mencionado por Michel Foucault na obra *Os Anormais* pode servir para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. O poder ubuesco integra o discurso que tem a uma só vez três propriedades: poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir. Nessa escrita tencionamos apresentar de que modo o referido conceito pode produzir efeitos na rede discursiva da Educação Ambiental, tendo como base o método da Cartografia. Para tanto, descrevemos alguns elementos que permitem considerar a existência de uma rede discursiva para esse tipo de educação. Além disso, comentamos sobre as três propriedades que compõem o referido discurso que possibilitam pensar o poder ubuesco como um elemento que perpassa a rede discursiva da Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação ambiental; Poder ubuesco; Michel Foucault.

Abstract: The present paper is part of a written report on a study which aims to examine how the concept of Ubuesque power, mentioned by Michel Foucault in his work *Abnormal*, may be used to cast fresh glances over Environmental Education. Ubuesque power integrates a discourse that contains – at the same time – three properties: the power of life and death, the power of truth, and the power of making someone laugh. In this paper we present how that concept may produce effects on the discursive network of Environmental Education, based on cartography. Thus, we describe some elements that allow for the consideration of the existence of one discursive network for Environmental Education. In addition, we comment on the three properties of that discourse that allow for thinking about Ubuesque power as an element that runs through the discursive network of Environmental Education.

Keywords: Environmental education; Ubuesque power; Michel Foucault.

Recebido em: 18/02/2020

Aprovado em: 04/09/2020



Introdução

Este texto integra um estudo vinculado à linha de pesquisa que investiga implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, tendo como base autores que adotam a vertente pós-estruturalista. Trata-se de uma pesquisa que tem por objetivo examinar como o conceito de poder ubuesco, mencionado por Michel Foucault (FOUCAULT, 2010) nas aulas que integram a obra *Os Anormais* (1974-1975), pode servir para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. O estudo está baseado no método da Cartografia, pelo qual se busca investigar a produção dessa ferramenta analítica foucaultiana. Em linhas gerais, a Cartografia visa acompanhar um processo de produção de um objeto e não o representar, conforme Kastrup (2015). Assim, acompanhando o processo de produção do poder ubuesco, estamos compondo um novo território para o referido conceito, buscando referenciais teóricos que um cartógrafo pode lançar mão:

[...] pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, teoria é sempre Cartografia – e, sendo assim ela se faz justamente com as paisagens cuja formação ele acompanha [...]. Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo (ROLNIK, 2011, p. 65).

Desse modo, mapeando sentidos e desdobramentos no processo de sua construção é que se buscou a articulação do poder ubuesco com temas relacionados com a dita crise ambiental vigente e que encontram lugar junto à temática da Educação Ambiental. Nosso propósito é mostrar como o poder ubuesco pode produzir efeitos na rede discursiva desse tipo de educação. Inicialmente, tecemos *uma* rede discursiva a partir de elementos que possibilitaram pensar numa rede para a Educação Ambiental. Nessa tarefa, puxamos fios oriundos das enunciações proferidas acerca da temática a partir de alguns eventos históricos promovidos para discutir questões pertinentes ao meio ambiente. No fluxo da escrita, comentamos sobre as três propriedades do discurso, o qual, conforme Foucault (2010), se vale do poder ubuesco a fim da maximização dos seus efeitos. As três propriedades contidas nesse discurso são: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Em seguida, realizamos a operacionalização do referido conceito na malha tecida que possibilitou pensá-lo como um elemento que perpassa a rede discursiva da Educação Ambiental.

Tecendo *uma* Rede Discursiva da Educação Ambiental

Rachel Carson (CARSON, 2010) descreveu nos dezessete capítulos de *Primavera Silenciosa* suas inquietações sobre as consequências da utilização exagerada dos inseticidas sintéticos criados pela Ciência, que agiam sobre as pestilências da natureza (dentre eles, o diclorodifeniltricloroetano – DDT) causando contaminação em rios e lagos, provocando o aparecimento de tumores (em animais e humanos) e a mortandade de peixes, contaminando o solo e as árvores, promovendo a extinção de muitas aves, silenciando a primavera.

Por conta disso, sugeriu metaforicamente a possibilidade de dois caminhos distintos que consistiam entre a continuação ou não da utilização dos inseticidas sintéticos. Um deles envolvia a estrada "[...] enganosamente fácil, [...] pela qual avançamos em grande velocidade, mas em cujo fim está o desastre" (CARSON, 2010, p. 233). No outro, bem menos percorrido, estava a oferta de alcançar-se, talvez, "a preservação da nossa Terra". Nesse sentido, ao tomar conhecimento desses caminhos, ao fazer a opção por aquele que assegura a preservação da Terra, "[...] não devemos mais aceitar o conselho daqueles que nos dizem que devemos encher o nosso mundo com substâncias químicas venenosas" (CARSON, 2010, p. 233). Desse modo, coube aos seus leitores escolher o caminho a seguir. A alternativa proposta fez com que, semeados pela dúvida, começassem a [se] questionar sobre a Ciência, considerada naquele período histórico como a grande detentora da verdade. São implicações da obra de Carson que interessam para o estudo em andamento. Por ora, um dos efeitos diz respeito ao modo como a Ciência e as indústrias químicas responderam as inquietações de Carson. Respostas essas que tomaram a forma de insultos pessoais contra a autora. Isso porque, para alguns, Carson havia ultrapassado os limites de seu gênero e da sua própria ciência:

Em 1962, contudo, a indústria química multimilionária não iria permitir que uma antiga redatora do governo [Carson trabalhou no Departamento de Pesca], uma cientista sem doutorado [Carson era Mestre em Zoologia] e nenhuma filiação institucional, conhecida apenas por seus livros líricos sobre o mar, minasse a confiança pública em seus produtos ou questionasse sua integridade. Estava claro para a indústria que Rachel Carson era uma mulher histérica cuja visão alarmista do futuro podia ser ignorada ou, caso necessário, silenciada. Ela era uma 'amante dos passarinhos e coelhinhos', uma mulher que tinha gatos e, portanto, era obviamente suspeita. Era uma 'solteirona' romântica, que estava simplesmente nervosa por causa da genética. Em suma, Carson era uma mulher descontrolada (CARSON, 2010, p. 17).

Na listagem dos efeitos promovidos pelo conteúdo de *Primavera Silenciosa*, talvez o mais relevante deles seja o impulso à mudança na relação entre a espécie humana e o meio ambiente. Relação que passou a ser percebida como uma relação de interdependência entre um e outro, derivando uma nova compreensão do conceito de meio ambiente que se configurou, então, como um problema político de âmbito mundial. Para atender às demandas dessa nova abordagem, foram promovidos encontros com o intuito de discutir diretrizes a serem seguidas numa espécie de pacto global para salvar a Terra. Alinhando esses encontros, deu-se o entrelaçamento de enunciações que remetem à emergência do discurso da Educação Ambiental.

O primeiro desses encontros aconteceu em Estocolmo, Suécia, em 1972. A Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano foi promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e, no seu documento final constam, dentre outras, enunciações proferidas reconhecendo a relação mútua entre a espécie humana e o meio ambiente, aproximando-se com o pensamento de Carson. Eis: "[...] os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem [...] inclusive o direito à vida mesma" (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1972). O documento contém também enunciações sugerindo a necessidade de uma educação voltada para as questões ambientais assumidas como componente das políticas públicas, em vista de um esforço para a preservação e melhoria do meio ambiente.

Nesse sentido, ocorreu em 1977 na cidade de Tbilisi, Geórgia (ex-URSS), a Primeira Conferência sobre a Educação Ambiental considerada ainda hoje como o marco fundamental desse tipo de educação. Desse encontro despontaram enunciações em torno da Educação Ambiental, com os objetivos, os princípios básicos e as estratégias que orientam este tipo de educação em âmbito regional, nacional e internacional. Dentre as recomendações presentes na Declaração emergida do encontro há a sugestão para que a mencionada educação seja pensada pela perspectiva interdisciplinar de modo a colaborar na compreensão dos problemas ambientais. A adoção de uma perspectiva interdisciplinar para a Educação Ambiental também é uma das enunciações em torno da temática presente na Lei n. 9795 (BRASIL, 1999), lei que integra os discursos legisladores que impulsionaram a referida educação.

Segundo Carvalho (2012), esse caráter interdisciplinar sugerido para a Educação Ambiental pode ser relevante porque, desse modo, busca-se a compreensão das questões que afetam as relações entre a espécie humana e o meio ambiente com a interpelação aos envolvidos a intervir nessas questões pelo impulsionamento de diferentes saberes. Entendemos que esse estudo, pelo qual estamos puxando fios dos campos de saber tanto da Filosofia como da Educação Ambiental, talvez possa fazer parte dos estudos que buscam uma melhor compreensão do recorte da realidade apresentado, tachado sob uma crise ambiental.

No mais, a dita crise ambiental vigente faz parte da trama discursiva que alega que o planeta está passando por um período de mudança climática. Trama discursiva que leva a pensar sobre quais são as condições de possibilidades de se considerar que estamos sob uma crise ambiental? Uma das causas anunciadas para a mudança climática diz respeito ao aquecimento global. Um dos motivos alegados para esse aquecimento recai sobre as atividades humanas ligadas à modernidade. Principalmente sobre aquelas atividades associadas ao aumento da emissão de gases de efeito estufa que poluem a atmosfera. É ainda ligada à modernidade que emerge a Educação Ambiental como um tipo de educação com a tarefa de solucionar problemas ditos ambientais. Leia-se:

[...] Filha da modernidade e herdeira da Educação, ela se consolida na atualidade como solução para os problemas ambientais que vivenciamos. Com discursos de verdade, modos de intervenção para atuarmos no meio ambiente e subjetivações verdes na busca do sonhado equilíbrio ambiental, a Educação Ambiental tenta, desenfreadamente, responder ao que se espera dela. (HENNING; SILVA, 2018, p. 154-155).

Outro ponto envolve a discussão sobre o aquecimento global, e a sua possível redução, como mote de um dos mais recentes eventos dentre aqueles mencionados com o intuito de discutir um pacto para salvar a Terra. Trata-se do Acordo de Paris, promovido pela Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) no ano de 2015, no qual cento e noventa e cinco países assumiram o compromisso de promover ações a fim de reduzir as ameaças da mudança climática. Ações essas que devem ser voltadas para limitar a elevação da temperatura do planeta abaixo dos dois graus Celsius em relação aos níveis pré-industriais. De acordo com estudo recente, ainda que a meta pretendida seja alcançada, futuramente o mundo ainda estará suscetível de ver aumento nos eventos ocasionados pelo aquecimento global, em comparação com o que ocorre atualmente (DIFFENBAUGH; SINGH; MANKIN, 2018). Por isso, as alegações da

necessidade de cumprir o Acordo assinado. Das enunciações proferidas no Acordo de Paris há um incitamento às partes para que promovam a educação para a mudança climática. Entendemos que temas como aquecimento global, mudança climática e crise ambiental são importantes para a Educação Ambiental, constituindo-se como integrantes dos discursos que envolvem estratégias pedagógicas da dita educação.

No percurso dos quarenta e um anos do campo do saber da Educação Ambiental, desde a Conferência de Tbilisi, em 1977, até o presente momento, a preocupação com as questões ambientais e as estratégias para a sua abordagem possibilitou a elaboração de uma lista de denominações para a dita educação. Nesse sentido, Sauv  (2005) apresenta quinze maneiras de conceber e praticar a Educação Ambiental para o que se vale da expressão "correntes em Educação Ambiental". Cada uma dessas correntes possui uma abordagem diferente, com discursos e proposi es diversas.

Uma das correntes diz respeito   Educa o Ambiental da Cr tica social, que, inspirada no campo da teoria cr tica, tem postura necessariamente pol tica. Isso porque a partir de sua pesquisa emergem projetos de a o sob uma perspectiva emancipat ria, em que se promove a "liberta o das aliena es" (SAUV , 2005, p. 30) e pela qual se busca a desconstru o das realidades socioambientais, desconstru o essa impulsionada pela a o pol tica do indiv duo. Para tentar dar conta da transforma o a ela atribu da, ao analisar as din micas sociais baseadas em realidades que apresentam problem ticas ambientais, a Educa o Ambiental cr tica toma como ferramentas as inten es, as posi es, os argumentos e a es dos diferentes protagonistas de uma situa o.

No fluxo das pesquisas acerca da Educa o Ambiental, Silva e Henning (2018) apresentam um mapeamento realizado em teses, disserta es e artigos cient ficos que se ocupam com bases epistemol gicas, metodol gicas e discursivas que comp em a dita educa o. Para esse mapeamento, as autoras se valeram das ferramentas conceituais pertinentes   perspectiva filos fica foucaultiana. Por conta da vertente te rica adotada para o estudo, pode ser dito que a mencionada pesquisa se encontra na perspectiva p s-cr tica da Educa o Ambiental. Perspectiva essa que vai al m das correntes da Educa o Ambiental relacionadas por Sauv  (2005), caracterizando-se, talvez, como uma nova possibilidade de pensar esse tipo de educa o. Possibilidade que se configura como mais um desafio para a Educa o Ambiental, somando-se a proposta de pensar a Educa o Ambiental p s-cr tica tendo como referencial te rico o pensamento foucaultiano. Desafio que encontra justifica o pela abordagem adotada por Foucault em seus estudos realizados, j  que "[...] refere-se de um autor que cria problemas em um campo que emerge buscando solu es para um problema" (SILVA; GARR , 2018, p. 67). A possibilidade de pensar esse novo campo para a Educa o Ambiental encontra apoio na proposta desse estudo, pelo qual estamos buscando um outro olhar para esse tipo de educa o imerso no pensamento foucaultiano, pois compreendemos que trazer o pensamento filos fico para atuar junto da Educa o Ambiental se mostra como uma alternativa para ajudar a pensar solu es para os problemas atuais (DALMORO, 2019).

Acerca da possibilidade de atravessamentos desses dois modos de pensar a Educa o Ambiental, de maneira que essa educa o possa sair fortalecida, consideramos relevante dar eco   alega o:

[...] esses atravessamentos produzem novos atravessamentos e as fronteiras entre uma tradição que se afirma como crítica e uma outra tradição que alguns afirmam como pós-crítica são formadas pelos usos que uns fazem dos outros. Na convivência do debate, novas possibilidades podem ser criadas, experimentadas, tensionadas. O conhecimento e a produção só têm a ganhar (GALLO, 2017 apud SILVA, 2018, p. 114).

Pensando no conjunto variado das pesquisas realizadas em torno da Educação Ambiental que adotaram o referencial filosófico foucaultiano para embasar seus estudos, apresentamos algumas que tratam sobre discursos relacionados às questões ambientais e as suas implicações sobre a constituição dos sujeitos. Nessa perspectiva encontramos estudos que buscam analisar os efeitos dos discursos midiáticos sobre a Educação Ambiental. Conforme Henning, Garré e Henning (2010), o exame desse tipo de discurso pode servir para pensar sobre a influência da mídia – entendida como um mecanismo de poder – em nossos pensamentos e em práticas cotidianas acerca da nossa relação com o planeta. Esse mecanismo de poder presente na sociedade busca capturar e interpelar os sujeitos a tomar ações para preservação da Terra.

Outro estudo envolve a análise sobre a proliferação dos chamados "discursos verdes" no qual as autoras Marques e Henning (2018), buscam problematizar a reprodução e a pulverização desse tipo de discurso, considerados frequentemente como prontos e reducionistas. Tipo de discurso que, segundo as autoras – valendo-se de citação foucaultiana – a sociedade acolhe e faz funcionar como verdadeiros. Nesse sentido, sustentam que "[...] nesses regimes e políticas de verdade, presencia-se uma construção de subjetividade 'verde' ensinando a adotar determinados comportamentos" [...] (MARQUES; HENNING, 2018, p. 426).

Acerca dessa subjetividade *verde* cabe trazer parte dos estudos realizados por Sampaio e Guimarães (2012), nos quais os autores discorrem sobre o dispositivo da sustentabilidade que atua, numa espécie de linhas de forças, de forma ativa na fabricação dos sujeitos. No caso, na fabricação de sujeitos "verdes". A noção de dispositivo adotada pelos autores é aquela apresentada por Foucault (2006, p. 244), que, resumidamente, diz respeito ao "[...] conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas". Assim como se constitui a partir de uma rede entre o visível e o dizível.

Uma vez que se está examinando um discurso que envolve o poder ubuesco presente na obra de Foucault, autor vinculado à vertente pós-estruturalista, e as ressonâncias desse discurso na rede discursiva da Educação Ambiental, entendemos que o presente estudo se amarra a esse modo de olhar para a dita educação, por conta do seu lugar de fala. Na abordagem pós-estruturalista, em linhas gerais, há a ocupação com o discurso e os seus efeitos sobre os sujeitos, como também com o conceito de poder. Outro ponto que caracteriza a perspectiva pós-estruturalista, baseada no pensamento foucaultiano, é o que entende o saber como algo que não é externo ao poder. Desse modo, tomando o campo da Educação Ambiental como um saber, o presente estudo mapeia como o poder ubuesco atua no saber dito ambiental, uma vez que "[...] não existe saber que não seja a expressão de uma vontade de poder. Ao mesmo tempo, não existe poder que não se utilize do saber" (SILVA, 2010, p. 120).

Isso posto, pensamos *uma* rede discursiva a partir da perspectiva foucaultiana de discurso, qual seja, "[...] discursos como práticas que formam sistematicamente os objetos dos quais falam" (FOUCAULT, 2008, p. 55). Ou seja, consideramos discurso não somente como um ato de fala ou como a ação de pronunciar discursos, mas relacionamos também com as práticas que moldam nossos modos de ser. *Uma* porque entendemos que outras redes poderão ser formadas a partir de diferentes perspectivas.

De acordo com Pinheiro (2014), para Foucault (2008), a ideia de discurso passa pela rejeição do referido conceito como uma expressão de fala do sujeito produtor de significados. Nesse sentido, quando há a menção de discurso, é pela referência das práticas que "[...] estabelecem hierarquias, distinções, que configuram as possibilidades de outros discursos serem considerados verdades, articulando o visível e o dizível" (PINHEIRO, 2014, p. 41), que o discurso deve ser compreendido. Desse modo, ao considerarmos os múltiplos elementos formados de maneira regular em torno do meio ambiente e a educação para a sua proteção, tecemos *essa* rede discursiva da Educação Ambiental.

Ainda, aproveitando que a produção de um discurso nada mais é que uma fabricação e que "[...] inventamos o objeto no mesmo instante que começamos a descrevê-lo" (HENNING; GARRÉ; HENNING, 2010, p. 245), compreendemos a derivação de uma trama discursiva que produziu a Educação Ambiental pelo entrelaçamento dos discursos apresentados ao longo dessa seção. Trama essa que se tornou possível porque puxamos alguns fios que tornaram possível a existência da Educação Ambiental e pelos quais tecemos amarras em torno da temática possibilitando pensar *uma* rede discursiva para esse tipo de educação. Rede essa que tem como função sustentar o estudo de um discurso que, tal como descreveu Foucault, envolve uma força que faz dizer e faz ver, que interdita ou libera – assim como qualquer poder. Força essa que promove a desqualificação de quem produz o discurso que dela se vale, maximizando os efeitos desse discurso. Efeitos esses que podem ter ressonâncias sobre essa mesma rede. Trata-se do poder *ubuesco*.

O Poder Ubuesco

O poder *ubuesco* foi mencionado nas duas primeiras aulas que integram a obra *Os Anormais*. Inicialmente, Foucault (2010) chamou a atenção para o conteúdo de dois relatórios lidos na primeira aula do curso que remetem a um discurso que possui a uma só vez três propriedades, quais sejam:

[...] são raros, numa sociedade como a nossa, os discursos que possuem a uma só vez três propriedades. A primeira é poder determinar, direta ou indiretamente [...] à liberdade ou à detenção de um homem [...] são discursos que têm, no limite, um poder de vida e de morte. Segunda propriedade: de onde lhes vem esse poder? Da instituição judiciária [...] funcionam [...] como discursos de verdade, discursos de verdade porque discursos com estatuto científico [...] Discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos – vocês são prova e testemunha disso – que fazem rir. E os discursos de verdade que fazem rir e que têm o poder institucional de matar são, no fim das contas, numa sociedade como a nossa, discursos que merecem atenção. (FOUCAULT, 2010, p. 6-7).

Discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos que fazem rir.

"Vocês são prova e testemunha disso", o comentário de Foucault (2010, p. 7) exposto na citação acima diz respeito aos risos frequentes que acompanharam a leitura dos relatórios realizada por ele¹. Risos esses provocados pelas descrições grotescas presentes nos supramencionados relatórios. Descrições como as que Foucault leu de um dos relatórios que envolvia chantagem num caso sexual, do qual apresentamos passagens:

[...] X é totalmente imoral, cínico, falastrão até. [...] Só vendo o ar afeminado de um e de outro para compreender que tal palavra pode ser empregada quando se trata de dois homens tão afeminados que não é mais em Sodoma, mas em Gomorra que deveriam viver [...] (FOUCAULT, 2010, p. 6).

A partir dessas caracterizações, que remetem ao grosseiro e que suscitam, ao mesmo tempo, ironia e crítica, é que Foucault começou a tratar do conceito de poder ubuesco. A crítica foucaultiana recaiu sobre um discurso em que os saberes judiciário e científico se encontraram, adquirindo o estatuto de um discurso verdadeiro, discurso capaz de matar e de fazer rir. Ainda, dele decorre "[...] a maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz" (FOUCAULT, 2010, p. 11). Por causa dessa desqualificação, não há a possibilidade de uma resposta racional ao discurso que lança mão do poder ubuesco. Desse modo, essa categoria do ubuesco não pode ser considerada uma falha mecânica do poder. Ela serve a quem está exercendo o poder, maximizando-o.

Acerca dos discursos de verdade, cabe dizer que, pela perspectiva foucaultiana, a verdade é compreendida sob a expressão "jogos de verdade" e tem a ver com o conjunto de regras de produção da verdade que permitem o sujeito tomar algo como verdadeiro. Isso ocorre porque é a sociedade que estabelece sua política de verdade, com seus mecanismos e instâncias próprias, sendo sempre regras arbitrárias. Nesse sentido, "[...] a verdade não apenas se constitui como um produto histórico, [...] constitui modos de ver-se, dizer-se e conduzir-se. Elas sedimentam determinados tipos de saberes e excluem outros" (BELLO; SANCHOTENE, 2018, p. 143).

No âmbito desse estudo, citamos como exemplos os discursos da Ciência apresentados anteriormente acerca dos efeitos do uso do DDT – nesse caso, sobre o inseticida não ser nocivo aos seres humanos –, discursos que eram tomados como verdadeiros por boa parte da sociedade daquele período. Assim como as verdades acerca da relação espécie humana e natureza – o equilíbrio da natureza era fundamental para a sobrevivência da espécie –, que motivaram Carson (2010) a escrever *Primavera Silenciosa* em 1962.

Foucault (2010) descreveu os discursos que podem matar como sendo a situação limite estabelecida de uma decisão de justiça, para além do veredito da liberdade ou da detenção de um indivíduo. Com o propósito de mostrar o funcionamento da verdade judiciária e a emergência dos relatórios periciais nesse campo, lembrou o modo como a instituição judiciária obtinha as provas legais que possibilitavam a condenação ou não de um réu e como a maneira de administrar tais provas na prática penal suscitavam "ao mesmo tempo ironia e crítica" (FOUCAULT, 2010, p. 6-7) constituindo-se como elementos

¹Conforme a nota 11 da tradução utilizada neste trabalho e citada no parágrafo.

dos quais os juízes poderiam lançar mão para modular a aplicação da lei. Elementos que eram combinados para chegar a uma certa quantidade de prova, com o intuito de se obter o mínimo necessário para o tribunal tomar a decisão de condenar um indivíduo.

Nesse sentido, Foucault (2010, 2017) chamou a atenção para os casos em que crimes eram cometidos aparentemente "sem razão", entendidos como crimes sem interesse, sem paixão, sem motivos. Mas, com base em delírios. Por conta do embaraço desse tipo de situação para o sistema penal, entraram em cena, para servirem também como provas, os relatórios elaborados a partir dos interrogatórios policiais e dos exames psiquiátricos de âmbito penal. Ponto em que se encontraram o tribunal e o cientista, onde cruzaram "[...] a instituição judiciária e o saber médico ou científico em geral" (FOUCAULT, 2010, p. 10-11). Algumas dessas provas teriam em si "efeitos de poder, valores demonstrativos, uns maiores que os outros" (FOUCAULT, 2010), por conta do sujeito que as produz. Um exemplo de situação que passa da condição dada pela justiça que vai além do poder de determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo, ou seja, o poder de vida e morte, envolve a punição da figura do hermafrodita que foi condenado à morte após um exame em que "[...] os médicos concluíram que, de fato, aquele indivíduo possuía os dois sexos, e que só podia possuir os dois sexos porque tivera relações com Satanás" (FOUCAULT, 2010, p. 57).

No caso exposto percebemos a atuação conjunta dos respectivos saberes, adquirindo o estatuto de um discurso verdadeiro, no qual podemos notar o ajuntamento das propriedades que caracterizam o tipo de discurso que abarca o poder ubuesco: poder de vida e de morte, poder de verdade e o poder de fazer rir. Riso oriundo de um humor grotesco.

"Vocês são prova e testemunha disso", conforme já dito, foi o modo como Foucault (2010, p. 7) chamou a atenção para um discurso que, segundo ele, faz parte dos discursos da instituição judiciária: discursos que fazem rir. Consoante com a manifestação do riso frequente durante a leitura dos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal, aceitamos que o riso faz parte da experiência humana. Ainda, para Souto, Junges e Fachin (2011), o riso é produto de uma cultura, resultante de uma complexidade social, dado que nem todos riem pelos mesmos motivos e pelas mesmas circunstâncias.

De modo geral, essa proposição tem relação com o que é sustentado por Leme (2018), a saber, para quem lê Foucault, o riso pode ser bem mais que uma manifestação de alegria ou de zombaria e "[...] os leitores de Foucault sabem que o riso não é uma realidade homogênea, nem todos riem das mesmas coisas pelas mesmas razões" (LEME, 2018, p. 181). Por conta disso, chama a atenção para aquelas narrativas aparentemente inofensivas que, com aparência de anedota com intuito de relaxamento merecido, podem ocultar coisas decisivas em jogo. Nesse sentido, sustenta ainda que o principal desafio da análise do poder ubuesco consiste na forma de combatê-lo. Isso porque se trata de um mecanismo que recorre à despolitização e à exasperação que "[...] começam pela autodesqualificação do governante e terminam com o desespero dos governados, seja na forma do riso resignado, seja na forma de desistência" (LEME, 2018, p. 185).

Nessa lógica é que entendemos as provocações de Foucault (2010) acerca dos discursos que fazem rir e que merecem atenção. O tipo de riso que Foucault comentou, a partir das descrições presentes nos relatórios supramencionados, é oriundo de um humor sarcástico, com conteúdo grotesco e que impossibilita pensar em uma resposta racional ao que realmente está em jogo. Um exemplo que pode ser trazido sobre isso

são as expressões utilizadas pelos peritos psiquiatras nos relatórios lidos por ele em aula, a saber: "[...] X é totalmente imoral, cínico e falastrão até" (FOUCAULT, 2010, p. 6). Expressões que, segundo o autor, são do âmbito das qualificações morais e das regras éticas que não são supostamente alguma coisa contra a lei, mas que acabam possuindo o estatuto de discurso verdadeiro. Desse modo, descreveu uma espécie de força atuante nesse tipo de discurso que maximiza os seus efeitos de poder, a partir da desqualificação de quem os produz. Força essa que é caracterizada como poder ubuesco, ingrediente do discurso do Ubu. Conforme:

[...] Ubu é o exercício do poder através da desqualificação explícita de quem o exerce, se o grotesco político é a anulação do detentor de poder pelo próprio ritual que manifesta esse poder e esse detentor, vocês hão de convir que o perito psiquiatra na verdade não pode deixar de ser o próprio personagem Ubu. (FOUCAULT, 2010, p. 31).

Dada a citação acima, em que o grotesco político de Ubu é mencionado, entendemos como uma menção à personagem da peça da qual o adjetivo ubuesco derivou, qual seja, a peça *Ubu-roi*² escrita em 1896 por Jarry (1986). Trata-se de uma personagem que demonstra tirania, covardia e que se vale de um tipo de humor irônico. Conforme Jarry (2007, p. 34), "[...] o senhor Ubu é um ser ignóbil, e por isso ele (por baixo), lembra a todos nós". Por conta disso, é que podemos pensar que as falas e as atitudes do Pai Ubu perpassam o tempo e o espaço, pois "[...] Ubu-rei continua sua história de transgressões, ainda que seu protagonista tenha perdido muito do caráter diabólico, graças a competição desleal da cena contemporânea" (FERNANDES, 2007, p. 27). No contexto desse estudo, compreendemos que a personagem Ubu adquiriu uma nova persona e se mostra sob a figura de um "Ubu presidente" (DALMORO, 2019). Todavia, por ora, o objetivo dessa seção foi tratar das três propriedades do discurso que abarca o poder ubuesco e, assim como para Foucault (2010), nos interessa estudar os efeitos de poder desse discurso.

O Poder Ubuesco na Rede Discursiva da Educação Ambiental

Ao darmos continuidade no exame dos efeitos do poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental, adiantamos que as considerações a seguir acerca da Ciência são postas para analisar as três propriedades do discurso que abarcam o poder ubuesco, trazendo a possível relação entre ambos e, desse modo, abordar sobre os seus possíveis efeitos.

Partimos, para tanto, do contexto histórico do período do lançamento da obra de Carson (2010), que pode ser descrito como um tempo em que a Ciência e, por conseguinte, o conhecimento científico, era tomado como verdadeiro por boa parte da população mundial. Por conta do avanço científico, o pensamento da época era o de que a Ciência poderia resolver qualquer problema, num cenário em que se acreditava que a tecnologia daria conta até dos problemas ambientais. No que tange às questões ambientais, atentamos que a Ciência era considerada como detentora do poder de vida e de morte por produzir e defender o uso do DDT, ainda que alguns estudos daquele

²Ubu-rei ou Rei Ubu.

período já apontassem para a incidência de tumores tanto na espécie humana como em não-humanos em decorrência do uso do inseticida. Em relação ao poder de fazer rir, retomamos os insultos que a indústria química e a Ciência [por parte de alguns cientistas] dirigiram à autora de *Primavera Silenciosa*. Entendemos que expressões como: *uma alarmista histérica, lésbica amante dos gatos, comunista, solteirona e, uma mulher descontrolada* são aproximações que podemos fazer com a propriedade de fazer rir, aproximações essas que talvez possam ser pensadas como vestígios do poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental. Isso pode ser dito porque tanto os cientistas como a indústria ao lançarem mão do poder ubuesco, valendo-se do sarcasmo e do grotesco em seus discursos, estariam se desqualificando impossibilitando uma resposta racional às coisas ditas.

Para pensar os efeitos do poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental já em tempo mais presente, retomamos os temas do aquecimento global, da mudança climática e do Acordo de Paris. Tanto o aquecimento global como a mudança climática inserem os tempos atuais numa situação planetária considerada sob uma crise ambiental. Nesse contexto, surgiram enunciações que chamaram e mereceram nossa atenção. Enunciações que foram proferidas pelo presidente dos Estados Unidos da América no período 2017-2021, Donald Trump, as quais geraram polêmicas sobre o assunto e que foram trazidas para esse estudo por conta das aproximações com o discurso que abarca o poder ubuesco uma vez que nelas encontramos a tríade: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Num primeiro momento, devido ao cargo ocupado, Donald Trump teria o poder de vida e de morte, o que é possível de ser exemplificado a partir de seu poder de decisão acerca de iniciar ou não uma guerra. Além disso, por conta do cargo desempenhado, possuiria o poder de verdade, conferido a ele por seus eleitores no ano de 2016.

Acerca da terceira propriedade do discurso que abarca o poder ubuesco, sobreveio o encontro com a temática ambiental. Isso porque Donald Trump divulgou ainda no ano de 2012 em uma de suas redes sociais não acreditar no aquecimento global. O que chamou a atenção para esse estudo foram as expressões utilizadas por ele naquele momento. Segundo a mensagem postada, o aquecimento global não passaria de *uma mentira inventada pelos chineses* com a intenção de prejudicar comercialmente o país que governava. A dita ameaça chinesa, pela qual geraria a estagnação da economia americana, foi utilizada como apelo aos eleitores na condição de candidato ao governo dos EUA. Assim que eleito, uma das medidas postas em ação consistiu na retirada do país norte-americano do Acordo de Paris. No meio de muitas polêmicas acerca de sua decisão, o então presidente novamente se valeu das redes sociais para manifestar-se. A postagem justificava a saída dos EUA do Acordo de Paris com a alegação de que desse modo o país voltaria a crescer economicamente. Além disso, Donald Trump continuou ironizando o aquecimento global. Mais uma vez, em postagem em uma de suas redes sociais, lançou mão da ironia ao escrever que cairia bem o *velho e bom aquecimento global* para proteger os norte-americanos das baixas temperaturas do período.

São as expressões irônicas utilizadas por Donald Trump que entendemos como passíveis de ser relacionadas com o poder de fazer rir, propriedade do discurso que abarca o poder ubuesco. Dado que tais expressões remetem ao tipo de termos utilizados pelos peritos psiquiatras em matéria penal apresentados nos relatórios lidos por Foucault (2010). Lembrem também as falas do personagem *Pai Ubu*,

contendo um tipo de humor grotesco. Ainda, as expressões utilizadas por ele se valem do sarcasmo, do grotesco, se quiserem do ubuesco, para tratar de temas pertinentes à temática ambiental, impossibilitando uma resposta racional as suas declarações, pela desqualificação de seu próprio discurso.

Pela operacionalização do conceito de poder ubuesco sobre questões ambientais emergem considerações sobre o papel da Ciência nas relações de força apresentadas. Relembramos que na primeira dessas relações, a Ciência [ao menos parte dela] lançou mão em seus discursos do poder ubuesco para depreciar as provocações apresentadas por Carson (2010) na *Primavera Silenciosa*, na qual questionou o uso exagerado do DDT tanto em lavouras como em cidades, e que era atestado como um inseticida inofensivo aos humanos pela Ciência daquele período. No segundo exemplo, a Ciência [ao menos parte dela] é a *vítima* da situação, por conta dos discursos envolvendo o presidente norte-americano e os temas do aquecimento global e da mudança climática. Nos dois exemplos encontramos a presença do poder de fazer rir. Riso irônico. Além disso, a Ciência pode ser considerada como portadora de um discurso que tem poder de vida e de morte, como também de um discurso verdadeiro. No que envolve a temática ambiental, por conta do poder de verdade que lhe é atribuído, outras verdades e muitos acordos de âmbito internacional foram efetivados em seu nome. Dessas verdades se evidenciam como resultantes a adoção de estilos de vida e modos de conduta em torno da nossa relação com os problemas ambientais.

No entanto, a respeito dos exemplos apresentados, emergem inquietações e questionamentos. Dentre outros, elencamos: não caberia pensar com certo estranhamento os saberes da Ciência? Saberes esses que permitiram o uso do grotesco, do ubuesco. Não serviriam tais exemplos para nos provocar, nos incomodar, diante dos saberes ditos legítimos e propagados como verdadeiros? Nessa correnteza, de que modo esses saberes produzem efeitos sobre a Educação Ambiental? Qual Educação Ambiental emerge a partir desses discursos? Afinal, como lidar com os discursos que se valem do poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental e dos quais nem rimos mais? (DALMORO, 2019).

No fluxo da perspectiva filosófica foucaultiana, consideramos que não exista um saber que seja neutro. Isso porque os saberes estão de algum modo relacionados às relações de força, relações ligadas às condições políticas (FOUCAULT, 2006). Compreendemos também que a incomodação em relação a Ciência trazida à tona pela operacionalização do poder ubuesco sobre questões ambientais pertinentes à modernidade pode adquirir um sentido positivo, uma vez que por meio desse estranhamento e dessa incomodação um outro modo de olhar o mundo pode emergir. Nesse caso, envolve repensar a Ciência e seus ditos, repensar a temática desse estudo, pois, conforme já exposto, a Educação Ambiental é resultante da modernidade e como tal:

[...] se pauta por verdades tão bem solidificadas em nós que, muitas vezes, esquecemos que são ditos fabricados como legítimos e tomados como necessários para construirmos novas subjetividades em tempos de crise ambiental (HENNING; MUTZ; VIEIRA, 2018, p. 9).

Parece-nos ainda que, do descrito acerca das inquietações em torno das relações envolvendo a Ciência, tanto merece nossa atenção considerar os efeitos quando essa narra sobre o aquecimento global e a mudança climática derivada dele, quanto também pensar sobre os efeitos da sua atuação quando permeada pela Política e por um discurso que se vale do poder ubuesco. Ademais, cabe pensar sobre os efeitos dessa relação, Ciência, Política e poder ubuesco sobre a temática da Educação Ambiental e a nossa atual relação com o planeta.

Considerações Finais

Ao longo dessa escrita tecemos *uma* rede discursiva da Educação Ambiental com o intuito de dar suporte ao estudo do poder ubuesco, como também, colaborar com a operacionalização com o referido conceito, servindo como alvo sobre a qual os seus efeitos podem também efetuar-se. Nesse sentido, entendemos que ao lançar mão do poder ubuesco como força atuante na rede discursiva da Educação Ambiental, força que perpassa seus discursos, a maximização dos seus efeitos de poder tanto pode atingir seres humanos e não-humanos.

Reconhecemos, desse modo, que o discurso que abarca o poder ubuesco se faz presente na rede discursiva da Educação Ambiental, muitas vezes tratada sob esfera irônica no que tange aos seus próprios discursos. Desse modo, pela análise até agora realizada acerca do conceito de poder ubuesco, podemos aferir que se trata de uma força que é capaz de fazer agir e de interditar. Ademais, por conta da abordagem realizada, afirmamos o campo filosófico como um colaborador da compreensão dos tempos atuais, pelo qual foi possível lançar um outro olhar sobre esse tipo de educação.

Referências

- BELLO, S. E. L.; SANCHOTENE, V. C. Pensamento e verdade na educação (matemática): conversações com Foucault e Deleuze. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v. 23, n. 1, p. 141-147, 2018. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/4197>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- BRASIL. *Lei 9.795 de 27 de abril de 1999*. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 27 jan. 2020.
- CARSON, R. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.
- CARVALHO, I. C. M. *Educação ambiental e a formação do sujeito ecológico*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- DALMORO, I. C. *Educação ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/193669>. Acesso em: 0 fev. 2021.
- DIFFENBAUGH N.; SINGH D.; MANKIN, J. S. Unprecedented climate events: historical changes, aspirational targets, and national commitments. *Science Advances*, Washington, v. 4, n. 2, p. 1-9, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1126/sciadv.aao3354>.
- FERNANDES, S. Alfred Jarry. In: JARRY, A. *Ubu-Rei*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007. p. 11-27.

FOUCAULT, M. A evolução da noção de "indivíduo perigoso" na psiquiatria legal do século XIX. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. p. 1-24.

FOUCAULT, M. *Os anormais*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HENNING, C. C.; GARRÉ, B. H.; HENNING, P. C. Discursos da educação ambiental na mídia: uma estratégia de controle em operação. *Remea: revista eletrônica do mestrado em educação ambiental*, Rio Grande, v. 25, p. 243-252, 2010 Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3512>. Acesso em: 27 jan. 2020.

HENNING, P. C.; SILVA, G. R. Rastros da educação ambiental: o dissenso como potência criadora. In: HENNING, P. C.; MUTZ, A. S. C.; VIEIRA, V. T. (org.). *Educações ambientais possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente*. Curitiba: Appris, 2018. p. 151-162.

HENNING, P. C.; MUTZ, A. S. C.; VIEIRA, V. T. Possíveis ecos de Michel Foucault na educação ambiental. In: HENNING, P. C.; MUTZ, A. S. C.; VIEIRA, V. T. (org.). *Educações ambientais possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente*. Curitiba: Appris, 2018. p. 9-16.

JARRY, A. Outra apresentação de Ubu Rei. In: JARRY, A. *Ubu-Rei*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007. p. 33-35.

JARRY, A. *Ubu-Rei*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo: pista 2. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.

LEME, J. L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JR., D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (org.). *Cartografias de Foucault*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 181-197.

LEME, J. L. C. O poder ubuesco e o meio riso. In: RESENDE, H. (org.). *Michel Foucault: o ronco surdo da batalha*. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, 2018. p. 177-185.

MARQUES, I. R.; HENNING, P. C. Discursos ambientais e a (re) produção de verdades. In: PEREIRA, V. A.; GARCIA, N. M. (coord.). *Anais do IX encontro e diálogos com a educação ambiental: educação ambiental como espaço de resistência*. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. p. 421-429. Disponível em: <https://cutt.ly/zkKWvUu>. Acesso em: 27 jan. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração da conferência da Organização das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano*. Estocolmo: ONU, 1972. Disponível em: <https://cutt.ly/zkKWXcm>. Acesso em: 27 jan. 2020.

PINHEIRO, J. M. *Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): "novos talentos" da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)*. 2014. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3323>. Acesso em: 27 jan. 2020.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas de um desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2011.

SAMPAIO, S. M. V.; GUIMARÃES, L. B. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 395-409, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2012v30n2p395>.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (org.). *Educação ambiental: pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17-44.

SILVA, L. S. *Educação ambiental e sua produção científica: tensionamentos, relações de força e produção de verdades*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018.

SILVA, L. S.; GARRÉ, B. H. Michel Foucault na educação ambiental: a produção científica do GT 22 da ANPEd sob análise. In: HENNING, P. C.; MUTZ, A. S. C.; VIEIRA, V. T. (org.). *Educações ambientais possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente*. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, L. S.; HENNING, P. C. A educação ambiental e a sua produção científica: um olhar para as diferenças. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 978-991, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2018v36n3p978>.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUTO, M. G. F.; JUNGES, M.; FACHIN, P. O riso e suas interdições na sociedade. *IHU on-line: revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 367, p. 21-23, 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao367.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2021.

Pensações especulativas sobre uma neociência ubuesca

Isabel Cristina Dalmoro¹ e Suelen Assunção Santos²

Apresentando

Que efeitos produzem as palavras patéticas, o riso, o humor grotesco, a ironia no campo dito científico? Perguntas desse estilo movimentam o estudo a ser contado nesse trabalho. Em vista disso, o texto a seguir apresenta contornos da escrita de uma Tese cujo objetivo geral envolve investigar práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitem pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a imaginação ubuesca. Ao mesmo tempo em que lida com o humor grotesco, com vida e com a morte e que retrata verdades simbólicas nesse campo do saber. Tratam-se, as tais práticas, de um desarrazoado científico? Ou de uma neociência? Quiçá, uma *ciência de soluções imaginárias ubuescas*, pensada a partir da ‘Patafísica (JARRY, 1996) e do poder ubuesco (FOUCAULT, 2010). Para tanto, para dar a conhecer nosso estudo, primeiramente, expomos o procedimento metodológico escolhido para a pesquisa, alicerçando-o no referencial teórico que a sustenta. Em seguida, descrevemos nosso arquivo disparador, derivado da pesquisa que resultou em uma Dissertação na qual reinventamos a noção de poder ubuesco pelo mapeamento dos seus sentidos, e, por fim, sem esgotamento das possibilidades, retratamos brevemente a *ciência de soluções imaginárias*, buscando na caracterização da ‘Patafísica elementos que sustentam a Tese em elaboração.

Teorizações

Como falar de um conceito e das condições de existência de um discurso que abarca tal conceito? Ou, como elaborar as especulações em torno da reinvenção ou formação de um conceito, com inspiração na proposta foucaultiana de trabalhar com

arquivo? Nesse sentido, escolhemos como estratégias de pesquisa e escrita potencialidades nas caracterizações de arquivo e arquivização, com a proposta de catalogar narrativas com inspiração nos procedimentos investigativos foucaultianos e nos estudos de Aquino (2019), aliadas ao feito de [...] “escarafunhar os arquivos, suas fulgurações, seus acidentes, seus pontos de virada: eis a gana de Foucault” (AQUINO, 2019, p. 109). Buscamos com esses pensadores, a partir do modo como se ocupam com arquivo, examinar a composição de narrativas entre dizeres e imagens, com o intuito de pensar janelas que se abrem para especulações imaginárias de uma neociência, ainda por ser nomeada. Nesse fluxo, acolhemos a imaginação como força de escrita. Ora como noção estudada, ora como parte da trama que compõe o procedimento metodológico adotado por essa pesquisa.

Arquivo e arquivização

Um dos sentidos para arquivo é proposto por Foucault na obra *A Arqueologia do Saber* (1969), na qual o pensa como um sistema de funcionamento das coisas ditas para que essas “não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa” (FOUCAULT, 2020, p. 158)”. De modo a evitar uma fixidez dessa massa horrenda, como práticas discursivas mortas e empoeiradas, Foucault sugere um sistema de funcionamento para a examinação das coisas ditas, de modo que possam se agrupar de tal maneira que, compondo-se umas com as outras, variem de acordo com suas próprias regularidades. Nesse movimento, no que parece um convite a ensaiar a imaginação, sugere arquivo, numa parecença com as estrelas, como aquilo que impulsiona às coisas ditas brilharem umas mais que as outras [outras já pálidas],

¹Doutoranda, UFRGS, isabel.dalmoro@ufrgs.br

²Professora Orientadora, UFRGS, suelenass@icloud.com

possibilitando a essas se chegarem a nós. Dessa maneira, no reluzir, tornar visível aquilo que está na invisibilidade meramente por estar na intensidade da superfície. Ao reluzirem, permitir que se atualizem, se transformem, sem esgotarem as próprias possibilidades na linearidade. Em relação à arquivização, Aquino (2019) se vale do fazer cinematográfico para atualizar a ideia de arquivo em Foucault, atualização que envolve uma abertura para a imaginação recriadora. Assim, caracteriza a arquivização como um procedimento investigativo que favorece encontros que superam análises de materiais históricos. Pensa nela como dotada de “potências ativas na qualidade de pontos de inflexão que mobilizam e produzem ressonâncias, dada sua capacidade de produzirem desvio” (AQUINO, 2019, p. 113). Ao juntar a imaginação recriadora com arquivo, possibilitando a arquivização, encontramos na proposta de Aquino um vetor potente de um elo patafísico por se tratar de uma investigação acerca da possibilidade de uma neociência que tem como base de construção a *ciência de soluções imaginárias* inventada por Jarry. Pois o arquivo em questão não somente fala da imaginação, mas também a faz falar. Nessa movimentação, juntamos o papel da imaginação descrita por Bachelard, para quem o imaginário resultante da imaginação manifestado em mitos, sonhos, criações poéticas e outros produtos são partes complementares da ciência.

Disparadores

Anormalidade. Esse é o tema das aulas no *Collège de France* ministradas por Foucault entre 08 de janeiro e 19 de março de 1975. Juntas, tais aulas se acomodam na obra do autor intitulada *Os Anormais* (1974-1975). Articuladas, essas aulas comportam o estudo realizado sobre a emergência de um poder de normalização. Nessas aulas também, Foucault apresenta contornos do poder ubuesco. Descreve traços de um poder que é capaz de movimentar discursos com valor de cientificidade, com efeitos de verdade, e que tem a ironia como acompanhamento. O poder ubuesco se configura como ferramenta analítica foucaultiana examinada nos artigos que compõem a Dissertação (DALMORO,

2019) e foi mencionado indiretamente na obra foucaultiana mencionada. Nas aulas que compõem o curso Foucault examina a emergência da noção de anormalidade, partindo das ditas anomalias citadas de maneira grotesca nos relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal. Para o autor, o poder ubuesco integra a engrenagem grotesca na mecânica do poder e está presente no funcionamento político desde muito tempo na história das sociedades pelo qual decorre a “maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz” (FOUCAULT, 2010, p. 11), a despeito do estilo grotesco e cômico de quem o exerce. Esse efeito de desqualificação ocorre pela manifestação voluntária do poder como algo odioso, infame ou ridículo tanto no discurso, como no indivíduo que detém estatuto de poder. Ubuesco deriva de Ubu. Protagonista das peças teatrais criadas por Jarry, que juntas formam o ciclo de Ubu. A mais conhecida delas *Ubu-Rei* (1896), que conta as peripécias grotescas do Pai Ubu ao tomar o governo da Polônia, assassinando o rei que ocupava o trono, se autoproclama Rei Ubu. Ao assumir o cargo, expõe seu lado déspota ridículo, pelo qual – em seus mandos e desmandos – passam a tirania e a presença acentuada da própria covardia. Ainda, por conta do tom sarcástico e grosseiro, suas falas carregam um humor caricato, humor às avessas, dotado de uma ironia que faz rir ao mesmo tempo que incomoda, agride e ofende. A aproximação da obra de Jarry (2021) com a perspectiva filosófica de Foucault (2010) acontece pelo uso do adjetivo *ubuesco* para um modo de dizer o poder. Ubu instala o que Foucault nomeou de terror ubuesco, princípio essencial à soberania grotesca, infame, arbitrária, pela qual o governante não esconde o que realiza, pois sabe que o governado não ignora a circunstância. Na medida em que esse último não ignora a ocorrência assinalada pelo princípio do terror, “as coisas não se mexem [...] a verdade [...] imobiliza” (FOUCAULT, 2014, p. 16). Imobilização que não possibilita uma resposta racional a uma situação com as características ubuescas mencionadas. Ubu também se apresenta como Doutor em ‘Patafísica. Em duas das peças do ciclo Ubu, ele atribui a si a

invenção, por conta da necessidade, da *ciência de soluções imaginárias* – a ‘Patafísica. Eis o outro elo de aproximação que possibilita pensações entre as escritas de Foucault e Jarry. Além disso, a ‘Patafísica explora as coisas que vão além da física e da metafísica (JARRY, 1996). De modo sarcástico sério, estuda as coisas que essas duas ciências não dão conta de explicar. No alcance entre ficção e realidade, a experiência patafísica se vale da imaginação para perguntar e da imaginação para responder. Sem a imaginação não há perguntas. Sem a imaginação não há respostas. Imaginação que vem acompanhada de humor. Humor que também pode se dar pelo absurdo e pelo grotesco. A ‘Patafísica nos devolve à imaginação da/na ciência, já tão atravessada de metodologias e academicismos. Dentre as aleatórias nuances da imaginação humana, dentre as possibilidades pelas quais pode ser dita como anormal, científica, material, formal, cósmica, amarrada, penetrante, dissimulada, vadia, zombeteira, divertida e mórbida, caracterizadas sob inspiração bachelardiana e foucaultiana, especulamos sobre a imaginação nas descrições grotescas comentadas por Foucault ao longo d’*Os Anormais* (1974-1975). Descrições literárias mencionadas ao longo do estudo da problemática da anomalia que são compatíveis a uma imaginação que lida com o grotesco, possibilitando pensar numa imaginação ubuesca, uma das apostas conceituais da Tese. Imaginação que se multiplica num vocabulário irônico que perambula nos limiares da cientificidade. Nessa direção, a proposta de pensar numa imaginação ubuesca ricocheteia na imaginação dita literária, tal como inventada por Bachelard (2019, p. 22), pela qual “a imaginação literária desimagina para melhor reimaginar”. Supomos, assim, uma imaginação que se articula na formação do campo dito científico e que, por conta dos efeitos de um modo de imaginar e descrever que remete à categoria do ubuesco, pode ser pensada como um mecanismo que se agrega ao poder ubuesco. Uma imaginação trágica, ridícula, ubuesca que tem efeitos de poder nas práticas discursivas de tal campo.

Resultados e Discussões

Da trama que passa pela insinuação de uma aproximação entre criações que envolvem a perspectiva filosófica de Foucault, a literatura-absurda de Jarry, articulando com a filosofia metafórica de Bachelard, especulamos ainda os próximos momentos dessa escrita, que movimenta filosofia, arte e ciência na reinvenção de um conceito. Por ora, do estudo até o momento realizado, destacamos que a arquivização se alinhava como vetor patafísico potente para tratar de uma investigação acerca da possibilidade de uma neociência, como também as descrições acerca das anomalias mencionadas ao longo das aulas que compõem a obra foucaultiana referenciada mostram afinidades com uma imaginação ubuesca, e, por fim, sem a intenção de esgotar suas possibilidades, a ‘Patafísica ganha força como ferramenta analítica potente para analisar soluções imaginárias ubuescas nas práticas discursivas do campo da ciência.

Referências

- AQUINO, J. G. **Educação pelo arquivo**: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault. São Paulo: Intermeios, 2019.
- BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- DALMORO, I. C. **Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Instituto de Ciências Básicas da Saúde, UFRGS, 2019.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, M. **Os Anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- JARRY, A. **Ubu Rei** ou Os Poloneses. Tradução de Bárbara Duvivier e Gregório Duvivier. São Paulo: Editora Ubu, 2021.
- JARRY, A. **Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician**: a neo-scientific novel. Translated & annotated By Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996.

Pensações especulativas sobre uma neociência ubuesca

Isabel Cristina Dalmoro¹ e Suelen Assunção Santos²

¹ Doutoranda, UFRGS, isabel.dalmoro@ufrgs.br

² Professora Orientadora, UFRGS, suelenass@icloud.com

I ENCONTRO
INTERINSTITUCIONAL
DO PPgECi

Procedimento metodológico

Arquivização: juntura de *arquivo* (FOUCAULT, 2020) e *imaginação recriadora* (AQUINO, 2019)

sob inspiração foucaultiana ...

Objetivo Geral

Investigar **práticas discursivas** situadas em **regiões de cientificidade** que, sob aparência de **soluções imaginárias**, possibilitem pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a **imaginação ubuesca**. Ao mesmo tempo em que lida com o **humor grotesco, com vida e com a morte e que retrata verdades simbólicas** nesse campo do saber.

escarafunchando arquivos ...



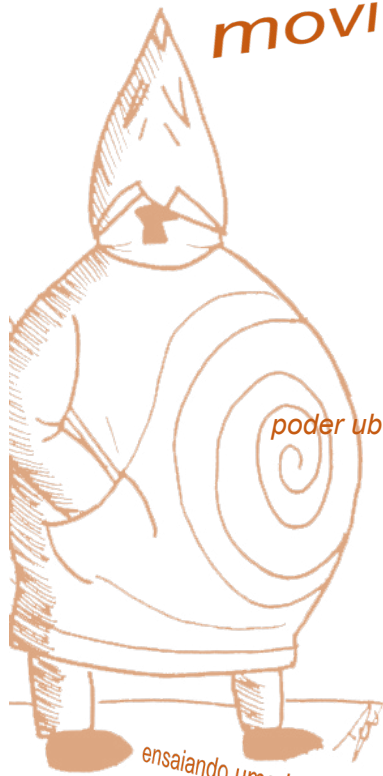
movimentando filosofia, literatura e ciência ...

Teorizações

Escrita impulsionada pela perspectiva filosófica de **Michel Foucault**, criações literárias de **Alfred Jarry** e invenções sobre a ciência provocadas por **Gaston Bachelard**.

'Patafísica, ciência de soluções imaginárias' (JARRY, 1996)

poder ubuesco, um modo de dizer o poder (FOUCAULT, 2010)



ensaiando uma imaginação ubuesca

Resultados e discussões

- **arquivização** se alinhava como vetor patafísico potente para tratar de uma **investigação acerca da possibilidade de uma neociência**,
- as **descrições** das anomalias mencionadas ao longo das aulas d'*Os Anormais* (1974-1975) mostram afinidades com uma **imaginação ubuesca**,
- a '**Patafísica** ganha força como **ferramenta analítica** potente para analisar **soluções imaginárias ubuescas** nas **práticas discursivas do campo da ciência**.

Referências

- AQUINO, J. G. *Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- FOUCAULT, M. *Os Anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- JARRY, A. *Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician: a neo-scientific novel*. Translated & annotated By Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996.

Ilustrações: Débora Cristina Marini

Educação Ambiental e as provocações foucaultianas sobre o poder ubuesco

Environmental Education and the Foucaultian provocations about the ubuesque power

Isabel Cristina Dalmoro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

isadalmoro.filosofia@gmail.com

Suelen Assunção Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

suelen.santos@ufrgs.com

Resumo

O texto a seguir apresenta notas da pesquisa de Mestrado que teve como questão motivadora saber *se e como* a perspectiva filosófica de Michel Foucault poderia atuar com a Educação Ambiental. Ao longo da pesquisa deu-se o encontro com o conceito de poder ubuesco mencionado pelo autor na obra *Os Anormais* (1974-1975). A partir desse encontro, adotamos como objetivo geral do estudo o de analisar como o referido conceito poderia servir para lançar outro olhar sobre a Educação Ambiental. O poder ubuesco integra o discurso que contém a uma só vez três propriedades: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Além disso, pelo poder ubuesco ocorre a maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz. Como primeiro resultado alcançado, podemos aferir que esse discurso encontra lugar na rede discursiva da Educação Ambiental.

Palavras chave: educação ambiental, poder ubuesco, Michel Foucault.

Abstract

The following text presents notes of a Masters degree study that had as motivating question to know *if and how* the philosophical perspective of Michel Foucault could act with Environmental Education. Throughout the research, we met the concept of ubuesque power, mentioned by the author in his work *Abnormal* (1974-1975). From this meeting, we adopted as general objective of the study to analyze how the referred concept could serve to cast another glance on Environmental Education. The ubuesque power integrates the speech that contains, at once, three properties: the power of life and death, the power of truth and the power to make one laugh. Beyond that, by the ubuesque power occurs the maximization of the effects of power from the disqualification of who makes it. As first result achieved, we can measure that this speech finds place in the discursive web of Environmental Education.

Key words: environmental education, ubuesque power, Michel Foucault.

Apresentação

O texto a seguir apresenta notas da pesquisa de Mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e pertence à Linha de Pesquisa que investiga como os efeitos dos discursos e das práticas sociais processadas em diferentes instâncias atuam na produção de verdades e de sujeitos, tendo como base a vertente pós-estruturalista. O estudo teve como questão motivadora saber *se e como* a perspectiva filosófica de Michel Foucault poderia atuar com a Educação Ambiental. A pesquisa consistiu, inicialmente, em estudar conceitos do pensamento foucaultiano que pudessem responder afirmativamente tal questão. Ao longo do estudo deu-se o encontro com o poder ubuesco. A partir disso, adotamos como objetivo geral da pesquisa o de analisar como o referido conceito poderia servir para lançar outro olhar sobre a Educação Ambiental.

O adjetivo ubuesco deriva da peça de Alfred Jarry (1873-1907), intitulada *Ubu-roi* (1896). A referida peça é composta por cinco atos que contam as peripécias de Pai Ubu que, junto com a esposa Mãe Ubu e seus súditos, trama e executa o assassinato do soberano da Polônia. Ao assumir o trono por meio deste assassinato, Pai Ubu se proclama Rei Ubu. Logo depois de ter assumido o cargo, os mandos e desmandos do Rei Ubu são marcados pela tirania acentuada, pelo terror imposto aos seus súditos e pela covardia do personagem. Por conta das suas falas, Pai Ubu carrega um tipo de humor às avessas, assinalado pelo tom sarcástico e grosseiro. Um exemplo disso pode ser percebido pelos seguintes fragmentos da peça:

[...] eu mudei o governo e mandei publicar no jornal que todos os impostos serão pagos duas vezes, ou mesmo três, no caso dos que forem designados posteriormente. Com esse sistema, logo, vou fazer fortuna, daí mato todo mundo e me mando. [...] Paguem! Ou meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça! Cornoralho, sou rei ou não sou? (JARRY, 1986, p. 84-85).

O poder ubuesco foi mencionado por Michel Foucault explicitamente nas duas primeiras aulas que integram a obra intitulada *Os Anormais* (1974-1975). Nas aulas que compõem a referida obra o autor elenca noções que possibilitaram a formação do conceito de anormalidade, discorrendo sobre a articulação entre os três elementos que constituíram a categoria dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o onanista. É pelas descrições contidas nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiátricos em matéria penal sobre esses três elementos que Foucault (2010) caracteriza o poder ubuesco. Segundo o autor, o poder ubuesco faz parte de um discurso que merece atenção porque contém a uma só vez três propriedades, quais sejam: 1) o poder de vida e de morte, 2) o poder de verdade e 3) o poder de fazer rir. Adiantamos que o sentido do riso considerado é o riso oriundo da ironia e do sarcasmo. Além disso, pelo poder ubuesco ocorre a maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz. Conforme:

Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, deve-ser-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Ao assumirmos o poder ubuesco como o conceito foucaultiano a ser examinado, elegemos os seguintes objetivos específicos para a pesquisa: 1) caracterizar o poder ubuesco, 2) investigar como o poder ubuesco foi operado por Foucault e 3) analisar como o poder ubuesco pode operar com a Educação Ambiental. Nesse contexto, apresentamos alguns resultados obtidos.

Discussão de Resultados

O primeiro dos resultados corresponde a elaboração de um artigo no qual buscamos, em método baseado na Cartografia, apresentar os mapas dos sentidos alcançados pela categoria do ubuesco. Nesse artigo, a caracterização do poder ubuesco se deu a partir da peça *Ubu-roi* (1896) de autoria de Jarry (1986) – peça da qual o adjetivo *ubuesco* teve sua derivação –, da obra foucaultiana *Os Anormais* (1974-1975) e do texto “A crise da governamentalidade e o poder ubuesco”, de Leme (2008). Cabe dizer que compreendemos a governamentalidade como “uma arte de governar cuja racionalidade tem por princípio e campo de aplicação o funcionamento do Estado: a ‘governamentalidade’ racional do Estado” (REVEL, 2011, p. 74). Ou seja, trata-se de um conjunto de procedimentos que constituem a maneira de governar. Nesse conjunto de procedimentos tem-se o princípio do terror no qual, no exercício do poder, o governante não oculta o que está acontecendo, pois sabe que o governado não ignora a situação. Desse modo, de um lado tem-se o governo fortalecido pela exibição do modo como funciona, por outro, o governado ciente daquilo que se passa. Por ter conhecimento do modo como as coisas funcionam quando assinaladas pelo princípio do terror, não havendo para isso uma resposta racionalmente possível, é que as coisas não se modificam. Nesse sentido, Leme (2008) expõe sobre um desdobramento do poder ubuesco, impulsionando a mentira ubuesca. Segundo o autor, a mentira ubuesca é “uma mentira invertida”. Em linhas gerais, refere-se a uma mentira que tanto o emissor como o destinatário sabem que o enunciado é falso. Nessa relação de poder o emissor está lançando mão do poder ubuesco, pois ao emitir uma mentira desqualifica-se como interlocutor não permitindo que o destinatário exerça seu direito de resposta de maneira racional. Contudo, ressalta:

[...] não devemos nos surpreender pelo fato de alguém aparentemente desqualificado ocupar os lugares estatutários do poder, devemos antes atentar perceber por que é que é essa a mecânica do poder vigente, e quais são em nós, os seus efeitos de subjetivação. Atente-se que estamos perante um desdobramento do princípio do terror, ou seja, a exibição da imbecilidade e da mentira dos governantes é uma forma de fortalecer o poder, a força de sua engrenagem é tão mais forte quanto é notória a imbecilidade que exibem (LEME, 2008, p. 191).

Acerca dos efeitos de subjetivação do poder ubuesco mencionado por Leme (2008), no artigo elaborado buscamos apresentar como podem se dar tais implicações tanto em viventes como em não-viventes. Isso por conta da operacionalização do conceito de poder ubuesco sobre a Educação Ambiental no contexto da crise ambiental vigente, no qual nos valem também da noção de mentira ubuesca. Buscamos na internet, especificamente em uma das redes sociais de Donald Trump – atual presidente dos Estados Unidos da América – elementos que corroborassem as três propriedades que compõem o discurso do qual o poder ubuesco faz parte. Após o exame dos materiais encontrados, percebemos que nos atos e nas enunciações de Donald Trump e Kim Jong-un (líder supremo da Coreia do Norte) se evidenciam as três propriedades que remetem ao modo como Foucault caracterizou o poder ubuesco. A primeira dessas propriedades envolve as recorrentes ameaças de lançamentos de mísseis em que os dois governantes, por meio de declarações e postagens, colocaram em risco a vida de milhões

de pessoas, uma vez ocorrendo a efetivação dessas. Tem-se nisso traços que remetem à propriedade de vida e de morte, que é uma das características do poder ubuesco. Além disso, os dois possuem, às custas dos cargos que ora ocupam, o poder de verdade. Dado que um foi escolhido por eleitores de seu país e outro como herdeiro de um regime ditatorial. Para mais, possuem o poder de provocar o riso incomodado, o riso irônico que faz parte da tríade de propriedades do discurso que abarca o poder ubuesco, que pode ser percebido pelo conteúdo das mensagens trocadas entre ambos os governantes. O que cresceu para a promoção do encontro do poder ubuesco com a Educação Ambiental foi a retirada do país governado por Donald Trump do Acordo de Paris. As razões indicadas para essa ação e que foram apresentadas por ele em seus discursos possibilitaram a ligação com o conceito de poder ubuesco. Duas declarações extraídas da reportagem que tem como título “Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática” (AHRENS, 2017) seguem como exemplo. A primeira quando afirmou: “[...] admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos”, e a segunda: “[...] fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não de Paris [...]”. Além dessas declarações, tomamos a publicação na qual Donald Trump afirmou que o aquecimento global não seria resultante das atividades humanas se tratando de “uma mentira inventada pelos chineses” para fazer com que a economia americana não continuasse a crescer como outro exemplo das enunciações emitidas que possibilitaram a ligação entre a temática da Educação Ambiental com o poder ubuesco.

Como segundo resultado, elaboramos um artigo mostrando como transcorreu o encontro entre a Educação Ambiental e o poder ubuesco. Nesse artigo, destacamos o método adotado pelo estudo, qual seja, o método baseado na Cartografia. Este método tomou o significado de um acompanhamento de percursos, cartografando as movimentações e alterações que abarcam mudanças e ressignificando os sentidos, sendo construído ao longo do percurso da pesquisa. De acordo com Kastrup (2015, p. 32), “a Cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção”. Nesse caso, é o processo de produção dos sentidos da categoria do poder ubuesco que o método adotado, baseado na Cartografia, investigou. Além disso, conforme Barros e Passos (2015, p. 172), “o trabalho de pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar”, pois isso permite a análise das implicações que se cruzam no método da investigação proposta, servindo como um possível “disparador de desdobramentos da pesquisa” (idem). Por esse motivo, numa espécie de registro do processo do estudo realizado, é que produzimos o artigo supramencionado.

O terceiro resultado obtido envolveu a elaboração de um artigo em que se procurou mapear como o poder ubuesco foi operado pelo professor Foucault nas onze aulas que compõem o curso ministrado no Collège de France (1974-1975), buscando as ressonâncias desse conceito para as categorias de poder elencadas por Veiga-Neto (2016) quais sejam, o poder pastoral, soberano e disciplinar, como também para a Educação Ambiental. O poder pastoral foi institucionalizado nas práticas cristãs medievais, na qual o poder político era exercido por meio de um conjunto de princípios configurados sob a verticalidade, fazendo alusão ao modo como um pastor conduz suas ovelhas. Mediante a direção da consciência por meio da prática da confissão o poder pastoral se faz presente na obra *Os Anormais* (1974-1975), uma vez que mostra de que modo “o corpo foi desqualificado e culpabilizado como carne, ou seja, como corpo atravessado pelo desejo libidinoso” (CASTRO, 2017, p. 102). Outra categoria de poder descrita por Veiga-Neto (2016) refere-se ao poder de soberania. Nesse caso, o poder político é exercido na relação do soberano com seus súditos. O soberano, diferente do pastor, não

pretende ser salvacionista, nem piedoso, nem mesmo individualizante. A relação de poder soberana é efetivada pela violência sobre os corpos dos seus súditos. Para mais, o discurso do rei tem o poder de vida e morte legitimado pelo seu direito de soberano. Na obra *Os Anormais* (1974-1975) o poder soberano aparece descrito sob forma arbitrária e infame quando Foucault menciona o poder ubuesco como um procedimento inerente à soberania. De acordo com Veiga-Neto (2016, p. 67), a categoria do poder disciplinar apresenta-se como uma espécie de substituição ao poder pastoral e o poder de soberania, por conta de uma carência de ordem política que essas duas últimas categorias comportavam. Essa substituição, segundo o autor, deve ser pensada em sentido fraco e ser associada com a incorporação, ou talvez, acoplamento do poder disciplinar nas categorias de poder soberano e pastoral. Nesse sentido, o poder disciplinar atua, por meio de técnicas disciplinares, ao nível do corpo e dos saberes resultando em formas particulares de se estar no mundo. Assim, a disciplina do ponto de vista do exercício do poder “tem por objeto os corpos e por objetivo sua normalização” (CASTRO, 2016, p. 110). É em relação a essa normalização dos corpos, por meio das técnicas de localização, de classificação e de intervenção/medicalização do anormal, considerado com um indivíduo a ser corrigido, que o poder disciplinar se mostra na obra *Os Anormais* (1974-1975).

Segundo Castro (2016, p. 188), a obra *Os Anormais* (1974-1975) faz parte do primeiro grupo dos cursos de Foucault no qual o eixo do estudo consistia na história das disciplinas, em que “as sociedades modernas não são apenas sociedades de disciplinarização, mas também de normalização, dos indivíduos e das populações”. Acerca das ressonâncias do poder ubuesco para as categorias de poder acima mencionadas, podemos aferir que o poder ubuesco diagonaliza essas categorias, possibilitando o fortalecimento dos efeitos tanto do poder disciplinar como dos poderes pastoral e soberano, por ser considerado como um mecanismo inerente nas engrenagens do poder. Em relação à Educação Ambiental, nos valemos do caráter ubuesco das descrições contidas nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal para apresentar ressonâncias do discurso que abarca o poder ubuesco na referida educação. Para tanto, lançamos mão dos discursos de Donald Trump acerca do aquecimento global e da mudança climática, temas pertinentes às práticas discursivas da Educação Ambiental, e que foram problematizados ao longo dos artigos elaborados.

Considerações finais

De acordo com o que foi pesquisado, podemos afirmar que o poder ubuesco pode servir para lançar outro olhar para a Educação Ambiental, possibilitando o encontro entre a perspectiva filosófica foucaultiana e a referida educação. Isso porque entendemos que o poder ubuesco, compreendido como integrante de um discurso, faz parte da rede discursiva da Educação Ambiental. Nesse sentido, o que estamos mapeando é um mecanismo de poder que constitui a rede discursiva da Educação Ambiental e que cria condições de possibilidade para potencializar o discurso da mencionada educação. Isso porque, em vista das provocações apresentadas, reconhecemos que esse discurso maximiza a Educação Ambiental, em função de seu caráter ubuesco. Desse modo, defendemos o potencial do poder ubuesco como uma ferramenta conceitual analítica capaz de fornecer elementos para a compreensão da realidade que ora se apresenta. Contudo, na compreensão de que os resultados obtidos não esgotam as possibilidades de se operar com o referido conceito, a pesquisa acerca do poder ubuesco e seus efeitos sobre a Educação Ambiental ainda se movimenta. Pois, diante das implicações que o discurso que abarca o poder ubuesco pode provocar, entendemos que tais discursos merecem atenção.

Agradecimentos

CAPES; UFRGS; GEEMCo.

Referências

AHRENS, J. M. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, Junho/2017. Jornal *El país Brasil*. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html> Acesso em 30/07/18.

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 172-200.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CASTRO, E. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FOUCAULT, M. **Os Anormais** (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

JARRY, A. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo – Pista 2. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LEME, J. L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Org.). **Cartografias de Foucault**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 181-197.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. 1. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2011.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arquivizacao-patafisica/>

Arquivização patafísica de uma neociência ubuesca inventada sob inspiração foucaultiana

Isabel Cristina Dalmoro [1]

Suelen Assunção Santos [2]

RESUMO: Trata-se de apresentar os contornos da escrita de uma Tese que lida com filosofia, ciência e arte. Tese que investiga práticas discursivas situadas em região de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitam pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a imaginação e o humor grotescos, com vida e morte e com verdades simbólicas. Elementos que se entrelaçam ao poder ubuesco, mencionado indiretamente por Michel Foucault na obra *Os Anormais* (1974-1975). O estudo insinua aproximações com a literatura de Alfred Jarry, de maneira especial em suas criações Pai Ubu e ‘Patafísica – a ciência de soluções imaginárias. Como procedimento metodológico, optamos pela arquivização que junta a noção de arquivo foucaultiana com a imaginação recriadora, segundo Aquino (2019). Destacamos que as apostas conceituais da pesquisa impulsionam a imaginação ubuesca, bem como a ‘Patafísica ganha força como ferramenta analítica potente para examinar soluções imaginárias grotescas nas práticas discursivas em região de cientificidade, dando assim condições de possibilidade para invenção da neociência ubuesca.

PALAVRAS-CHAVE: Poder ubuesco. Imaginação ubuesca. Ciência. Educação em Ciências. Discurso.

Pataphysics archiving of an invented ubuesque neoscience under Foucauldian inspiration

ABSTRACT: This article presents the outlines of a dissertation that deals with philosophy, science, and art. The dissertation investigates discourse practices in science regions that, undercovered as imaginary solutions, allow to think of an assumed science that takes care of grotesque imagination and humour, life and death, and symbolic truths. These elements are tangled to ubuesque power, indirectly mentioned by Michel Foucault in his work *Abnormal* (1974-1975). This study insinuates approaches to the literature of Alfred Jarry, especially with his creations Pa Ubu and ‘Pataphysics –



the science of imaginary solutions. As methodological procedures, we chose archiving, that gathers the Foucauldian archiving with the recreating imagination, according to Aquino (2019). We highlight that the conceptual bets of the research boost the ubuesque imagination, as well as 'Pataphysics gains force as a potent analytical tool to examine grotesque imaginary solutions in discourse practices in science regions, thus allowing the possibility to inventing the ubuesque neoscience.

KEYWORDS: Ubuesque power. Ubuesque imagination. Science. Science education. Discourse.

“[...] como um conceito – carregado ainda de metáforas ou de conteúdos imaginários – se purificou e pôde assumir *status* e função de conceito científico.”
(Foucault, 2020, p. 229)

Apresentação e [des]fazimentos das palavras acostumadas

Esboçamos nesse texto contornos da escrita de uma Tese que tem como objetivo analisar práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade que, sob aparência de soluções imaginárias, possibilitam pensar em uma suposta ciência que se ocupa com a imaginação ubuesca. Ao mesmo tempo essa suposta ciência lida com o humor grotesco, com vida e morte, e retrata verdades simbólicas. A Tese abriga-se junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e vincula-se à Linha de Pesquisa que investiga implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos e de currículos. Para tanto, utilizamos autores da perspectiva pós-estruturalista. Em específico, descrevemos uma escrita forjada sob inspiração filosófica em Michel Foucault (1926-1984) insinuando aproximações com a literatura do poeta e dramaturgo Alfred Jarry (1873-1907), especialmente em duas de suas invenções: Pai Ubu e 'Patafísica – a *ciência de soluções imaginárias*. A aproximação da obra de Jarry (2021) com a perspectiva filosófica de Foucault (2010) acontece pelo uso do adjetivo *ubuesco* para um modo de dizer o poder – nesse caso, poder ubuesco. Delineamos a seguir alguns dos elementos que impulsionam o estudo realizado.

Ubuesco tem sua derivação em Ubu, protagonista da peça *Ubu-Rei* (1896). A criação teatral conta em cinco atos as peripécias grotescas de Pai Ubu, que toma o governo da Polônia ao assassinar o rei que ocupava o trono e se autoproclama Rei Ubu. Ao tomar o cargo expõe seu lado déspota, assinalado por mandos e desmandos realçados pela tirania e pela presença acentuada da própria



covardia. Por conta de suas falas, Ubu carrega um tipo de humor às avessas, fortemente lembrado pelo tom sarcástico e grosseiro (Dalmoro, 2019).

O poder ubuesco é referido indiretamente nas duas primeiras aulas que compõem o curso *Os Anormais* (1974-1975). Nessa obra, Foucault analisa a emergência da noção de anormalidade, partindo das ditas anomalias citadas de maneira grotesca nos relatórios elaborados por peritos psiquiátricos em matéria penal. Para o autor, o poder ubuesco integra a engrenagem grotesca na mecânica do poder e está presente no funcionamento político desde muito tempo na história das sociedades pelo qual decorre a “maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz” (Foucault, 2010a, p. 11). Além disso, o poder ubuesco agrega um discurso que tem – ao mesmo tempo – três características, quais sejam: i) poder de verdade, pois oriundo da instituição judiciária possui estatuto científico, formulado por pessoas ditas qualificadas, ii) poder de vida e de morte, já que pode determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo – em alguns casos, de acordo com a decisão de justiça, pode levá-lo à morte, e iii) poder de fazer rir. Riso irônico, efeito de um humor sarcástico, por conta das expressões grotescas utilizadas nos relatórios dos tais peritos. A desqualificação desse profissional e a convergência das características de tais propriedades em seu relatório fazem lembrar o discurso caricato/grotesco/ridículo de Ubu. Ainda, pelo modo de ajuntamento dessas propriedades, numa sociedade como a nossa, evidenciamos um discurso que merece um pouco de atenção, relembrando Foucault. Um discurso que é ao mesmo tempo estatutário e desqualificado. Nesse fluxo, nos perguntamos: o que pode um discurso que guarda em si, simultaneamente, as características de se mostrar como potência com poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir? Riso acentuado pelo humor grotesco, ubuesco. Em quais condições ganha força? Como dizer seus possíveis efeitos? E quando tal discurso se volta para a ciência em geral, o que pode? Há possibilidades de resistência? Ou de respostas racionais ao que produz, quando propõe simultaneamente soluções imaginárias para problemas [in]existentes que se mostram em práticas discursivas situadas em regiões de cientificidade? De que maneira se manifesta: como um desarrazoado científico ou como uma *neociência*?

Nos deparamos também com o desafio principal do exame do discurso que se vale do poder ubuesco: como combatê-lo? Segundo Leme (2018), tanto o ubuesco como o grotesco, sua variante, são mecanismos do poder, engrenagens que servem à despolitização e à exasperação, uma vez que por tais mecanismos atravessam a autodesqualificação do governante e o desespero dos



governados. Nesses casos, “O que fazer? Foucault sugere-nos um meio riso”, destaca Leme (idem, p. 185). Inquietações que movem nossa escrita. Outro exemplo das implicações do poder ubuesco envolve o estudo sobre a rede discursiva da Educação Ambiental muitas vezes tratada sob a esfera irônica no que envolve seus próprios discursos. Assim, do poder ubuesco, “podemos aferir que se trata de uma força que é capaz de fazer agir e de interditar”, conforme Dalmoro (2019).

Numa proposta de desdobramento do poder ubuesco, como ferramenta analítica, temos como uma das apostas conceituais da escrita a *imaginação ubuesca*. Dentre as eventuais nuances da imaginação humana, e dadas as possibilidades pelas quais ela pode ser dita anormal, científica, material, formal, cósmica, amarrada, penetrante, dissimulada, vadia, zombeteira, divertida e mórbida, caracterizadas desses modos sob inspiração bachelardiana e foucaultiana, especulamos sobre a imaginação nas descrições grotescas lidas e comentadas por Foucault ao longo das aulas que compõem a obra *Os Anormais* (1974-1975). Descrições literárias mencionadas ao longo do estudo da problemática da anormalidade que se mostram compatíveis a uma imaginação que lida com o grotesco, possibilitando assim pensar numa *imaginação ubuesca*. Imaginação essa que se multiplica no vocabulário irônico que perambula nos limiares da cientificidade. Nessa direção, a proposta de pensar numa *imaginação ubuesca* ricocheteia na imaginação dita literária, tal como inventada por Bachelard (2019, p. 22), pela qual “a imaginação literária desimagina para melhor reimaginar”. Desimaginamos para reimaginar. Supomos, assim, uma imaginação que faz parte da formação da ciência que, por conta dos efeitos de um modo de imaginar e descrever remete à categoria do ubuesco e pode ser pensada como um mecanismo que se agrega ao poder ubuesco. Destacamos ainda que, ao longo do estudo, nos ocupamos com a imaginação num cenário de via dupla. Ora a temos como noção estudada, ora como parte da trama que compõe o procedimento metodológico adotado para essa pesquisa. Às vezes mais d’uma, às vezes mais d’outra. Em síntese, acolhemos a imaginação como força de escrita.

Nessa correnteza, apresentamos outro elo de aproximação que possibilita pensações entre as escritas de Foucault e Jarry, a ‘Patafísica. Descrita com a *ciência de soluções imaginárias* (Jarry, 1996), dela pode ser dito que se trata de uma ciência que examina as exceções no próprio interior da ciência, fazendo com que essa pense sobre si mesma. Nesse sentido, é criação sobre a criação. Ao fazer a ciência pensar sobre si mesma, a ‘Patafísica o faz não para completá-la, mas para desequilibrá-la. Ora, examinar exceções também é examinar anormalidades, anomalias. Ainda,



como ciência das ciências, de acordo com Shattuck (2016, p. 41-43), a ‘Patafísica sempre existiu. E sempre existirá. Existe desde que o ser humano coçou pela primeira vez a cabeça para acalmar a coceira do pensamento reflexivo.

Como procedimento metodológico adotamos a *arquivização* – junção de arquivo + imaginação. De acordo com Aquino (2019), a arquivização pode ser adotada como um procedimento investigativo que favorece encontros que superam análises de materiais históricos. Pensa nela como composta de “potências ativas na qualidade de pontos de inflexão que mobilizam e produzem ressonâncias, dada sua capacidade de produzirem desvio” (Aquino, 2019, p. 113). Nessa proposta encontramos uma atualização do arquivo em Foucault, atualização que envolve aberturas para a imaginação recriadora. Cabe ao investigador, no caso, investigadoras, em sua tarefa arquivística, manusear seu arquivo, mapear encontros e afastamentos das coisas que acomoda, interrogar suas fontes e nessa movimentação encontrar brechas que possibilitem o desvio, o imaginário. Ao juntar a imaginação recriadora com arquivo, possibilitando a arquivização, encontramos na proposta de Aquino um vetor potente de um elo patafísico por se tratar de uma investigação acerca da possibilidade de uma neociência que tem como base de construção a *ciência de soluções imaginárias* pensada por Jarry. Pois o arquivo em questão – o nosso – não somente fala da imaginação, mas também a faz falar. Tratar de poder em Foucault é compreender que ele pode ser considerado também como uma força, como algo inventivo que fabrica, observa e se multiplica a partir de seus próprios efeitos. Força que “produz realidades e rituais de verdade” (Foucault, 2014a, p. 189). Envolve igualmente um jogo em que estão em campo relações de poder. Relações que são consideradas como relações de força reversíveis e de pequenos enfrentamentos, como modos de ação entre uns e outros. Poder não é, portanto, somente repressivo.

Tomamos como significação para as *regiões de cientificidade* as regiões heterogêneas pertinentes às práticas discursivas em suas variantes que respondam a critérios formais de cientificidade. De acordo com Machado (2007, p. 8-11), tanto Bachelard como Canguilhem, mencionados por Foucault n’*Arqueologia do saber* (1969) – obra que impulsiona a utilização da expressão –, concentram suas pesquisas em regiões distintas de cientificidade. Na obra mencionada, o pensador centra sua análise sobre a constituição histórica das “ciências do homem” na modernidade, compondo assim “uma nova região” (idem). Nesse estudo, o modelo de região de cientificidade averiguado é a própria *vida*. Desse modo, examinamos práticas discursivas em suas relações de poder e verdade com o campo



da cientificidade que, em conjunto, buscam assegurar a vida. Práticas que visam ancorar o direito à vida, tornando-a resistente diante de um contexto de aproximação com a morte. Vida essa absorvida pela política, tomada como um elemento político. Nesse cenário, no qual lidamos com a gestão e controle sobre a vida – e sobre a morte –, entra em jogo a noção foucaultiana da biopolítica. Segundo Foucault (2010b, p. 206), “[...] a biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder [...]”. Encontramos, assim, outro instrumento de apoio para uma análise que se volta para a invenção da vida sociopolítica contemporânea, num ambiente em que a vida e a morte são tratadas como ferramentas políticas no jogo que rege relações de poder no campo da governança das populações. É diante da pandemia do novo coronavírus, o da COVID-19, ainda acompanhada de incertezas, que lançamos luz para enunciações, publicações e pesquisas em torno de uma vacina com validação eficiente, para campanhas para vacinação da população brasileira e discursos acerca de outras possibilidades para controle e, quiçá, erradicação da doença que assusta o mundo desde dezembro de 2019 – elementos desafiantes para a ciência. Elementos esses que se configuram como exemplo da noção foucaultiana da biopolítica. Além disso, tais práticas discursivas emergem como *corpus* de apreciação para especulação sobre uma neociência num cenário que ainda se encontra em situação de pandemia – o ambiente de pesquisa para análise envolve, portanto, discursos circulantes no Brasil durante esse período. Lidamos com um *corpus* heterogêneo para a investigação. Nessa lógica, nos ocupamos com estudos diversos e territórios como sites de notícias, revistas e livros referenciados e arquivados. Lugares híbridos que incluem artigos elaborados a partir de pesquisas no campo da ciência e da Educação em ciências, bem como pesquisas que problematizam discursos sobre a ciência e anticiência envolvendo mídias sociais. Análises, sob forma de artigos, que tratam de temas considerados pseudocientíficos ou não, e por vezes discutem os seus possíveis efeitos nos campos mencionados. Desses materiais, após o exame realizado, especulamos sobre uma neociência. Para esse texto, trazemos um recorte dos materiais arquivados.

Por fim, examinar as *práticas discursivas* em regiões de cientificidade envolve, num modo geral, investigar o “conjunto das maneiras de fazer mais ou menos regradas, mais ou menos pensadas, mais ou menos acabadas através das quais se delineia simultaneamente o real”, segundo Foucault (2017, p. 232). Compreende-se, nessas condições, estudar as práticas concebidas como modo de



agir e pensar que proporcionam a inteligibilidade do sujeito e do objeto. Nesse caso, investigar práticas discursivas que viabilizam um saber, naquilo que cria condições para tal saber assumir *status* e papel de ciência, de acordo com suas regularidades, articulação de processos, relações, desvios e figuras que possibilitam-no atingir certo grau de cientificidade. Em vista disso, repetimos Candido e Loguercio (2020, p. 245), quando afirmam que a ciência não se faz somente em bancadas de laboratórios, mas, sobretudo “nas relações de saber/poder que possibilitam dizer o verdadeiro em determinadas formações históricas”. Ciência que inventa um mundo e os modos de ocupá-lo. Dando continuidade a essa apresentação, o artigo inicia com uma seção que destaca aspectos relevantes da filosofia e da ciência para a pesquisa. Em seguida, abordamos sobre a ciência tratada como discurso sob estudos de Nietzsche, Foucault e Deleuze. Por fim, especulamos sobre uma neociência que emerge de práticas discursivas que lidam com o *ubuesco*.

Ideias feitas em região de cientificidade

Reinventando ciência ... ecos de uma aula de filosofia:

- *Ciência é tipo crença, respondeu uma voz na lateral da sala de aula.*
 - *Sim. Ciência e crença podem andar juntas, complementou outra voz.*
 - *Por isso, o universo pode ser criador do próprio universo, professora. Ecoou do fundo da sala uma fala tímida e quase inaudível. [ganhei minha aula, pensei]*
 - *Ciência está sempre evoluindo, disse a primeira voz. Concordo com a “sôra” de Biologia, continuou.*
 - *Só não é evolução falar em terraplanismo em 2022, complementou a outra [rindo].*
- Risos. Da turma.

A conversação imaginária acima é compilação de algumas das respostas efetivas dos estudantes dadas durante aulas de filosofia, quando se tratou sobre ciência, origem da vida e do mundo, crenças e senso comum *versus* conhecimento científico. Temas esses que exemplificam alguns dos conteúdos que integram esse campo enquanto componente curricular da Educação Básica. Abrangem também aquilo pelo qual sobrevive e movimenta a própria filosofia, pois está entre seus objetos de estudo e desafios. De acordo com Gallo (2014, p. 45-46), desde a Antiguidade a ciência, sistematizada e metódica do mundo, fazia parte da própria filosofia como busca de uma explicação racional. Com a especialização de alguns ramos do conhecimento científico, durante o século XVII a ciência passa a ter autonomia em relação ao campo de saber filosófico. A partir do século XX,



produz-se a noção de conhecimento científico como um saber aberto, sempre aproximativo e corrigível, e não uma “afirmação de verdades absolutas” (idem). Destaca ainda que o período especificado, particularmente final do século XX, é assinalado por intensas discussões filosóficas sobre o conhecimento científico. Como exemplo desse debate cita a obra *Contra o método* (1975), um dos mais discutidos livros de filosofia da ciência, de Paul Feyerabend (1924-1994). Uma das críticas ao método, e que serve ao estudo, discorre sobre a criatividade do cientista que fica limitada, se encerrada num único método, linear e exato. Em defesa de uma metodologia pluralista e da invenção de novas alternativas, defende que a história de uma disciplina deve ser utilizada para aprimoração de seu estágio mais recente, não como algo externo ao progresso, mas como parte essencial dele. Nessa movimentação “a separação entre a história de uma ciência, sua filosofia e a ciência mesma desaparece no ar”, insinua Feyerabend (1977, p. 68). Com isso, as três disciplinas se fortalecem e seus resultados não são estéreis. Desse modo, a variação de métodos pode ser estimulante para um conhecimento objetivo, variações que não considerem a moderação da imaginação e que incentivem a liberdade da criação artística para descoberta e, talvez, alteração do mundo em que se vive. Além disso, para Feyerabend, o único princípio que não dificulta o progresso científico é o princípio do *tudo vale*, ou seja, não há limites no exercício do pensamento. Tudo vale pela riqueza das ideias, até fazer ciência pelo seu avesso, quiçá. Pensar a ciência por outras perspectivas – religião, filosofia, mitos, por exemplo – provoca tensão nas discussões científicas e coloca em questão a até então única forma considerada válida de construção do conhecimento dito legítimo:

[...] As considerações de Feyerabend se apresentam como inquietações diante do pensar uma ciência mimética, especulativa que, com um único método impôs a verdade verdadeira das coisas, do mundo. [...] as problematizações de Feyerabend evidenciam uma ruptura na história, ou talvez possa dizer, algo que sai da ordem do consenso. (Henning, 2008, p. 82).

Einstein astrólogo e Galileu mafioso? Na obra *A invenção das ciências modernas* (1993), Stengers (2002) comenta sobre a obra de Feyerabend mencionada acima. Ao comparar a atividade científica à astrologia, à máfia e ao vudu, o filósofo *pagou* o preço de ser reconhecido como “relativista” ao fazer essa alegoria “escandalosa” sobre a objetividade da prática científica e a crítica à elaboração de critérios que possam valer de maneira geral, que distinga ciência daquilo que possa se parecer com ela. Descreve a autora que o alvo não era de comparar ou assemelhar Einstein a um astrólogo ou Galileu a um mafioso. A identificação da objetividade como produto de uma conduta objetiva



pode ter como efeito um instrumento de poder temível, já que faz dela o destino comum de nossos conhecimentos e cria um ideal que estes devem ter por alvo.

Nesse fluxo, no que tange à relação entre filosofia e ciência, recordamos o texto *O novo espírito científico* (1934), uma crítica ao racionalismo e realismo tradicionais, no qual Bachelard (1978, p. 92) afirma que “a ciência cria com efeito uma filosofia”, delineando uma *filosofia científica* que estimula a especulação filosófica na ciência, por via da imaginação científica. Para tanto, na atividade científica, reitera a expressão “se experimenta, é preciso raciocinar, se raciocina é preciso experimentar” (idem). Ainda, a filosofia científica de Bachelard abandona a ideia de um progresso contínuo dos conhecimentos, pois esse acontece por meio de reorganizações súbitas que representam descontinuidades na história das ciências: numa rejeição ao ultrapassado, a ciência se abre à própria revisão. Nesse sentido, a unidade da ciência não corresponde mais a um estado estável, porém não está “mergulhada numa instabilidade incerta, pois a história da ciência mostra que a parte sancionada e ativa cresce”, conforme frisa Bontems (2017, p. 43). Outros modos de pensar filosofia e ciência combinadas num mesmo ambiente.

Em sua obra *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro* (1995), o físico, divulgador científico e professor de astronomia e ciências espaciais (dentre outras funções) Carl Sagan descreve a ciência também como modo de pensar, indo além de um conjunto de conhecimentos. Para ele, a ciência se difere de outros empreendimentos humanos por conta da paixão pela formulação de hipóteses testáveis, pela busca de experimentos definitivos que comprovem tais hipóteses, que as confirmem ou neguem, e pela disposição de abandonar ideias consideradas deficientes. O entendimento desse limite é que fortalece o trabalho do cientista. Além disso, defende que há coisas que não são compreendidas e muitos mistérios ainda estão por serem resolvidos. Longe de ser um instrumento perfeito, a ciência possui mecanismos próprios de correção dos erros, e muitas de suas descobertas podem não ser imediatamente compreensíveis ou satisfatórias. Muitas vezes, a ciência desafia opiniões e provoca tanto sentimentos de reverência e admiração como de críticas, por contradizer crenças profundamente arraigadas (Sagan, 2006). Raciocínio lógico e conhecer como a ciência funciona mesmo superficialmente são dicas de Sagan para que não escorreguemos para a pseudociência quando nos afastamos assustados demais da ciência, pois nesse momento *a chama da vela escorre e os demônios começam a se agitar...*



Ciência *isso*. Ciência *aquilo*. Ciência “*tá*” em tudo, “*tá*” no dia a dia. Nas tecnologias, quase sempre sem esforços a vivenciamos. Então, como definir ciência, *é isso possível?* Ou, como descrevê-la “em si”? Ainda, como responder à questão “*Isto é científico?*”. Em outros termos, “*Como um conhecimento pode ser caracterizado de científico?*”. Ciência produz efeitos no mundo e isso pode se dar de acordo com nossa interpretação, pela conceituação ou pela identificação de suas aplicações. Ou não. Ciência pode ser oculta, não oculta, visível ou não, importa que “[...] a ciência precisa das fulgurações que constroem seu saber e, em cada lugar que habita, ou é idolatrada ou é interdita”, descrevem Soares e Loguercio (2017, p. 24). Estamos num mundo no qual viver *fora* do conhecimento científico, dos seus produtos e efeitos, talvez só seja possível pela via de um exercício de imaginação. Exercício que não persiste por muito tempo, haja vista nossa dependência cada vez mais acentuada pelos modos de vida que ela nos proporciona.

Entretanto, a partir dos modos pelos quais estamos acostumados a viver, ser ou estar no mundo ordinário talvez convenham outras perguntas: O que podemos fazer com isso? Ou, o que fabrica um *discurso científico*? Por que adotamos *um* discurso dito científico e não *outro*? Quais forças, racionalidades entram em jogo? Dentre os tantos modos de conceituar ciência, pela perspectiva foucaultiana a analisamos pela via das práticas discursivas que moldam nossos modos de ser. Dessa maneira, interessa avaliar os potenciais efeitos de tais práticas, investigar possíveis impactos de seus ditos. Com isso, não invalidamos ou deixamos de reconhecer sua importância. Muito menos nos colocamos como negacionistas da atividade científica, pois a entendemos como mais um conhecimento inventado dentre tantos. Conhecimento visto como construção humana, com um objeto construído e como uma das diferentes formas de apreender o mundo.

Práticas Discursivas na/da Ciência e verdade, mentira, vida, morte, riso, ironia ...

Ciência e sua historicidade é uma das temáticas do livro *Foucault, a ciência e o saber* (2007), de Roberto Machado. Nela o autor faz um percurso em obras foucaultianas com intuito de descrever o procedimento metodológico que o pensador descreveu como *arqueologia*. Para tanto, parte contando sobre Georges Canguilhem, orientador da tese de doutorado de Foucault e discípulo de Gaston Bachelard, expondo uma análise da abordagem arqueológica vista como um processo: formação, transformações no tempo, trajetórias e deslocamentos quanto à epistemologia e suas modificações internas até chegar à arqueologia do saber. Machado relata que Canguilhem é o epistemólogo com quem Foucault teria mais proximidade, tendo aprendido com ele que a história



das ciências deve ser conceitual. A partir disso, a proposição arqueológica de Foucault pode ser melhor compreendida. Ainda, tal proximidade pode ser notada pela inspiração da região de cientificidade analisada por Canguilhem e por seu orientado, “ciências da vida” para o primeiro e “ciências do homem”, ao segundo (Machado, 2007, p. 11). Em outro ponto, descreve ciência como sendo “essencialmente discurso”, ou seja, a caracteriza como “um conjunto de proposições articuladas sistematicamente” (idem, p. 18). Contudo, a defende como um tipo específico de discurso, aquele que tem pretensão de verdade. Ciência como produção de verdades. Como lugar específico da verdade, pois é no seu interior que tem sentido instigar a questão da verdade – de acordo com a filosofia de Canguilhem, descreve. Com isso, recorda Bachelard em torno da questão da verdade na ciência, para quem relacionar intimamente ciência e verdade não significa dizer que todo o discurso científico seja obrigatoriamente verdadeiro, pois proposições falsas e verdadeiras constituem a ciência. Nesse esboço, realça que “a ciência não *reproduz* uma verdade; cada ciência *produz* sua verdade” (idem, p. 19, grifos do autor). Reforça também que para julgar a verdade de uma ciência, ainda não há critérios universais ou que estejam fora dela. Mais adiante, ressalta que “não cabe à filosofia enunciar a verdade da ciência”, e sim caracterizar uma “operação científica por meio da investigação da produção de conhecimentos de uma determinada ciência” e sobre isso, “refletir filosoficamente sobre as ciências”, focando na formação de seus conceitos (idem, p. 41). Disso, conseguimos reconhecer que o conhecimento científico também pode ser falho, o que leva a busca constante pelo seu aprimoramento. Busca sustentada por questionamentos acerca da verdade científica em determinado momento e espaço. Ou seja, persiste uma impermanência no modo como a ciência se desenvolve. A propósito, pensando com Nietzsche, nessa transitoriedade, num impulso à verdade, acolhemos e fazemos funcionar como verdadeiros seus discursos, dentre os quais situam-se jogos de conceitos manifestados na/pela linguagem. Nesse processo, queremos as consequências agradáveis da verdade, ela *nos é* necessária, pois nos valem das *verdades* que conservam nossa vida. *Verdades* como invenção, criação e ficção como tudo que existe. Somos efeitos de tais discursos, vivemos somente através de ilusões, diz Nietzsche (2008).

Seguindo pela perspectiva nietzschiana, ao longo da obra *A Gaia Ciência* (1882) o autor examina, numa crítica à filosofia dogmática e ao seu modo de proceder, a ambição humana de obter conhecimento, movida por uma incondicional vontade de verdade, isto é, vontade de não se deixar enganar e de não enganar, em atingir profundamente a *verdadeira ciência* na verdade a qualquer



custo. De acordo com Machado (1999, p. 74), reproduzindo o filósofo, a vontade de verdade diz respeito à crença que funda a ciência, a saber, “de que nada mais é necessário do que o verdadeiro”. Contudo, esse algo não precisa ser necessariamente verdadeiro, importa que seja tomado como verdadeiro. Que seja um discurso assumido como verdadeiro, ainda que repousado na crença. Além disso, a vontade de verdade é capaz de tornar o ser humano mais desconfiado e mais maldoso. Por quê? “[...] Porque agora tem uma ciência – porque agora tem necessidade de uma ciência” (Nietzsche, 2017, p. 63). A crença na verdade a qualquer custo, na superioridade da verdade em relação à ilusão, envolve a busca pelo conforto, pela comodidade diante de um mundo caracterizado pelo devir, pela mudança, segundo Galvão (2012). Uma resposta ao medo do desconhecido. Quem afirma *ter* a tal resposta, se vale desse poder como instrumento de manipulação sobre os demais e tenta impor uma visão totalizante e universal sobre o mundo. Nesse curso, a crítica nietzschiana trata da vontade de verdade como que escondendo uma vontade de morte, uma vez que “[...] o verídico, no sentido mais ousado e mais extremo, como pressupõe a fé na ciência, *afirma assim outro mundo* do que aquele da vida, da natureza, da história [...]” (Nietzsche, 2017, p. 214, grifos do autor). Uma crença metafísica desde Platão, na qual Deus é a verdade e a verdade é divina... *a besta que existe em nós, quer ser enganada* (Nietzsche, 2000, §40).

Propõe, assim, um novo saber, por meio de um fazer científico e filosófico que não se limita entre o verdadeiro e o falso, entre a causa e o efeito. Um método que ecoa na *gaia ciência*, a qual se vale da criação alegre do riso e nos afasta da desmedida paixão pelo conhecimento absoluto, tanto filosófico quanto científico, uma vez que esse é inalcançável, segundo Nietzsche. Uma ciência alicerçada num processo criativo, que seja mais próxima da arte, que produza sentidos em vez de verdades e que potencializa a vida em todos os aspectos, incluindo os erros, a dor e o sofrimento. Pois “*admitir o erro como condição da vida* é rebelar-se contra os atuais conceitos de valor, e uma filosofia que a tal se atreve coloca-se por isso além do bem e do mal” (Nietzsche, 2009, p. 15, grifos do autor). Um conhecimento como atividade criativa que pode alegrar e que se alegra ao fazer experimentação com as ideias, criações provisórias. Criar, pela imaginação, em vez de descobrir. Outra forma de fazer filosofia, outra forma de pensar a ciência, nas quais o riso e a sabedoria andam juntos. Arte deixando a filosofia e a ciência mais alegres. Com espaço e futuro para o riso, sigamos compondo, rindo de nós mesmos e do mundo, aqui e acolá. Ora, nos alegremos com nossa



estupidez. Sem preconceitos! Nessa direção, e no âmbito desse estudo, a *gaia ciência* pode ser considerada uma inspiração para a ‘Patafísica.

De acordo com Bök (1997), tanto Nietzsche como Jarry estabelecem bases para uma antifilosofia, cujo espírito de reforma busca caracterizar uma nova metafísica. Ao valorizar as exceções, os erros e os absurdos como soluções que conspiram para a resistência, ambos subvertem a perversidade das restrições científicas, satirizando a autoridade pedagógica e a [im]parcialidade dos discursos da ciência. Assim, a ‘Patafísica se apresenta como uma ciência especulativa e compartilha com a *gaia ciência* o humor também como via de conhecimento, rompendo com a lógica e com a tradição. Humor como instrumento de conhecimento, não um humor qualquer, mas poético crítico e muitas vezes irônico. Criadas, a ‘Patafísica e a *gaia ciência*, a partir do humor e da ironia, se valem de jogos de palavras, numa linguagem que invoca soluções, como uma crítica a linguagens totalizantes, verdades únicas e leis universais. Nesse sentido, Jarry previu o desaparecimento da cientificidade quando a razão forçada para o extremo da lógica e a realidade podem ser confundidas com possibilidades de veracidade.

Olhar a filosofia pela perspectiva do artista, defende Nietzsche, e com isso considerar o ceticismo no que envolve o conhecimento, combina com as questões apresentadas por Jarry ao inventar a ‘Patafísica. Complementa Bök (1997, p. 58), “para Jarry e Nietzsche, o próprio conhecimento é tão enganoso que nem mesmo pode ser corrigido por esse conhecimento sobre o conhecimento”. Para Nietzsche, a realidade é apenas um efeito das ilusões e a ciência não dá conta de explicar uma realidade comum, permanece no campo da interpretação das ilusões. Para Jarry, a realidade é apenas um aspecto da Et(h)ernidade [3], uma alucinação verdadeira atribuída à propriedade dos objetos.

Foucault (2002) reforça a proposta nietzschiana de que o conhecimento é algo inventado, que não é da mesma natureza que os instintos, nem o refinamento deles, ou seja, é efeito dos instintos e não tem uma origem. É resultado de um jogo, do afrontamento, da luta e do compromisso dos nossos instintos. “É porque os instintos se encontram, se batem e chegam, finalmente, ao término de suas batalhas, a um compromisso, que algo se produz. Esse algo é o conhecimento”, afirma Foucault (2002, p. 16). E o riso? No aforisma da *gaia ciência* (§333) sob o título *O que é conhecer*, Nietzsche retoma um texto de Spinoza no qual o pensador holandês defende a ideia de que se quisermos conhecer as coisas, efetivamente compreendê-las em sua essência e verdade, é



necessário que nos abstenhamos de rir delas, ainda, que nos privemos de deplorá-las ou de detestá-las. Para Nietzsche, segundo Foucault (2002, p. 20-27), é justamente o oposto disso que nos leva a compreender as coisas. Rir, deplorar e detestar entram em luta e o jogo desses três instintos ou paixões, tidos como da ordem das más relações como ódio, desprezo ou temor, fabricam conhecimento e fazem parte da vontade de conhecer. Porque lutaram, se confrontaram, produziram a *centelha do conhecimento*. Há nisso sempre alguma coisa de duelo, relações de luta e de poder entre o indivíduo e o objeto a ser conhecido. Não há uma adequação ou afeição ao objeto, nem uma unidade, pois “[...] não há no conhecimento algo como felicidade e amor, mas ódio e hostilidade; não há unificação, mas sistema precário de poder”, reforça Foucault (2002, p. 22). Nesse caso, o riso, oriundo do humor ubuesco, produz algum tipo de conhecimento? Se “sim”, que relações de força estão no campo de batalha?

Seguindo na proposta de examinar práticas discursivas na/da ciência nessa perspectiva, descrevemos, em linhas gerais, a *significação* deleuziana – sem muito aprofundar pois “*significar limita a imaginação*”, segundo Barros (2010, p. 465) –, apresentada na obra *O que é Filosofia* (Deleuze, Guattari, 2010). Conforme esses autores, o verdadeiro objeto da ciência diz respeito a criar funções e proposições científicas. Ainda, ressaltam que por vezes a ciência imagina que cria conceitos, a partir de um campo de referência, reforçado pelas bordas limites aplicados ao caos, uma espécie de parada na imagem. Uma desaceleração, por exemplo, a velocidade da luz, o Big Bang...

Para Deleuze, tanto a ciência e a arte têm *ideias criadoras*, com sua própria história e seu próprio devir, mas não são conceitos. Conceito, criá-lo, é papel da filosofia. Por isso, é uma tentativa inútil atribuir conceitos à ciência, “mesmo quando ela se ocupa dos mesmos ‘objetos’, não é sob aspecto do conceito, não é criando conceitos” (Deleuze e Guattari, 2010, p. 45). Filosofia e ciência operam distintamente, sendo que a segunda se ocupa do estado de coisas e suas condições, lida com experimentos e cria variáveis científicas. A primeira, com experimentações, inventando modos de existência e possibilidades de vida, recordando Nietzsche. Nesse sentido, afirma Deleuze, quando a filosofia se compara à ciência, propondo uma imagem simples dela, os cientistas riem. Além disso, reitera que ainda que a ciência seja discursiva, isso não significa que venha a ser dedutiva, “ao contrário, em suas bifurcações, ela passa por muitas catástrofes, rupturas e re-encadeamentos marcados por nomes próprios como Heisenberg, Einstein, Maxwell” (idem, p. 166). Em seu



Abecedário (1988-1989), Deleuze comenta no *R* de *Resistência* a distinção que faz entre reconhecer a filosofia como fabricação de conceitos e a ciência como algo que cria funções. Reforça ainda que criação é resistência. Nessa direção, os cientistas *são* uma grande resistência. E ao que resistem? Eles “resistem antes de tudo ao treinamento e à opinião corrente, ou seja, a todo tipo de interrogação imbecil” (idem). Em relação à filosofia como resistência, Deleuze ressalta, recordando Nietzsche novamente, que se não houvesse a filosofia, não questionaríamos o nível da besteira. A filosofia impede que a besteira seja tão grande. Criar via imaginação é resistir efetivamente. Imaginar, inventar, transcender, desorbitar. Imaginação que transvê o mundo, conforme poetizou Barros (2010, p. 350).

Ciência, discurso, verdade, conhecimento, ceticismo e invenção. Ciência, funções e proposições científicas. Ilusão, alucinação e realidade. O riso como modo de resistência no meio disso tudo. Os trechos apresentados acima e as provocações neles contidas mostram algumas das aproximações e dos distanciamentos que podem ocorrer entre a filosofia e a ciência, tendo os questionamentos como impulsionadores de ideias. De qualquer modo, são temas que movimentam as duas áreas do saber, ora acontecem encontros e deles saem centelhas irônicas ou não, ora tais circunstâncias equivalem a ruídos provocadores de devires inesperados. Casos ensaiados nessa escrita.

Entra em cena o discurso – traços característicos e notas imaginadas em forma de uma certa presunção de racionalidade científica ou da não científicidade. Recortamos nesse espaço descrições sobre o discurso, com intuito de reforçar características sobre as *práticas discursivas* no trabalho de Foucault (2020, p. 47), e com isso suspender e evitar significações outras que o limitem como “teoria” ou o desviem como “ideologia” para uma permanência arbitrária carregada de condições no jogo das palavras cambiantes. Foucault parece também não gostar de palavra acostuada, repetindo Barros (2010, p. 348). Em linhas gerais, para examinar práticas discursivas, é preciso percorrer as regras de formação que contam um pouco sobre as condições de sua existência que envolvem também a coexistência, a manutenção, a modificação e o desaparecimento de conjuntos discursivos, com o propósito de obter as condições de emergência de um saber em dada época. Abrange a realização de um recorte em sentido horizontal nos mecanismos que articulam e movimentam tais práticas. E nessa ação, considerar até a possibilidade de desaparecimento delas. Esse é o papel da arqueologia sobre seu corpo, o arquivo.



Na aula inaugural no *Collège de France*, proferida em 02 de dezembro de 1970, Foucault (2014b, p. 8) questiona “Mas, o que há, enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde está, afinal, o perigo?”. É o que busca responder ao longo da obra *A ordem do discurso* (1970). Uma das respostas vem em seguida, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (idem, p. 10). Nesse sentido, a produção do discurso, numa sociedade como a nossa, passa por procedimentos de controle e delimitação, ou de exclusão e interdição. Trata-se de um jogo entre o desejo e o poder, entre *ditos* que permanecem ditos e que ainda estão por dizer, comentários como os religiosos, jurídicos e, em certa medida, textos científicos com indicação de verdade e pretensão científica. Quais seus efeitos? Esses elementos são algumas das caracterizações da ordem do discurso. Dentre outras, Foucault destaca que os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que podem se cruzar vez em quando, também podem se excluírem e se ignorarem. Investigar ou examinar discursos abarca também realizar a descrição dos fatos do discurso, sem interpretação de tais fatos, seguindo o viés da análise de suas existências, suas relações, suas sucessões e regularidades, bem como seu funcionamento mútuo. Não se busca “a conversa semissilenciosa de um outro discurso”, defende Foucault (2020, p. 34). Para tanto, numa primeira aproximação se faz necessário, provisoriamente, recortar uma região inicial que pode ser escolhida de acordo com o domínio em que as relações se mostrem numerosas, densas e relativamente de fácil descrição. E em que outra *região* os acontecimentos discursivos parecem estar mais ligados uns aos outros? Segundo as relações mais decifráveis, estão nesta que se designa em geral pelo termo *ciência*, responde Foucault (idem, p. 36). No texto *Sobre as Maneiras de Escrever a História* (1967), o autor explica que não é a linguagem seu objeto de estudo enquanto historiador, mas a existência acumulada dos discursos, ou seja, o *arquivo*.

Além disso, a existência da ciência como prática discursiva, segundo Foucault (2020, p. 222-231), envolve o estudo de seu funcionamento diante de outras práticas. Analisando as contradições, as variações e sistema de formação de seus objetos e conceitos. Assim, entender ciência como prática discursiva tem a ver com interrogar o jogo de relações com pretensões científicas, que respondam critérios formais de cientificidade, e que se constituem como um discurso científico. Nesse sentido, afirma “[...] a ciência (ou o que passa por tal) localiza-se em um campo do saber e nele tem um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica de acordo com



suas mutações” (Foucault, 2020, p. 222). Também, na realização de um modelo que busque a história de uma ciência, cabe uma análise sobre, por exemplo, como um conceito – carregado de metáforas ou de conteúdos imaginários – assume papel e função de conceito científico. O que se busca é sinalizar as práticas discursivas que deram lugar a um saber, mostrando como a instauração de uma ciência pode ter encontrado lugar nas formações discursivas.

Interrogar a ciência, sua história, modelos científicos e todo o conjunto que caracteriza sua prática discursiva como a regularidade e a consistência que eventualmente se constituem num discurso científico possibilitam a emergência de um saber. Assim, a arqueologia percorre o eixo: prática discursiva-saber-ciência e os *territórios arqueológicos* podem atravessar textos literários, filosóficos como científicos. O saber, dessa maneira, pode estar em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais e em decisões políticas. Nessas condições, Foucault (2020, p. 221) distingue territórios arqueológicos de *domínios científicos*, haja vista que só pertencem a um *domínio de cientificidade* as proposições que, submetidas às leis de construções, traduzam conceitos e hipóteses científicas. Isso porque “há saberes que são independentes das ciências [...], mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma”, ressalta (idem, p. 220). Recordamos que as práticas discursivas estão entrelaçadas com a análise do não discursivo, descritas como as práticas em geral. Práticas essas que produzem e que são produzidas. De acordo com Pinheiro (2014, p. 41), quando menciona discurso, Foucault está se referindo às práticas do sujeito, práticas que “estabelecem hierarquias, distinções, que configuram as possibilidades de outros discursos serem considerados verdades, articulando o dizível e o visível”. Antes de passarmos para o exame propriamente dito do *corpus* e, por conseguinte, para a investigação das práticas discursivas na região de cientificidade escolhida para esse estudo, discorreremos primeiramente sobre aspectos aleatórios em torno da *vida* – aleatórios porque se formos significá-la demais, a limitaremos – e porque lidamos com um conceito amplo, cheio de significações. Em seguida, nos ocupamos da biopolítica.

“Vida: não há como passá-la a limpo. (cf. *Rascunho*)”. É pela via do comum que trazemos essa primeira descrição do conceito, apresentada por Corazza e Aquino (2011, p. 154). Humor sério, expressão clichê, mas dotada de sentidos. Da vida ainda pode ser dito que ela é movimento e mudança, transformada no presente, rebelde no cotidiano. Vida obedecida, que cumpre regras. Também pode ser *vida cheia*, aquela professoral que possui muita matéria para pesquisa, segundo



Santos (2015, p. 19). Vida educacional perspectivada. Ou ainda, “a vida tem suas descompensações”, em concordância com Barros (2010, p. 21). Vida inteira, toda. Vida vivida tal e qual impulso criativo. Vida dupla, a do dia e a da noite. Vida vontade de potência. Vida morta. Sentidos, fluxos para vida. Devir. Vida, palavra inserida em um jogo de linguagem. Vida polissêmica, expressão de potência de um conceito. Vida complexa. Vida plural.

Para o estudo, focamos na vida em sua humanidade radical, a que tem a morte como possibilidade concreta. Nessa sequência, Ferraro (2019) problematiza o conceito *vida* a partir do campo da Educação em ciências (ensino de Biologia) e relaciona como a referida noção foi descrita por alguns pensadores, dentre eles, Nietzsche, Deleuze, Foucault, Bachelard, Spinoza, Schopenhauer. Descrições apresentadas como uma grade de inteligibilidade para o referido conceito. A partir disso, esboça a relação do conceito vida com a Biologia e menciona a obra foucaultiana *As Palavras e as Coisas* (1966) para caracterizá-lo como um substantivo potente para a ciência. Nesse caso, a Biologia seria muito mais uma ciência dos vivos do que uma ciência que constrói um discurso sobre a vida, reitera. No entanto, os seres vivos – objeto de estudo da Biologia – expressam condição para a vida e com isso se dá um reforço à importância da vida como seu elemento central, oferecendo assim um discurso biológico como “forma de conhecimento oficial, válido e, portanto, cientificamente chancelado sobre a vida” (Ferraro, 2019, p. 7).

Em torno do conceito *vida* para Foucault, Revel (2011, p. 150-151) elenca três ângulos de abordagem nas obras do autor, a saber: i) ligado à reivindicação de um certo *status* do arquivo, consistindo na leitura e exame das estratégias de poder entrelaçadas, por exemplo, nos textos que contam sobre “a vida dos homens infames” (1977); ii) no sentido estrito dos poderes sobre a vida, gestão e controle, e a emergência de novos saberes sob o ângulo da biopolítica e dos biopoderes, onde o poder se aplica à vida, a vida inova; iii) “fazer de sua vida uma obra de arte”, qualificada como uma possibilidade de relação com o si e com sua própria existência, de acordo com nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. As análises de Foucault sobre a vida, trazendo a biopolítica e os biopoderes (poderes sobre a vida), envolvem a investigação de como as relações de poder atuam num espaço de resistência, no nível do indivíduo e da população. Revel (*idem*) explica como essa resistência pode se mostrar, no lugar em que a vida é conferida a “procedimento de gestão e controle, de exploração e de captação, ela pode, ao contrário, afirmar aquilo que nenhum poder jamais possuirá: sua própria capacidade de criação”. Onde o poder assujeita a vida, ela resiste.



Na *Aula de 17 de março de 1976*, Foucault descreve uma nova tecnologia de poder não disciplinar: a biopolítica. Ela lida com a população – esse novo corpo múltiplo com inúmeras cabeças – na esfera política, nesse sentido, a temática da vida começa a ser problematizada no campo do pensamento político. Essa nova tecnologia do poder centrada na vida procura controlar (e eventualmente modificar) uma série de eventos, bem como a probabilidade desses efeitos. A análise da dita estatização do poder sobre o homem enquanto ser vivo tem como pano de fundo a teoria clássica da soberania na qual o direito de vida e de morte está centrado do soberano. O efeito do poder soberano sobre a vida, segundo Foucault (2010b, p. 202), só é exercido quando ele – o soberano – pode matar. É um estranho direito do soberano, que consiste em “fazer morrer e deixar viver”. Muitas vezes, o poder do soberano vem dos súditos, por conta da necessidade ou da possível presença de um perigo. Para poder viver constituem um soberano, por isso a estranheza mencionada. A emergência da biopolítica, como governo dos vivos, sugere uma transformação nesse tal direito. Contudo, a referida transformação de um poder a outro não implica na eliminação dos poderes soberano e disciplinar. Podemos pensar numa espécie de acomodação dos poderes. Desse modo, temos uma tecnologia do poder que perpassa, se integra e modifica em outra escala as técnicas até então presentes. Não mais voltada para reger corpos individuais, mas para uma massa global cuja vida é afetada por processos conjuntos, como o nascimento, doenças e morte. A partir da biopolítica são considerados os fenômenos coletivos que atingem uma população, as preocupações se voltam para os seres humanos enquanto espécie, enquanto seres vivos, bem como seu meio de existência – geográfico, climático ou hidrográfico, por exemplo. Os mecanismos postos em funcionamento com a biopolítica têm a ver com as previsões, de estimativas estatísticas e de medições globais. No caso de uma doença que atinja globalmente o fenômeno população, não estamos mais com um caso de morte abrupta que interrompe a vida. Trata-se de um caso de epidemia ou de pandemia, levando em conta como a morte, que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói perpetuamente, a diminui e a enfraquece, descreve Foucault (2010b, p. 205). Com a biopolítica, por ser voltada para o fenômeno global, será preciso estabelecer mecanismos reguladores com o intuito de modificar a situação, baixar a morbidade e encompridar a vida. Tudo em vista da obtenção global de equilíbrio, de regularidade, de levar em conta a vida garantindo a segurança da população.



Considerando o momento atual, ainda não declarado livre da pandemia da COVID-19, alguns estudos propõem afinidades com a situação que atingiu a população global com as técnicas efetivas da biopolítica. Um desses estudos, intitulado *A Pandemia e o “novo normal”: Impactos no cuidado de si dos professores* (Medeiros, 2021), foi escrito no contexto de isolamento social. Nele, a autora examina quais os possíveis efeitos da pandemia, problematizando mudanças sociais, culturais e econômicas, para quem exerce o magistério. Num cenário de inquietações e incertezas, ainda em meio de uma situação pandêmica o vírus que desencadeou – no ano de 2020 e seguintes – mudanças na conduta docente provocou também a proliferação de práticas discursivas em torno da vida e da morte envolvendo ciência e anticiência com efeitos na vida de todos nós, muitas vezes pela via da desinformação. São algumas dessas práticas que nos permitem imaginar uma suposta ciência.

Especulações de uma neociência ubuesca

Máscaras para a própria proteção e de quem estiver próximo. Álcool em gel – álcool gel. “Soquinho” [bater os punhos] ao invés de abraços e apertos de mãos. Ou ainda, toque dos cotovelos. Cumprimentos reinventados. Quarentena declarada. Distanciamento, melhor, isolamento social. Confinamento, medida drástica necessária para preservação da vida, de vidas. Taxa de letalidade alta, cerca de 34 vezes maior que uma gripe sazonal. Curva epidêmica. Testes? Sim, mas com resultados somente um mês após o enterro. “Mortes por COVID-19 no Brasil podem ser ainda maiores em função dos atrasos nas estatísticas da Saúde”, diz pesquisador. Pico da Pandemia. Aumento do número de internações. Esgotamento de leitos nas UTIs. COVID-19 não escolhe vítimas. Gráficos para entender a situação no Brasil da pandemia. Matemática da/na pandemia: os números nos ajudam a entender. Número de mortos. Prorrogação da Quarentena. Impactos na saúde individual e pública. Taxa de contaminação. O “novo normal”. Cem dias após o primeiro caso. Frear a COVID-19? Apagão de dados da pandemia. Impactos sociais e econômicos. Papel da ciência em sociedades democráticas. Um milhão de casos de COVID-19, superamos. COVID-19, a solução passa pelo SUS. Vacina russa, mas não para todos. Segunda onda. Retomada das medidas preventivas: Máscaras profissionais X máscaras de pano. Corrida maluca das vacinas. Vacinas e desigualdades. Butantan e Fiocruz na luta real do país. Cientistas brasileiros travam guerra contra a desinformação bolsonarista por vacinação [sequestro do pensamento científico?]. Mobilização pelas redes sociais.



Fake News sobre a vacina. *Lockdown*. Surtos de variantes. Brasil supera as 400 mil mortes. Escolas abertas no auge da pandemia, risco em alta: a matemática da/na COVID-19, de novo. Bolsonaro diz que a infecção por COVID-19 é “mais eficaz” que a vacinação [imunidade de rebanho – articulação de ciência com política?]. Pandemia: Quinhentos dias de Brasil. Retorno às aulas com a adoção de medidas eficazes no ambiente escolar. Passaporte sanitário, outra polêmica. *Ômicron*. Vacinação para todas as faixas etárias. [Mais de] três anos de pandemia. Autoteste. Vacinas em disputa. Não acabou...

Os termos e expressões acima, além de integrarem as manchetes disponibilizadas no Observatório COVID-BR, circularam e volta e meia ainda circulam em nosso dia a dia. Uns dias mais do que em outros. Memórias recentes que queremos esquecer, mas não podemos. No momento presente, voltamos nossos braços para os abraços. Esperamos os abraços, acolhimento e afetos. Voltamos com nossos corpos para as escolas. Alguns ainda se valem da máscara. Outros não largam o álcool gel – como sobrevivemos até aqui sem ele? – Sentimos as mortes de pessoas conhecidas e desconhecidas. Nos vacinamos pela esperança de sarar, queremos a *embriaguez* da cura, recordando Nietzsche. Tudo isso e mais um pouco em meio a um momento científico em discussão. Por vezes, ciência como solução dos nossos problemas. Transbordamento de gratidão de um povo convalescente. Outras vezes, em suas privações e fraquezas, uma negação beirando ao delírio. Ciência que padece com a frieza e antipatias. Ciência corrompida? Pervertida? Anticiência, compreendida como aquela que nega qualquer validade do pensamento científico. Ou seja, no cenário da crise pandêmica mundial, ruídos intentam a desqualificação da ciência e, por conseguinte, a depreciação da pesquisa científica. Atentemos para alguns desses ruídos, uns beirando *lalomanias*: muitas palavras para poucas ideias.

Cura milagrosa. Na entrevista *A história do cientista que precisou de escolta por provar que a cloroquina não funciona*, publicada na Revista Radis – FIOCRUZ (2021), concedida a Stevanim, o pesquisador Marcus Vinicius de Lacerda conta como seu trabalho de pesquisa provando que a cloroquina – ou hidroxicloroquina, remédio usado há décadas no tratamento de malária – é ineficaz contra a COVID-19 e seu uso apresenta riscos aos pacientes infectados pelo vírus. Essas indicações tiveram como efeito ameaças constantes de morte tanto a Lacerda como ao grupo de pesquisadores que atuavam com ele. A reportagem descreve ainda que o uso da cloroquina ganhou repercussão no mundo todo, não exatamente por conta da sua não eficácia comprovada contra a COVID-19, mas



por ter sido recomendada pelos ex-presidentes Donald Trump (EUA) e Jair Bolsonaro (Brasil). Tendo como mote a publicação de um pequeno estudo francês, não revisado por pares, que indicou que vinte pacientes foram curados do coronavírus pelo uso do medicamento. A partir disso, o remédio foi considerado uma espécie de “cura milagrosa” ao que foi tratado inicialmente como uma “gripezinha” e abriu caminho para medidas contrárias à ciência. O enfrentamento ao negacionismo e a tal “cura milagrosa” relatados por Lacerda são exemplos de fatos que perpassaram as campanhas de vacinação – antes mesmo delas acontecerem – no país. Outrossim, essas discussões evidenciam um modo de resistência da ciência, conforme já mencionado, pela qual cientistas resistem não somente ao próprio treinamento, mas também a todo tipo de interrogação imbecil (Deleuze, 1988-1989). É preciso questionar o nível da besteira, recordando Nietzsche (Figuras 1+2), para que evitemos novas variantes dela.



Figuras 1+2: “Não. Não quero! Vocês pretendem arruinar-me com estas extravagâncias!” (Ubu-Rei, Ato 2, cena VI)

Fonte: [Jornal O Dia](#)

Fonte: [SPM](#)

Desinformação. Difusão de conteúdo falso para indução ao erro, fabricado para comprometer a reputação de pessoas e/ou instituições. “O fenômeno da desinformação pressupõe um ambiente de desconfiança e confusão e, por isso, os produtores desses conteúdos estimulam a descrença na imprensa, nos políticos e nas plataformas digitais”, relatam Gehrke e Benetti (2021, p. 15). No artigo *A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores*, publicado na Revista *Fronteiras: estudos midiáticos – UNISINOS* (2021), as autoras apresentam o resultado de um mapeamento que buscou identificar e descrever os tópicos de maior circulação em meio ao conteúdo falso relacionado à pandemia – um cenário propício para a desinformação e disseminação de boatos. Para tanto, examinaram plataformas digitais nas quais esse tipo de conteúdo foi compartilhado [Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, WhatsApp e outros], e se ocupam das informações disponibilizadas pelas agências de checagem de tais sites ou redes sociais. Dos



conteúdos investigados, listam postagens relacionadas à Política, Cura, Dados, Contágio, China, Economia e Outros. Mantendo, inclusive, os erros de digitação. Nesse recorte, em torno da *Cura* – segundo tema mais abordado nos conteúdos investigados –, destacam-se duas narrativas: a primeira delas está relacionada com a ciência e trata da eficácia de remédios, em especial a favorita já mencionada, cloroquina. Uma amostra: “Mulher do ator Tom Hanks diz na CBS que só se salvou porque usou cloroquina”. No item *Outros*, nove casos foram analisados. Dentre eles, a orientação de que a Organização Mundial da Saúde (OMS) estaria incentivando a masturbação. Falso contexto, conteúdo fabricado, conteúdo impostor, conteúdo enganoso ou manipulado, falsa conexão, sátira ou paródia são as categorias que emergiram da pesquisa. Situações que moldam usuários nas plataformas digitais, por meio de textos, com ou sem imagens também manipuladas, e que espalham a desinformação, inverdades, fraudes pelo país ao longo dessa pandemia. Conforme as autoras, a mentira não é invenção do nosso tempo e “o desejo da verdade depende da dúvida, da perplexidade e da desconfiança” (Gehrke, Benetti, 2021, p. 26). Nesse sentido, sem o estranhamento e a dúvida, é quase impossível distinguir o verdadeiro do falso.

Negacionismo. Processo em movimento. Em contínua reconfiguração. Uma modalidade discursiva. Histórica. Linguagem contaminada e confusão no debate público. Alguns eventos assinalados como impulsionadores do negacionismo que pretendeu sem sucesso ter caráter “revisionista” são listados: i) para se referir a grupos e indivíduos que negavam a existência das câmaras de gás e o extermínio em massa dos judeus durante o regime nazista; ii) negação da responsabilidade do governo turco pelo massacre dos armênios em 1915. Do “revisionismo histórico” ao “revisionismo ideológico” junto à extrema direita dos crimes de genocídio que, numa visão ampliada, se estendem às perseguições de minorias étnicas, nacionais e religiosas. Para além, indígenas durante o período colonial, africanos e africanas vítimas do tráfico e da escravização. Os elementos introdutórios acima descritos integram o artigo *Negacionismo: História, historiografia e perspectivas de pesquisa*, publicado na Revista Brasileira de História – ANPUH (2021). Nele, os historiadores Valim, Avelar e Bervenage tratam do negacionismo na atualidade como algo que se mostra multifacetado. Uma máquina negacionista que visa a destruição de fatos e da noção de *fato*. Ecos sustentados pelos algoritmos das mídias sociais. No que se refere ao negacionismo científico, Pasternak e Orsi (2021) afirmam que esse acontece quando a crítica aos consensos científicos tem bases frágeis ou inexistem. Ocorre, desse modo, uma insistência nela, ainda que seus argumentos tenham sido



corrigidos ou refutados. O que há de mais grave nisso, destacam, é a conversão desse negacionismo num espetáculo, pois “[...] o negacionista, incapaz de convencer os especialistas que realmente entendem do assunto, decide censurar os fatos ou, se for incapaz de fazê-lo, acaba levando seu caso para o tribunal da opinião pública” (Pasternak, Orsi, 2021, p. 9). Além disso, o negacionismo tende a gerar um senso de identidade coletiva e de solidariedade mútua, “a convicção de que ‘nós’, os poucos e bons, estamos juntos na trincheira contra a iniquidade de um mundo dominado por ‘eles’, os muitos e maus, é um potente motivador”, destacam (idem, p. 11).

No artigo *Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré*, publicado na Revista *Mídia e Cotidiano – UFF* (2021), Bezerra, Magno e Maia examinam a produção e circulação de discursos relativos à pandemia COVID-19, tratando sobre aspectos da desinformação e da articulação de movimentos antivacina. Em torno desses aspectos, consideram *discurso* a partir de Foucault, no que tange à materialidade discursiva, bem como se valem da biopolítica no entrecruzamento com a prática analítica que realizam. A dita análise examinou artigos que tratam dos aspectos acima descritos, problematizando principalmente os discursos do ex-presidente, com assuntos que promoveram a negação da pandemia. Negação caracterizada como divulgação de curas milagrosas, de medicamentos ineficazes que contrariavam as medidas preventivas à infecção, colocando a saúde humana e a própria vida em risco de morte. Nesse texto também, encontramos a transcrição da fala do ex-presidente pronunciada em um evento em 17 de dezembro de 2020, na qual menciona supostos efeitos para defender a não aplicação de uma vacina para proteção contra a doença. Reproduzimos um trecho da declaração:

“[...] E outra coisa que tem que ficar bem claro aqui Dra. *** (não compreensível). Lá, na Pfizer, tá bem claro lá no contrato: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema de você [sic], pô! Não vou falar outro bicho, porque vou começar aqui a falar besteira aqui [sic], né? Se você virar Super-Homem, se nascer barba igual [em alguma] mulher, ou, ou algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. [...]”. (Bolsonaro, 2020, apud Bezerra, Magno, Maia, 2021, p. 16).

Da análise que os autores fazem sobre as provocações acima, destacamos a expressão: “Se a morte não acontece no corpo, ela já começa nas palavras” (idem, p. 18). Em torno disso, relembram a soberania infame, autoridade ridícula, conforme Foucault (2010a). No emprego deliberado da desinformação, pessoas se tornam dados estatísticos (idem), reduzidos à generalidade. Há [ainda] quem aplauda. Há [ainda] quem ache graça. Além disso, dado nosso interesse voltado para práticas discursivas que lidam com o *ubuesco*, realçamos expressões do pronunciamento acima que



remetem ao discurso do Rei Ubu (Jarry, 2021) e que podem ser relacionadas com as descrições grotescas relatadas por Foucault (2010a). Expressões como “se você virar um jacaré”, “nascer barba igual [em alguma] mulher” e “algum homem começar a falar fino”, se mostram como soluções imaginárias que caracterizam um apelo à imaginação ubuesca. Imaginação que lida com descrições bizarras no domínio científico. Enunciações ocorridas num momento em que estava em jogo a saúde da população – no limite entre a vida e a morte, pois o país contabilizava naquela data 184.786 mortos, apresentam Bezerra, Magno e Maia (2022).

Declaração considerada sem base científica, fundamentada na desinformação e permeada por um humor grotesco, por quem, pelo cargo que ocupava, tinha também o poder de verdade. Nessa conjunção de fatores, na qual evidenciamos o poder de verdade, o poder de vida e de morte, somados ao poder de fazer rir – riso que incomoda, pela torção irônica em torno da ciência que apresenta, encontramos as características do poder ubuesco, conforme menciona Foucault (2010a). Reencontramos também aspectos da personalidade do Rei Ubu sob a máscara do ex-presidente brasileiro. Algumas delas, sinalizadas pelas Figuras 1+2 expostas anteriormente. Ainda, a fabricação de dúvidas e exploração delas, alimentação do negacionismo científico, produção de “verdades” desonestas em relação à pandemia, recusando sua gravidade e com isso a banalização da vida, correspondem a intensificação do medo, do terror ubuesco, de acordo com Foucault (2010a) e conforme age Ubu, enquanto Rei. Seguindo na aplicação das ferramentas conceituais foucaultianas, agora em torno da biopolítica, tanto o negacionismo diante da gravidade da pandemia como o incentivo ao uso de medicamentos – o tal “kit-covid” como alternativa à vacina, composto por medicamentos alvos de crítica por conta da ineficácia para aquilo que induziam seus usos, demonstram a perversidade e o perigo postos em circulação por um “soberano desqualificado” (Foucault, 2010a, p. 13). Também, considerada como uma política, que se vale de cálculos e prognósticos, a biopolítica “regula a população por meio de ações governamentais, no desejo de assegurar a vida coletiva”, segundo Henning (2019, p. 371). Nesse caminho, quando em funcionamento, lança mão de estratégias coletivas em nome da vida, pois para defender a sociedade se faz necessário assegurar a vida. Contudo, a divulgação de tantas desinformações e a manipulação da opinião da população trilham no sentido oposto da biopolítica - uma antibiopolítica – “[...] uma vez que a vacinação é um dos seus dispositivos de segurança, o discurso governamental expõe suas garras soberanas e gerencia a morte”, de acordo com Bezerra, Magno e Maia (2021, p.



18). Deixar morrer. Uma sociedade dividida. Um vazio das ideias. Guerra de *todos contra todos*? O descompromisso com a verdade, efeitos de uma política ridícula. Efeitos de uma bufonaria na política, de acordo com Tiburi (2017).

Conforme Ribeiro e Costa, no artigo *O método da Cartografia e a Educação em Ciências: interlocuções*, publicado na Revista Ensaio: Pesquisa e Educação em Ciências – UFMG (2022), num cenário com todas as dificuldades encontradas – algumas delas descritas nesse estudo – o fenômeno do negacionismo, evidenciado dentro da própria ciência, lida com sua desqualificação e com suas importantes contribuições para o contorno da situação da pandemia da COVID-19. Uma possível causa para essa situação pode ser o distanciamento das pesquisas e teorias científicas do grande público. Outra causa, segundo as autoras, passa pela educação conteudista da ciência, que não dialoga com os conhecimentos populares. Entretanto, “[...] O que está em questão não é culpabilizar a ciência, mas implicar as maneiras vigentes de pensar e fazer ciências com o cenário de negacionismos em recrudescimento [...]”, ressaltam Ribeiro e Costa (2022, p. 3-4). Desse modo, as autoras reforçam que o fazer ciência pleiteia que se dê espaço ao imprevisto e a partir dele que se crie, produzindo diferenciações, percebendo as implicações políticas abrindo espaços para a invenção no processo de conhecer e pesquisar. Com isso, não fixar modelos a serem copiados, mas questionar verdades sem propor outras que ocupem o lugar e que o saber produzido não se coloque como verdadeiro ou falso. Que não se limite a perguntar *Qual discurso é mais verdadeiro?* Um desafiante exercício para a imaginação científica. Um pouco mais de maneiras patafísicas, quiçá.

Em torno da Educação em ciências, e os desafios que permeiam esse momento histórico, repetimos Bachelard (1996) acerca da objetividade científica e sua construção no âmbito escolar, bem como a ideia de que o saber científico deve ser reconstruído a cada momento, até para motivar uma contraposição à expansão do negacionismo científico. Num espaço no qual a cultura científica possa ser tomada como um conhecimento aberto e dinâmico. Considerando também que inventamos realidades a partir do discurso científico, num mundo que também é criação científica (Henning, 2019) há respostas racionais possíveis para tais provocações? Que efeitos produzem, além do riso, as palavras patéticas, o humor, a ironia na construção da ciência? Essas questões nos levam a especular sobre as condições de possibilidade para a invenção de uma neociência. Apelamos, assim, à ‘Patafísica como ferramenta de análise.



À *'Patafísica o que é da 'Patafísica*. Em operação com a *ciência das soluções imaginárias* investigamos como a imaginação aplicada às práticas discursivas que adotam o ubuesco oferece condições para produção de verdades no campo científico. Ela que põe em órbita as exceções que constituem a ciência também movimentada e desequilibra a ciência pela imaginação. Nesse fluxo, adentra nas frestas dos discursos que lançam mão de soluções ditas do campo científico. Frestas muitas vezes descritas como limitações da ciência. Frestas que tomam formas de polêmicas inimagináveis por conta do humor grotesco que carregam. Espaços deixados de propósito ou não. Nessa direção, lançamos mão da *'Patafísica* como artefato para o exame das regras do jogo que mobilizam práticas discursivas ubuescas na região de cientificidade da própria vida. Ela que toma a ciência como objeto para que pense sobre si mesma, que interroga os tais discursos da esfera científica e se embrenha nas brechas, nas fissuras, nas rupturas e descontinuidades da ciência para com isso incentivar soluções imaginárias. É preciso, contudo, lembrar que na *'Patafísica* não há um ponto de vista definitivo, tida como um método de síntese que compatibiliza todas as coisas, ela sugere contradições e examina as leis que regem as exceções. Das frestas de tais práticas emergem enunciações como “é só uma gripezinha [num corpo de atleta]”, “vai virar jacaré”, “máscaras vindas da China contaminadas com comunismo”, “vacinação para implantação de microchips [Bill Gates em ação]” e outras tantas destacadas das práticas discursivas em torno da vida, se mostram como epifenômenos – tudo aquilo que cerca o fenômeno – em torno do fenômeno da pandemia da COVID-19 e se apresentam como condições para a emergência de uma neociência. Uma neociência impulsionada pelos discursos grotescos e que se valem da imaginação. Por isso, a *'Patafísica* se mostra como ferramenta potente para tal investigação. Ela, a *'Patafísica*, examina tais práticas e o apelo à imaginação destas, imaginação que ganha força pelo seu aspecto grotesco, ubuesco. Alargando assim a aposta conceitual de uma imaginação ubuesca no campo científico. Entretanto, a *'Patafísica* ali não permanece. Ela circula, tal qual a espiral desenhada no gigantesco ventre do Ubu. Ventre que ruma o mundo. *A ciência das soluções imaginárias*, ora se aproxima, ora se afasta. Se diverte, especulando. Especula se divertindo. Inventa modos de pensar. Emerge para se espalhar. Espalhando, desvia. Vai. Volta. Perambula. Vagueia. Se insinua. Seduz. *'Patafísica* que inventa para atender uma necessidade já sentida. Abreviando, uma ciência. Ela interroga, problematiza e se descola desses discursos. Não somente porque não é seu papel negar a ciência, mas sim criar sobre ela. Ela desconstrói para construir. Por conta disso, entendemos que a *'Patafísica* se descola da



neociência que buscamos e que está ambientada nas relações da própria ciência. Também porque tanto Ubu, enquanto professor e doutor em ‘Patafísica, como Jarry, seu criador, são defensores da ciência. Como experimentação jarryniana, a ‘Patafísica evoca o modo burlesco como Ubu entende a vida, se deixando levar pelos acontecimentos, rompendo com o pensamento linear.

Acontecimentos fictícios que muitas vezes lembram os eventos reais vividos pelo seu criador (Pollin, 2013). Nesse sentido, Jarry – o criador -, sempre atraído pelas inovações científicas do começo do seu século, se manteve informado sobre a ciência de seu tempo e transpõe esse fascínio nas falas da personagem mais conhecida de sua obra. Pollin (2013) sustenta ainda que a ‘Patafísica pode ser descrita como um conjunto de soluções imaginárias que Jarry evoca para responder aos eventos que, de algum modo, afetaram a continuidade de seus pensamentos. Pois, quando mobiliza sua força positiva – como uma *ciência dos simulacros ao mesmo tempo que é simulacro da ciência* – a “‘Patafísica gera novos efeitos de sentido e revela uma zona conturbada no qual o real e o possível, literatura e vida, ou ação e pensamento, não consegue mais diferenciar” (Pollin, 2013, p. 25). Além disso, a ‘Patafísica possui a capacidade de competir com todas as formas de pensar; no entanto, ao mesmo tempo, evita comparações para que não seja utilizada em fins não patafísicos, conforme Scheerer (1987, p. 94).

Entra em cena assim uma *neociência* da dita modernidade, caracterizada pelos seguintes traços: i) emerge das práticas discursivas em torno da região de cientificidade da própria vida em sua humanidade radical: a morte como possibilidade concreta; ii) lida com a produção de verdades simbólicas e suas manifestações por vezes são assumidas como verdadeiras; iii) pactua com o riso irônico, grotesco. Riso que zomba, ofende, incomoda, mata. Riso participante de um humor grotesco, que maximiza seus efeitos de poder. Pois se trata de um humor que impossibilita uma resposta racional ao que ela produz, provocando assim muitas inquietações; iv) tem em si mesma a imaginação ubuesca, derivada do poder ubuesco – junção dos pensamentos jarryniano e foucaultiano. Imaginação que vagueia, perambula nos limiões da cientificidade, nas frinchas da ciência dita ordinária. Dessa maneira, *inventamos* uma neociência moderna impulsionada pela imaginação ubuesca, que acolhe as características do poder ubuesco: poder de vida e de morte, poder de verdade e o poder de fazer rir. Riso que torna ambíguo o que toca e pode ser perigoso, como tantos risos. Riso bufão, bufônico, bufonado. Burlesco. Ubuesco. Que não pretende ser outra coisa a não ser estúpido. Que faz rir de coisas das quais não se pode rir, nem zombar. Que coloca



em risco a estabilidade da vida. Recordamos, quem estuda Foucault não ri de qualquer coisa. Importa assim, saber de que lado se está quando se ri da ciência, no qual “se tudo é risível, o riso perde a força” (Minois, 2003, p. 605). Riso que joga luz na superfície onde se abriga, dissimulada, uma neociência clandestina. Riso satírico de um bufão ridículo – quando e onde todos sabem que se “Ubu é rei [e] isso mal faz sorrir” (idem, p. 622). Riso que adentra e ecoa nas brechas abertas da ciência e que integra as engrenagens de um saber-poder e que esboça uma neociência ubuesca. A ‘Patafísica, nesse sentido, brilha como uma ferramenta que pode nos alertar sobre as aparências do discurso, funcionando como um instrumento de análise potente no que se refere às soluções imaginárias e experiências que manipulam a vida e a morte, revelando as máscaras obscenas de Ubu, que volta e meia assombram a realidade. No jogo pelo jogo, no espaço alienante de uma concha vazia, Minois (2003, p. 605), citando Antonin Artaud, ressalta que “nada é pior do que a imaginação no poder, se esta enfraquece a razão: ‘Não se trata de proibir a imaginação de fazer o mundo progredir, mas de impedi-la de chegar ao poder para tyrannizar a lógica’”. E a função do riso nisso tudo? “[...] Talvez a tarefa de quem ama os homens seja fazer rir *da* verdade, fazer rir *a* verdade, porque a única verdade é aprendermos a nos libertar da paixão insana pela verdade”, inventa Eco (2003, p. 470). Então, talvez ainda haja futuro para o riso, para a *gaia ciência*. Pois o humor ainda é a reação mais eficaz para enfrentar a nossa própria existência.

Conclusão

Na invenção da neociência ubuesca, lidamos com filosofia, ciência e arte. Ao longo desse texto, apresentamos os contornos da escrita que impulsionam tal feito. Voltamos a momentos considerados tensos, pois em jogo estava/está a vida. Do outro lado, a morte. Como educadoras, nos preocupamos com as ausências da escola. Nossa e dos estudantes. Nos vínculos que tentamos a todo custo manter. Nas práticas pedagógicas que lançamos mão para a escola continuar viva na casa de cada um de nossos estudantes. Recordar isso, de certo modo, nos incomodou novamente. Ao nos demorar sobre as práticas discursivas que lidam com humor grotesco e com verdades simbólicas em torno da própria vida, tendo a morte como possibilidade concreta, memórias dos dias ruins retornam aos pensamentos. De novo, a sensação de sufocamento e angústia. Seria melhor esquecer. *Deixar pra lá*. Mas já não podemos. A impressão, nesse momento, é que isso tudo que nos aconteceu, veio para ficar. Estará sempre aí. Sempre esteve aí? As tais *ideias*, as tais



peças. Nesse sentido, é urgente o registro. Registrar. Deixar por escrito o que nos aconteceu. Contar as coisas para, quem sabe, evitar que não mais se aconteçam. Oxalá! Trabalhando com as pesquisas já publicizadas em torno da pandemia, notamos que a preocupação não gira tão somente no que envolve a cientificidade. Há outros incomodados com as falhas nas mídias de comunicação, especificamente, com as publicações permitidas nas redes sociais. Um território que *tudo pode. Será?* As pesquisas analisadas mostram que os atravessamentos e fabricações de [in]verdades incomodam também aqueles que são da área da comunicação dita séria. Um alento. Essas práticas incomodam a nós, que somos da educação. Vivemos da ciência e da Educação em ciências. *Como conseguem imaginar tantas coisas?* Coisas absurdas. De repente, o absurdo que nos seduz, se torna dúbio. Mas nos chama a atenção. Prende. Inquieta. Enoja. Produz. Tecemos e destecemos, problematizamos as práticas que o absorvem. Torcemos, nesse movimento, para uma catarse. Damos ao absurdo potência de criação. De invenção. De fuga. *Como tais coisas imaginadas seduzem e produzem outras imaginações? Como olhar para tais imaginações?* No jogo, lançamos mão da 'Patafísica. Ao submetê-la ao exame das soluções imaginárias ubuescas, outro e mesmo território, o científico, lhe é oferecido. Ela aceita. Tudo aceita. Mas não permanece. Em sua imperturbabilidade, ela examina as regras que criam tais soluções e as considera como algo não-patafísico, então sai. Contudo, nos alerta. Revela a máscara obscena de Ubu, enquanto Rei. Ainda, ela nos incentiva à *inventabilidade*, para não nos abandonar de vez ante ao grotesco das práticas discursivas no âmbito da cientificidade. A extemporaneidade perturbadora de Ubu e a quase implosão da ciência replicam-se em condutas. Modos de vida que transfiguram a biopolítica. Seguidores de uma soberania grotesca que levantam questões para além da política, talvez valha também pensar num estudo no âmbito da ética. Nessas variações, a 'Patafísica sussurra sobre a possibilidade de estarmos diante de uma neociência dos tempos modernos. *Talvez uma neociência ubuesca*, nos atíça. Com isso, o desafio de provar a possível existência dessa tal ciência. *Vão, usem a imaginação! Criem! Inventem!* Vamos aos arquivos. Revivemos os passos, reimaginamos as falas, os atos, as besteiras... a ciência que defendemos, sendo atacada por muitos lados. Lados que são lodos. Sinalizações de que é preciso fazer algo. Nos pomos a rastrear. Nesse rastreio, notamos que a tal *ciência grotesca*, ganha força onde a ciência deixa espaços. Fissuras que permitem o poder ubuesco agir. Vida e morte, verdades simbólicas e o riso irônico, grotesco, ubuesco estão ali. Junto deles, a imaginação ubuesca articula discursos. Estranhamentos em relação à ciência que merecem



ser examinados. *Como pensar e fazer ciência diante do que presenciamos?* Na própria vida e na Educação em ciências, *como esses efeitos se mostram?* Por ora, ainda persevera a manutenção da vida. Assim, vivas para a ‘Patafísica que faz ver o que está na superfície. Nos detalhes, nas exceções corriqueiras, naquilo que parece invisível, reluz uma ciência clandestina. Uma neociência ubuesca que desafia os pensamentos e as palavras. Que circula onde Ubu circula como Rei. Ao revirar nosso arquivo, a imaginamos. Inventamos sobre o arquivo e sob força da imaginação.

Bibliografia

AQUINO, Julio Groppa. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. In: AQUINO, Julio Groppa. **Educação pelo arquivo: ensinar, pesquisar e escrever com Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 99-113.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. O novo espírito científico. In: BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos (et. al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 90-179 (Os pensadores).

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BEZERRA, Josenildo S.; MAGNO, Madja Elayne S.P.; MAIA, Carolina T. Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré. Revista **Mídia e Cotidiano**, vol. 15, n. 3, Set./Dez. 2021.

BÖK, Christian. **‘Pataphysics: the poetics of an imaginary science**. Thesis. (Doctor of Philosophy). Faculty of Graduate Studies of York University. Canadá, 1997.

BONTEMS, Vincent. **Bachelard**. 1. ed. Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

CANDIDO, Jorge; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. A ciência e suas imagens: tradução, representação e criação. **Policromias**. Revista de Estudo do Discurso, Imagem e Som. Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, Set./dez. 2020, p. 233-255.



CORAZZA, Sandra M., AQUINO, Julio Groppa (Orgs.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

DALMORO, Isabel C. **Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. 3. ed. São Paulo, Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Abecedário**. Transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. Realização Pierre-André Boutang. Produção Éditions Montparnasse, 1988-1989.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

FERRARO, José Luís Schifino. O Conceito de Vida: uma discussão à luz da educação. Revista **Educação & Realidade**, v. 44, n. 4, e90398, 2019, p. 1-13.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Tradução de Octanny S. da Mota e de Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Tradução de Elisa Monteiro e de Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. 5ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. ed. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

GALLO, Silvio. **Filosofia: experiência do pensamento**. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2014.



GALVÃO, Túlio M. de Oliveira. **Para além da ciência**: por uma gaia ciência. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

GEHRKE, Marília. BENETTI, Marcia. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores. Revista **Fronteiras**: estudos midiáticos, v. 23, n. 2, maio/agosto 2021, p. 14-28.

HENNING, Paula Corrêa. Estratégias Bio/Ecopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global. Revista **Educação Unisinos**, vol. 23, n. 2, Abril/Jun. 2019, p. 367-382.

HENNING, Paula Corrêa. **Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos**: produção de saber e moral nas ciências humanas. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

JARRY, Alfred. **Ubu Rei** ou Os Poloneses. Tradução de Bárbara Duvivier e Gregório Duvivier. São Paulo: Editora Ubu, 2021. Ilustrado.

JARRY, Alfred. **Exploits & Opinions of Dr. Faustroll, pataphysician**: a neo-scientific novel. Translated & annotated By Simon Watson Taylor. Boston: Exact Change, 1996.

LEME, José L. C. O poder ubuesco e o meio riso. In: Resende, H. (Org.). **Michel Foucault**: o ronco surdo da batalha. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes, 2018. p. 177-185.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MEDEIROS, Daniela Gomes. A Pandemia e o “novo normal”: Impactos no cuidado de si dos professores. In: SANTOS, Bruna Carolina de Lima Siqueira dos; JESUS, Iáscara Oara de. (Orgs.) **Michel Foucault e costuras contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 106-121.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral** Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.



NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OBSERVATÓRIO COVID-19 BR. Disponível em: <https://covid19br.github.io/midia> Acesso em 11/04/2023.

PASTERNAK, Natalia; ORSI, Carlos. **Contra a realidade**: a negação da ciência, suas causas e consequências. 1. ed. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2021.

PINHEIRO, Josaine de Moura. **Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): “novos talentos”** da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2014.

POLLIN, Karl. **Alfred Jarry: L’Expérimentation du singulier**. Amsterdam-New York: Editions Rodopi B.V, 2013.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Tradução de Anderson Alexandre da Silva. Revisão técnica de Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIBEIRO, Élide S.; COSTA, Fernanda. A. G. O método da Cartografia e a Educação em Ciências: interlocuções. Revista **Ensaio Pesquisa Educação em Ciências**, Belo Horizonte, 2022, v. 24, p. 1-18.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. 1 ed. Tradução de Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Suelen Assunção. **Docen ci/ç ação**: Do Dual ao Duplo da Docência em Matemática. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SHATTUCK, Roger. En el umbral de la ‘patafísica. In: In: JARRY, Alfred. **‘Patafísica**: epítomes, recetas, instrumentos & lecciones de aparato. Traducción de Margarita Martínez. Buenos Aires: Caja Negra Editora, 2016, p. 41-50.

SCHEERER, Thomas M. **Introducción a la Patafísica: lucus a non lucendo** (Quintilian). Revista Chilena de Literatura, n. 29, 1987, p. 81-96.

SOARES, Alessandro Cury; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. **A ciência no Universo da Folia**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. 1. ed. Tradução de Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002.



STEVANIM, Luiz Felipe. **A história do cientista que precisou de escolta por provar que a cloroquina não funciona**. Efeitos da Anticiência. Revista Radis Comunicação e Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, 08 de abril de 2021.

TIBURI, Marcia. **Ridículo político**: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BERVENAGE, Berber. Negacionismo: História, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. 87, 2021, p. 13-36.

Recebido em: 25/04/2023

Aceito em: 15/06/2023

[1] Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi – UFRGS). Professora de Filosofia na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC). Email: isadalmoro.filosofia@gmail.com

[2] Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu – UFRGS). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPgECi – UFRGS). Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS). Email: suelenass@me.com

[3] “Acrescentemos que Jarry chama de ‘ethernité’ (ethernity) o espaço ao redor da metafísica: um campo em que a realidade e a imaginação não se contradizem”. (Scheerer, 1987, p. 84).